



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Mestrado Profissional em Filosofia



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO**

RENAN RODRIGUES ROSA

**“AMOR, FESTA E DEVOÇÃO”: O ENSINO DE FILOSOFIA NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ - PR**

UNIÃO DA VITÓRIA-PR

2024

RENAN RODRIGUES ROSA

**“AMOR, FESTA E DEVOÇÃO”: O ENSINO DE FILOSOFIA NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ - PR**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), da Universidade Estadual do Paraná como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Filosofia.

Orientador: **Prof. Dr. Samon Noyama.**

UNIÃO DA VITÓRIA-PR

2024

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 28 do mês de agosto do ano de 2024, às 19h, Plataforma Google Meet, foram instaladas as atividades pertinentes à defesa da dissertação do mestrando Renan Rodrigues Rosa, intitulada: “Amor, festa e devoção: o ensino de filosofia na comunidade quilombola de João Surá - PR”, sob orientação do Prof. Dr. Samon Noyama. A banca examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos/as seguintes membros: Prof^ª. Dr^ª. Giselle Moura Schnorr (UNESPAR), Prof. Dr. Marcelo Derzi de Moraes (UERJ). A presidência iniciou a sessão, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da banca examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela aprovação. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 20:40 e eu, Prof. Dr. Samon Noyama, presidente da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos/as demais membros da banca examinadora e pelo candidato. O candidato está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 28 de agosto de 2024.

Banca examinadora	Instituição	Assinatura
Prof. Dr. Samon Noyama	UFABC	Documento assinado digitalmente  SAMON NOYAMA Data: 11/09/2024 12:17:23-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Prof ^ª . Dr ^ª . Giselle Moura Schnorr	UNESPAR	Documento assinado digitalmente  GISELLE MOURA SCHNORR Data: 11/09/2024 12:37:28-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Prof. Dr. Marcelo Derzi de Moraes	UERJ	Documento assinado digitalmente  MARCELO JOSE DERZI MORAES Data: 12/09/2024 16:45:48-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Candidato	Assinatura
Renan Rodrigues Rosa	Documento assinado digitalmente  RENAN RODRIGUES ROSA Data: 08/11/2024 17:16:51-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



RECOMENDAÇÕES/OBSERVAÇÕES DA BANCA:

A banca fez considerações sobre a importância e qualidade do trabalho, ressaltando os méritos associados ao território onde a pesquisa se desenvolveu.

POEMA

QUILOMBO JOÃO SURÁ

Meu quilombo tem muita simplicidade

Mas também muito valor,

Pois há muita história

Lá na casa da memória,

De um povo lutador.

A vida em nossa comunidade

Onde vivemos com humildade

Tem ricas culturas que são

Transmitidas pelas oralidades.

A nossa vida é plena

Com muita fé e devoção

Com o nosso santo

Padroeiro que nos

Traz muita proteção.

Podem vim vivenciar

A cultura do nosso lugar

As riquezas da nossa terra

Os anciões podem contar.

No território quilombola

Tem pontos turísticos para se visitar

As belezas do nosso vale,

Como a cachoeira do João Surá

Que só sente a experiência guardada

No coração aqueles que vem

Nos visitar.

Coletivo de estudantes.

“Nossos Passos vêm de longe”

(Conceição Evaristo, 2020)

Homenagem à

AUGUSTINHA FOGAÇA DE CRISTO

CLARINDA DE ANDRADE MATOS

JULITA CORDEIRO DE MATOS

LUIZA ANDRADE DE LIMA

SANTINA FOGAÇA DE CRISTO RAMOS

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e aos ancestrais que me conduziram nas escritas até aqui e na minha base familiar, sendo meu pai, minha mãe e meu irmão, que desde o ano de 2012 não pouparam esforços para a minha formação que sou hoje.

À UFPR - Universidade Federal do Paraná pelo incentivo ao PRÉ-PÓS na comunidade quilombola de João Surá, trazendo excelentes professoras, a Dra. Carolina dos Anjos e a Dra. Lucimar Rosa Dias com suas valiosas parcerias no programa, e o orientador professor M. Wagner Barbosa, pelo carinho nas leituras e ajuda na construção do meu projeto de pesquisa que hoje estou concluindo aquele sonho tão esperado.

Ao Dr. Cassius Marcelus Cruz por compartilhar seus diversos saberes enquanto esteve ao cargo de diretor do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e pelo incentivo de proporcionar conhecimentos com as diversas universidades.

À universidade Estadual do Paraná- UNESPAR, do programa PROF-FILO- Mestrado Profissional em Filosofia, em tornar meu projeto de pesquisa em realidade.

Aos Professores da UNESPAR- Universidade Estadual do Paraná, Dra. Giselle Schnorr, Dra. Stela Marins, Dra. Martha Costa, Dr. Samon Noyama, Dr. Charles Santiago, Dr. Leandro Costa, Dr. Daniel Silva e Dr. Thiago Stadler pelas suas brilhantes aulas nas disciplinas do mestrado e transmissão de conhecimentos que contribuíram muito na minha formação em sala de aula durante minhas aulas de filosofia.

À professora Dra. Giselle Schnorr pelo incentivo, disposição e oferta dos pousos e refeições em sua morada durante a realização das disciplinas do mestrado em União da Vitória, gesto que jamais esquecerei. E que se hoje estou concluindo esta etapa foi pela sua ajuda.

Ao professor Dr. Marcelo de Moraes da Universidade UERJ e a professora Dra. Giselle Schnorr da universidade UNESPAR, que fizeram parte como membros da banca de qualificação, trazendo sugestões extraordinárias para a conclusão da dissertação.

Ao motorista Nilson Pogogelski por me acompanhar nas aventuras até União da Vitória durante as aulas do Mestrado.

Às amigas Marcella Trava, Karine Costa, Pâmela Costa, Solange Alves, Liliam Beatris e o amigo Rafael Lima, que o mestrado me trouxe, pelos seus valiosos diálogos e movimentos filosóficos durante este período.

Ao coletivo GEEFIL-UNESPAR, criado pela professora Dra. Giselle Schnorr, pelas contribuições das partilhas de experiências que me agregaram muitos conhecimentos.

Aos Professores, gestores e funcionários do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, pela acolhida, em poder me proporcionar docente na instituição de ensino e aprender valiosos ensinamentos que me conduziram a reaprender as minhas práticas pedagógicas. Em especial a minha madrinha, Diretora Cassiane Aparecida de Matos, pela ajuda de seus saberes e nas rotas das vans escolares e a Pedagoga Kariny da Silva Pontes, pela organização dos horários para que o coletivo de estudantes pudesse acontecer.

Aos filósofos estudantes do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos que me proporcionaram diversos diálogos em tramar filosofias, mostrando que em qualquer espaço a filosofia vive. Especialmente aos estudantes do Ensino Médio que fizeram parte da criação do Coletivo de estudantes, nas quais se fizeram presentes nos momentos dos encontros e nas realizações das pesquisas e entrevistas e não pouparam tempo na elaboração do livro em histórias em quadrinhos.

Às anciãs, anciãos e lideranças da Comunidade Quilombola de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, pela minha acolhida, pelo alimento oferecido com as minhas visitas durante as entrevistas e pelas valiosas partilhas de experiências de histórias de vivências, que sem as suas participações de transmissão de saberes esta pesquisa não teria acontecido.

Aos convites feitos pelos moradores quilombolas para participarem dos momentos de devoção no território.

À quilombola Eva Maria Oliveira de Almeida, por aceitar os convites para me acompanhar nas entrevistas com os anciões na comunidade quilombola de João Surá, Guaracuí e Poço Grande.

À anciã Dona Gonçala Pires do bairro Porto Novo, por me compartilhar as suas incríveis histórias de vivências e devoção na comunidade quilombola.

Ao professor Gedielson Santos, por me conduzir nas casas de alguns anciões na comunidade quilombola de João Surá durante as entrevistas.

E, por fim, ao meu orientador, “Profê”, como de costume em chamá-lo, o Dr. Samon Noyama pela confiança em mim, paciência e por me proporcionar que meu sonho, lá de 2015 se tornasse realidade. Em suas valiosas contribuições e ideias sobre o projeto de pesquisa, professor e orientador que admiro muito e que me despertou ainda mais o saber pela filosofia. Saberes que não se concluem, mas que carregarei comigo até o fim. Agradeço muito pela sua ajuda e que, se hoje este trabalho está se concluindo, tem uma parte do senhor neste projeto.

E olhando para trás durante a minha caminhada no Mestrado Profissional em Filosofia posso ver que nunca estive sozinho, e que em cada pessoa aqui que agradeço fez/faz parte da

construção deste projeto de pesquisa que ao analisar esse movimento filosófico posso concluir como Filosofia do UBUNTU *“Eu sou porque nós somos.”*

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo promover o movimento filosófico nas análises das escutas sensível das anciãs, anciãos, lideranças quilombolas e moradores da comunidade sobre as Práticas Religiosas da Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo no território quilombola de João Surá-PR e analisar quais as contribuições dessas Práticas Religiosas para a Filosofia interdisciplinar no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, localizado no quilombo de João Surá, no município de Adrianópolis-PR. O projeto de pesquisa surgiu a partir dos movimentos de escutas dos anciões, em ouvir as suas preocupações em relação às práticas religiosas na comunidade, que com os falecimentos dos anciões e as conversões dos devotos quilombolas, que fazem parte da linha de frente nas conduções dos préstitos, a se converterem cristãos, práticas religiosas que se constituem há mais de dois séculos no território quilombola guiados pelas devoções das anciãs e anciãos que são os detentores de saberes na construção do conhecimento e resistência no território. A pesquisa tem caráter qualitativo, nas quais a metodologia baseou-se em referenciais bibliográficos de pensamento filosófico de autora/autor anticolonial, trazendo uma fundamentação teórica potente na descolonização mental, abordando as oralidades negra nas saídas de campo, nas entrevistas com as anciãs, anciãos e lideranças quilombolas, em sentar, ouvir e fazer os registros das suas escutas nos movimentos de lutas e dos relatos memoriais das histórias de vivências e re-existência no território, que com as saídas de campo e o movimento de escuta dos anciões será realizado a elaboração do livro histórias em quadrinhos sobre as Práticas Religiosas no Quilombo de João Surá. A dissertação além de abordar as lutas territoriais, anseios e re-existências do povo negro, traz nas leituras as manifestações dos saberes feitos no território, que não são abordados em livros didáticos e distribuídos nas escolas públicas pela SEED-PR, saberes que brotam do chão, do solo da territorialidade quilombola pelas oralidades dos anciões na Educação Quilombola, que para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola é necessário conhecer o chão da escola e tramar as estratégias de movimentos de lutas por uma educação descolonizadora.

Palavras-Chave: Ensino. Filosofia. Religiosidade. Quilombo.

ABSTRACT

El presente trabajo de investigación tiene como objetivo promover el movimiento filosófico en el análisis de la escucha sensible de ancianos, líderes quilombolas y residentes de comunidades sobre las Prácticas Religiosas de la Recomendación de las Ánimas, Peregrinaciones: Danza de São Gonçalo y el Paso de la Bandera del Divino Espíritu. Santo en el territorio quilombo de João Surá -PR y analizar los aportes de estas Prácticas Religiosas a la Filosofía interdisciplinaria en el Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, ubicado en el quilombo de João Surá en el municipio de Adrianópolis Paraná. El proyecto de investigación surgió de los movimientos de escucha de los mayores, de escuchar sus inquietudes respecto a las prácticas religiosas en la comunidad, que con las muertes de los mayores y las conversiones de los devotos quilombolas que forman parte de la primera línea en la realización de los servicios se convierten en Prácticas religiosas cristianas que se han establecido desde hace más de dos siglos en el territorio quilombola, guiadas por la devoción de los mayores que son los poseedores del conocimiento en la construcción del conocimiento y la resistencia en el territorio. La investigación tiene un carácter cualitativo, en la que la metodología se basó en referências bibliográficas del pensamiento filosófico de un autor anticolonial, aportando un poderoso fundamento teórico en la descolonización mental, abordando las oralidades negras en viajes de campo en entrevistas con ancianos, ancianos y líderes quilombolas. , en sentarse, escuchar y registrar su escucha de los movimientos de lucha y los relatos conmemorativos de los relatos de vivencias y reexistencias en el territorio, que con las salidas de campo y el movimiento de escucha de los mayores se realizarán los Elaboración a partir del libro de historietas sobre Prácticas Religiosas en el quilombo de João Surá. La disertación, además de abordar las luchas territoriales, los anhelos y las reexistencias de los negros, trae en las lecturas las manifestaciones de saberes realizadas en el territorio, que no están recogidas en los libros de texto y distribuidos en las escuelas públicas por SEED-PR, conocimientos que brota del suelo, del suelo de la territorialidad quilombola a través de las oralidades de los mayores en la Educación Quilombola, que para el desarrollo de la Educación Escolar Quilombola es necesario conocer el terreno de la escuela e idear estrategias de lucha contra los movimientos por una educación descolonizadora.

Palabras clave: Enseñanza. Filosofía. Religiosidad. Quilombo.

LISTA DE MAPA

MAPA 1: CARTOGRAFIA DA LOCALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.....	22
MAPA 2: CARTOGRAFIA DAS LOCALIZAÇÕES DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.....	99

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: PRODUTO ARTESANAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.....	30
FIGURA 2: PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.....	31
FIGURA 3: ANTIGO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS.....	46
FIGURA 4: NOVO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS.....	55
FIGURA 5: REALIZAÇÃO DA RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS NO QUILOMBO DE JOÃO SURÁ- PR.....	83
FIGURA 6: CARACTERIZAÇÃO DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ-PR.....	88
FIGURA 7: ROMARIA DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO POÇO GRANDE- QUILOMBO DE JOÃO SURÁ-PR.....	89
FIGURA 8: ALTAR DA ROMARIA DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO POÇO GRANDE- QUILOMBO DE JOÃO SURÁ- PR.....	90
FIGURA 9: PASSAGEM DA BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO QUILOMBO DE JOÃO SURÁ-PR.....	98
FIGURA 10: MISSA AFRO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ- PR.....	110
FIGURA 11: FEIRA DE TROCA DE SEMENTES E SABERES QUILOMBOLAS- BAIRRO PORTO NOVO- PR.....	117

LISTA DE ANEXOS DAS FIGURAS DOS ENCONTROS DO COLETIVO DE ESTUDANTES.

ANEXO – A: FIGURAS DO ENCONTRO I.....	172
ANEXO – B: FIGURAS DO ENCONTRO II.....	173
ANEXO – C: FIGURAS DO ENCONTRO III.....	174
ANEXO – D: FIGURAS DO ENCONTRO IV.....	175
ANEXO – E: FIGURAS DO ENCONTRO V.....	176
ANEXO – F: FIGURAS DO ENCONTRO VI.....	177
ANEXO – G: FIGURAS DO ENCONTRO VII.....	178
ANEXO- PRODUTO FINAL: LIVRO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	179

LISTA DE SIGLAS

ADCT- Ato Das Disposições Constitucionais Transitórias

CBA- Companhia Brasileira de Alumínio

CESJB- Centro Espírita São João Batista

CEE- Conselho Estadual da Educação

COHAPAR- Companhia de Habitação do Paraná

DNAEE- Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica

DNPM- Departamento Nacional de Produção Mineral

FECOQUI- Federação das Comunidades Quilombola do Estado do Paraná

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GT- Grupo de Trabalho

GTCM- Grupo de Trabalho Clóvis Moura

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITC- Instituto de Terras e Cartografia do Paraná

MAB- Movimento dos Atingidos por Barragens

MOAB- Movimentos Ameaçados Pelas Barragens

MNU- Movimento Negro Unificado

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos

PCHs- Pequenas Centrais Hidrelétricas

PIC- Projeto Integrado de Colonização

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRÉ-PÓS- Preparatório de Projeto de Mestrado e Doutorado

PROF-FILO- Programa de Pós-Graduação- Mestrado Profissional em Filosofia

PPP- Projeto Político Pedagógico

PR- Paraná

PSS- Processo Seletivo Simplificado

SARS-COV-2- Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave

SEED- Secretaria do Estado da Educação

SEPPIR- Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SUDE- Superintendência de Educação e Desenvolvimento

SUDELPA – Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista

SP- São Paulo

TILS- Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais

UFPR- Universidade Federal do Paraná

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UNESPAR- Universidade Estadual do Paraná

VPR- Vanguarda Popular Revolucionária

INTERDISCIPLINAR

QUADRO 1: INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE AS DISCIPLINAS POR ÁREAS DE CONHECIMENTO.....	135
---	-----

PESQUISA ACADÊMICAS

QUADRO 1: PESQUISA ACADÊMICAS.....	141
------------------------------------	-----

MATRIZ CURRICULAR

QUADRO 1: MATRIZ CURRICULAR DO ANO DE 2017 DO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS.....	124
QUADRO 2: MATRIZ CURRICULAR DO ANO DE 2022 DO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
PARTE I: A COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ	08
1.1 Elementos conceituais.....	08
1.2 Formação da comunidade Quilombola João Surá.....	15
1.3 O trabalho no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.....	42
1.4 Criação do Coletivo de Estudantes.....	55
1.5 Anciões: Filosofia de vida.....	59
1.6 Escuta dos anciões.....	74
1.6.1 As práticas religiosas no Quilombo João Surá.....	79
1.6.2 Recomendação das Almas.....	80
1.6.3 Romarias: Dança de São Gonçalo.....	87
1.6.4 Bandeira do Divino Espírito Santo.....	95
1.6.5 Cânticos de Libertação.....	100
1.6.6 Festas e Celebrações de Santos no quilombo de João Surá.....	105
PARTE II: FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA	118
2.1 Memórias: minha chegada na comunidade Quilombola João Surá.....	118
2.2 Currículo de Filosofia no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.....	120
2.3 Filosofia Interdisciplinar: Diálogo entre as disciplinas.....	133
2.4 Aplicação do Projeto na escola.....	138
PARTE III: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ	140
3.1 O estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre as comunidades quilombolas do Vale da Ribeira.....	140
3.2 É possível ensinar filosofia numa escola quilombola? Que filosofia se ensina? Como se ensina?.....	146
3.3 O atravessamento dessa experiência na formação do professor.....	149
3.4 Ancestralidades: Anseios, Lutas Territoriais e Re-existência no Território.....	151
CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162
ANEXOS	167

INTRODUÇÃO

Ao adentrarmos na abordagem no que me conduziu nesta pesquisa, primeiramente é necessário trazer a minha concepção que se constituiu em cursar filosofia, que mais tarde me tornaria professor. Desde a minha infância já me constituía nas inquietações em ser professor, que cursando o 5º Ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2005, essas inquietações foram se constituindo na certeza do que queria, que mais tarde tive a confirmação cursando a modalidade de anos finais, quando me mudei para estudar na 1ª Série do ensino médio no Colégio Estadual Princesa Isabel, localizado no município de Cerro Azul, no estado do Paraná. No ano de 2009, tive a oportunidade de cursar a disciplina de Filosofia que fazia parte do currículo escolar, momento em que a filosofia e sociologia voltam a ser incorporadas ao currículo do ensino médio, conforme o vigor da Lei nº 11.684, tornando obrigatória a inserção destas duas disciplinas na rede de ensino, que mesmo com a inserção da lei no ano de 2008 as disciplinas passaram a reconquistar o seu espaço no currículo escolar nas escolas públicas gradativamente. Com o meu retorno no ano de 2010 para a minha terra natal, no município de Adrianópolis, no estado do Paraná, no Bairro Vila Mota, dando continuidade aos meus estudos no Colégio Estadual Selbmann, que no contato com a disciplina em sala de aula me despertou várias curiosidades, inquietações ao saber, que com a finalização da 3ª Série do ensino médio no ano de 2011 tive a certeza de que daria segmento aos meus estudos na Licenciatura em Filosofia. E em 2012 realizei a minha matrícula na UNIMES VIRTUAL- Universidade Metropolitana de Santos, na modalidade EAD, localizada no município de Apiaí, no estado de São Paulo. Com a realização da matrícula iniciava a minha longa jornada de 3 anos até a conclusão do curso. Este percurso na vida acadêmica ocorreu com várias lutas e resistências, pois por estudar desde a Pré-Escola até o Ensino Médio em escolas públicas, quando me deparei inserido na faculdade particular, várias interferências fizeram parte da minha trajetória, desde computadores para estudar, na qual não tinha acesso e as condições financeiras que começavam a ficar gritantes, por ter um irmão gêmeo, e quando finalizamos o ensino médio seriam duas pessoas inseridas na universidade. Diante destas ocorrências, em conversa com a Diretora Dulcimari Machado, a qual agradeço imensamente, disponibilizou a sala de informática do Colégio Estadual Selbmann, para que pudéssemos dar continuidade aos nossos estudos, época em que o colégio estava em processo de nomenclatura que mais tarde passou a ser denominado e reconhecido como colégio de campo.

Durante a realização da faculdade de Licenciatura em Filosofia, em 2014, tive a oportunidade em fazer parte do projeto Paraná Alfabetizado, que conforme o portal do Dia a Dia Educação disponibilizado pela Secretaria da Educação, afirma:

O Programa Paraná Alfabetizado é uma ação do Governo do Estado do Paraná, coordenado pela Secretaria de Estado da Educação, desenvolvido em parceria com o MEC/SECAD/Programa Brasil Alfabetizado, Prefeituras Municipais e demais organizações governamentais e da sociedade civil. Ele foi constituído para garantir a alfabetização de todos, jovens, adultos e idosos residentes no Paraná, por entender a leitura e a escrita como direitos elementares da cidadania. Além disso, busca sensibilizar a população não alfabetizada a ingressar no universo da educação de jovens e adultos. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO).

Nesse processo em lecionar no programa para uma turma de 10 estudantes idosos, em fazer o movimento de escuta, já nascia o meu contato de diálogo entre os anciões, que nesse percurso de tempo ainda não estando formado, realizei a inscrição no Processo Seletivo Simplificado (PSS) e comecei a lecionar em dois Colégios no município de Adrianópolis sendo, o Colégio Estadual Santa Bárbara localizado, na sede, e o Colégio Estadual Selbmann, no Bairro Vila Mota. Em 2015, já formado na Licenciatura em Filosofia consegui a minha inserção no Colégio Estadual Porto Novo, que também estava em processo de nomenclatura para escola de campo, passando a ser denominado como Colégio Estadual do Campo Porto Novo, localizado no Bairro Porto Novo.

Dentre essas idas e vindas de escolas na sede e de campo que fizeram parte da minha formação pessoal e acadêmica, posso aqui afirmar que meu processo de formação se fundiu no momento que cheguei para lecionar na territorialidade quilombola, no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, me deparando com o gigantesco conhecimento trazido pela comunidade e levado a instituição de ensino e que a coletividade era algo primordial nesse processo de construção. Realizando e analisando os movimentos de escutas e registros das partilhas de experiências das histórias de vivências dos povos quilombolas do quilombo de João Surá, algumas inquietações, em seus anseios, nas oralidades das anciãs e anciãos constituídos sobre o território, religiosidade e educação, me intrigavam.

Foi a partir desse movimento de sentar e dar vozes aos moradores quilombolas e realizar a escuta sensível que pude perceber em suas oralidades nas preocupações das preservações dos seus ritos e saberes feito no território, falas constituídas pelos anciões que se caracterizavam não só em um processo emergencial, mas também como denúncias nas diversas formas de opressões coloniais constituídas sobre o quilombo de João Surá, onde em momentos de diálogo e rodas de conversas com as anciãs e anciãos quilombolas fica explícito em suas falas emergenciais nas

preocupações, que com os falecimentos das pessoas mais velhas da comunidade e as implantações das igrejas neopentecostais e pentecostais nos territórios quilombolas, desde a década de 1974, vem causando o encharcamentos nas territorialidades, como também influenciando devotos que há anos faziam parte do préstito a se converterem cristão, conversões constituídas pelos devotos quilombolas, que de acordo com YAGUNÃ (2022), destaca:

Nesse sentido, questões sobre ancestralidade deixam de ser cultuadas e, com elas, parte da história anterior da pessoa. A conversão leva a, obrigatoriamente, ser esquecido esse passado e, assim, vai-se parte da memória ancestral, bem como a oralidade, seus costumes e heranças trazidos há séculos com as lutas para a preservação cultural e imagética dos seus. Dessa forma, cria-se uma nova identidade, sem passado africano ou de seus antepassados, apenas com o presente e o futuro e a nova identidade sem ancestralidade e sem a herança hierarquizada e suas matrizes. (YAGUNÃ, 2022, p.50).

Movimento opressor conduzido pelas instituições religiosas, que vem interferindo drasticamente nas execuções, visitas e preservações das práticas religiosas como a Recomendação das Almas, a Romaria: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo que há anos são realizados com muita fé e devoção pelos devotos quilombolas.

Práticas religiosas que agregam um aspecto cultural dos povos quilombolas e se constituem em um símbolo de re-existência no território, que segundo o Grupo de Trabalho Clóvis Moura descreve esses momentos de religiosidades como:

As festas de Santo Antônio, do Divino, a Recomendação das Almas na Quaresma e a dança de São Gonçalo que em determinado momento mescla catolicismo e raiz africana na celebração, são referências culturais importantes para a comunidade. Nestas festas os moradores pagam promessas pelas graças alcançadas em boa colheita para as pessoas e para a criação (ITCG, 2008, p. 55).

Que segundo MUNANGA (2004), afirma:

A diversidade africana, com suas sociedades e suas culturas, reúne filosofia, religião, arte e mitologia em símbolos que constituem a essência de sua especialidade, ao mesmo tempo múltipla e plural, entre povos e grupos étnicos de distintas regiões geográficas social e culturalmente diversas e unificadas entre a África Central, África do Leste e Central do Oeste (MUNANGA, 2004, p. 157-158).

Diante deste contexto, a partir da década de 1974, no Vale do Ribeira com a fundação da igreja Católica- Capela de Santo Antônio na Comunidade Quilombola de João Surá, por ser a única igreja na sede do quilombo, em momentos de celebrações no território quilombola

proporcionam partilhas e socialização entre os grupos de familiares quilombolas, que se organizam entre si em forma de mutirões para as realizações de festas, preparações de alimentos e conduções as práticas religiosas, destacando os vínculos nas características, de solidariedade e afetividade presentes entre os grupos. Apesar de quase todos os moradores quilombolas serem adeptos ao Catolicismo Popular, existem manifestações de moradores evangélicos quilombolas nas divisões dos três núcleos de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, sendo adeptos a Instituição Religiosa Congregação Cristã no Brasil, fundada no ano 1997, no solo do território da comunidade negra tradicional remanescentes de quilombo a comunidade de Mamonas. Os moradores quilombolas representantes desta religião quase todos não participam das socializações e interações entre os grupos, criando um espaço de distanciamento entre os grupos nos momentos de festas e celebrações no território quilombola.

É visível que desde a década de 1974 as invasões das igrejas neopentecostais e pentecostais nos territórios só vem aumentando drasticamente e com as suas instalações nas comunidades quilombolas tem interferido nos modos organizacionais dos moradores, como nas práticas ancestrais no território. Devido a circulação de padres e pessoas denominadas como crentes, invasões caracterizadas como ameaças na Educação Quilombola aos saberes ancestrais trazidos pela comunidade e conduzido a instituição de ensino caracterizando na presente efetivação da Educação Escolar Quilombola. Que conforme YAGUNÃ (2022), explica:

Essas questões dependem não somente dos/as professores/as, mas de toda uma política educacional, porque já está previsto, por meio das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, conteúdos que - de certa maneira - contribuirão para ensinar-lhes a ter orgulho de ser história, suprimindo um pouco da lacuna que existe na história e na cultura brasileira relacionada à comunidade negra e indígena neste país. (YAGUNÃ, 2022, p.67).

Ameaças constituídas pelas igrejas neopentecostais e pentecostais que só é possível a sua visão a partir do momento que você começa a fazer parte do território, as quais são visíveis as instalações dessas instituições religiosas não só no quilombo de João Surá, como também em comunidades quilombolas vizinhos sendo, o quilombo de Guaracuí, com a Capela Nossa Senhora Aparecida, fundada no ano 2000. No quilombo Praia do Peixe, com a Capela de São José, fundada no ano de 2000. No quilombo Córrego das Moças, com as instituições Congregação Cristã no Brasil, fundada no ano 1974, Igreja Sant'Ana, fundada no ano de 1998 e o quilombo Porto Velho com a Congregação Cristã no Brasil, construída de madeira fundada no ano de 1998 e restaurada em alvenaria no ano de 2016. E mesmo antes de 1998, com a construção da instituição religiosa no quilombo de Porto Velho, os cultos desde o ano de 1985

eram realizados nas casas dos moradores quilombolas, que além das invasões territoriais nas comunidades quilombolas as comunidades negras tradicionais remanescentes de quilombo não ficaram despercebidas, que somam com uma considerável parcela na implementação de instituição religiosa na comunidade de Mamonas, com a Congregação Cristã no Brasil, fundada no ano de 1997 e na comunidade de Tatupeva, com a Capela São Pedro, fundada no ano 1981.

Diante deste cenário constituído por altas invasões de instituições religiosas nos territórios quilombolas, SILVA (2008) explica:

Os Neopentecostais são grupos religiosos, surgidos nas últimas três décadas, originando-se de todos os tipos de igrejas tradicionais (segundo Pedrinho Guareschi não apenas das protestantes), como a Igreja Evangélica Pentecostal Cristã (chamada também Igreja Bom Jesus dos Milagres) e a Igreja Rosa Mística, originadas da Igreja Católica Romana. Já a Igreja Universal do Reino de Deus (fundada em 1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (fundada em 1974) e a Igreja Casa da Bênção (fundada em 1974) são de origem protestante. Outras ainda estão dentro dessa terminologia, tais como: Nova Vida, Deus é Amor, Comunidade Evangélica, e Associação Missionária Evangélica Maranata. Todas se dizem pentecostais e fazem parte do grande número de grupos religiosos que se espalham por toda a América Latina. Mas, as cinco primeiras igrejas citadas figuram entre as mais importantes e compreendem mais ou menos 80% das igrejas neopentecostais [...] (SILVA, 2008, p. 172).

Opressões territoriais não são só percebidas nas comunidades quilombolas e negras tradicionais no estado do Paraná. De acordo com (ANDRADE; TATTO, 2013), às comunidades quilombolas de Pedro Cubas, Praia Grande, Abobral, Bombas, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara e São Pedro, localizadas no estado de São Paulo, vêm sofrendo com as interferências das instituições religiosas no território, sendo que “a igreja construída em Galvão não chegou a ter a mesma importância para a comunidade como a capela localizada no atual quilombo São Pedro. Os católicos de Galvão se desmobilizaram e no mesmo período foram edificadas igrejas evangélicas na comunidade (ANDRADE; TATTO, 2013, p.57).

Que conforme os mesmos autores, destacam:

Nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, a Recomendação das Almas foi identificada como bem cultural em dez comunidades, mas apenas em duas – Porto Velho e Pedro Cubas – ainda está na íntegra. Nos últimos 30 a 60 anos, a prática deixou de ocorrer nas outras oito comunidades, à exceção de bombas, onde a celebração parou há menos tempo, nos anos 2000. Além do fato da maioria dos capelães que coordenavam a Recomendação das Almas ter falecido, alguns relatos atribuem o fim da celebração à entrada da igreja evangélica. (ANDRADE; TATTO, 2013, p.65).

Perante os diversos processos de opressões religiosas com as vindas das instituições neopentecostais e pentecostais nas comunidades quilombolas, ocorreram entre a década de 1974 aos anos 2000, interferindo nos modos organizacionais de devotos quilombolas dos estados do Paraná e São Paulo e que até os dias de hoje as práticas religiosas vêm sofrendo dificuldades para se manterem presente na territorialidade quilombola. Cosmovisão africana representadas entre o sagrado, profano e nas celebrações de festas aos santos no território, que em contato com as vivências quilombolas, nas realizações dos momentos de escutas, nas participações das práticas religiosas, no pousio na comunidade e como docente no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos foi me constituindo no meu tema e na elaboração do meu Projeto de Pesquisa, no Mestrado Profissional em Filosofia do programa PROF-FILO da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, que passou a ser denominado como Filosofia: Práticas Religiosas no quilombo de João Surá – PR, que durante as realizações das pesquisas e saídas de campo no território quilombola pude perceber a necessidade de reelaborar o título do projeto de pesquisa passando a ser nomeado como “Amor, Festa e Devoção:’ O ensino de Filosofia na Comunidade Quilombola de João Surá - PR, trazendo referência ao álbum do ano de 2010 “*Amor Festa Devoção*”, da cantora Maria Bethânia.

No decorrer das minhas instalações no quilombo de João Surá, em escutar os anseios dos quilombolas e presenciar as constantes lutas pela preservação de seus saberes ancestrais, surgiram duas indagações que se constituíram nos problemas de pesquisas sendo: 1. Como se deu a entrada do catolicismo na comunidade quilombola? 2. Como se dá a relação dos estudantes do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos com as práticas religiosas na comunidade quilombola de João Surá? Que ao adentrarmos nos problemas de pesquisas, conduzo o objetivo geral que consiste em promover o movimento filosófico nas análises de escuta dos anciões, lideranças quilombolas e moradores da comunidade sobre as Práticas Religiosas da Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Bandeira do Divino no território quilombola de João Surá- PR e investigar quais as contribuições dessas Práticas Religiosas para a filosofia interdisciplinar. De acordo com o objetivo geral, apresentam-se os três objetivos específicos norteadores da pesquisa, 1. Observar o comportamento dos estudantes em datas comemorativas relacionadas à população negra. 2. Investigar o comportamento dos estudantes com as danças religiosas em celebrações aos santos na comunidade quilombola João Surá PR. 3. Analisar a interdisciplinaridade da Filosofia em relação às práticas religiosas na comunidade quilombola de João Surá no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Desta forma, a pesquisa foi realizada em levantamentos como, referências bibliográficas de pensamento filosófico de autora/autor anticolonial, entrevistas com anciãs, anciãos e lideranças quilombolas, práticas curriculares, pedagógicas, e dinâmicas através dos moradores da comunidade, na importância da oralidade negra na construção de conhecimento e resistência no território, que com o movimento de escuta, registros, análises e sistematização das entrevistas nas saídas de campo entre os anciões e lideranças no quilombo de João Surá, constituímos nos materiais de recursos que auxiliou no decorrer desta pesquisa. A partir dos resultados da pesquisa nas ações colaborativa e participativa entre as anciãs, anciãos e lideranças da comunidade, será realizado como produto final a elaboração do livro em histórias em quadrinhos sobre as Práticas Religiosas no Quilombo de João Surá-PR com os estudantes do Ensino Médio das séries 1º A, 2º A e 3º A, na interdisciplinaridade das disciplinas de Filosofia e Sociologia do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, servindo como material didático a ser trabalhado tanto pela comunidade quanto pelos professores com as futuras gerações na instituição de ensino e no território, pois nos dias de hoje não se encontram em livros didáticos disponibilizados pela SEED-PR, as culturas afro-brasileiras voltadas aos saberes feitos pelos moradores quilombolas no seu próprio território.

Pensando nessas observações, o livro vem a caminho como forma emergencial na descolonização mental e na valorização das narrativas quilombolas carregados de ancestralidade negra, trazendo a visibilidade do verdadeiro significado por trás de tantos ritos e devoções aos estudantes, sejam eles de escolas públicas ou privadas, combatendo o racismo, o preconceito em associações as práticas negativas e a intolerância religiosa, que desde o dia 27 de dezembro do ano de 2007, com o sanção da Lei nº 11.635 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dispõe, segundo o “Art. 1 Fica instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro” e o “Art.2 A data fica incluída no Calendário Cívico da União para efeitos de comemoração oficial.” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, 2007).

Com base no contexto exposto, o presente trabalho de pesquisa está dividido em três partes e a conclusão, sendo a Parte I abordando os elementos conceituais, as formações das comunidades quilombolas no Vale do Ribeira, escutas dos anciões, as estratégias de ensino no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a criação do coletivo de estudantes e as saídas de campo nas investigações as práticas religiosas no território quilombola. A Parte II traz a relação da Filosofia na Educação Quilombola e na Educação Escolar Quilombola a partir das minhas vivências no quilombo de João Surá, constituído em um currículo de filosofia diferenciado a instituição de ensino no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e tramar as estratégias de

ensino voltada ao ensino de filosofia interdisciplinar e a fundamentação da aplicação do meu projeto de pesquisa no Colégio Quilombola Diogo Ramos. E por último a Parte III, constituída nas reflexões das minhas vivências com os quilombolas trazendo o estado da arte nas pesquisas acadêmicas com temas direcionados ao quilombo de João Surá, desenvolvendo o diálogo sobre a pergunta emblemática se é possível ensinar filosofia numa escola quilombola? Que filosofia se ensina? Como se ensina? Abordando o meu atravessamento como professor de filosofia no território, e por falar de território, não podemos deixar de mencionar as suas escutas pelos seus anseios nos constantes movimentos de lutas e re-existências pelos seus direitos que há anos são violados no território quilombola e finalizando com a conclusão, num apanhado de considerações das investigações sobre a pesquisa realizada no quilombo de João Surá-PR.

PARTE I: A COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ

1.1 Elementos conceituais.

Para falar das lutas dos povos africanos que constituíram o quilombo, peço permissão e licença aos ancestrais, que para nós, enquanto pessoas negras, é um grande privilégio trilhar caminhos que por eles já foram trilhados, pisar no chão que por eles já foram pisados e nos conectarmos com o solo da terra onde a liderança quilombola Zumbi dos Palmares, junto com sua guerreira esposa Dandara dos Palmares, lutavam bravamente em coletividade, abrindo demandas no território na luta contra a repressão do colonialismo, influenciando representatividades negras como Abdias Nascimento, Cheikh Anta Diop, Luísa Mahin, Lélia González entre outras tantas potências de vozes negras que hoje descansam eternamente.

Ao abordarmos o conceito de quilombo, primeiramente precisamos entender o que é um quilombo, qual seu significado e como se constituiu, exercício que vem sendo realizado pelo filósofo Abdias Nascimento (2011) em sua obra “*O Quilombismo:*”

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão, existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico (p.289 e 290).

Ao descrever o conceito de quilombo é impossível não tocar nos âmagos das lutas políticas em defesa das suas reivindicações pelos seus direitos no território. Na qual a palavra quilombo se constitui a sua etimologia no idioma africano quimbundo, que de acordo com David Birghan (1974), afirma:

O termo quilombo encerra toda uma experiência africana dos jaga, também conhecidos como mbandala cuja ação, em seu processo de migração em busca de terras férteis, teria ocasionado todo um processo de fusão, interconexão e miscigenação entre os clãs, além de alterações substanciais na estrutura econômica, social, cultural e mesmo psicossociais (p.18).

Ações conduzidas por David Birghan (1974), que contribuíram na passagem de Beatriz Nascimento (1994), que conduz “um corte transversal nos clãs angolanos em virtude da organização interna dos jaga que, a grosso modo, configuravam-se num grupo de guerreiros hábeis e destemidos.” E conforme Kabengele Munanga (1996) em a “*Origem e Histórico do Quilombo na África*” e “*No Caminhos da Origem do Quilombo*”, explica:

Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbandala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. (p.58).

E conforme o ponto de vista antropológico do mesmo autor afirma:

O quilombo brasileiro, é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência (MUNANGA, 1996, p. 63).

Com referências de quilombos nas escritas de Clóvis Moura (1981), em documentos oficiais portugueses na época de 1559, as quais refere-se a um recorte temporal para o século XVIII, que só em 1740, quando o Conselho Ultramarino definiu que: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (MOURA, 1981, p.16).

Definições implantadas pelas autoridades portuguesas para relacionarem aos negros livres das amarras coloniais, que se espalharam em grupos com a campanha de destruição do quilombo de Palmares no século XVII, que entre o final da década de 1770 e início da década de 1780, com a criação do (MNU) Movimento Negro Unificado nos anos de 1978, o termo etimológico de “quilombo” passou a ser usado como significado e símbolo de resistência e luta pela população negra.

Ao compreendermos a constituição de quilombo trazemos como referência ao Vale do Ribeira a *Assembleia Legislativa do Estado do Paraná*, que oficialmente dispõe:

O Paraná possui 38 comunidades quilombolas, conforme certificação da Fundação Cultural Palmares, mas a estimativa do Grupo de Trabalho dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná é que esse número seja muito maior, podendo chegar a 80 comunidades (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ).

Com referência no autor aqui já mencionado, a nossa proposta “não tem como objetivo principal analisar e explicar as comunidades quilombolas do Brasil”, mas sim abordarmos as lutas territoriais, deixadas pelos nossos ancestrais na “resistência em defesa da liberdade e da dignidade humana que caracterizam todos os movimentos diaspóricos africanos no mundo, e que ele se resume no conceito do quilombismo.” (NASCIMENTO, 2011, p.20).

Defesa pela liberdade que o povo negro vem lutando há mais de 500 anos e, mesmo após a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888, os povos africanos escravizados constituíram as suas condições legais de “cidadãos”, nas quais os tornaram indesejáveis, excluídos da sociedade e transformados em corpos marginalizados no mercado de trabalho. A tão sonhada “Lei Áurea”, “sem raízes na verdadeira luta dos escravos contra o regime opressor” (NASCIMENTO, 2011, p.87), não passou de uma estratégia para beneficiar os brancos abolindo “qualquer responsabilidade dos senhores para com a massa escrava”, constituindo a classe dominante e dominada formada por escravizados “livres”, mas em condições e estado de vulnerabilidade, sujeitos a trabalhos exorbitantes para gerar o capitalismo a classe dominante.

Concepção que nas oralidades de Abdias Nascimento (2011), a libertação não passou de uma experiência de fraude, a qual explica:

Eles já tinham experiências desse tipo de fraude; antes de 1888, os chamados africanos “livres”, isto é, os doentes, aleijados, idosos, os imprestáveis pelo esgotamento do trabalho intensivo, eram compulsoriamente “libertados”. Na prática, significava que os senhores se auto libertavam de qualquer responsabilidade em fornecer-lhes alimentos, roupas e moradias e se exoneravam de qualquer tipo de ajuda aos “livres”, abandonando-os impiedosamente à morte lenta e pelas enfermidades, tanto nos campos quanto nas cidades (p.89).

O autor ainda enfatiza que o tratamento se constituiu parecido com o da “abolição” caracterizando em manifestações empregadas em massa, na qual afirma:

Os africanos ex-escravos e seus descendentes, algumas centenas de milhares, se viram atirados a uma “liberdade” que lhes negava emprego, salário, moradia, alimento, assistência médica e o mínimo apoio material. Muitos africanos “emancipados” e cidadãos foram obrigados pelas circunstâncias a permanecer com seus antigos senhores, trabalhando sob condições idênticas às anteriores, sem nenhuma outra alternativa ou opção. Outros se aventuraram deslocando-se para outras regiões ou cidades, e a única coisa que obtiveram foi desemprego, miséria, fome e desnutrição” (p.89).

E mesmo após 134 anos de abolição da escravatura, a população negra continua reivindicando seus direitos de cidadãos, na qual podemos perceber nitidamente no jogo de cintura pela sobrevivência do povo negro nessa sociedade tão racista. Racismo estrutural visível no papel que o negro representa nas mídias sociais ocupando cargos inferiores com menos visibilidades, mostrando que o negro está predestinado a fazer só aquela função, e que ocupar outros cargos está fora de seu alcance, representações raciais que por muito tempo foram exibidas na série televisada *“O Sitio do Pica- Pau Amarelo”* pelo “saudoso” escritor Monteiro Lobato, enraizando essa visibilidade da mulher negra, cozinheira, de lábios grossos e de seios grandes, pertencentes aos fenótipos do negro brasileiro como um símbolo de inferioridade, a espera e submissão das ordens comandada pela sua patroa branca, movimento que corrompeu “várias gerações de crianças através do racismo contido na figura da Tia Anastácia” (NASCIMENTO, 2011, p.144).

Representações como essas de envenenamento de olhares discriminatórios a mulher negra no seu espaço de trabalho, que a escritora Lélia González (1984) em sua obra *“Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”*, afirma:

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas (p.230).

E fica-nos uma pergunta: o que é mucama? Esse palavreado que serviu como referência a muitas mulheres negras da época, afinal não precisamos pensar muito para responder, é só fazer uma pesquisa no Dicionário Aurélio que obtemos o seu significado: “no Brasil e na África portuguesa, escrava negra, ger. jovem, que ajudava nos serviços caseiros e acompanhava a dona da casa em passeios, podendo ser também ama de leite.” Como senão bastasse os olhares inferiorizados, a luta contra a exploração de seus corpos era presente, corpos negros marginalizados, sujeitos a diversos estados de vulnerabilidade, a qual podemos mencionar um

trecho da passagem nas escritas de Lélia González (1984) com a situação da mulher negra no Brasil:

Não faz muito tempo que a gente estava conversando com outras mulheres, num papo sobre a situação da mulher no Brasil. Foi aí que uma delas contou uma história muito reveladora, que complementa o que a gente já sabe sobre a vida sexual da rapaziada branca até não faz muito: iniciação e prática com as crioulas. É aí que entra a história que foi contada prá gente (brigada, Ione). Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada, para “logo apresentar os documentos”. E a gente ficou pensando nessa prática, tão comum nos intramuros da casa grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga de crioula (depois deslocado para o cheiro do corpo ou simplesmente cc). E fica fácil entender quando xingam a gente de negra suja, né? (p.234).

Pouco me surpreende o porquê não vimos ou ouvimos temáticas da luta do povo negro abordados em sala de aula, as únicas aprendizagens que obtivemos vem internalizados de livros didáticos trazendo a Princesa Isabel como salvadora da pátria, a boa moça e responsável por “acabar” com o sofrimento dos escravizados nas senzalas, internalização de apagamento causado pelo colonialismo, que na falta de visibilidade e conhecimento da sociedade possa enfraquecer os meios dos movimentos de lutas e se apropriar dos seus espaços de saberes, apropriação da escrita e sistematizações de conhecimentos realizados pelos filósofos gregos que há tempos foram sucedidos pelos filósofos egípcios no antigo Kemet, na qual podemos compreender melhor essas sistematizações num diálogo trazendo representações de filósofos egípcios, como afirma (ASANTE, 2000; JAMES, 2005) na visão afroperspectivista:

Neste caso, os manuais de história da filosofia incluíram algumas modificações. A pesquisa de James além de informar, procura demonstrar as influências egípcias na filosofia grega. Afinal, se Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes e Pitágoras, entre outros filósofos estudaram no Egito. Por que desconsiderar essas heranças? No caso da Escola Pitagórica, a herança filosófica egípcia é muito marcante, além de Pitágoras ter vivido no Egito por estimados 22 anos (p.69).

E quando mencionamos o antigo Kemet trazemos como referência o nome oficial dado ao território, e não a denominação do nome antigo Egito que foi batizada pela colonização grega. Que segundo o historiador George G. M. James (2022) em sua tese “*O Legado Roubado: A filosofia grega é a filosofia egípcia roubada*”, afirma:

O Egito foi o centro de um corpo de sabedoria antiga, e o conhecimento religioso, filosófico e científico se expandiu para outras terras através dos

estudantes iniciados. Tais ensinamentos permaneceram por gerações e séculos na forma de tradição, até a conquista do Egito por Alexandre Magno, e o movimento de Aristóteles e sua escola compilaram os ensinamentos egípcios e afirmam que são gregos (p.130).

Não estamos aqui para compilar um único modelo de saber, focar nessa visão vai de encontro a todos os tipos de racismos, seja ele epistêmico ou antinegro que devemos sustentar a filosofia como validade “pluriversal”, e trazer a existência da filosofia africana, movimentos de pesquisas muito importante abordados pelos filósofos James, Diop e Obenga contra o racismo epistêmico que nos assola, e que ao abordarmos as reflexões filosóficas desde o seu surgimento, não devemos mencionar que determinado povo “inventou” isso seria inaceitável, as quais podemos trazer diversas sistematizações de teorias para a ampliação do seu eixo de conhecimento.

Que conforme Abdias Nascimento (2011) em seu legado “*O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africana*”, conduz:

Consequentemente, os homens e mulheres africanos devem demonstrar a si mesmos que são capazes de transformar as circunstâncias nas quais eles vivem; e que, tendo sido um povo que foi submetido e conduzidos por outros, recuperou a capacidade de conduzir seu próprio destino; que são, portanto, capazes de reaver sua história roubada e manter permanentemente a soberania sobre seu próprio legado coletivo; que eles podem e desejam libertar-se a si mesmos daqueles instrumentos estrangeiros de dominação que no passado os oprimiram e alienaram; e que vigorosa e decididamente rejeitam todas as forças de exploração e submissão (p.67).

No campo da arte quanto da religião não foi diferente, as lutas eram constantes dos “africanos livres” pela ‘libertação da religiosidade’ na preservação de seus ritos e nas conduções das suas práticas religiosas, que entre a década de 1882 antes da abolida escravidão a década de 1888 após a abolição, a categoria de desocupados (desempregados) equivalente ao “vadio” gíria de policial eram exorbitantes, ultrapassando os índices de “trabalhadores livres e trabalhadores escravos”, que conforme o Código Penal de 1890 vigente até 1942 do Art. 399, consistia na punição ao crime de vadiagem, condenando qualquer tipo de atividade seja ela de lazer, curas medicinais ou ritos de veneração religiosa com manifestações de culto de matriz africana. Mas essas perseguições não pararam por aí, foram além que segundo Giumbelli (2003), afirma:

Previa-se também a punição: ao crime de capoeiragem (art. 402); ao crime de curandeirismo (art. 158); ao crime de espiritismo (art. 157). Este Código Penal com os artigos 156, 157, 158 é muito importante para compreendermos a

relação da legislação com as formas religiosas e suas práticas. Entre os “*Crimes contra a Saúde Pública*” (GIUMBELLI, 2003, p. 254).

A partir das perseguições às práticas religiosas voltadas a cultos de matriz africana, dispõem-se os enunciados nos Artigos 156, 157 e 158 do Código Penal de 1890:

Art. 156 – Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos. Penas – de prisão celular por um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000. Parágrafo único: Pelos abusos cometidos no exercício ilegal da medicina em geral, os seus atores sofrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes que derem casos.

Art. 157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas – de prisão celular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000. Parágrafo 1ª Se, por influência, ou por consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação ou alteração, temporária ou permanente, das faculdades psíquicas. Penas – de prisão celular por um ano a seis anos, e multa de 200\$000 a 500\$000. Parágrafo 2º Em igual pena, e mais na privação de exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir as responsabilidades deles. (...)

Art. 158 – Ministrare ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeirismo. Penas – de prisão celular por um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000. Parágrafo único: Se do emprego de qualquer substância resultar a pessoa privação ou alteração, temporária ou permanente, de suas faculdades psíquicas ou funções fisiológicas, deformidades, ou inabilitação do exercício de órgão ou aparelho orgânico, ou, em suma, alguma enfermidade: Penas – de prisão celular por um a seis anos, e multa de 200\$00 a 500\$000.

Se resultar morte: Pena – de prisão celular por seis a vinte e quatro anos (COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL).

Com as implementações das punições de acordo com os códigos penais acima, a partir da década de XX, a expressão “baixo espiritismo” (associado ao curandeirismo, espiritismo, magia) começa aparecer nos registros policiais” comparados ao exercício ilegal da medicina, constituindo com outras categorias sendo: “macumba”, “candomblé” e “magia negra”. Que conforme Yvonne Maggie (1992) “constata que essas acusações contra práticas mediúnicas eram realizadas a partir de um critério moral, que relacionava os acusados dessas práticas diretamente ao mal” (p.43).

Imposições do colonialismo para vigorar um único modelo correto a ser seguido, o modelo europeu, demonizando todas as outras práticas religiosas a base da cultura africana, como por exemplo podemos citar a estética negra voltada a camuflagem na caracterização de

Jesus Cristo estampados nas catedrais, nos folhetos e até mesmo em esculturas, trazendo um Jesus Cristo completamente com traços europeizado branco, barbudo de olhos azuis e cabelos castanhos claros, em que recriar um Cristo Negro tocaria no âmago da supremacia branca e na “intolerância religiosa preconceitual.” Que ao retratar a figura de Jesus Cristo nos fenótipos de negro na raça negra seria uma tremenda ofensa “aos olhos do elitismo católico da nossa sociedade” (NASCIMENTO, 2011, p.132). Fica nítido o autodesprezo pelas elites sociais causada pela alienação quando se trata ou assume padrões estéticos alheios ao nosso povo. E jamais suspeitaria que realmente existiu um Jesus de ‘tez escura’ descrito pelo historiador Josephus”. Conforme os testemunhos descritos pelo historiador “*Jhon Henrik Clarke à edição norte-americana do livro Cheik Anta Diop, The Cultura Unity of Black Africa*”, as conclusões realizadas “em moedas de ouro sólido pelo departamento de moeda do insuspeito Museu Britânico”. Constata que “a moeda é genuína, do tempo de Justiniano II (por volta de 705 depois de Cristo). Numa face da moeda, está gravado “Justiniano, servo de Cristo”, e na outra face, o rosto de Jesus Cristo com cabelo crespo igual lã de carneiro” (NASCIMENTO, 2011, p.132). Parece incompreensivo pensar em um “Cristo Negro”, vindo dos guetos, predestinado a viver em formas miseráveis e excluídos de uma sociedade tão excludente, pois desde a nossa tenra idade já estamos internalizados pelo colonialismo na lavagem cerebral na representação de Jesus, corpos negros escravizados e martirizados que serviram como base na construção da estrutura desse país, alimentando há três séculos o chão da população com seu suor no trabalho braçal e no sangue derramado nas plantações para gerar a economia e a formação do povo brasileiro.

É a partir desses espaços de lutas pela desconstrução dos saberes implementados pela segregação racial, que o movimento quilombista se faz presente, como demanda emergencial no fortalecimento da conexão com nossas raízes e memórias afro-brasileiras, para que possamos ter a consciência que as lutas territoriais enfrentadas tanto por Zumbi quanto por Dandara, nos pertencem também, que é o nosso dever como comunidade negra de continuar lutando pelo nosso povo, conquistando os nossos direitos e abrindo caminhos para a nossa juventude, e que o dia 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”, não seja considerado uma forma de comemoração, mas sim como reflexão do assassinato do líder negro nacional Zumbi, proporcionando encontros de comunidades quilombolas para reivindicar as demandas dos Direitos Humanos, fortalecendo o movimento negro de luta para criar estratégias e vencer os sufocamentos territoriais, econômicos e existenciais transmitido pelo colonialismo.

1.2 Formação da comunidade Quilombola João Surá

O processo histórico do movimento de lutas das comunidades quilombolas do estado do Paraná passou a ter voz, visibilidade e se fortalecer, devido ao apoio do movimento a Comunidade Negra da Invernada Paiol de Telha na década de 1990. Movimento que possibilitou desmascarar o colonialismo e tornar aos olhos públicos as diversas opressões territoriais enfrentadas pelos moradores quilombolas, para se beneficiar do capitalismo em defesa da sociedade elitista. A partir dessas opressões, muitas estratégias e articulações do povo negro foram necessárias, que em conjunto aos quilombolas do Paiol de Telha e o amparo da Comissão Pastoral da Terra do município de Guarapuava, possibilitou o arranjo no processo de reconhecimento das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, que com a união entre as comunidades quilombolas, não só fortaleceu o movimento, como também encorajou os moradores quilombolas nas reivindicações pelos seus direitos de posse na propriedade de terra. Movimento de reivindicação que possibilitou a Comunidade Invernada Paiol de Telha a ser uma das primeiras comunidades do Paraná a possuir o levantamento “realizado pelo Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina” (UFSC). (CRUZ, 2012, p.46). Passando a ser reconhecida e intitulada pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2005, mesmo ano que podemos mencionar a criação do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, tendo como mentora a Prof^a Clemilda Santiago Neto com suas valiosas contribuições nas lutas do povo negro e no levantamento Básico de Comunidades Negras e Remanescentes de quilombos.

Condições de apoio das comunidades a Comunidade Negra da Invernada Paiol de Telha, que viabilizou o processo de reconhecimento das comunidades no Vale do Ribeira, momentos de lutas que os moradores no território passavam por diversas ameaças, devido ao projeto de intensificação na proposta “no ano de 1987, a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) solicitou a autorização ao Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE) para o projeto básico de construção da Usina de Tijuco Alto” (CRUZ, 2019, p. 169) na região do Vale, para resistir na preservação de seus territórios e confrontar os capitalistas, a Comissão Pastoral da Terra do município de Eldorado criou, como forma emergencial de desdobramentos, o Movimento dos Ameaçados pelas Barragens (MOAB), que passou a lutar com audiências públicas em contrapartida aos projetos apresentados na construção de barragens, dificultando na sua aprovação e implementação nos rios tortuosos que transitam no Vale do Ribeira. No ano de 2016 no mês de novembro, com 28 anos de articulações desse movimento e contribuições dos movimentos sociais atuantes no Vale do Ribeira, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) negou o pedido de licença prévia à CBA. Movimentos que não se intensificaram, segundo explica CRUZ (2019):

Entretanto, a ameaça da construção de barragens na região afeta diretamente João Surá, por meio do projeto de construção da barragem de Funil, prevista no projeto inicial de construção de Tijuco Alto, junto de outras duas – Batatal e Itaóca. Com as dificuldades encontradas para a execução do projeto inicial de Tijuco Alto, as outras barragens previstas no projeto inicial foram desmembradas, sendo reapresentadas por outra empresa sob projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), como é o caso das PCHs de Itaóca e Sete Barras que se encontram em processo de Estudo de Impacto Ambiental (p.169).

Além disso, com a mobilização de agentes pastorais da região e moradores quilombolas que com a implementação do Movimento dos Ameaçados pelas Barragens (MOAB), também passou a lutar e viabilizar com eficácia aos direitos no reconhecimento e na titulação de terras das comunidades quilombolas do Paraná.

Podemos perceber que com toda essa mobilização dos quilombos paulistas, constituiu no Inquérito Civil Público nº 05/96, o qual “objetivava identificar as comunidades negras do vale do rio Ribeira de Iguape” (CRUZ, 2012, p.46), na qual cabe aqui destacar que mesmo a Comunidade Quilombola de João Surá fazendo divisa as margens do Rio Pardo entre os estados do Paraná e São Paulo, a comunidade acabou ficando de fora dos procedimentos administrativos que se refere à titulação de terras do estado de São Paulo, titulação que por CRUZ (2012) é definido como “aberturas de janelas”, o qual afirma:

Apesar do processo de reconhecimento quilombola no Paraná iniciar-se na década de 1990, sobretudo com o apoio inicial de organizações que faziam mediação política de conflitos fundiários, dentre elas a Comissão Pastoral da Terra, é possível inferir que um projeto de identificação e localização dessas comunidades por parte de agentes do Estado só passou a delinear-se a partir de 2002 e intensificou-se nos anos posteriores, a partir de uma dinâmica em que a interação entre militantes de movimentos sociais negros inseridos ou não na estrutura de estado e a equipe de técnicos pedagógicos da SEED inserem a demanda de levantamento na agenda de governo em um contexto de abertura de janelas de oportunidades políticas (p.47).

Mesmo com a delimitação em 2002 para o reconhecimento quilombola, houveram muitas disputas por parte dos novos mediadores, desde as narrativas, origens e levantamentos das comunidades quilombolas, que possibilitaram a sua execução entre os anos de 2003 a 2008 pelo Governo do Estado.

Na região do Vale do Ribeira, divisa com os Estados de Paraná e São Paulo, encontra-se a maior parte das comunidades quilombolas, que na busca do ouro contínuo pelos

bandeirantes na década 1576 às margens do rio Ribeira do Iguape, foi fundada uma das primeiras cidades localizado no Estado de São Paulo chamado de Iporanga, por volta do século XVI, a região do Vale foi uma das primeiras a ter seus espaços de disseminação da colonização portuguesa na América, constituindo os primeiros núcleos de povoações do “Iguape e Cananéia cabeças de ponte do empreendimento minerário” (CRUZ, 2019), com a localização do ouro no território no Médio Vale no século XVII se concedeu as origens das cidades de Xiririca, hoje nomeado de Eldorado, Ivaporunduva e Apiaí.

Com os crescimentos populacionais no Médio e Alto Vale, sucederam as áreas transitórias no território, ocasionando na invasão do espaço dos povos indígenas e os afastamentos das suas respectivas áreas de habitação, as quais muitos dos indígenas afetados foram “para os sertões do Rio Pardo situados entre cadeias de serra e cachoeiras que os tornavam quase inacessíveis, tanto por via fluvial quanto terrestre (KRONE, 1914, p. 33). Partindo desse contexto de Sertões, em conversa com uma das lideranças quilombolas no quilombo de João Surá, o Sr A. C. de P. A. ¹de 57 anos de idade, afirma que antes da Comunidade Quilombola ser batizada com o nome de João Surá era denominado:

A. C- No documento é chamado de Sertão do Rio Pardo, no documento que existe é chamado de Sertão do Rio Pardo e depois da história do garimpeiro daí que teve a referência por causa desse senhor que morreu nesse lugar dando esse nome, e no documento está como Sertão do Rio Pardo.

Renan Rodrigues- E que documento seria esse?

A. C- Esse documento é de lá, foi retirado do livro Tombo lá em Registro lá.

Renan Rodrigues – Sabe me dizer sobre a existência dos indígenas aqui no território?

A. C- É muito complexo isso, porque as histórias vêm de várias fontes e essas várias fontes confundem as histórias, porque o que que acontece sabe que Xiririca é o lugar onde os negros chegavam ali para a extração do ouro né, eles traziam os negros pra cá para escravizar eles para a extração do ouro daí assim que os negros chegavam ali eram batizados e assim seguiam os garimpeiros os donos do garimpo, porque os registros que tem né dos negros que chegavam ali eram batizados e seguiam ali, esse é o documento que a gente tem em mãos e o histórico quando chegou o antropólogo fazer a documentação o registro que nós adquirimos foi esse (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

A partir da explanação da liderança quilombola, podemos aqui destacar elementos como o Ciclo do Ouro, o qual originou a história e o nome do município que está localizado no Estado de São Paulo:

¹ De acordo com as entrevistas realizadas com os quilombolas, aqui vamos utilizar siglas para respeitar e manter o anonimato dos entrevistados resguardando as suas identidades.

O nascimento do povoado de Registro está relacionado à procura de ouro por meio de vias fluviais no rio Ribeira de Iguape. As primeiras jazidas de ouro do Brasil foram descobertas na região do Médio Ribeira no século XVII. Durante este ciclo do ouro, o povoamento avançou para o interior, subindo o curso do Rio Ribeira de Iguape. O ouro de lavagem na sub-bacia do Alto Ribeira, garimpado em Xiririca (atual cidade de Eldorado) nos rios Pedro Cubas, Taquari e afluentes, e em Sete Barras nos rios Etá, Quilombo e Ipiranga (entre outros) era transportado em canoas e fiscalizado no porto fluvial adjunto à casa do Fisco à margem direita do rio Ribeira de Iguape nas terras da vila de Nossa Senhora das Neves de Iguape (localizada no porto marítimo que originou a atual cidade de Iguape). O povoado que habitava o porto de registro do ouro originou a sede atual de Registro (REGISTRO, 2011).

Com os grandes declínios na mineração do Vale do Ribeira e na procura pelas outras regiões para mineração, durante a descoberta das Minas Gerais, ocasionou nas cobiças e ambições dos mineradores do Vale pelas explorações compulsórias, que conforme Cassius Cruz (2019) conduz:

Esse fato não significou, entretanto, o fim da atividade na região, visto que a mineração continuou ocorrendo até meados do século XVIII em Xiririca e Ivaporunduva; até segunda metade do mesmo em Apiaí (Morro do Ouro) e retomada em meados do XIX em Iporanga com a exploração do Morro do Chumbo e das Minas do Pilões (p.47).

Através da exploração pela extração do ouro e pedras preciosas pelos negros escravizados nas minas de Ouro em Apiaí SP, contribuiu significativamente no povoamento de negros africanos refugiados as áreas territoriais no Alto Vale do Ribeira, formando grupos e constituindo comunidades quilombolas.

A comunidade de João Surá adquiriu seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo através da Portaria do INCRA nº 244, de 11 de maio de 2016, constituído por famílias de negros escravizados vindo da mina de Ouro de Apiaí SP, estabeleceram seus vínculos no território por volta do ano de 1807, ano em que os moradores quilombolas traz como referência a formação do quilombo. Há uma grande ligação entre os negros de Minas Gerais com a do Vale do Ribeira, a qual o autor Renato Queiroz (2006) afirma: “o afluxo da população de origem africana à região foi de certo muito incrementada com as migrações que se sucedem à decadência das Minas Gerais, em fins do século XVIII e início do XIX” (QUEIROZ, 2006, p. 42). A partir dessa premissa, podemos reforçar uma forte conexão negra ancestrais dos negros oriundos de Minas Gerais que se instalaram no Vale do Ribeira durante o pico da exploração dos minérios das minas de Apiaí SP, em relação aos negros comparecido no território quilombola de João Surá, nessa referência elementar entre Minas

Gerais e o quilombo de João Surá, abordamos a passagem nas escritas dos registros de autor Cassius Cruz (2019), que enfatiza:

A presença de negros oriundos de Minas Gerais também é perceptível no Alto Vale do Ribeira durante o período de exploração das minas de Apiaí no século XVIII, local no qual a historiografia demográfica e econômica existente contribuiu significativamente para uma leitura mais precisa da composição domiciliar e da estrutura familiar escrava nos contextos de predomínio da mineração de ouro para um período de atividades agrícolas estáveis. Segundo a historiografia a ocupação da vila de Apiaí, no topo da Serra Paranapiacaba, articula-se tanto com a expansão minerária originária em Iguape ao longo do século XVII, quanto com o deslocamento de mineiros oriundos de garimpos de Paranapanema para a localidade durante a década de 1730 (p.51).

De acordo com os dados consultado no site da Câmara Municipal de Apiaí, podemos destacar enquanto elemento fundamental a História Oficial do Município, a qual afirma:

Conta-se que Francisco Xavier da Rocha, obrigado a fugir de Minas Gerais, onde havia sido Capitão-Mor de um de seus 'arraiais', por crime ali praticado, veio parar nestas regiões com 150 escravos, fundando então um pequeno povoado. Sabendo, por intermédio de um caçador de Itapetininga, da existência de ouro nas nascentes do Rio 'Apiaí' veio então a estabelecer-se no lugar, de nome 'Capoeiras' (hoje o distrito de Araçaiba), tendo depois seguido adiante fundando uma das primeiras povoações, que dariam origem ao município de Apiaí, com o nome de Santo Antônio das Mina (APIAÍ, 2018).

Com a vinda de Francisco Xavier da Rocha no Vale do Ribeira por volta do ano de 1771, foi nomeado capitão do município de Apiaí, pela busca de ouro incessante os negros escravizados aventureiros se estabeleceram vínculos nas terras das Minas de Ouro em Apiaí SP, que é reconhecido como Morro do Ouro localizado no centro do município, a partir dessa exploração de materiais preciosos foi constituindo e dando forma as origens de outras povoações, que mesmo não tendo a quantidade de ouro suficiente para satisfazer a ambição dos exploradores sendo: Ingleses, Americanos e Japoneses, muitos dos negros escravizados abandonaram as jazidas de ouro e se embrenharam nas matas vizinhas de difícil acesso, obtendo sua subsistência na agricultura por meio das produções das lavouras no território que se estendeu por volta da década de 1770 a 1780.

Com as chegadas e instalações das famílias dos negros escravizados das Minas de Ouro em Apiaí SP no território do Alto Vale do Rio Ribeira do Iguape na fronteira entre o Estado do Paraná com o Estado de São Paulo, para a futura formação do quilombo de João Surá PR, os negros africanos refugiados se depararam com as instalações das famílias dos povos indígenas já alocados no local, que segundo Cassius Cruz (2019) afirma na entrevista

realizada com a quilombola e anciã falecida Benedita Freitas, em anotação disponibilizado por Andrade (2019):

Contava a vovó que apareceu um nêgo, esse era nêgo mesmo que parecia um tição. Ele chegou aqui tudo rasgado, quase sem roupa, um índio estava caçando e achou ele nessa beira de rio aí, não sei aonde, muito doente com muita febre tremendo de muita febre. O índio voltou lá pegou a indiarada, levaram aquele homem na aldeia deles lá. Fizeram um buraco e enterraram aquele home, cobriram a cabeça dele não sei como lá, e pregaram fogo em volta dele até umas horas, deixaram ele um pouco lá refrescando, depois tiraram ele de lá e levaram ele pra casa deles. Dizia a vovó que eles resmungavam, resmungavam um para o outro depois que aquele home melhorô, só que ali ninguém sabia o que falava um pro outro ficavam tudo na mesma coisa, porque não entedia o que falava um pro outro, daí o chefe da indiarada resmungava resmungava até que o nego começô entende o que o índio falava, o índio começô entende o que o nêgo falava ate que ele começaram falá um com outro alí. (...) Depois aquele home sumiu, quando apareceu trouxe uma muiézinha bem pretinha com ele e um piázinho depois o piázinha crescendo depois que já tava grande ele tava torrando farinha e saiu de repente no vento, ele arejo e ficô muito doente e morreu. Aí a mãe dele chorava chorava chorava, mais chorava aquela mãe daquela rapaizinho”. (Benedita Freitas apud PEREIRA, 2019). (p.107 e 108).

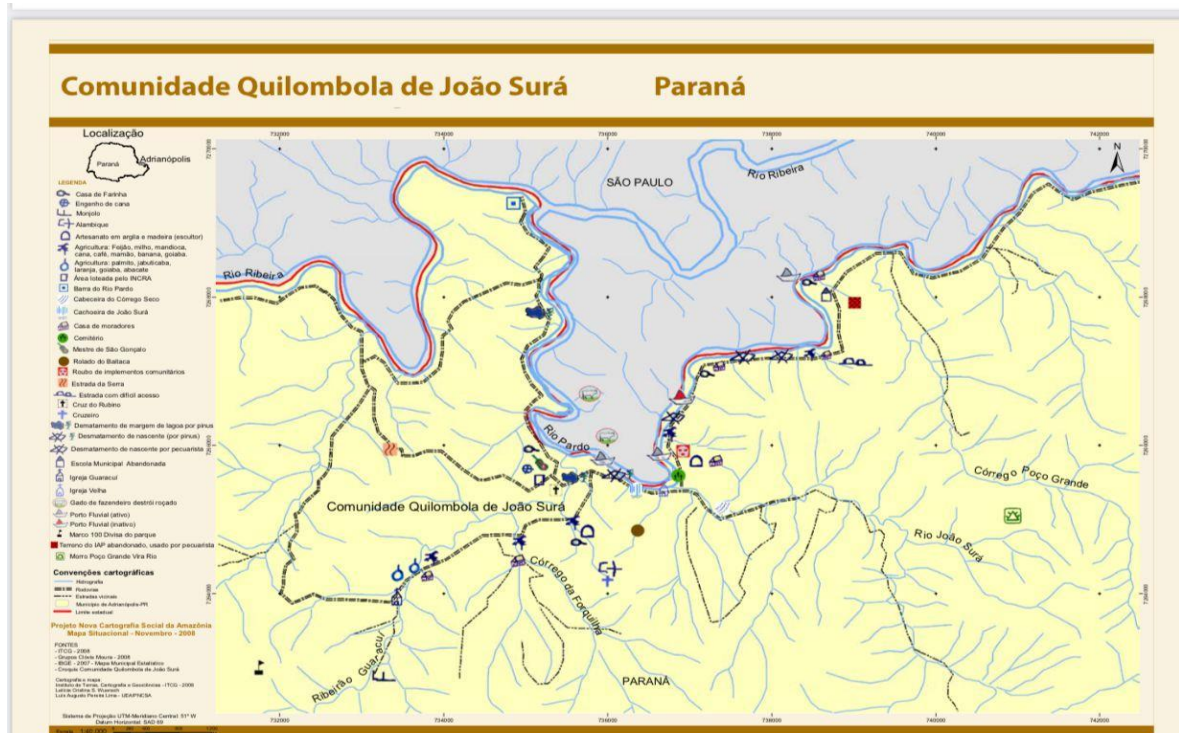
A partir das oralidades e partilhas de experiências da anciã Benedita Freitas (2019) podemos perceber uma forte concentração dos povos indígenas vinculados no território, que com a vinda dos negros africanos refugiados das Minas de Ouro para o Vale do Ribeira², as terras que hoje carregam uma ancestralidade fenomenal conhecida como Comunidade Quilombola de João Surá PR, já havia sido ocupado pelos povos originários e constituídos suas famílias no local. Percebe-se que com a modalidade pré-colonial no médio Vale do Ribeira pelas descobertas dos sítios arqueológicos contendo cerâmicas e fósseis, também foram encontrados no planalto e litoral paulista, onde as mesmas evidências são percebidas e encontradas nas conchas marinhas litorâneas no território quilombola, devido a circulação dos povos indígenas e na existência dos sambaquis na localidade, que de acordo com PLENS (2007) afirma em seu rito de passagem:

(...) é possível construir um modelo em que trocas e aquisições tecnológicas entre sambaquis fluviais com grupos da Tradição Umbu [do interior] e sambaquis costeiros caracterizem uma rede de contatos intensos, e quiça de casamentos inter-étnicos, com grupos vizinhos ao longo de milênios (PLENS, 2007, p. 228-9).

² O Vale conta com uma população de cerca de 411.500 habitantes, mais da metade nas zonas rurais. Uma das principais vias de acesso à região é a Rodovia Régis Bittencourt (BR-116), que liga São Paulo ao Paraná. Os Municípios paulistas que fazem parte da região e contam com comunidades quilombolas são: do Turvo, Cananéia, Eldorado, Iguape, Itaóca, Iporanga, Miracatu e Registro. Ver mais em: ANDRADE & TATTO (2013).

Mesmo que com os reconhecimentos e os firmamentos de famílias indígenas residirem no local antes da formação do quilombo, os moradores quilombolas afirmam que a existência da Comunidade Quilombola de João Surá se teve a sua origem desde a fuga dos negros africanos refugiados das Minas de Ouro em Apiaí e Iporanga SP, aproximadamente no século XVIII.

MAPA 1: CARTOGRAFIA DA LOCALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.



FONTE: Nova Cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil (2009).

O quilombo de João Surá PR está localizado a 50 km no Vale do Ribeira na fronteira entre o município de Adrianópolis PR e Iporanga SP em confluência do rio que divide os dois Estados (Estado do Paraná e Estado de São Paulo) chamado de Rio Pardo, a estrada até a comunidade quilombola requer muita atenção, é uma estrada sinuosa de chão, chegando na Comunidade Quilombola da Praia do Peixe em destino ao João Surá, irão se deparar com duas opções de caminhos que ambos darão em destino a comunidade quilombola, a primeira opção é a estrada principal que está seguindo e é só continuar seu percurso em linha reta, já a segunda opção pelo mesmo percurso da estrada principal, é a estrada que sobe chamado de Serra construída devido às plantações de pinus no território que segundo os moradores da localidade você economiza 4 km seguindo a sua rota por esse caminho, que em alguns momentos para a sua travessia só é possível a passagem de apenas um veículo. O território quilombola é composto pela área territorial de 6.422 hectares, em que a grande maioria ainda se encontra em

nome e mãos de terceiros, aguardando definitivamente o processo de desapropriação de posse, conforme o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que segundo o Art. 1º conclui:

Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.(PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, 2003).

Com isto cabe aqui destacar que segundo o artigo 68 dos “*Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal*” (ADCT) de 1988 estabeleceu que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, 1988).

No território quilombola se reside 51 famílias de acordo com o último Censo realizado no ano de 2022, constituídas por 154 habitantes sendo 78 homens e 76 mulheres moradoras na comunidade, ocupando uma área territorial divididas em três núcleos, sendo: João Surá- Sede, Guaracuí e Poço Grande, que há mais de dois séculos de muitas lutas e re-existências persistem e resistem no território. Podemos observar que até a década de 1970 o fluxo de habitantes que circulavam no território somava um total de 300 famílias quilombolas e por volta do ano de 2019 a mesma era ocupado por 59 famílias e 155 habitantes, as quais o índice de famílias quilombolas apontados pelo último Censo do IBGE 2022 vem caindo cronologicamente. O quilombo de João Surá está inserido na Sede da comunidade, formado por 19 famílias e constituídos de 57 moradores residentes nesta localidade, sendo 31 homens e 26 mulheres o seu núcleo é composto por uma Unidade de Saúde- Posto de Saúde de João Surá, uma Instituição Religiosa Católica- Capela de Santo Antônio, uma Casa da Memória³, uma Casa Comunitária e duas escolas sendo uma Estadual- Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e outra Municipal – Escola Municipal do Campo João Surá, as moradias residentes soma o total de 51 moradias das quais 22 moradias dentro do território quilombola, fizeram parte do programa Companhia de Habitação do Paraná- COHAPAR em parceria com o Grupo de Trabalho Clóvis Moura (GTCM) projeto que se desenvolveu por volta do ano de 2010 atendendo um total de 82 casas construídas e distribuídas nas comunidades quilombolas Córrego das Moças, Sete Barras,

³ A Casa da Memória está localizada na Comunidade Quilombola de João Surá, é um Centro de Documentação e Pesquisa que tem como finalidade a preservação e conservação do acervo documental referente à história da Comunidade dos povos Quilombolas e Indígenas. Em 2007 foi feita a primeira exposição na festa de 200 anos e depois reinaugurada em 2016.

Porto Velho, Praia do Peixe, Guaracuí, João Surá e Comunidade Negra Tradicional Remanescentes de Quilombo Bairro dos Roque.

Uma das percepções que podemos enfatizar são em relação há vários relatos envolvidos sobre o nome que recebeu a comunidade dando origem ao nome de João Surá, que podemos consultar alguns deles nas escritas de (CLÓVIS MOURA, 2005; 2010) a qual relata:

Pelos relatos dos quilombolas a denominação João Surá foi escolhida pela comunidade em razão da existência de um garimpeiro francês, negociante que buscava ouro na região para vender em Iporanga, São Paulo. Esse garimpeiro morreu na cachoeira de um córrego que deságua no rio Pardo. Por essa razão, córrego e cachoeira receberam também o seu nome: João Surá (p.63).

Em ênfase com a descrição ao relato escrito, as oralidades ecoam entre os anciões quilombolas a qual fui buscar as minhas referências nas narrativas em rodas de conversas, realizados em dois momentos, o primeiro momento de diálogo foi com a anciã Dona M. L. de M. A. de 61 anos de idade junto com seu esposo o ancião Seu ⁴A. A. de M. de 67 anos de idade, já o segundo momento da roda de conversa ocorreu com a Dona C. de A. M. de 63 anos de idade e seu esposo o Seu B. E. de M. de 62 anos de idade, que enfatiza a relação da existência de uma outra história sobre versão da origem do nome de João Surá, nos momentos dos diálogos realizados nas rodas de conversas:

A. A/ M. L -Oh tem uma pedra assim, que ela vai até lá na frente assim, uma pedra mais alta e por dentro daquela pedra tem um lugar que é mais raso do que lá né, então aquele turbilhão de água que vinha de lá cara, vinha ali naquele lugar naquela pedra e daí tinha que subir, tinha que esperar a hora da maré das águas estar baixa, mais dava uma maré assim que crescia, e a água passava assim por cima da pedra e dependendo do tamanho que o rio estava, e daí quando crescia e enchia a maré não poderia tocar canoa ali, porque por esse buraco que passava aqui, vinha um morro de águas assim e daí tinha quem estava na poupa tinha que pelotar muito bem e quem tava na flour tinha que prender lá com o varejão que se saísse para lá ele dava nesse bico de pedra e encostava daí a água vinha assim e entrava dentro da canoa dependendo do tamanho do rio né, e daí se o rio estivesse meio baixo não passava por ali, porque daí ficava mais baixinho né, e com o tempo foi abaixando, o tempo que eu era criança era bastante água ali.

Renan Rodrigues -E essa versão da história sobre o garimpeiro francês estar conduzindo ouro para vender, ele morreu realmente nas águas do Rio Pardo que recebeu o nome de João Surá?

A. A/ M. L -É também é uma outra versão que se tem dúvidas de qual seria a verdadeira, se era porco, se era arroz, se era feijão, se era rapadura ou se realmente era ouro, os caras falam de ouro porque os Jesuítas né, acho que exploraram também essa região né, daí mais para mim dizer para você que teve algum vestígios dos jesuítas aqui não sei dizer.

⁴ Maneira de respeito para se referenciar uma pessoa mais velha.

Renan Rodrigues - E o garimpeiro era realmente francês?

A. A -Tudo versão contrária que os caras inventam porquê da onde iam entrar empresa aqui, é podia ser dos Jesuítas né que catavam os minérios e eles transportavam podia ser também, mas dizer que só eram ouro. Ah eu acho que não! (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

Durante os diálogos de muitos conhecimentos e partilhas de sabedorias nas rodas de conversas os anciões Seu B. E. de M. e Dona C. de A. M, relata sobre a existência do sujeito que veio morrer nas águas do Rio Pardo que deram origem ao nome da cachoeira e da comunidade quilombola:

B. E – Meu pai não falava nada a respeito disso, meu pai morreu com 82 anos ele não falava nada desse negócio que João Surá foi formado por essa pessoa, ele só falava que era uma pessoa normal que estava passando lá no rio e daí virou a canoa lá e acabou morrendo, mas o que ele estava fazendo não explicava, então como o pessoal dos antigos colocavam nome em tudo quanter coisa daí ponharam o nome daquela cachoeira de João Surá né. A cachoeira onde ele morreu! Daí depois que o pessoal foi aparecendo mais gente que foram tendo conhecimento colocaram o nome do lugar de João Surá daí.

E ao questioná-los sobre a existência do garimpeiro francês o Seu B. E. de M e Dona C. de A, afirma:

B. E/ C. de A -Essa história de garimpeiro ninguém falou nada, é uma versão nova que a turma inventaram, meu pai falava que era uma pessoa, uma das história que eu vou te contar para você ter uma ideia: lá naquela cachoeira que o homem morreu, nessa cachoeira morreu um tal de Ernesto Peniche que é o irmão do Senhor Silvestre vindo de Iporanga levar porco para vender, de primeiro não tinha caminho era só por dentro das águas o caminho deles eram o rio né, aí ele estava indo para Iporanga pra levar porco para entregar lá, ele era safresco⁵ meu pai com o Sr Silvestre eram safresco, daí ele foi, e mandou o camarada dele levar porco em Iporanga e entregar lá no mercado de Iporanga e daí trazer mercadorias para ele de lá, aí esse Ernesto Peniche e o Ditão, então esse Ditão estava junto na canoa e daí no passar a cachoeira lá, aquela cachoeira do João Surá é o seguinte passa aqui pela corredeira por cá aqui, e daí vinha aqui onde tem um cordão que ele vai reto aqui, quando está cheio o rio que é bom ir lá para ver, daí o cordão vem reto aqui, daí a água vem e bate em uma pedreira formando o tipo de uma maré, ela vai e volta e na hora de passar com a canoa, não era qualquer hora, você chegava lá e parava e ficava esperando, quando a maré abaixava daí passava a canoa normal e se passasse com a maré alto forte assim ela levava a canoa no meio da pedreira, igual que aconteceu com o homem, matou porco e esse homem que não sabia nadar morreu na água né, Ernesto Peniche! No mesmo lugar que morreu esse João Surá e na mesma cachoeira, daí esse Ditão que sabia nadar saiu para a terra e viu o colega dele sumindo nas águas e não podia fazer nada, daí poderia ter ponhado o nome da cachoeira de Ernesto Peniche, mas esse João Surá morreu

⁵ De acordo com os anciões safresco são pessoas que trabalham na roça com plantações de milho, criações de porcos entre outros...

antes era dos mais antigos foi passar lá e acabou morrendo na água (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

A partir das histórias esplanadas pelas narrativas dos anciões sobre a identidade do sujeito que deu origem ao nome da cachoeira e da comunidade quilombola, Dona C. de A conclui que “ele era viajante! Que entregava as coisas assim pra gente, tipo vendedor”. Podemos perceber que tanto a fonte escrita quanto a oral possuem uma ligação entre si, e que ambas formam a peça fundamental que deram a origem ao nome do quilombo de João Surá. Nesse processo desconstrutivo com base nas premissas aos relatos escritos e orais a escritora Chimmanda Adichie (2019) nos alerta sobre os devidos cuidados com “*Os perigos de uma história única*”, a qual afirma:

Todas essas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A "única história cria estereótipos". E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas que eles sejam incompletos. E eles fazem uma história tornar-se a única história. E quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (p.20).

E que ao afirmar a submissão de uma única história é submeter na consciência do colonizador, contribuindo para que ocorra o silenciamento, a opressão e os apagamentos das histórias constituídos de memórias e saberes ancestrais, ocasionando nas amarras de um único modelo de “ser e saber”. Pois ainda antes da vinda do garimpeiro a se aventurar nas confluências do Rio Pardo, a existência das famílias indígenas e negras africanas escravizadas, já haviam se instalado vínculos no território e constituídos laços de amizade entre si, e mesmo com a desbravura e coragem do garimpeiro em teimar com os fenômenos da natureza em fazer a travessia, que exigia muito conhecimento, paciência e habilidade não foi forte o suficiente acabando sendo surrado pelas águas e correntezas que deságuam no Rio Pardo, rito de passagem entre rio e correntezas que são muito conhecido em seu trajeto pelo o quilombola Seu Sebastião Andrade, que explica:

Os rios que cortam o Vale do Ribeira são tão tortuosos que na comunidade de João Surá, dizem, seus cursos foram traçados pelo bêbado nos tempos da Criação. Ele teria sido o único a ter coragem de seguir o conselho de Cristo, abrindo, assim, o caminho das águas. Até então, dizem, as águas permaneciam represadas. A cada balanço no caminhar do bêbado fez-se uma curva dos rios; a cada tombo, uma corredeira. (Entrevista com Sebastião Andrade, Comunidade Remanescente de Quilombo João Surá). (p.41).

E mesmo que ainda a comunidade quilombola seja adepta a história na versão escrita, existem manifestações e vestígios da história oral presentes nos moradores quilombolas que enfrentam muitos desafios sejam no tempo ou no espaço para se manterem vivos os seus saberes ancestrais. Que de acordo com autor Luiz Rufino (2021) para os oprimidos da história é necessário “Desaprender do cânone” o qual enfatiza:

Desaprender do cânone é um passa-pé na política que investiu massivamente na captura dos sentidos, linguagens, memórias, e dignidade existencial, produzindo o esquecimento da diversidade de vivências para fazer vigorar um modelo único de ser e saber. (p.20).

E a partir que ocorre o ato de “Desaprender” para reaprender traz a necessidade dos desates dos nós impostos pelo colonialismo no “único modelo de ser e saber” criando possibilidades diversas com base na preservação do fortalecimento cultural e ancestral, na construção do conhecimento e reconhecimento da identidade de um povo local.

E para darmos visibilidade às comunidades que compõem as divisões do núcleo de João Surá, apresento as constituições da Comunidade Quilombola de Guaracuí e do Poço Grande.

A comunidade Quilombola de Guaracuí está localizado dentro do território quilombola de João Surá aproximadamente 5 km da sede, que faz parte de um dos núcleos que compõem a formação da comunidade, atualmente segundo o Censo 2022, o quilombo vizinho é formado por 18 famílias composta por 56 habitantes sendo 23 homens e 33 mulheres que se residem no local, o quilombo de Guaracuí obteve a sua origem a partir dos negros africanos refugiados oriundos das Minas de Ouro de Apiaí SP, constituindo laços parentescos com os habitantes residentes na Comunidade Quilombola de João Surá e Poço Grande, que segundo a quilombola e anciã Dona M. L. de M. A de 61 anos de idade, afirma essas relações parental e a ligação entre as comunidades quilombolas vizinhas:

É que a gente ia daqui, e toda a vida a gente ia lá no João Surá né, lá eram o ponto de encontro das festas, e lá todas as coisas aqui do Guaracuí a gente ia lá pro João Surá, e até hoje é assim, daí acontecia dos encontros, nos bailes, nas festas essas coisas, e tinham as rezas nas casas também né, era o ano inteiro aí fazia um festão eles vinham pra cá e nós íamos pra lá e assim acontecia os encontros. E sempre que acontece as rezas do ano começa de São Sebastião que é dia 20 de janeiro e daí vai indo o Senhor Bom Jesus dos Passos eram lá nos Militão na quaresma, nas vias sacras, na igreja a gente aí e as recomendação das almas naquele tempo eram assim que nós fomos nos conhecendo. (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

Com base na oralidade da anciã Dona M. L. de M podemos perceber que a conexão e influência da religiosidade está ligada nesse processo de deslocamento entre os moradores de uma comunidade com a outra, proporcionando a interação social entre os grupos de fiéis em momentos de festa e devoção, e ao mesmo tempo criando vínculos e constituindo famílias no território entre a Comunidade Quilombola de Guaracuí e comunidades quilombolas de núcleos vizinhos. Entretanto um elemento imprescindível está na caracterização do nome “Guaracuí” que se deu origem ao nome da comunidade quilombola, que trazemos como referência as narrativas da família Andrade de Matos que reside no território há mais de 83 anos, que destaca:

Na barca desse riozinho aí tinha do outro lado do rio uma árvore do Guaracuí⁶, tinha a área dela lá, tinha uma grandona do tempo que eu era criança só que eles não aproveitaram porque, tinham umas tocernas assim que se caísse caíam nas águas, antigamente tinham bastante, mas ainda tem alguns por lá árvores do Guaracuí. Aqui tinha bastante gente, aí esses caras pegavam e colhiam feijão, e levavam lá que era o Porto de Joaquim Zabé, Ramos lá o pai da Dona Joana, então era o embarque aí era tudo quanto quer coisa o povo levava lá, o pessoal levava, milho, feijão, acho que arroz também né, porco e galinha, esses pessoal daqui levavam lá, oh, o caminho passava por aqui por baixo onde tem esse carreiro aí, e daí eles levavam lá compravam e traziam de canoas, eram o Porto de embarque e desembarque, daí originou o nome de Guaracuí por causa dos Guaracuí lá e colocou o nome do rio e bairro por causa da árvore. (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

Em diálogo com a família Andrade de Matos percebe-se que o nome da comunidade se originou devido a espécie de uma árvore do Guaracuí muito comum nesta localidade do território, passando a dar origem ao nome do rio e comunidade, outro ponto importante está no número de habitantes quilombolas, que na quantidade de família existente ainda se constitui na comunidade, mas o índice de habitantes por famílias vem diminuindo atualmente.

A Comunidade Quilombola de Poço Grande é a última comunidade vizinha na divisão entre os núcleos de João Surá, localizado a 5 km da sede no território quilombola, de acordo com o Censo 2022 a comunidade é constituído por 14 famílias e 41 pessoas habitantes sendo 24 homens e 17 mulheres residentes na comunidade, a formação da comunidade se deu com as vindas dos negros escravizados e oriundos das Minas de Ouro de Apiaí SP ao Vale do Ribeira, formando várias povoações, criando vínculos e laços familiares com as comunidades vizinhas de João Surá e Guaracuí.

⁶ É uma palavra indígena que define uma árvore de grande porte o mesmo que bracuí. Foi considerado símbolo da Colônia Japonesa de Registro (SP) com as chegadas dos primeiros imigrantes japoneses no Vale do Ribeira. Ver mais em: www.ovaledoribeira.com.br/2019/10/o-gracui-simbolo-da-cidade-de-registro-sp.html.

Uma característica elementar que chamou a atenção foi o nome “Poço Grande” nomeado a comunidade quilombola, que como referência abordamos a narrativa e partilhas de experiências do morador que se reside há 60 anos no território, o quilombola de 60 anos de idade o Sr D. de F. M, que explica sobre a denominação e origem do quilombo que recebeu o nome de Poço Grande:

D. de F -Aqui era a família dos Florindo na verdade, era Pedro Florindo de Freitas era meu avô, Pedro Florindo de Freitas era meu avô, ele morava na beirada do rio aí esse ribeirão aqui ficou nome de Poço Grande por causa de uma cachoeira e de um tipo um poço que tem aqui no Rio Pardo sabe?! Então aí deu o nome desse lugar aqui de Poço Grande, e aqui eram tudo dele Pedro Florindo de Freitas sabe ?!, Ele mexia com roça, criava porco e essas coisas né, então ele tinha as filhas dele a família né, filhas e filhos, e aonde que foi cada filha dele que casou pegou um pedaço de terra né, porque era muito grande na época a propriedade que ele tomava conta né, então cada filha que casou pegou um pedaço.

Renan Rodrigues – E as práticas religiosas aqui na comunidade tinham também?

D. de F - De primeiro você vinha aqui nesse carreiro olha, esses pessoal faziam bailinhos aqui né, nossa enchia a sala só dos pessoal daqui, e quando vinham gente do João Surá, que de primeira saia muitos bailes aqui, eram romarias que saiam muito aqui, tinha muita reza, terço que eles faziam né, aqui tinha o Doriquinho que morava aqui pra frente todo o dia 12 do mês de outubro de todo ano fazia biju, pastel, bolo, apressada, paçoca de amendoim aquela comidoria que realizava todo o dia 12, as festas de santos tinham vários a bandeira do divino até hoje ainda passa mais de primeira era mais animado, eles faziam romarias cada casa que chegava, tinha vez que chegava dançar romaria aqui hoje à noite, outra noite era na casa do vizinho ali saia até três em seguida assim sabe?! E as Devoções dos santos era a Nossa Senhora Aparecida, Sagrado Coração de Jesus e a Recomendação das Almas com a chegada da quaresma era a noite inteira, eles começavam lá de cima, passavam e iam amanhecer aqui, aqui era o lugar que mais recomendava mais que lá embaixo, meu pai mesmo era capelão de recomendação, meu pai era um deles um mestre, que nem a romaria né tem o mestre, de Romaria meu pai não era, de recomendação ele era mestre e o pessoal acompanhavam ele, era bonito que era, aí nós estávamos dormindo aí ficávamos esperando daqui a pouco as pessoas chegavam girando a matraca. (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

Em relação à narrativa do quilombola Sr D. de F. M, podemos perceber que as práticas religiosas eram um marco em tempo de devoção no quilombo de Poço Grande reunindo fiéis de comunidades vizinhas, proporcionando socialização e interações entre grupos de familiares e constituindo ligações parental. Percebe-se que o índice de família de antigamente era aproximadamente de 8 famílias constituídos por 50 habitantes no território quilombola, que de acordo com o último Censo disponibilizado no ano de 2022 houve um aumento significativo de famílias residentes no local, devido os casamentos entre os moradores quilombolas, mas porém

o número de habitantes por famílias com os falecimentos dos anciões vem diminuindo drasticamente de acordo com o tempo.

As bases econômicas geradas entre os moradores das comunidades quilombolas subsidiam em vários meios de subsistência, em artesãos, agricultura, extrativismo, educação, saúde e por alguns vínculos empregatícios pela empresa Chilena Arauco Forest Brasil S/A.

As artesãs quilombolas na comunidade há muito tempo vem carregando esse ofício nas confecções artesanais de pilões, peneiras, esteiras, artesanatos de barro e corte e costura, ensinamento deixado em forma de herança ancestral pelos antepassados, que no ato de trançar traz a costura e sutura composta na união e ligação entre os moradores da comunidade, no fortalecimento das suas raízes no solo do território quilombola.

FIGURA 1: PRODUTO ARTESANAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.



FONTE: Artesã Lili Aparecida- Confecção de Esteiras. Ano (2023).

Produções artesanais que trazem como referência o relato da quilombola e artesã de 44 anos de idade, Dona L. A. de A. de L. F, sobre o fortalecimento dos artesãos e dos saberes ancestrais na comunidade quilombola:

Renan Rodrigues- Enquanto artesã poderia descrever como aprendeu esse ofício?

L. A- Aprendi a fazer esteira com a minha mãe Luiza Andrade de Lima de 87 anos de idade, pois antes a gente não tinha colchão e só dormia em esteira de taboa.

Renan Rodrigues- Qual a importância do fortalecimento dos artesãos e dos saberes ancestrais na comunidade quilombola de João Surá?

L. A -No meu ponto de vista eu acho que é uma prática que não podemos deixar que se acabe pois é um trabalho muito importante que vem de muitos anos atrás, prática que hoje em dia poucas pessoas fazem.

Renan Rodrigues- Os produtos artesanais confeccionados na comunidade quilombola é vendido apenas no território ou vende para outras localidades também?

L. A- Os produtos artesanais confeccionados são vendidos na comunidade mesmo e fora da comunidade também (Entrevista realizada dia 08 de janeiro de 2023).

As práticas de produções alimentícias no território quilombola, trazem enquanto opção uma forma de fonte de renda autônoma ou complementação salarial nos meios familiares, que podemos destacar alguns dos produtos caseiros produzidos pelos moradores quilombolas sendo: a cachaça artesanal, rapaduras, taiadas, doce de laranja, melado de cana, farinha de mandioca, pães caseiros, apressadas, paçoca de amendoim, entre outras opções de diversas variedades.

FIGURA 2: PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.



FONTE: Arquivo pessoal - Exposições dos produtos alimentícios na 1ª Feira de Troca de Sementes e Saberes Quilombolas. Ano (2022).

Nas relações econômicas com as primeiras instalações no território quilombola a agricultura cumpre uma função essencial, que através das produções de roças pelos trabalhadores do campo quilombolas, há tempos traz os seus sustentos e a viabilização na renda familiar entre os moradores no quilombo, que segundo ANDRADE & TATTO (2013), traz as conexões do trabalho agrícola com o território:

As roças são, desde as primeiras ocupações quilombolas no Vale do Ribeira, vetores de dispersão territorial e imprimem um modelo de ocupação baseado nas capovas [ou capoavas ou capuavas]. As capoavas são áreas de plantio geralmente afastadas do espaço de moradia, definidas pela sua potencialidade agrícola. Nestes espaços as famílias constroem paióis e abrigos, com tarimbas,

para guardar os alimentos da roça e para pousar. Quando é tempo de trabalho na roça, chegam a ficar dias ou semanas, dividindo seu tempo entre a casa e capova. Os núcleos de ocupação dentro dos territórios começaram assim, com a fixação de famílias na capova e, com o tempo e a ampliação da família as casas foram sendo construídas no entorno (ANDRADE & TATTO, 2013, p. 35).

Para as formações das roças antes dos plantios eram muito comuns o uso e manejo da coivara que de acordo com o “*Dossiê Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira*” (2017), relata sobre as relações da “roça de coivara” e pousio período que o solo fica em repouso para o seu fortalecimento e após esse respeito com a terra é realizado a sua retomada com o plantio:

As roças são feitas em clareiras abertas na floresta ou capoeira por meio de derrubada e uso do fogo, e após 3 a 5 anos de cultivo são deixadas em pousio. O tempo de pousio varia, mas é sempre maior que o tempo de cultivo. Durante o tempo de pousio, a área pode continuar sendo manejada ou ser abandonada. O cultivo é retomado quando a área apresenta vegetação lenhosa, ou seja, não antes de 7 a 10 anos. Antes desse período, a roça apresenta resultados insatisfatórios. (p.23).

Resultados insatisfatórios presentes não só no ato de não esperar o processo de regeneração do solo, mas também é preciso respeitar o período de plantio de acordo com os saberes ancestrais conduzidos no território, que fica nítido as conduções desses saberes nas narrativas da quilombola e anciã de 87 anos de idade Dona Â. P. G nos momentos de manejo na plantação:

Mês de janeiro, dezembro, outubro e setembro, esses que são os meses certos de plantar arroz, o feijão é fevereiro e março, o mês de abril é muito tarde para plantar feijão ele não dá muito bem, por causa do frio né, por causa da geada do frio. (Entrevista realizada dia 29 de janeiro de 2023).

Os trabalhadores do campo quilombola conta com uma área entre 10 a 50 hectares espalhados no território em pequenas produções de roça que vivem da sua força de trabalho braçal, obtém os seus sustentos, comercializam uma parte da produção e deixam um pouco das plantações para a base de troca. Nas plantações é muito comum o cultivo nas produções de arroz, feijão, mandioca, milho entre outras produções agrícolas realizadas na comunidade. As relações comerciais eram realizadas por atravessadores, que ficam visíveis nas narrativas conduzidas pela quilombola de 27 anos de idade, C. F. G. P com os meios comerciais de atravessamento no território:

Então as famílias elas se organizam na associação para poder fazer essas vendas e também fazem umas vendas para mercados e atravessadores então ela tem aí a importância principalmente como uma grande geradora de renda para as famílias. A partir da produção que a gente tem aqui a gente consegue manter então a nossa soberania alimentar, nutricional, então tanto pros moradores enquanto também pros alunos da escola e para as outras escolas aqui do município como é o caso do Porto Novo, a comercialização antes eram feitos por atravessadores né no caso mamão, feijão, o arroz mesmo alguns eram vendidos na cidade como era o caso da cidade de Iporanga, o pessoal fazia muita troca entre os quilombos e principalmente da Praia Grande e dos quilombos daqui da Barra do Turvo, então mais hoje em dia a gente tem feito a escolha de fazer mais para os projetos do governo porque são esses projetos que garante uma rentabilidade maior sobre o preço dos produtos então por exemplo, e também feito a opção pela produção orgânica que é também tem um custo de benefício melhor pra gente e a longo prazo a gente tem percebido também que a rentabilidade do preço sobre o produto também é melhor, então a gente tem feito essa escolha, também temos estabelecidos parcerias com outras associações quilombolas que é o caso da Comunidade Quilombola do Córrego das Moças onde a gente consegue reunir uma quantidade de produção maior do que a gente tem aqui e conseguido fazer os escoamentos dessa produção das escolas, então ao longo desse processo a gente conseguiu também é estruturar as nossas associações (Entrevista realizada dia 24 de janeiro de 2023).

Estruturação que com a implementação dos projetos da PNAE (Programa Nacional da Alimentação Escolar) ou do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) em parcerias com as comunidades quilombolas vizinhas pode viabilizar uma fonte de renda contemplando ao todo 20 famílias quilombolas, dos quais vendem as suas produções aos projetos do governo e são distribuídas às escolas Estaduais do município sendo o Colégio Estadual Santa Bárbara localizado na sede, nos bairros os Colégios Estaduais do Campo Selbmann, Porto Novo e no quilombo o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, é notório que entre essas parcerias de escolas e trabalhadores do campo quilombolas, contribuem no fortalecimento da educação nas ações comunitárias e no desenvolvimento social humano, que conforme o Projeto Político Pedagógico (2022), a “*Educação Quilombola e Bem Viver Territorial*”, afirma:

A escola precisa atender o desafio de entender e apreender as riquezas do presente e desenhar futuros possíveis, para além da lógica “da cidade grande”, da lógica do consumo, do mercado. Uma escola que não dicotomize educação e vida, educação e trabalho, cidade e campo (p.60).

Seja elas escolas do campo ou quilombolas de setores públicos, tem a funcionalidade que a educação não deve ser vista como acabado, e que o ato de educar não acontece só no ambiente escolar, mas também na territorialidade, e é o nosso dever enquanto educadores inseridos no território, instigar o empoderamento dos estudantes para torná-los sujeitos do seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social, implementações que vem sendo

debatidas desde (2009) com a “*Proposta Pedagógica para Escolas Quilombolas da Rede Estadual do Paraná*”, a qual afirma:

A chave é atrelar trabalho, educação e desenvolvimento estruturando a escola na especificidade da comunidade, atendendo suas necessidades e descortinando um horizonte de possibilidades, a partir de suas potencialidades e riquezas, numa perspectiva de desenvolvimento local e sustentável que dialogue com os princípios da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. (p.42).

Mas para que esse movimento ocorra é fundamental conduzir os saberes partindo da realidade da comunidade, dos seus movimentos de lutas e histórias de vivências na formação da identidade e na resistência do povo negro no território. Fazendo-se prevalecer “uma perspectiva de interculturalidade onde o diálogo entre conhecimento quilombola e os conteúdos disciplinares potencializam o planejamento seguro do uso das riquezas territoriais orientadas à autonomia e ao bem viver.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2022, p. 66).

A partir dessas premissas mencionadas acima, destaco a Lei Nº 11.947 de 16 de junho de 2009, segundo o Art. 2º do inciso V dispõe as diretrizes sobre o atendimento da alimentação escolar:

V - O apoio ao desenvolvimento sustentável, com incentivos para a aquisição de gêneros alimentícios diversificados, produzidos em âmbito local e preferencialmente pela agricultura familiar e pelos empreendedores familiares rurais, priorizando as comunidades tradicionais indígenas e de remanescentes de quilombos;

Com base ao desenvolvimento sustentável vale aqui destacar o Art. 14º que dispõem a finalidade aos recursos financeiros:

Art. 14 - Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, 2009).

Percebe-se que o Art. 2º quanto o Art. 14º trazem a obrigatoriedade de uma alimentação escolar diferenciada aos estudantes de escolas quilombolas quanto as escolas que atendem estudantes quilombolas e remanescentes de comunidade negra tradicional, ofertando remessas de produtos vindos dos trabalhadores rurais quilombolas produzidos na comunidade. Com a finalidade de aumentar as produções e a rentabilidade dos agricultores, muitas alianças entre

cooperativas e trabalhadores foram necessárias, como afirma a quilombola C. G nas relações agrícolas no território quilombola:

A partir dessas organizações também muito dos nossos agricultores participam de diversas cooperativas a gente estabeleceu várias parcerias aí com a Rede ECOVIDA com a Rede de Orgânico, com as Rede de Produtores Orgânicos do Paraná e assim a gente constrói as alianças para que a gente garanta os meios da produção e também que a gente consiga a fazer a fertilidade do nosso solo e estabelecendo também formações com os agricultores entre outros processos que tem sido muito interessante. (Entrevista realizada dia 24 de janeiro de 2023).

Com as parcerias formadas para atender às grandes demandas os agricultores da Comunidade Quilombola do Córrego das Moças, se juntam na construção da horta comunitária, que em momentos específicos para a sua manutenção se organizam em mutirões para a preparação da terra, plantio, cuidado e colheita. Ciclo que se faz necessário para o fornecimento das produções aos moradores da comunidade, do município e dos Colégios Estaduais do Vale do Ribeira. Além dessas parcerias desenvolvidas, os trabalhadores da mesma comunidade desenvolveram o projeto “Colha e Pague” que recebe visitas de moradores de diversas localidades que vem prestigiar e adquirir os produtos da roça sem agrotóxicos.

Enquanto professor na comunidade quilombola pude analisar que desde o ano de 2019 acontece uma intensa migração de jovens quilombolas e de campo do território, as quais muitos terminam o Ensino Médio e se mudam para as regiões próximas da localidade, o caso da cidade de Curitiba PR e Itaoca SP, percebe que com as mudanças dos jovens para as grandes cidades, está nas relações de trabalhos, que muitos jovens não querem dar continuidade no clico em trabalhar na roça, por remeterem a vida sofrida de trabalho braçal enfrentando sol quente o dia todo, por essas visões transmitidas dentro do ambiente familiar muitos buscam outros meios de sobrevivência vendo as grandes cidades como uma porta de saída para encontrar o sucesso, sucesso que muitas vezes se transformam em desafios ou frustrações que podemos consultar nas escritas das rodas de conversas com os ex estudantes quilombolas da 3º Série do Ensino Médio, D. da S. R de 20 anos de idade e A. H. A. A de 18 anos de idade nas suas relações de trabalhos e migrações para as grandes cidades:

Renan Rodrigues- Enquanto juventude quilombola quais as suas visões em relação aos trabalhos na roça?

D. da S- O que eu aprendi trabalhando na roça, com meu pai principalmente, dos momentos em que ele me ensinou sobre as plantas, a terra, o clima, são ensinamentos que jamais me esquecerei. Do meu ponto de vista tudo isso é muito gratificante.

A. H - É bom o serviço na roça, mas não é algo que queremos pra vida toda. Acredito que para trabalhar na roça, teria que ser uma grande quantidade de produção de alimentos para dar uma boa renda.

Renan Rodrigues- Por que os jovens quilombolas hoje em dia não querem dar continuidade a esse ofício que por muito tempo serviu como renda familiar para muitos moradores no território?

D. da S- Acredito que os jovens queiram sim dar continuidade a isso, no entanto com o passar do tempo os trabalhos na roça diminuíram, são poucos os que possuem terra pra plantio, hoje em dia ficou mais difícil utilizar deste ofício pra gerar renda, seja pelo clima ruim, pela terra, entre outros fatores. acredito que atualmente está sendo melhor buscar outras formas de renda.

A. H - Acredito porque deseja um trabalho mais sossegado, não quer ter que lidar com lavoura ou com serviço pesado.

Renan Rodrigues- Quais desafios fez mudar-se do território quilombola para as grandes cidades?

D. da S- Como citei acima, os trabalhos diminuíram. Trabalhava por dia, e tinha vezes em que ficava dias sem trabalhar por falta de emprego, então decidi me arriscar na cidade pra conseguir um emprego bom e correr atrás do que quero.

A. H - A procura de emprego, na comunidade é muito limitada as oportunidades de serviços. Já nas cidades, são diversas opções. (Entrevista realizada dia 29 de janeiro de 2023).

Com a intensificação da migração da juventude do território quilombola aos êxitos urbanos, desde o ano de (2009) vem sendo discutido na “*Proposta Pedagógica para as Escolas Quilombolas da Rede Estadual do Paraná*”, processo de luta que ao longo dos anos vem se intensificando em forma de preocupações entre os moradores quilombolas, que fica nítido na passagem disposta ao Projeto Político Pedagógico ⁷do ano de (2022) da rede estadual de ensino do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a qual afirma:

O caminho para solução destes problemas está na própria dinâmica educativa dessas lutas em que diferentes sujeitos constroem práticas pedagógicas a partir de suas realidades sociais complexas e contraditórias que os caracterizam, mas não os homogeneízam. Desta forma, povos tradicionais, pequenos agricultores familiares, submetidos de formas diferenciadas de opressão (LEITE, 2000), sendo levados a traçarem estratégias de luta, se contrapondo aos latifundiários, ao modelo de Estado autoritário atrelado aos interesses dos grandes proprietários e ao Agronegócio, o que inclui também um modelo de escola que nesta dinâmica reproduz esta opressão. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2022, p. 58).

Modelo de instituição voltadas às práticas de ensino ao empreendedorismo a base da hierarquia social, que estamos internalizados em formar estudantes em verdadeiras máquinas de produção, para atuarem nas grandes cidades no mundo empresarial. Que de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2022) essas ações acabam resultando “a um processo de

⁷ A última atualização da Proposta Pedagógica foi realizada no ano de 2021.

desenraizamento cultural que culmina no inchaço dos centros urbanos em que desemprego, violência, marginalidade, entre outros problemas, passam a ser a norma cotidiana.” (p.58).

Com os deslocamentos dos jovens para as grandes cidades, fica-nos uma preocupação com o futuro da comunidade que os jovens são os fortalecimentos dos movimentos sociais de lutas, na re-existência da opressão no território, na preservação as práticas religiosas e principalmente nas transmissões dos saberes ancestrais as futuras gerações. Que pensando nessas relações para o fortalecimento e permanência da juventude no território, os moradores quilombolas em parceria com a prefeitura do município de Adrianópolis a Secretaria de Turismo e Cultura, estão em conjunto com o Projeto de Turismo a Base Comunitária que oferece curso de guia turístico aos moradores quilombolas, que irão viabilizar uma fonte de renda para a juventude e moradores locais com as visitas da população nos pontos turísticos da comunidade.

No ramo educacional do Paraná, com os levantamentos das comunidades quilombolas podemos perceber na identificação de dois projetos distintos entre os anos 2002 e 2003 pela Prof.a Clemilda Santiago Neto técnica pedagógica da SEED-PR e outro realizado pelo (GTCM) Grupo de Trabalho Clóvis Moura (2005), projetos que reivindicavam políticas públicas às comunidades quilombolas como também a inclusão quilombola na agenda governamental, nas quais com os levantamentos das comunidades quilombolas contribuíram significativamente para as estratégias e viabilização da população negra na inserção da Lei 10.639/03, que pelas insistentes lutas das comunidades quilombolas e associações de moradores em 2009 foram contemplados duas escolas estaduais quilombolas, sendo o Colégio Estadual Maria Joana Ferreira Ensino Fundamental, que em 2013 a instituição passou a ofertar a modalidade do Ensino Médio localizado no município de Palmas- PR e o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos Ensino Fundamental e Médio localizado no município de Adrianópolis-PR na Comunidade Quilombola de João Surá.

Com as implementações dos colégios estaduais quilombolas, especialmente o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a SEED-PR Secretaria do Estado da Educação, da Área Metropolitana Norte, todo final de ano torna a público a abertura do edital do Processo Seletivo Simplificado -PSS para as inscrições e contratações em regime especial para as funções de Professor, Professor Pedagogo e Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais- TILS, mesmo movimento que acontece para as contratações nos cargos terceirizados sendo: Assistente Administrativo, Agente Educacional I e II e Auxiliar de Serviços Gerais, para a atuação na rede pública de ensino estadual. Desde o ano de 2021 para a contratação de Professor e Professor Pedagogo a SEED-PR passou a exigir no edital a realização da prova como um dos

requisitos para a contabilização de pontos para a classificação final, sendo necessário pagar a taxa de inscrição e esperar pela SEED-PR na disponibilização do dia, local e hora em Curitiba -PR para a realização da prova. Após realização da prova é disponibilizado via edital a classificação temporária e final para fins de admissão dos funcionários públicos.

Modelo de contratação de funcionários públicos completamente excludente, que há anos a APP-Sindicato ⁸vem lutando contra essas opressões realizadas aos professores e pedagogos na rede pública de ensino.

Cabe aqui destacar que essa implementação da prova como requisito no edital para a contratação de Professor e Professor Pedagogo passou a vigorar nas Escolas de Campo e Sede, para as escolas quilombolas não obteve sucesso devido o documento de amparo e obrigatoriedade como requisito da implementação da Carta de Anuência expedida pela Associação de Moradores da comunidade quilombola na escolha do funcionário público a ocupar o referido cargo, diante dessa situação a SEED-PR se vê pressionada e obrigada a elaborar um edital específico as comunidades quilombolas para as contratações dos funcionários públicos diante das escolhas da comunidade em coletividade. A partir disso o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos disponibiliza vagas para os cargos temporários PSS (Processo Seletivo Simplificado) sendo: 11 vagas ocupadas para cargos de professores, das quais 06 vagas são ocupadas por professoras quilombolas de João Surá, 01 vaga ocupada pela professora residente na Comunidade de Mamonas, 01 vaga ocupada pelo professor quilombola da Comunidade Quilombola Córrego das Moças, 03 Vagas ocupadas pelas/os professoras/es vindo do município de Adrianópolis, a qual uma professora reside no território quilombola, uma é efetiva na rede e outro professor vem do Bairro Vila Mota, 02 vagas no cargo de Pedagogo, que são ocupadas por um professor -pedagogo quilombola de João Surá e uma professora- pedagoga vinda do município de Adrianópolis Bairro Porto Novo, 01 vaga no cargo de Direção Escolar ocupado por uma professora quilombola de João Surá, 04 vagas terceirizadas nos cargos sendo: 01 vaga de Secretária Escolar ocupada por quilombola de João Surá, 01 vaga de Agente I no cargo de Chefe de Cozinha ocupada pela quilombola de João Surá, 02 vagas de Agentes II em Serviços Gerais ocupados por quilombolas de João Surá e 02 vagas no cargo de Motorista Escolar, ocupado por 01 motorista quilombola de João Surá e 01 motorista vindo do município de Adrianópolis PR, da Comunidade Quilombola de Porto Velho.

⁸ Assembleia Legislativa publica a Lei 2.498, reconhece oficialmente a APP-Sindicato desde a sua criação no ano de 1955 como representante dos trabalhadores (as) da Educação.

Geração de renda que através do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos se faz muito presente na comunidade entre os moradores e funcionários públicos quilombolas, que além do Colégio Estadual a Escola Municipal do Campo João Surá, disponibiliza 03 vagas sendo ocupados, 01 vaga pela Professora quilombola de João Surá efetiva na rede, 01 vaga pelo Chefe de Cozinha quilombola de João Surá efetivo na rede e outra 01 vaga no cargo de Estagiário ocupado por um estudante quilombola de João Surá cursante da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Fonte de renda, a qual o quilombola e estudante de 18 anos de idade M. H. M. L, que ocupa o cargo na função de Estagiário regente na Escola municipal, descreve a importância dessa geração de emprego para a juventude no território quilombola:

Pra mim foi muito bom trabalhar na escolinha, porque, aquela vergonha que eu tinha antigamente, foi sumindo aos poucos ajuda também às crianças a interagir mais com os alunos do outro colégio, e não ter medo deles por serem mais grandes. E pra mim esse serviço de estagiário foi muito importante, porque por estar estudando os jovens já começa a ter uma ajuda no mercado, e a ter uma renda própria deles, e poder também ajudar a família e comprar algo que sempre gostou. E esse serviço também ajuda muito na forma de renda da nossa comunidade. (Entrevista realizada dia 30 de dezembro de 2022).

A instituição do Posto de Saúde João Surá também faz a sua contribuição com a geração de renda no quilombo, ofertando apenas 01 vaga no cargo de Agente Comunitário ocupada pela quilombola de João Surá efetiva na rede e 01 Vaga no cargo de Motorista do carro da saúde, ocupado por quilombola de João Surá, nas quais os outros cargos sendo de Médico, Dentista e Enfermeiro Padrão vem alocados da Unidade de Saúde Olímpio Gonçalves no município de Adrianópolis, toda quinta-feira para fazer seus atendimentos aos enfermos da comunidade quilombola de João Surá e comunidade quilombolas vizinhas da Praia do Peixe, Guaracuí e Poço Grande.

A empresa Chilena Arauco Forest Brasil S/A enquanto propriedade privada e exploradora dos recursos naturais do solo no território quilombola com as plantações de pinus, disponibiliza 03 vagas ocupadas por moradores quilombola de João Surá e Poço Grande nos cargos de: 01 vaga de Motorista- encarregado e 02 vagas na roçada, enquanto outras comunidades negras tradicionais remanescentes de quilombo no caso a comunidade de Mamonas também traz 03 vínculos empregatícios com a empresa nessas localidades, podemos perceber que a empresa transmite a opressão territorial, mas por um lado movimenta os meios de renda para os sustentos financeiros de algumas famílias das comunidades quilombolas e remanescentes de quilombos.

Com as vindas das famílias dos negros escravizados nas localidades do território que se deu origem ao quilombo João Surá, as crenças religiosas adaptas a um Catolicismo Popular e predominante na comunidade, trazem uma forte conexão e transmissão dos saberes ancestrais entre os moradores quilombolas, conduzidas de fé e devoções as práticas religiosas das Recomendação das Almas, Romaria de São Gonçalo e a Bandeira do Divino, raízes negras ancestrais conduzidas de ensinamentos e práticas guiadas aos usos de ervas medicinais, benzimentos, simpatias e datas festivas em celebrações aos santos contendo promessas, crenças e ritos. Ensinamentos conduzidos pelos anciões passados de uma geração para outra no fortalecimento aos saberes ancestrais no território quilombola.

Um das preocupações relatadas pelos moradores quilombolas foi em relação à preservação nas conduções as práticas religiosas no quilombo de João Surá, que com as saídas dos jovens do território, alguns dos moradores quilombolas que eram da linha de frente nas conduções as práticas religiosas das Recomendação das Almas, Romaria de São Gonçalo e da Bandeira do Divino, atualmente tem se convertidos a cristão e posteriormente frequentados igrejas Evangélicas, como Assembleias de Deus e Congregação Cristã no Brasil. Que podemos destacar na entrevista realizada com a quilombola de 79 anos de idade, a anciã Dona S. A. C e seu esposo quilombola de 75 anos de idade o ancião Seu V. A. M, que relata sobre as suas passagens de Catolicismo Popular para Evangélicos:

S. A – Eu ia na Deus de Amor né, eu trabalhava na igreja, eu era católica, você pensou?! Eu nasci e me criei na religião católica da minha família tudo católica né, eu nasci fui criada, fui batizada, fui crismada tudo na católica, e aí depois o chamado foi de Deus né não foi meu o chamado foi de Deus para eu mudar para a outra chamada dele, ele me chamou, e eu segui o chamado dele e aí que transformou a minha vida e sou evangélica né graças a Deus!

Renan Rodrigues- A senhora participava também das Recomendação das Almas, Romaria de São Gonçalo e da Bandeira do Divino?

S. A- Sim de tudo! De tudo! Eu participei, eu era catequista aqui preparava as crianças aqui para a primeira comunhão, de tudo ensinei de tudo aqui, se nem imagina aqui no João Surá eu trabalhei muito, aqui pra Deus eu tenho bastante testemunho para mim dar do que eu fiz e continuo fazendo a um Deus só.

Renan Rodrigues- E quanto tempo a senhora frequentou a igreja católica?

S. A- A igreja católica? Na igreja católica eu fiquei até uns trinta e poucos anos, uns trinta anos, é hoje eu estou com quase 80 anos, com 79 caminhando para os 80 anos né, mais ali até os trinta e pouco eu sempre fui católica meus filhos são tudo batizado na igreja católica né, para você ver meu filho mais velho hoje é mais velho que você, digo você porque você tem idade para ser meu filho, meu neto (risos...), ele tem entre 54 pra 55 anos ele foi batizado crismado, fizeram a primeira comunhão fizeram de tudo os meus três filhos, a minha caçula tem 43 pra 44 anos ela foi e seguiu tudo, até quando Deus quis, para você ver quanto tempo eu segui até uns 35 para 40 anos eu era católica, aí depois passei para a evangélica e fui seguindo é quase os mesmo ritmo,

porque Jesus não muda, ele é o mesmo né, ontem, hoje e sempre né. Então a gente mudei seguiu o chamado de Deus.

V. A- Os modos da evangelizar são diferentes né.

S. A- Aí são oque? As doutrinas né! Ser evangélica você muda a doutrina, a doutrina que vocês seguem no catolicismo vez de seguir aquela você segue uma doutrina mais firme, mais sincera vamos dizer, que o católico ele brinca, o católico pode dizer você vai na igreja participa dos cultos religiosos da igreja aí você sai de lá fora da igreja você pensa só lá, nem todos! Tem uns que são ali firmes né que eu sei, mas tem muitos que é católico só lá dentro da igreja.

V. A- Então se eu sou crente e outro católico eu vou questionar quem é da católica?! Não cada um é cada um!

Renan Rodrigues- O Seu V. A sempre participou das práticas religiosas da católica?

V. A- Eu toda vida eu participei, agora eu sou da Congregação, eu era ministro da carestia depois que eu tive na igreja que era ministro eu me sentia bem, depois que eu passei pra evangélica eu me senti mais melhor pra mim porque o aviso que eu tinha na católica antes de Deus eu sempre tive só que a gente não sabe né, mais toda a vida tive o aviso de Deus eu sempre tive é a mesma coisa agora né Deus dá muita coisa pra gente mas ele dá aviso pra gente, e o aviso é só a gente compreende das coisas certinho que você segue muita coisa boa, porque Deus avisa a gente. Avisa!

Renan Rodrigues- E o senhor frequentou quanto tempo na igreja católica? E participou quanto tempo das práticas religiosas?

V. A- Na verdade fiquei 72 anos, estou com 75 anos faz 2 anos de congregação, então é 72 anos.

S. A/ V. A – Eu sou assim oh, se na semana da quaresma, a pessoa vem e me chama “oh vim te convidar você para participar da recomendação” se eu estiver bem eu vou, se é aqui na comunidade ou ali na cruz das almas, a gente vai, e outra também se pensa que nós não rezamos dentro da nossa casa, nós oramos somos crentes oramos e rezamos a nossa oração e também fazemos terço dentro da nossa casa, nós rezamos eu com o Vitor né bem?

V. A- Aham!

S. A- Nós rezamos o terço, os evangélicos sabem disso nós falamos, mais com que a permissão do senhor é conosco. Entendeu?! Nós buscamos pra nós!

V. A- E nós não podemos deixar de tudo né?!

S. A- E nós pedimos pros outros também!

Renan Rodrigues – E os terços que a senhora reza quais são?

S. A/ V. A- Jesus misericordioso, eu e ele nós rezamos o terço da misericórdia. (Entrevista realizada dia 07 de janeiro de 2023).

Com as conversões religiosas dos moradores quilombolas percebe-se a desestabilização das relações as práticas ancestrais no território, que com a vinda da igreja nas localidades do Vale do Ribeira e se instalado na comunidade remanescente de quilombo, tendo influenciado moradores que há tempo faziam parte nas conduções as práticas religiosas a se converterem a evangélicos e deixarem os seus ofícios conduzidos de fé e devoção. Mudanças que são percebidas e sentidas pelos mais velhos não só no quilombo de João Surá, mas também no caso das Comunidades Quilombolas de Abobral, Bombas, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara e São Pedro localizados no Estado de São Paulo, que sofrem interferências nas preservações as

práticas religiosas, que segundo os moradores quilombolas relatam no “*Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira*” (2013) às opressões territoriais:

Devido a entrada das igrejas evangélicas nos bairros rurais, cresceu o número de famílias que não participa da celebração. As casas deixam de ser visitadas pelas comitivas, interrompendo um fluxo de visitação que havia se estruturado ao longo de muitos anos. (p.39).

Em rela o “as casas deixam de ser visitadas pelas comitivas” traz como referência a prática religiosa da passagem da Bandeira do Divino que no território quilombola do Morro Seco “a bandeira não visita mais o bairro desde 1956, e l  a celebra o foi classificada como memória.” (ANDRADE & TATTO, 2013, p.39). Ofícios que não são adquiridos,   guiado por dom de cantadeiras, mestre, contramestre, capelão e tenor o qual o devoto já nasce com o dom para as condu es e realiza es nas práticas religiosas. Em conversa com Dona S. A e seu esposo Seu V. A pude perceber que mesmo tendo se convertidos de católicos para evangélicos não deixaram de executar e participar de algumas práticas religiosas no caso a Recomenda o das Almas e a Romaria de São Gonçalo, os mesmos são adeptos ao uso do terço da misericórdia em suas referidas ora es, e que ao ser questionado o porquê de ainda continuam realizando essas preces Seu V. A me responde com uma resposta emblemática: “E nós não podemos deixar de tudo n ?!” Esse ato mencionado pelo ancião em “deixar de tudo”, fica evidente a importância das práticas religiosas na forma o do sujeito, que ao renegar a sua história de crença a essas condu es de 72 anos em linha de frente nas práticas religiosas está negando os seus conhecimentos constituídos pelos saberes ancestrais e a sua forma o da identidade negra debilitando as suas raízes na conexão com solo no território quilombola.

1.3 O trabalho no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Com referências as oralidades dos anciões, o processo histórico da Educa o Escolar Quilombola no território se desenvolveu aproximadamente no ano de 1920, na cria o da escola na modalidade multisseriada com sua área de percurso de difícil acesso. Com tantas negligências por parte do governo, o morador quilombola Diogo Ramos Mendes não deixou de lutar pela alfabetiza o do seu povo e por uma educa o de qualidade, se tornando o primeiro professor na comunidade quilombola, que “em pesquisas realizadas em relatórios do Departamento de Instru o do Paraná, constata-se que Diogo foi contratado como professor provisório durante o período de 1920 a 1930 para atuar na localidade de João Surr ” (CRUZ, 2019, p. 89).

E para adentrarmos mais a fundo na importância da representatividade negra de Diogo Ramos Mendes na Comunidade Quilombola de João Surá, conduzo a narrativa de sua linha parental da quarta geração, a escuta das oralidades da quilombola e anciã Dona C. de A. M, a qual afirma:

Diogo Ramos foi o primeiro professor aqui de João Surá né, pelo que nós sabemos ele foi o primeiro porque a Dita Freitas ela contava para mim, e eu gostava muito de conversar com ela, ela contou para mim que o Diogo Ramos ele era lá de Iporanga né, a mãe dele era filha de um senhor né, daí ela era emprega, daí ela ficou grávida do senhor daí ela ganhou esse Diogo Ramos, e essa mulher do homem desse senhor que engravidou a empregada adotou a criança, de certo tomou a criança, e dizem que teria o levado para o estrangeiro, daí ela estudou ele um pouco lá e trouxeram ele de volta né pra lá de Iporanga, daí ele se casou com uma mulher chamada Clarinda, inclusive minha mãe falava que ponharam meu nome por causa dessa mulher que era a bisavó de minha mãe né, ele ensinou o povo a ler e a escrever, foi ele que ensinou diz que ele ia pro mato cortava o palmito e pegava casca de palmito e riscava com o palitinho e ensinava a escrever o nome na casca de palmito, tudo meus parentes de idade que conhecia tinha estudado com ele, eles contavam, ele tinha uma letra bonita sabia?! Escrevia com uma caneta de pena, essas pessoas mais velhas aqui que eu sei que aprendeu a ler foi tudo com ele, daí ficou o Dito Beto foi professor o pai do Ditinho ele já estudou em Iporanga aí ele veio dar aula pra nós aqui né, e as crianças mais novo daí já estudou tudo com o Dito Beto. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

Após anos na função de professor Diogo Ramos Mendes com suas valiosas contribuições na comunidade quilombola, seu cargo foi atribuído a sua filha Magdalena de Mendes Ramos dando continuidade ao ciclo, que com o passar dos tempos foi “passando posteriormente para as netas. Através da primeira, outras escolas foram sendo criadas nos núcleos.” (JUNIOR, 2021, p.74).

Com as propostas de reivindicar estratégias e melhorias tanto pela Prefeitura quanto pelo Estado, no atendimento emergencial aos moradores quilombolas, em 2005 a comunidade em coletividade decidiu montar a Associação Remanescentes de Quilombo João Surá em prol as demandas vindas da comunidade aos Órgãos Públicos. Com muitos debates, lutas e re-existência em 2006 o quilombo de João Surá obteve a certificação pela Fundação Cultural Palmares, mesmo ano que possibilitou na certificação da comunidade quilombola Palmital dos Pretos, nas quais estava em processo de titulação junto à comunidade quilombola de João Surá.

Por meio das reivindicações dos moradores quilombolas através das reuniões da Associação de Moradores aos representantes dos órgãos públicos, sobre as opressões e violação de direitos ocorridos na comunidade, coincidiu que no mesmo ano o governo do estado vinha realizando o mapeamento e os reconhecimentos das comunidades quilombolas, a partir desse

deslocamento de representantes do governo do estado as comunidades, Cassius Cruz (2019) articulou as estratégias e ações para as comunidade quilombolas na chamada de ação pública do estado do Paraná realizado no Vale do Ribeira na territorialidade quilombola de João Surá. De acordo com CRUZ (2019) nesta ação pública estavam presentes os “representantes das secretarias e autarquias estaduais e de ministérios federais com os objetivos de apresentar às Comunidades Quilombolas os Programas e Projetos existentes nas Instituições Governamentais.” (CRUZ, 2019, p.10). Dentre os diversos segmentos públicos citados não podemos deixar de mencionar os representantes da SEPPIR- Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. São nesses espaços que as estratégias de lutas e resistências expressadas nas oralidades quilombolas se fazem presentes, que na oralidade da liderança quilombola, enquanto mãe e representante na voz e angústias das mães na comunidade para uma educação de qualidade e equidade, que a fala de Dona Santana Fogaça de Cristo Ramos que hoje descansa eternamente, foi essencial para que o governo do estado assumisse a responsabilidade e o compromisso na construção do colégio no território quilombola de João Surá.

Nessa ocasião uma mãe, senhora Santana Fogaça de Cristo Ramos, se aproximou do então Secretário de Estado da Educação, que na época era o Sr. Maurício Requião, e expôs-lhe o caso de seus filhos, de 11 e 13 anos de idade, que percorriam de transporte escolar cerca de 30 km da estrada, em péssimas condições, para estudar, e que os mesmos retornavam ao final da noite e ainda tinham que caminhar doze quilômetros para chegar em casa próximo das 01h30min. Sendo frequentes os casos que, em virtude de chuvas, chegavam às 04h00 em suas residências. Rotina essa partilhada com outros estudantes – crianças, jovens e adultos. (PARANÁ, 2020b, p. 5).

Violências e negligências de abandono as comunidades quilombolas na assistência de uma educação de qualidade, abordada pela quilombola Dona Santana Fogaça que nos relatos memoriais da anciã Dona G. P. C se fizeram presentes, na qual afirma:

E nós não tínhamos nem professor lá ainda, daí que apareceu um professor que foi o falecido Pascoal Baião de Mato que foi o primeiro professor ele foi no sítio no meio do mato lá sabe?! Cadastrando as crianças para ir na escola que tinha que ir para a escola, aí a gente veio para a escola inclusive eu já vinha com a minha outra irmã já vínhamos nós duas, aí eu andava a escola era lá no João Surá e eu morava no Guaracuí e nois em divisa ali com o Sr Aparecido e a Dona Lúcia, então e nós morávamos ali e dali nós íamos no João Surá a pé pra escola, acho que dá uns quatro a cinco quilômetros, que eu sei que nós saímos de casa dez horas para nós entrar na escola ao meio dia, e quando nós saímos da escola das quatro horas e chegava as seis horas como dizia estava pardejando a noite. (Entrevista realizada dia 25 de fevereiro de 2023).

Durante esse movimento de reivindicação e exposição aos problemas enfrentados na comunidade, estiveram presentes parte da equipe como o Prof. Dr. Cassius Crus e a Prof.a Clemilda Santiago Neto do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, na qual estiveram alocados na comunidade dias antes até o dia da ação pública na contribuição e estratégias de ajuda na ação que ocorreu no dia 12 do mês de maio do ano de 2006, mediante das reivindicações especialmente da quilombola, liderança e mãe Dona Santana Fogaça de Cristo Ramos, expondo as opressões territoriais e as articulações entre a comunidade para que as crianças e adolescentes tivessem a oportunidade de frequentar a unidade de ensino. Com as articulações de Cassius Cruz e de Dona Santana Fogaça ao secretário da educação Mauricio Requião ⁹em relação às verbas para a construção do colégio na comunidade, o secretário naquela ocasião prometeu aos quilombolas, a criação da escola, que em pouco meses naquele mesmo ano começou as articulações com a comunidade na construção da Proposta Pedagógica como afirmação e cumprimento para a construção do colégio. Com os movimentos de lutas e as parcerias o quilombo foi se fortalecendo, quebrando barreiras e alcançando uma conquista imensurável no território, o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

⁹ Foi deputado estadual no de ano 1983 a 1985, Prefeito de Curitiba no ano de 1986 a 1989, Secretário do Desenvolvimento Urbano do Estado do Paraná no ano de 1989 a 1990, Governador do Estado do Paraná no ano de 1991 à 1994, Senador da República no ano de 1994 a 2002, eleito pela segunda vez para governar o Paraná no ano de 2003 a 2006, e reeleito pelo terceiro mandato para ser o Governador do Paraná para o mandato no ano de 2007 a 2010.

FIGURA 3: ANTIGO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS



FONTE: Arquivo pessoal do autor- Antigo e provisório Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, na Sede da Comunidade Quilombola de João Surá-PR. Ano 2021.

Com as ações e conquista, no ano de 2009 inicia-se o funcionamento do Colégio, a qual vejamos o ato disposto no PPP (Projeto Político Pedagógico) nas atribuições da rede de ensino:

1.4 Ato de autorização da instituição: 313/10 Resolução Secretarial n.º 5304/14 de 01/10/2014.

1.5 NRE: Área Metropolitana Norte Código: 00431.

1.6 Ato de reconhecimento da instituição do ensino Resolução n.º 5548/08 de 01/12/2008. (PARANÁ, 2019, p. 5).

Com a regularização para o funcionamento do Colégio Estadual na Comunidade Quilombola, a Secretaria do Estado da Educação emite a proposta na realização do ensino em classe multisseriada, modelo de ensino que vai contra os princípios da comunidade e Educação do Campo, por uma séries de motivos voltados a sobrecarga dos professores, a defasagem escolar e a qualidade do ensino, visto que a Escola Municipal do Campo João Surá atende na modalidade multisseriada causando muito questionamentos entre os moradores quilombolas. Que a partir dessa desenvoltura a equipe do Grupo de Trabalho Clóvis Moura obteve o diálogo com Secretaria do Estado da Educação trazendo debates e fundamentos a proposta de atendimento aos estudantes quilombolas, as quais ficou decidido entre ambos:

A equipe do Grupo de Trabalho Clóvis Moura em conversa com a equipe da secretaria da educação do estado não concordou com a proposta do colégio ser de classes multisseriadas. Em contraproposta, à secretaria disseram que teriam que ouvir a comunidade para ajudar na construção da proposta, ouvir das famílias o que gostariam que ensinassem na escola. Em seguida foram feitas várias viagens da equipe da Secretaria Estadual da Educação para a comunidade. (JUNIOR, 2021, p.81).

Com a iniciativa do Grupo de Trabalho Clóvis Moura cabe aqui destacar duas representatividades negras que fizeram parte do GT (grupo de trabalho), o Dr. Cassius Marcelus Cruz e a Prof.a Clemilda Santiago Neto, dentre outros integrantes com suas funções demarcadas nas articulações, pela importância da visibilidade e luta pelos direitos das Comunidades Quilombolas e Comunidades Negras Tradicionais no Estado do Paraná:

Com a criação do Grupo de Trabalho Clóvis Moura em 2005, foi a primeira vez que um Governo deste estado empreendeu a corajosa iniciativa de realizar um levantamento sócio-econômico e cultural com vistas à garantia de direitos a essas comunidades. O GT Clóvis Moura é um grupo intersecretarial, cujo objetivo é investigar a existência de Remanescentes de Quilombos, Comunidades Negras Tradicionais, Rurais e Urbanas, e/ou “Terras de Preto” do Paraná, bem como, diagnosticar a situação dessas comunidades em seus aspectos sociais, econômicos, culturais, visando contribuir para seu desenvolvimento comunitário e manutenção de seu modo de vida. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO).

Com as reivindicações dos moradores quilombolas e as pressões por parte do Grupo Clóvis Moura, a Secretaria do Estado definiu que:

A partir desse caso e de outras demandas de escolarização apresentadas na ocasião, a Secretaria de Estado da Educação criou uma comissão (formada por representantes do Departamento do Ensino Fundamental, do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, e da Assessoria de Relações Externas e Interinstitucionais) com a finalidade de estudar a oferta de uma escola para a Comunidade Remanescente de Quilombo João Surá e construir uma proposta pedagógica para essa e outras escolas em áreas quilombolas. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO).

Com as visitas dos representantes da Secretaria da Educação ao território quilombola, foi realizado a escuta dos moradores da comunidade para suturar a proposta pedagógica de acordo com as vivências dos quilombolas:

Foi assim que, nos dias 15 e 16 de agosto de 2006, a comissão – acompanhada da assessora Maria Clareth Gonçalves dos Reis e de representantes do Departamento de Ensino Médio, da Superintendência de Educação e Desenvolvimento (SUDE) e do Núcleo Regional de Educação Metropolitano

Norte – realizou uma visita técnica objetivando aproximar-se da realidade daquele quilombo. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO).

Quando conduzimos o termo suturar a Proposta Pedagógica, precisamos ficar muito atentos que na comunidade quilombola deparamos com duas modalidades ensino sendo a Educação Escolar Quilombola e a Educação Quilombola, que ambos têm a função que se coincidem, que na Educação Escolar Quilombola é essencial a realização de uma adequação sobre as práticas da educação quilombola para serem trabalhados em sala de aula, que de acordo com a Lei nº 10.639, de 2003, alterada para a Lei nº 11.645, de 2008, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.” Contemplando na valorização de seus ritos, dos recursos naturais e econômicos de povos e comunidades negras tradicionais.

Cabe aqui ressaltar que de acordo com a “*Proposta Pedagógica para Escolas Quilombolas da Rede Estadual do Estado do Paraná,*” a educação deve ser relacionada ao “*Etnodesenvolvimento Sustentável e Solidário*”. Conforme o Art. 26ª-A dispõe:

A Lei 10.639/03, que incluiu o art. 26ª na LDB 9394/96, tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país é resultado dessa histórica mobilização dos movimentos negros. Essa lei apresenta-se como um dos principais apoios do Estado à demanda de reconhecimento, valorização e afirmação dos direitos da comunidade afro-brasileira na área da educação. Em conjunto com essa lei, o parecer CNE/CP nº 003/04 e a resolução CNE/CP nº. 1/2004 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana são documentos que expressam as reivindicações dos Movimentos Sociais Negros e fornecem subsídios para contemplarmos a especificidades dos quilombolas no processo de aprendizagem. (p.12).

Especificidades que estão presentes na modalidade da Educação Quilombola, ou seja, nas tradições da comunidade, nas oralidades, memórias e vivências, nas sabedorias ancestrais dos mais velhos passados de geração para geração seguinte, temas de lutas e re-existência do protagonismo negro no território, que na modalidade da Educação Escolar Quilombola é fundamental fazer a escuta e unir os conhecimentos entre escola e comunidade. A qual podemos destacar alguns anseios dos moradores quilombolas na Proposta Pedagógica da comunidade, por (CRUZ, 2020 apud JUNIOR, 2021) em relação ao Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos:

Pegavam algum objeto e falavam sobre..., o que eles achavam que deveria ser trabalhado né. Então foi muito rico assim né, foram apresentados diversos aspectos que indicavam a intenção de que a cultura, a religiosidade, a

produção, a economia, enfim, tudo isso fosse abordado na escola né. Esse foi um primeiro momento, depois tiveram mais. (CASSIUS MARCELUS CRUZ, 2020, p.82).

Em diálogo e resistências pelos moradores quilombolas a modalidade multisseriada, entende-se que na Lei de Diretrizes e Bases Educação Nacional, tem como finalidade na escuta da comunidade em ouvir os seus anseios, conhecer os seus processos de lutas, para ter conhecimentos em seus espaços de vivências, e assim ter propriedade na construção da Proposta Pedagógica que contemplem entre ambos as suas especificidades. Movimentos de escutas que destaco aqui algumas representatividades negras no território quilombola, que fizeram parte desse movimento de luta, que de acordo com a liderança quilombola Benedito Florindo (2021), afirma:

Nomes como Clarinda Andrade de Matos, Irani Pereira, Santina Fogaça de Cristo Ramos, Antônio Pereira de Cristo Ramos e Sebastião Zabé, com o apoio de anciãs e anciãos que não pouparam tempo para buscar juntos alternativas para trazer de volta a identidade da comunidade e sua autoestima. (p.78).

Lideranças quilombolas aqui citadas, que não podemos deixar de mencionar o primeiro Presidente da Associação de Moradores o Sr Antônio Carlos Pereira de Andrade e o Vice Presidente o Sr Anézio de Cristo Ramos, que foram referências nas estratégias de articulação na Proposta Pedagógica da Secretaria do Estado da Educação, que com a necessidade do retorno dos representantes da equipe da Secretaria do Estado em ouvir a comunidade novamente, o pedido foi negado pela chefia da Secretaria da Educação, que com o pedido emergencial não atendido a Coordenação da Educação do Campo, como estratégias de luta propôs como sugestão em levar Antônio Carlos Pereira Andrade até a cidade de Curitiba para ser entrevistado e repassado os anseios da comunidade. Que conforme (CRUZ, 2020 apud JUNIOR, 2021), destaca:

Na conversa com o Antônio, ela deu elementos mais sistematizados, assim, de uma proposta de escola assim. Então o Antônio, ele trazia esta questão do mutirão, trazia esta questão que tava lá, aparecia na primeira oficina, mas ele fazia essa relação de uma maneira mais articulada com a educação né! (CASSIUS MARCELUS CRUZ, 2020, p. 84).

Além das articulações das lideranças quilombolas o Sr Antônio Carlos e o Sr Anézio de Cristo na Proposta Pedagógica, as suas contribuições nos movimentos lutas foram fundamentais, contra as ameaças territoriais provocado pelos fazendeiros e as constantes buscas pelas benfeitorias as famílias quilombolas que nos tempos mais críticos na comunidade, foram

abandonados pela Prefeitura quanto também pelo Estado, ocasionando em diversos prejuízos como os fechamentos das estradas por falta de manutenção, invasões de gados por parte dos fazendeiros e o fechamento da unidade de saúde no território.

Partindo dessa visão a coordenação sugeriu uma Proposta Pedagógica estruturada por ciclos, contemplado em duas fases: o Ensino Fundamental fase II e o ciclo no Ensino Médio. Com a decisão na organização e finalização da Proposta Pedagógica, a coordenação da modalidade de Ensino da Educação do Campo, teve como assessoria nas contribuições da Prof.a Dra. Georgina Helena Lima Nunes, Prof.a Dra. Giselle Moura Schnorr e Prof. Dr. Lauro Cornélio da Rocha, professoras e professor renomadas na área Pedagógica, que contribuíram/contribuem significativamente para uma educação de qualidade. E como representante do departamento do Núcleo de Educação das Relações Étnico-Raciais e Afrodescendência, o Prof. Dr. Cassius Marcelus Cruz com suas valiosas articulações para uma educação de equidade. Tendo em vista a Proposta Pedagógica e suas especificidades aqui debatida, em diálogo com a comunidade a Proposta Pedagógica foi elaborado de acordo com os requisitos que os quilombolas desejavam, a qual ficou estruturada por eixos temáticos, ciclos de formação humana e a formação de docentes por áreas de conhecimentos, as quais destaco os principais eixos- temáticos, sendo: Educação das Relações Étnico Raciais, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, Trabalho, Meio Ambiente e Manejo Territorial, Organização Comunitária e Políticas Públicas, Etnodesenvolvimento Sustentável com enfoque territorial, e Economia Solidária, pontos focais fundamentais da estrutura curricular para serem trabalhados como conteúdos escolares, que com o início da elaboração da Proposta Pedagógica no ano de 2006 e sua aprovação no ano de 2010 pela CEE, no entanto a criação da escola quilombola ocorreu no final do ano de 2008 no território.

Com a abertura do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos começava o movimento da escolha do diretor escolar, da equipe gestora e dos docentes para atuar no colégio, que a equipe de trabalho por muito tempo vinha de Adrianópolis PR a comunidade, e a escolha do diretor escolar era realizado por indicação, como afirma Cruz (2012):

Após a criação da escola, houve a indicação de duas professoras da rede estadual para ocupar a direção. Uma delas, professora aposentada que já havia exercido função diretiva em escola estadual situada no município de Piraquara e com expressiva militância no movimento social negro, foi indicada por meio de carta direcionada pelo GTCM à secretária de Estado de Educação. A outra professora havia assumido cargo naquele mesmo ano, não tinha experiência alguma em gestão escolar, era parente da secretária municipal de educação de Adrianópolis e obteve uma carta de indicação do presidente da associação quilombola. (CRUZ, 2012, p. 100).

Com a indicação da professora por parte da Associação de Moradores, estava relacionado na articulação ao transporte escolar em parceria com a rede da Prefeitura com o Estado nas conduções de estudantes e professores da instituição de ensino, acordo que não se estabeleceu por muito tempo, durou até por volta do ano de 2013. Por anos esse movimento de escolha tem se repetido, as quais traziam muitos questionamentos nas ocupações de cargos empregatícios por parte dos moradores da comunidade, que a partir dessas reclamações e olhares dos quilombolas foi necessário realizar a intervenção e estabelecer critérios a contratação da equipe de docentes, para dar oportunidade a geração de emprego e renda aos moradores quilombolas, com isto o processo de seleção de candidatos para ocupar os cargos de agentes educacionais passou a ser estabelecido a Carta de Anuência como um dos documentos obrigatórios para ocupar a função e o cargo pretendido.

Com a implementação da Carta de Anuência a comunidade passou a ter voz, da mesma forma que ocorreu com a realização da Proposta Pedagógica, a qual muitos moradores da comunidade começaram a fazer cursos e licenciaturas e ocupar os cargos que até então vinham moradores de fora para preencher, com as parcerias entre a UFPR - Universidade Federal do Paraná com os quilombolas, estava previsto a contemplação do curso de ensino superior na territorialidade da Comunidade Quilombola de João Surá, nas quais no ano de 2015 a 2019 os quilombolas passaram a se profissionalizar e cursar as aulas da Educação do Campo na Licenciatura de Ciências da Natureza da turma Paulo Freire, movimento de parceria que foram além, que segundo Benedito Florindo (2021), afirma:

Para a formação da equipe de trabalho, o colégio contou com formação oferecida pela Secretaria Estadual da Educação e contribuição da Universidade Federal do Paraná do Setor do Litoral com o projeto coordenado pela professora doutora Ângela Massumi Katuta que fazia pesquisas e saía para visitar comunidades onde moram estudantes do colégio. Foi bastante produtiva a pesquisa que serviu de formação realizada em parceria com a equipe de trabalho do colégio. (p.88).

Uma das grandes vitórias que obtemos no ano de 2021 foi a indicação da primeira mulher negra e quilombola Cassiane Aparecida de Matos residente na comunidade a ocupar o cargo de diretora no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, essa indicação reafirma na preocupação da valorização do fortalecimento da identidade negra e na conexão de escola e comunidade no território quilombola.

Movimentos de diálogo com a comunidade que todo ano no mês de fevereiro, na Semana Pedagógica em preparação ao início das aulas, é realizado pelo Colégio Estadual

Quilombola Diogo Ramos roda de conversas com os anciões, lideranças quilombolas e moradores da comunidade, para ouvir os seus anseios, buscar propostas e traçar metas para uma educação que contemple os seus conhecimentos e saberes ancestrais no território. Para dar início a roda de conversa são conduzidas as perguntas norteadoras aos moradores quilombolas, as quais destaco as duas perguntas realizadas no ano de 2022, sendo “Com os acontecimentos políticos e econômicos no mundo em 2020 e 2021 que poderá afetar a comunidade e a Educação Escolar Quilombola? O que podemos esperar para a Educação Escolar Quilombola em 2022?” E ao adentrarmos no conceito de mundo, devemos conduzir o pensamento em coletividade, que de acordo com o ambientalista Ailton Krenak (2019), afirma:

O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo que os nossos antepassados recentes encomendaram para nós. Na verdade, a gente vive reclamando, mas essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada e com aviso: "Depois de abrir, não tem troca". Há duzentos, trezentos anos ansiaram por esse mundo. Um monte de gente decepcionada, pensando: "Mas é esse o mundo que deixaram para a gente?". Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras? O.K., você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar. Quem vai receber são os nossos netos, bisnetos, no máximo nossos filhos já idosos. Se cada um de nós pensa em mundo, serão trilhões de mundo, e as entregas vão ser feitas em vários locais. Que mundo e que serviço de delivery você está pedindo? Há algo de insano quando nos reunimos para repudiar esse mundo que recebemos agorinha, no pacote encomendado pelos nossos antecessores; há algo de pirraça nossa sugerindo que, se fosse a gente, teríamos feito muito melhor. (p.33).

Com as conduções das perguntas norteadoras foram realizadas as reflexões sobre o mundo abordando a luta pela sobrevivência do povo negro no território, criando sugestões de temas e estratégias contra a opressão do colonialismo em suas vivências quilombolas, é a partir desse movimento de escuta que definimos em coletividade o Adinkra, Tema Gerador e os Projetos de Aprendizagens que será trabalhado na instituição de ensino nos três trimestres com os estudantes no decorrer do ano. Percebe-se que o método de ensino adotado pelo Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos vai ao encontro da metodologia freiriana, que ao reunir os quilombolas para debater os assuntos da comunidade a serem trabalhados em sala de aula, caminhamos ao encontro de uma educação libertadora voltada a “*Pedagogia do Oprimido*”(1968), dando ênfase que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, salientando que o alicerce de uma educação deve ser construído a base do diálogo com a comunidade e se fortalecido pela coletividade, que conforme Paulo Freire (1987), conduz:

É provável que, com a problematização da sugestão ao grupo, novos temas surjam. Assim na medida em que todos vão se manifestando vai o educador problematizando, uma a uma, as sugestões que nascem do grupo. O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (p.69).

Após os debates e sistematização das ideias com a comunidade definimos o Adinkra do ano que passou a ser “Wawa Aba¹⁰”, simbolizando a “resistência, vigor e perseverança”, com a escolha do Adinkra definido caminhamos para criação do Tema Gerador em conexão aos anseios trazidos pela comunidade que ficou estabelecido a seguinte frase: “Educação e Territorialidade Quilombola: reconhecendo e fortalecendo a luta, a cultura e o acesso aos direitos”, em análise ao Adinkra e o Tema Gerador conduzimos as escolhas dos Projetos de Aprendizagens que melhor se encaixaria a turma e os Professores-Coordenadores que conduzirão a aplicação do projeto. Geralmente são elaborados três Projetos de Aprendizagens contendo de três a quatro Professores-Coordenadores e as distribuições dos projetos são realizadas por níveis de ensino, que no Ensino Fundamental Anos Finais ficam encarregados de executar dois Projetos de Aprendizagem, sendo o 6º e 7º Ano com o projeto: “Educação Escolar Quilombola: fortalecendo a nossa história, talentos e saberes” o 8º e 9º Ano com o projeto: “Educação Escolar Quilombola: nossos grandes feitos na luta do povo negro quilombola”, já o Ensino Médio com as Séries 1º, 2º e 3º com o projeto: “Educação Quilombola: Reinventando caminhos e estratégias para fortalecer anseios da juventude no território”. Percebe -se que no ano de 2020 os estudantes tiveram a autonomia, mediação e definiram em coletividade o Tema Gerador “Construindo o nosso futuro e lutando por nossos direitos.”

Desde a elaboração a execução dos Projetos de Aprendizagens traz a ligação das duas modalidades de ensino, trazendo a Educação Escolar Quilombola nas contextualizações das histórias, lutas e conquistas do povo negro no mundo, e a Educação Quilombola nas oralidades, partilhas de experiências dos anciões no fortalecimento do movimento de luta, no diálogo e estratégias com a comunidade quilombola para vencer as opressões territoriais que os ameaçam a cada dia. Pode-se aqui destacar que esse movimento de escolha do Adinkra é realizado todo ano, de acordo com as especificidades e rumos que vão tomando os debates dos moradores

¹⁰ “A semente da árvore africana Wawa Aba é o Adinkra que representa a dureza, a força e a perseverança contra o adverso, por conta de sua casca inquebrável.”

quilombolas, assim é escolhido o Adinkra que mais se aproxima da sua realidade, movimento realizado no ano de 2015 com a escolha do Adinkra Sankofa do provérbio africano “*Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi*” na tradução “Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você perdeu”, originário dos povos Akan da África Ocidental, simbolizando a ave que traz na sua caracterização voltado ao passado, presente e futuro, o passado simbolizado no pescoço da ave virado para trás remetendo a ligação com a ancestralidade, o presente simbolizado no corpo da ave virado para frente, no caminhar, que por mais que você saia do território quilombola jamais esquecerá as suas raízes e o ovo carregado pelo bico nas costas traz a ligação com o futuro que são a juventude, que hoje as lutas territoriais contra o colonialismo na resistências no território só permanecerá se a juventude der continuidade ao processo de luta e as suas reivindicações pelos seus direitos.

De acordo com o Adinkra escolhido em coletividade para o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, cabe aqui destacar o diagnóstico do símbolo, em um trecho retirado do Projeto Político Pedagógico (2022) da rede de ensino:

O Provérbio acima citado, originário dos Povos Akan da África Ocidental, tem sido inspiração para movimentos sociais afro descendentes espalhados pelo continente americano que procuram reafirmar o legado civilizatório que precede a experiência do escravismo moderno. Esse provérbio simbolizado pelo ideograma Adinkra Sankofa foi adotado pela equipe multidisciplinar do nosso colégio em 2015 e continua sendo um princípio orientador das ações educacionais que realizamos. Compreendemos que, sob essa inspiração de Sankofa, um diagnóstico sobre a situação educacional, socioeconômica e cultural da realidade em que nossa escola se insere deve partir de um olhar crítico sobre o passado e de um diálogo intergeracional que propicie a construção de um panorama que associe as causalidades históricas da constituição do real em suas dimensões materiais e imateriais e as significações atribuídas pelos quilombolas ao contexto em que vivem. Partindo dessa premissa procuramos articular dados de pesquisas realizadas em diversas áreas sobre a trajetória quilombola, com diagnósticos participativos construídos com a comunidade em diversas oficinas e plenárias que ocorreram em eventos específicos para a formulação ou atualização do Projeto Político Pedagógico, durante os anos de 2016 e 2020. Os trabalhos em grupo dos diagnósticos participativos foram gradualmente coordenados pelos quilombolas que fazem parte da equipe da escola. Tal opção baseou-se na intenção de criar espaços de conversas horizontais entre grupos que possuem afinidade e proximidade, procurando estimular um diálogo mais fluido em que os participantes se sentissem à vontade para se expressar. (p. 16).

FIGURA 4: NOVO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS



Fonte: Roselaine da Silva Rosa - Novo Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos construído na Sede da Comunidade Quilombola de João Surá-PR. Ano 2024.

Atualmente a construção do colégio foi realizado no centro do quilombo de João Surá atendendo estudantes da Sede (João Surá) e comunidades vizinhas como Praia do Peixe, Guaracuí e Poço Grande, a instituição de ensino consta com 30 estudantes matriculados na rede e seu funcionamento é realizado em dois períodos sendo o Ensino Médio no período matutino das 7h20 minutos às 11h45 minutos e o Ensino Fundamental no período vespertino das 13h20 minutos às 17h50 minutos, com o grande movimento de luta e pressão da Associação de Moradores, estudantes e professores da rede de ensino aos Órgãos Públicos, no ano de 2022 houve a licitação para a continuidade da construção do Colégio Estadual Quilombola, na qual o mesmo desde o final do ano de 2022 se encontra em processo de finalização.

1.4 Criação do Coletivo de estudantes.

Com as demandas emergenciais para as preservações das práticas religiosas no território quilombola, na disciplina de Filosofia em diálogo com os estudantes em sala de aula, nasceu o coletivo, como forma de buscar os saberes ancestrais conduzidos de ritos e devoções nos ensinamentos trazidos pelas oralidades e escutas dos anciões, o intuito do coletivo é proporcionar um espaço de debate e sistematização dos conhecimentos trazidos pelos quilombolas e dialogado entre os pares, na qual tem como finalidade na elaboração do livro em histórias em quadrinhos abordando a valorização das práticas religiosas realizadas pelos devotos no quilombo, ligada a base das diásporas africanas, no enraizamento de cultos e tradições ancestral de um povo. Para a elaboração do material proposto na pesquisa foi realizado sete encontros do coletivo sendo um encontro em cada mês, que nesse processo de tempo de

um mês para cada encontro daria um espaço de tempo maior para os estudantes se deslocarem para as realizações das entrevistas de campo com os anciões e nas ilustrações dos desenhos feitos pela estudante, com as entrevistas e ilustrações feitas era marcado o encontro do coletivo para a socialização do material e o estudo da entrevista realizada para darmos seguimento ao processo da construção do livro.

Durante as realizações dos encontros do coletivo de estudantes tivemos a oportunidade do apoio e colaboração dos anciões e lideranças quilombolas nas pesquisas participantes, nas quais estavam sempre de portas abertas a nos receber, dialogar e explicar sobre as análises do material abordado, a partir desse movimento de pesquisa participante, caminhamos ao estudo colaborativo, em que as aprendizagens colhidas pelos estudantes nos momentos de escutas eram sistematizados entre os grupos de estudantes nos encontros e dado segmento na elaboração do material das histórias em quadrinhos.

Com base nas explicações acima, conduzo os encontros do Coletivo de Estudantes realizado no ano de 2022 pelos integrantes/estudantes das Séries 1º A, 2º A e 3º A do Ensino Médio do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos:

ENCONTRO I: DIA 01 DE ABRIL DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Com o início do encontro do coletivo, foi dialogado a importância da cooperação de todos na criação do grupo no aplicativo WhatsApp e realizado o debate na escolha do Adinkra e o Tema Gerador representante do coletivo, a qual ficou decidido em coletividade o adinkra “Eze Ne Tekrema” simbolizando “a evolução, o aperfeiçoamento, o crescimento, a necessidade da amizade e a interdependência.” Que está relacionado “ao desenvolvimento vinculado ao trabalho em conjunto,” Em relação ao tema gerador foi criado a frase: “Trabalho em conjunto na construção de si e do outro.” Trazendo a finalidade na Filosofia do Ubuntu “Eu sou porque nós somos”, com as comandas já realizadas foram distribuídas as tarefas aos estudantes sendo: entrevistas, gravações de áudios e estudos aos arquivos pessoais ligadas às práticas religiosas no território quilombola.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-A.

ENCONTRO II: DIA 06 DE MAIO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Com a realização da primeira parte das entrevistas feitas com os anciões foi realizado a sistematização e coletado os dados referentes a Prática Religiosa da Recomendação das

Almas, com isto foi iniciado a produção de roteiros, as confecções dos quadrinhos, a escrita da prática religiosa nos quadrinhos e para finalizar com as ilustrações dos desenhos realizados em grafite. Com o início da elaboração da primeira história em quadrinho, foi realizado o acompanhamento da elaboração do material durante as aulas de Filosofia na sexta-feira no decorrer da semana, para o esclarecimento de dúvidas sobre a elaboração do material que está sendo confeccionado.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-B

ENCONTRO III: DIA 24 DE JUNHO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Com a primeira história em quadrinho finalizada, caminhamos para a segunda parte da entrevista, a Prática Religiosa da Romaria de São Gonçalo. Partimos de uma lógica que enquanto a estudante estava realizando as ilustrações nos quadrinhos anteriores, para ganharmos tempo os restantes dos estudantes já foram para a realização do segundo momento da entrevista. Com a entrevista feita foi realizado a sistematização para a coleta de dados, e conduzido às confecções dos quadrinhos, a escrita da prática religiosa nos quadrinhos e por último as ilustrações dos desenhos, e acompanhado a execução no decorrer da semana nas aulas de Filosofia, vale aqui ressaltar que na época da realização do material, era tempo de romaria na comunidade as quais foi realizado pelo coletivo de estudantes a gravação de vídeo da Romaria de São Gonçalo na Comunidade Quilombola do Poço Grande.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-C.

ENCONTRO IV: DIA 05 DE AGOSTO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Após os acompanhamentos e execução para a finalização da segunda parte das histórias em quadrinhos, vamos nos direcionando a terceira e última parte das entrevistas da Prática Religiosa da Bandeira do Divino, com as entrevistas prontas foram realizadas a sistematização para a coleta dos dados principais e posteriormente confeccionado os materiais sendo: os quadrinhos para as histórias, as escritas das histórias nos quadrinhos e a elaboração das ilustrações no material, no qual foi acompanhado a execução do material nas aulas de Filosofia nos dias da semana, cabe aqui destacar que nos momentos da confecção do material das histórias em quadrinhos das práticas religiosas, o coletivo de estudantes tiveram a oportunidade

de realizar as gravações dos vídeos da passagem da Bandeira do Divino nas casas dos devotos quilombolas.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-D.

ENCONTRO V: DIA 16 DE SETEMBRO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Com a elaboração da terceira e última parte das histórias em quadrinhos das práticas religiosas, foi realizado o estudo do mapa da Comunidade Quilombola de João Surá-Adrianópolis Paraná e mapeado em quais localidades as práticas religiosas se predominam e ainda se manifestam, e posteriormente realizado a confecção do mapa ilustrativo contendo as práticas religiosas nas localidades demarcadas, para a realização e melhor compreensão desse movimento foi necessário o apoio e explicações dos anciões e lideranças da comunidade dando ainda mais veracidade ao material elaborado.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-E.

ENCONTRO VI: DIA 21 DE OUTUBRO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Com a elaboração do mapa quase finalizado, foi necessário fazer os últimos retoques nas ilustrações dos desenhos, confecção das molduras e legendas pelo coletivo e após a finalização foi marcado um encontro com Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombos, lideranças quilombolas e estudantes para a apresentação do material.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-F.

ENCONTRO VII: DIA 18 DE NOVEMBRO DO ANO DE 2022 DAS 13H20MIN ÀS 17H50MIN.

Na apresentação do material a comunidade, tive a oportunidade de prestigiar a presença da Presidenta, Vice Presidenta da Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombos, juntamente com os anciões, lideranças quilombolas e estudantes que se fizeram presentes para contemplar a explanação do material.

Ver figura do encontro do Coletivo de Estudantes disponível no: ANEXO-G.

1.5 Anciões: Filosofia de vida.

A presença dos anciãos no quilombo cumpre uma função essencial, é através das suas oralidades, escutas e partilhas de experiências conduzidos de memórias ancestrais que são transmitidos os conhecimentos as futuras gerações no enraizamento das suas raízes no solo quilombola, que nas oralidades de Hampaté Bâ (2010) os anciões “são guardiões da herança oral africana ou fazedores do conhecimento”, na qual afirma:

“[...] no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas”. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 183).

Ensinaamentos adquiridos na caminhada ancestral conduzidos de sabedorias guiados pelos nossos antepassados, que a cada passo em contato com o chão traz a conexão das memórias vívidas dos antecessores servindo como exemplo no fortalecimento da identidade negra e permanência no território quilombola. Caminhada ancestral que me conduziu em destino as escritas da autora Conceição Evaristo (2020) “*Escrevivência: a escrita de nós*”, que mergulhados nas suas escritas pude afirmar que “Nossos passos vêm de longe”, mas não só, vem acompanhados de um povo que se reinventam a cada dia de diversas formas possíveis para manterem as suas tradições e se fortalecerem em coletividade na luta contra o opressor nos espaços de convivências.

Movimentos de lutas que se intensificam no quilombo há mais de 215 anos, seja pelos meios territoriais, opressão de imagem, silenciamento do corpo, voz e vivência, articulações criadas pelo colonialismo para enganar a “produção do esquecimento”. Que conforme a autora Isabella Nunes (2020) “E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.” (p.11). Falar de “escrevivência” é sair da ficção de personagem e se constituir no sujeito dando vida e sentido as palavras nas “escritas de nós”, onde nós mesmo possamos contar as nossas próprias histórias, reinventar caminhos e possibilidades para tramar uma nova re-escrevivência na desconstrução para a construção de um novo eu. Que ao nos apropriarmos desses signos nas experiências das escritas de vivências vamos tomando espaço não só na literatura, mas no mundo, mostrando que o povo negro é capaz de contar as suas histórias, na preservação dos seus traços culturais nos espaços de vivências.

A partir dos espaços de vivências abro caminhos para as “memórias e escrevivências” dos sujeitos, que aqui vamos denominar de anciãos ou lideranças que se residem no quilombo de João Surá, na qual foi necessário fazer a escuta, ouvir a voz dos outros e se conectar com as narrativas das histórias contadas.

Sempre preocupada com os movimentos de luta, a anciã Dona C. de A. M de 63 anos de idade, antes de conduzir as suas “memórias de escrevivências” fez questão de deixar um aviso: “então a gente espera sabe, que quando a gente estava perdendo a esperança de João Surá, surgiu essa história de quilombo aí a gente entrou na luta entramos de cabeça mesmo, demos a nossa vida pela luta:”

Eu fui nascida e criada aqui, meu pai com a minha mãe sempre viveram aqui né, meu bisavô é o Diogo Ramos, já somos da quarta geração, então daí meu pai com a minha mãe casaram e moraram na beira do rio aqui, e eu fui morar lá no alto perto da casa do Joaquim na subida do cruzeiro lá, lá foi onde vivi a minha infância trabalhei bastante na roça subia aquele morro direto, subia e descia todo dia e quando tinha ali os meus oito anos já estava na roça aprendi a fazer farinha, a fazer rapadura, meu pai com a minha mãe direto na roça e quando não estava na roça estava na cozinha fazendo comida porque só era eu de menina socava arroz tudo na mão para fazer comida para os camaradas, estudo mesmo foi pouco o nosso estudo porque o professor nosso era o compadre Dito Beto as vezes ele não vinha e nós vinha para estudar chegava aqui e ele não estava ali, daí ficávamos esperando ele brincando um pouquinho, daí voltávamos para casa e para roça de novo isso até os meus 21 anos, aí me casei com 21 anos fiquei 4 anos aqui e me mudei para a Plumbum¹¹ e morei lá por 9 anos aí voltamos para a comunidade de novo, daí fiquemos morando aqui na casa do lado da igreja do barracão, trabalhava todo o dia na roça também, daí já tínhamos todas as crianças nós íamos todos os dias para a roça e eles iam juntos também daí nós peguemos e paremos de trabalhar na roça não dava certo mais e fiquemos aqui morando aqui, na roça minha mãe plantava de tudo nós plantávamos melancia, amendoim, milho, feijão, arroz, mandioca de tudo dava bem, nós plantávamos pouquinho coisa e dava bem. (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

Dentre os relatos de vivências da anciã Dona C. de A. M, podemos perceber a existência no Vale do Ribeira no município de Adrianópolis-PR a implementação da exploradora dos recursos naturais a Mineradora Plumbum S/A. Fundada em 1937 e autorizada seu funcionamento como empresa de mineração em 1941, conforme o Decreto executivo 7.107, caracterizando como uma das grandes indústrias de mineração no Bairro Panela do Brejaúva, que passou a executar as suas atividades no município de Adrianópolis e Cerro Azul extraindo minérios de chumbo e prata. Que por volta da década de 1950 a mineradora (empresa) foi

¹¹ A Mineradora Plumbum esteve no município de Adrianópolis PR durante 65 anos, na década de 1930 à 1995 que após a sua falência deixou graves contaminação e impacto ambiental.

vendida para a multinacional francesa Penarroya que implementou o beneficiamento do minério a larga escala tornando-se uma das principais referências de desenvolvimento da localidade, que até então na década de 1960 era denominado como distrito de Paranaí, que com municipalização na década de 1979 o município passou a ser denominado de Adrianópolis em homenagem ao minerador Adriano Seabra da Fonseca o fundador da mineradora Plumbum.

Podemos perceber que entre a década de 1954 a 1995 a dominação da mineradora nas extrações e refinamentos dos minérios sendo chumbo, ouro e prata no município eram compulsórias, nas quais contavam também com exploradores advindos das localidades do Chile, que conforme a década de 1960 houve uma grande migração de famílias do quilombo de João Surá ao Bairro Vila Mota, na qual consistia na implementação da mineradora, que com os deslocamentos dos quilombolas a se empregarem na mineradora consistia na garantia de uma fonte de renda fixa e estável. Que conforme CRUZ (2019) “Parte daqueles que migraram para lá não tornaram a residir no João Surá, alguns retornaram após a aposentadoria ou o fechamento da fábrica em 1995, outros, entretanto não se adaptaram e retornaram logo à comunidade” (p.15).

Com o fechamento da mineradora na década de 1995 o Vale do Ribeira vem enfrentando diversos desafios devidos aos impactos ambientais deixados pela exploradora, prejudicando não só os moradores do estado do Paraná na localidade do município de Adrianópolis, como também Bocaiuva do Sul, Cerro Azul, Tunas do Paraná e Colombo, enquanto no estado de São Paulo os municípios de Apiaí, Ribeira, Iporanga e Itaóca vem sofrendo com as diversas contaminações ambientais deixada pela mineradora.

Em consequências as diversas denúncias pela população, no dia 25 de dezembro de 2008 o Ministério Público Estadual realizou uma audiência pública no município de Adrianópolis como parte do Projeto do Ministério Público e Social, com ações que minimizem os impactos ambiental nesses municípios com índices de desenvolvimento humano inferiores no estado do Paraná, que de acordo com Ministério Público Estadual no mesmo ano reabriu uma ação contra a mineradora, na qual as autoridades da saúde disponibilizaram o relatório do Ministério da Saúde e Secretaria de Estado da Saúde, como forma de prevenção dos moradores do Bairro Vila Mota e Capelinha na redução e proibição do consumo de ovos, leite e produção de verduras e legumes produzidos nas localidades, para minimizar a exposição e contaminação do chumbo.

Nas relações de roça a anciã Dona S. A. G. da R. P de 56 anos de idade, conduz as suas memórias no seu tempo de plantação: “ih mais era sofrido lá no sertão mais era muito bom também:”

Moro no quilombo de João Surá, a minha infância era bem sofrida, mais era também assim eu gostava tinha bastante irmãos sete irmãos em casa assim né, nossa casa era pequenininha assim né, coberto de capim de sapê né, e barreado assim a casa e nós vivia, para nós éramos feliz porque nós sempre trabalhava assim sempre e acompanhava assim meus pais né para a roça assim, porque desde pequena era sofrido assim, mais nós sempre trabalhava para conseguir as coisas pra comer e ai tinha mais meus primos, vizinhos dos meus tios que moravam perto né, meus vizinhos eu gostava era sofrido mais nós nos divertia bastante a gente trabalhava as vezes passávamos dificuldades e sobre médicos também né a gente quando ficava doente sempre fazia remédios das ervas do mato para se curar com ele porque as vezes não tinha jeito de sair né, era bem sofrido a nossa infância quando éramos criança ai tínhamos meus avós que ajudavam também né, daí a gente ajudava eles e eles ajudavam a gente eram desse jeito, dos meus sete irmãos graças a Deus se criaram tudo, tudo sofridão mais graças a Deus estão tudo vivo e lutando pela vidinha deles né, tem uns poucos que saíram e tem uns poucos que estão por aqui mesmo lutando firme e forte, a minha capova ficava bem longe aqui do sitio precisava virar duas lombas para chegar nele lá, tinha que subir a subidona e virar uma lomba e virar mais uma lomba pra poder chegar lá e falo que é capova lá por causa de que éramos só nois e nossa lavoura, nosso bananã, nosso laranjã, e abacateiro que tinha bastante lá, canavial que o pai plantava, banana né tinha e roça de milho que ele fazia, mandioca, abacaxi tinha também, dava mais não era muito aquela coisa porque a terra era muito forte e quase não ia, abacaxi gosta de terra mais fraca terra meio branca de areia, então enfim lá nós tínhamos uma lavoura forte assim que era o milho, feijão, arroz também graças a Deus, nós andávamos sofrendo lá nessa capova mais daí graças a Deus o pai e comecemos a andar lá pelas lombas e achamos um lugar plaino né daí ele fez uma roçada lá e plantou arroz e deu arroz bastante até vender para os outros nós vendemos porque deu muito bem só que era lá bem longe lá no sertão né, e plantou bastante café também e socava lá no monjolo o café, na mão mesmo no pilão também e trazia para vender para os outros, fazer troca com as coisas que nós não tinha né, ih mais era sofrido lá no sertão mais era muito bom também. (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

Conforme o relato das memórias de vivências da anciã Dona S. A. G. da R. P, conduz um movimento de escuta, que faz necessário ouvir os anseios da terra, para que de farta a colheita na plantação fazendo-se prevalecer ação comunitária, na partilha e troca dos alimentos entre os moradores quilombolas na luta pela sobrevivência no território. Na qual podemos perceber a conexão dos quilombolas com os usos das ervas medicinais para tratamentos e curas, que no negligenciamento aos atendimentos às infraestruturas pelos órgãos públicos, prefeitura e estado a comunidade nas construções das estradas, era impossível a locomoção de assistência médica aos quilombolas, nas quais eram necessários buscar meios de ajuda entre os benzedores e curadores presentes no território quilombola.

Segundo os relatos dos quilombolas a existência de feiticeiro, curador e benzedor eram muitos frequentes e respeitados na comunidade, práticas ministradas que conduziam uma ligação entre Catolicismo e Espiritismo, que de acordo com PEREIRA (2022), explica:

O sentido da espiritualidade presente para o preparo dos remédios a partir das crenças e da fé. Também indica a preparação pessoal para ministrar esses saberes para contribuir com a comunidade, o que geralmente é feita pelos curandeiros(e), benzedores(as), parteiras e rezadeiras que praticavam rituais de curas e saúde para pessoas em processos de adoecimento grave ou acidentes, através do auxílio do preparo de remédios, ou do uso de ervas medicinais. (PEREIRA, 2022, p. 55).

Antigamente era muito comuns as relações de feiticeiro, curador e benzedor em cargos de zeladores da igreja, que por estar envolvido as práticas religiosas e ao livramento pelo Santo Antônio resultando em sua construção da Capela na sede do território quilombola, podemos mencionar o quilombola João Luiz Cardoso como referência a um curador muito famoso por suas práticas na comunidade. Que conforme Cambuy (2012) afirma:

O curador João Cardoso ficou bastante conhecido porque além de fazer remédio ele benzia. Com isso, vemos que as categorias curador e benzedor por vezes se unem, sendo que o benzedor é aquele que faz a cura somente com o uso de orações. Já o curador, além das rezas, utiliza os remédios feitos a partir de plantas específicas. Se os feiticeiros são vistos como uma categoria extinta, os benzedores e curadores continuam atuantes no local. (CAMBUY, 2012, p. 242).

Que conforme a relação de curador, a mesma autora conduz as referidas práticas guiadas e executadas pelos feiticeiros no território quilombola:

Vemos, contudo, que os feiticeiros não eram de todo o mal. Embora temidos pelas maldições que exerciam quando se sentiam prejudicados, eles eram agentes sociais considerados importantes em diversas situações, como “derrubar bicheira” de criação, curar de picada de cobra, afastar pragas, e assim por diante, sendo que cada feiticeiro tinha suas especialidades e era requisitado de acordo com os diferentes casos. (CAMBUY, 2012, p. 241).

Vivências como essas contextualizadas trazidas pela anciã em tempos no sertão, que nos relatos memoriais do ancião Seu S. B. de M de 97 anos de idade, faz questão de mencionar: “trabalhei aqui nessas capovas nesses sertãozinhos:”

Eu nasci e me criei por aqui mesmo, minha vida toda trabalhei aqui nessas capovas nesses sertãozinho enfim trabalhando nesses lugares até o final da vida da muie, então daí a gente ficou se virando por aqui e tudo quantar coisa nesses negócios de rezas, festas era eu que estava junto com eles, reunida de pixirão os pessoal não deixavam a gente ficar sossegado era pixirão o tempo inteiro (risos...) eu fazia três alqueires de roças pra mim e pro pessoal, fazia dois alqueires de roça de empreita pros outros e daí fazia um alqueire e meio de roça para mim também, plantávamos feijão, milho, tinha épocas assim que só plantava só o milho que é o mês de outubro e novembro, as práticas religiosas aqui a primeira a participar foi a festinha de Santo Antônio e as

trezenas de Santo Antônio que fazia também. (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

Momentos de reunidas e mutirões que nas oralidades do Seu A. A. de M de 67 anos de idade também se faziam presentes, e que ao contar as suas memórias enfatiza que em tempos de trabalhos nas roças “adorava muito ir nos mutirões onde tinham uns bailinhos a tarde né então era muito bão, e também adorava ir nas rezas que existia nas casas das famílias:”

Moro aqui na comunidade de João Surá, desde que nasci e nunca me mudei daqui deste lugar, sou filho de família pobre onde os pais da gente naquela época levavam a agente para a roça, desde os oito a nove anos a gente tinha que ajudar ele nas roças, onde era retirada as produção para simplesmente pra o sustento da família, onde nós era pai, mãe e irmãos então uma família não muito pequena e toda essa produção era pra nossa alimentação, sempre ajudei né, era um menino querido por todos né, todas as pessoas gostavam da gente, quando a gente íamos para a escola tínhamos amigos, e a gente brincava antigamente e não tinha brinquedos então foi muito difícil o tempo de criança, mas a gente aprendeu a trabalhar né graças a Deus meus pais ensinaram eu a trabalhar, eu adorava ir nos mutirões quando meu pai levava a gente né, principalmente na colheita de arroz, então eu adorava muito ir nos mutirões onde tinham uns bailinhos a tarde né então era muito bão, e também adorava ir nas rezas que existia nas casas das famílias né, que durante o ano tem o dia dos santos as pessoas tinham as imagens, então até hoje a gente vê as imagens, mais as orações nas casas não existe mais. Sempre meu pai foi pobre a grande herança que ele me deixou foi a educação que tenho e um pouco de escolaridade que fiz o ensino fundamental primeiro só depois mais tarde que terminei o segundo grau, onde até o ensino superior, graças ao meu esforço, fui empregado, ganhei um emprego como educador e já consegui muitas coisas na minha vida apesar da minha deficiência mais eu me sinto feliz, porque realizei já muitos sonhos que queria por isso eu me sinto uma pessoa feliz, tenho a minha família onde sou amado por todos eles e hoje eu sou assim uma pessoa aposentada, já tenho uma idade um pouco avançada e estou com alguns problemas de saúde mais estou levando a vida na minha comunidade em João Surá.(Entrevista realizada dia 24 de fevereiro de 2023).

Conquistas de sonhos mencionados pelo ancião Seu A. A. de M, que nas oralidades da quilombola, esposa e anciã Dona M. L. de M. A de 61 anos de idade, contribuiu significativamente para que se tornasse realidade e que “hoje me sinto feliz por conquistar bastante coisa boa na minha vida com meu esposo:”

Eu nasci e me criei nesse lugar, sempre ajudando na roça, eu cuidava dos meus dois irmãos mais novo para a mãe trabalhar para o sustento da casa, meu pai nos abandonou e precisou a ajudar ainda mais, a minha infância foi bão tive amigos, estudei pouco ao passar do tempo me casei tive duas filhas depois delas já criado fiz o ensino médio no colégio Diogo Ramos, não foi fácil mas também não foi difícil, e hoje me sinto feliz por conquistar bastante coisa boa na minha vida com meu esposo. (Entrevista realizada dia 28 de março de 2023).

Movimentos de lutas pelas re-existências no território, que nas lembranças abordadas pelo ancião Seu V. A. M de 75 anos de idade relata que deixou marcas e “na verdade, foi sofrido:”

Na verdade eu morei toda a vida aqui né, nasci e me criei aqui no lugar nós tínhamos um sitio nós trabalhávamos no sertão e tem até agora, mais toda a vida eu trabalhei a vida inteira e nunca sai fora arrumar um emprego nunca sai, sempre aqui no território na verdade foi sofrido eu ajudei a criar todos os meus irmãos, só que todos os meus irmão casaram e eu fiquei e com 68 anos eu casei (risos...) o trabalho sempre foi na roça, plantávamos na roça e o artesanato que eu lutava aqui com eles, como não tinha aposentadoria minha salvação era o artesanato, nas roças nós plantavam aí um alqueire, dois alqueire de roça, aí colhia uns sessenta, setenta até uns oitenta cargueiro de milho, uns trinta saco de feijão, a gente mexia com tudo né fazia moenda fiz umas par de moenda aqui, moendas aquelas de fazer rapadura de cana moenda de madeira agora larguei mão porque a minha saúde não é igual à que era antes. (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

Ao guiarmos em seus relatos memoriais, a artesã Dona L. A. de A. de L de 44 anos de idade conduz um sentido de alerta, para que “aproveite cada palavra dita por uma pessoa mais (velha) vivida, pois um dia elas todas se vão. Lembrar da infância é como estar em um sonho bom onde você nunca quer acordar”:

Moro na comunidade desde que nasci. Sou de uma família de muitos irmãos; bastante humilde, porém muito trabalhadora. Lembro da minha infância quando éramos criança eu e meus irmãos, na época havia bastante moradores no bairrinho chamado Guaracuí onde nós morávamos. A tardezinha a gente sempre saía passear na casa dos compadres, tios, padrinhos etc., contar histórias, isso não tem preço é tantas recordações boas e isso já não volta mais. Lembro- me dê uma senhora chamada Helena inclusive era minha prima, ela era uma pessoa muito boa de um coração enorme, quando a gente chegava na casa dela como não tinha nem um comércio na comunidade as coisas se tornavam muito difícil e normalmente a gente passava falta das coisas. Eu me lembro que as vezes a gente chegava na casa dela e ela não tinha café, mas sempre tinha um pé de café no terreiro e rapidinho colhia o café, cozinhava, socava no pilão, ia no riozinho lavar, torrava e transformava no pó e fazia café pra gente tomar, aquilo era tão gostoso uma coisa maravilhosa que a gente vivia. Hoje em dia ficou só as lembranças essas pessoas as quais cito aqui maioria já faleceram os familiares venderam suas terras para fazendeiro e foram embora para as cidades procurar um meio melhor de vida e hoje em dia só se vê plantio de pinus. As famílias que ainda moram aqui dificilmente saem visitar os vizinhos quase ninguém tem tempo digamos assim.

De uns tempos pra cá tivemos bastante melhorias nas comunidades, teve um grande avanço na parte da educação e outras coisas mais, pode se dizer que a comunidade teve uma visibilidade melhor. Com isso muitas pessoas que venderam suas terras no impulso têm vontade de voltar de novo para comunidade. (Entrevista realizada dia 12 de fevereiro de 2023).

Sonhos de resistência conduzidos pela artesã L. A. de A. L., conduz um elo primordial na base da escuta, na educação conduzidas na oralidade, diálogo, partilhas de histórias e vivências no fortalecimento das raízes no território, que foi a partir desse movimento de saber ouvir, em fazer a escuta sensível, que a artesã L. A. adquiriu os ofícios de artesã guiados pela sua mãe, a anciã Dona L. A. de L., narrativas quilombolas que só é possível a sua escuta, no momento que questionamos o modelo de ensino e escola que estamos internalizados, que quando rompemos essa barreira percebemos que a escola não é a única predominante do conhecimento, mas está associada em conjunto com o território, fazendo prevalecer a ligação entre as duas vertentes a Educação Escolar Quilombola e a Educação Quilombola. Movimento freireano constituído em minhas aulas de filosofia no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos:

[...] quão importante e necessário é saber escutar. Se na verdade o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 2006, p.113).

E quando conduzimos a escuta sensível abordada por Freire (2006), caminhamos em destino a “*Proposta Pedagógica para as Escolas Quilombolas da Rede do Estado do Paraná*” (2009):

Pressupõe uma escuta em que a memória fala, o corpo fala, a natureza fala, falas que também se explicitam na dinâmica da organização social e do trabalho, entre outros elementos ricos em significados, se constituindo como forma de educar a própria vida, num processo coletivo, comunitário e contínuo. (p.49 e 50).

E nas escutas de vivências da artesã L. A. de A. L., o “bairrinho chamado Guaracuí” se faz presente em uma boa parte da infância nos relatos memoriais da anciã Dona G. P. C de 72 anos de idade, que na sua luta pela sobrevivência no território quilombola, relata que desde pequena “a partir da hora que você aguentava andar você já ajudava a trabalhar:”

Eu nasci na beira do Rio Pardo, que depois eu me criei no Guaracuí mais na época quando eu nasci meu pais moravam lá no Rio Pardo, onde era da família do Zé Beto, então lá era nosso na época né, foi no tempo do INCRA que começou a loteá esses lotes aí, aí eu nasci lá e me criei lá até os meus dois pra três anos, daí meu pai requereu o terreno e a gente veio para o Guaracuí então eu me criei no Guaracuí, da minha infância que eu me lembro era que meus

pais trabalhavam na roça e que levavam a gente para roça desde pequenininho, porque a gente tinha outros irmãozinhos mais novo, que no meu caso era a mais velha eu já ia para cuidar do outro para os meus pais trabalhar, a partir da hora que você aguentava andar você já ajudava a trabalhar, se era para colher um feijão eles já ensinavam a gente né a arrancar os pés de feijão, sabe?! Eles iam ensinando a gente e a gente tinha que ir aprendendo, era a aula da época, então aí até os meus oito a nove anos, ainda não tinha ido pra escola com dez anos fui pra escola e já éramos em três irmãos em casa. Eu aprendi a trabalhar cedo com oito a nove anos eu já ajudava que nós lá sobrevivia de cana e mandioca, então a gente aprendeu cedo lidar com cana para fazer a rapadura e lidar com a mandioca para fazer a farinha, então a gente subia até num banquinho para poder torrar farinha, ih nós fazíamos farinha de milho também, que era o mais difícil, que a farinha de milho tem que pôr a massa no forno e esfregar com a mão queimava a mão no forno pra fazer a farinha de milho, e tudo isso a gente aprendeu né.

Com as várias lembranças das suas vivências vinda em mente, Dona G. P. C faz uma pausa e se lembra do tempo que sua mãe faleceu e fez questão de deixar nítido o sentimento que “a partir da hora que um filho perde a mãe criança, a gente sofre”, comoção que o acompanhou em sua fase da juventude e ainda se faz presente nos momentos memoriais:

Aí quando eu tinha os meu doze pra treze anos eu perdi a minha mãe, ai perdi a minha mãe eu não pude ir pra escola que daí eu tive que assumir a casa com as três crianças depois de mim, eu tive que aprender a cozinhar né cuidar de casa até remendar fui obrigada aprender que naqueles tempos tinham que aprender a remendar, daí fiquei sem ir pra escola não podia ir mais para a escola porque tinha que cuidar da casa as crianças iam para a escola e eu não ai né, fiquei até o segundo ano de aula na escola só aprendi o básico a ler a escrever e as quatro operações, então a minha infância até os meus doze para treze anos era isso aí fiquei sozinha sem minha mãe, aí logo meu pai casou com uma menina com a mesma idade minha com quinze anos aí a gente virou aquela vida que não se dava bem em casa, mais fomos vivendo trabalhava para sobreviver e com quinze anos apareceu um casamento daí era para casar e não podia casar porque era muita nova e eu queria casar para sair logo de casa essas coisas que aconteciam na minha vida até os meus dezesseis anos, ai arrumei um trabalho pra mim na Plumbum fiquei uns oito meses e fui embora para Curitiba. Então a minha juventude foi assim de trabalhar de empregada doméstica, ajudar a família a cuidar dos filhos dos outros, a cuidar de patroa doente e minha juventude foi assim até dos meus vinte anos, aí comecei a mudar de vida né mais até os meus vinte anos foi assim na realidade foi sofrido, porque a partir da hora que um filho perde a mãe criança a gente sofre, infelizmente a minha história pra você é essa, só que tudo que a gente fazia era com alegria sabe?! Então hoje nós dizemos assim nós éramos felizes e não sabia porque nós queríamos pegar um peixe nós íamos pro riozinho tinha o rio lá e nós íamos pescar, nós íamos tomar banho tínhamos que ir no rio mesmo, então para nós isso era a maior alegria, por mais que estava sofrendo não era sofrimento, pra nós éramos alegria para ir para a escola e chegar lá morto de cansado em vez de parar para descansar, não nós íamos brincar de roda e bater corda (risos...) a vida de roça da gente no mato no passado entre esses sessenta anos atrás era isso.(Entrevista realizada dia 25 de fevereiro de 2023).

Conforme o relato memorial abordado pela anciã, fica explícito as diversas formas de negligenciamento, sejam elas, física, emocionais e educacional, que além das negligências as violências domésticas, psicológicas e o trabalho infantil também se constituem em seus momentos de fala. Que de acordo com os relatos memoriais, conduziu uma passagem muito potente de FANON (1961), a qual afirma:

Ao abordar os efeitos psicológicos do colonial nos colonizados, destaca que esses não foram excluídos apenas do ponto de vista de direitos e privilégios, mas também do ponto de vista de seus pensamentos e valores. Nesse sentido é necessário compreender que a dominação política e a exploração econômica levada a cabo pelo empreendimento colonial europeu foi acompanhada de uma tentativa voraz de subtração da condição de ser humano sujeito de vida, cultura e história – do indígena e do africano. (p.24).

A partir das considerações de FANON (1961) aos efeitos psicológicos, conduzo a autora Lélia Gonzalez (1984) entre consciência e memória:

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala. (GONZALEZ, 1984, p. 226).

Vivências escolares e labutas com as roças trazidas pela anciã Dona G. P. C que nos relatos memoriais abordados pelo quilombola de 83 anos de idade, Seu P. A. F se fez muito presente, que ao descrever a sua história de vivência no território, relembra das suas primeiras escritas que ao “escrever meu nome foi minha mãe que me ensinou na casca de palmito, o caderno meu foi a casca de palmito:”

Eu toda vida morei aqui no Guaracuí, de primeiro nas lavouras aqui o mais forte era plantar milho criar porco e plantar cana e fazer rapadura, criar porco e rapadura, depois de um certo tempo deu a peste suína nos porcos e o pessoal pararam de criar porco e foi feito o comércio, maior parte que era a rapadura

e o feijão plantar a feijoada pra Iporanga, Capão Bonito e a rapadura ia para Iporanga e Barra do Turvo e a maior parte iam para Iporanga e Capão Bonito, eram de quatro a cinco caminhão na época do feijão, daí veio a planta do mamão, o mamão ajudou muito nós aqui daí nós colhíamos aquela sementeira que daí deu aquela praga no mamão que acabou até hoje, a minha infância foi boa, só que não tive escola, a minha escola foi escrever qualquer coisinha, escrever meu nome foi minha mãe que me ensinou na casca de palmito, o caderno meu foi a casca de palmito, agora a minha juventude foi triste como estava comentando com 14 anos minha mãe faleceu, aí meu pai arrumou outra muié, fiquei sozinho, somos em 4 irmãos, aí vivemos, e a minha irmã mais velha aquela Heleninha que morava na Colônia quando ela viu que eu estava com quase passando para os 19 anos ela resolveu de se empregar, e ficou a comadre Vaia que hoje mora em São Paulo, daí outro irmão mais novo o caçula foi para Curitiba com minha irmã trabalhar de caminhoneiro e ficou eu e o Zé, hoje vivo aqui sou casado, e o Zé ficou na casa dele sozinho e solteiro ainda, e eu resolvi casar estou com 55 anos de casado, as práticas religiosas eu acompanhei a tradição dos meus mais veio né, hoje tenho os meus filhos que são crente, mas eu acho que Deus é o mesmo, daí acompanhei a religião que meu pai e minha mãe seguiam né, mantendo a tradição deles até hoje, das roças plantava mais feijão, feijão é uma planta ligeira em noventa dia você via um dinheirinho quando o feijão era procurado, aí você fazia uma roça agora de março, aproveitava carpia para plantar no mês de julho, e sempre tinha e já era trato, “pode colher e avise eu, que venho buscar” então eram assim que começava, na lavoura era mais o feijão, o porco já era carne uruguaio, porque tinham que ter espaço para andar, iam nas plantas do outro e o feijão não sai de lá onde você planta ele, só sai depois que você traz ele o feijão com o arroz né, você planta ele lá não incomoda ninguém (risos...) cuide bem dele lá carpa bem carpidinho que ele não vai te incomodar. (Entrevista realizada dia 19 de março de 2023).

Com as lutas dos trabalhos braçais na roça do ancião Seu P. A. F, percebe-se uma grande importância e contribuição da quilombola, esposa e anciã de 74 anos de idade Dona M. A. de P. A, que ao relatar a sua luta pela sobrevivência nas roças se lembra: “eu tinha um trabalho assim como um trabalho escravo:”

Sou nascida e criada aqui e vou morrer aqui no Guaracuí, (risos...), e idade para a gente sair a gente não tem, estou com 74 anos já, primeiramente eu não me criei com meus pai e mãe, me criei com meus tio, eu tinha um trabalho assim como um trabalho escravo, toda vida trabalhei na roça até quando aguntei trabaiá eu estava lá ajudando a trabaiá, estudo a gente não teve a única caligrafia a gente teve é o meu nome que aprendi a fazer e só, eu conheço todas a letras mais não posso montar o nome para dizer assim o que é, as práticas religiosas toda vida participei e a minha religião é a Católica. (Entrevista realizada dia 19 março de 2023).

Práticas religiosas conduzidas pela cantadeira de Romaria e Recomendação das Almas a anciã Dona M. A. de P. A, que sempre estiveram presentes na infância da quilombola C. A. de M de 40 anos de idade, que ao relatar as suas escritas memoriais dos tempos de devoção no território, conduz: “Sou Grata a Deus, a minha família e comunidade pelo que sou hoje, grata

pela oportunidade de crescer num ambiente saudável, humilde, com cultura e respeito ao sagrado...”

Sou mulher negra filha de Clarinda e Benedito, neta de Joana e Benedito, de Clarinda e Alexandre.

Meus pais e meus avós contavam que no ano do meu nascimento muita chuva caía sobre a região, o terreno onde meus pais e avós residiam começou a ceder/ a rolar, nossa casa foi atingida pelo rolado, tivemos que deixar a casa onde eu nasci e fomos morar com meus avós, diante da situação e preocupação, meu avô e seu compadre fizeram uma promessa, de colocar uma cruz no pico do morro e começar a devoção a Santa cruz, a graça foi alcançada, o terreno parou de rolar e a chuva diminuiu, a devoção permanece até hoje, duas vezes ao ano a comunidade se reúne para chegar até o cruzeiro que fica em frente a João Surá, na sexta-feira santa e 14 de setembro, dia da exaltação da Santa Cruz.

Na adolescência e juventude, tive poucas oportunidades de presenciar a recomendação, pois vivi boa parte fora da comunidade, depois a recomendação era realizada apenas uma ou duas vezes durante a quaresma, os mais velhos conduziam a devoção, Vó Joana, Dita Freitas e tio José eram as nossas referências, mas não consegui aprender com eles, infelizmente uma manifestação importante da cultura dos nossos ancestrais que aos poucos vai se perdendo. (Entrevista realizada dia 25 de março de 2023).

Culturas ancestrais deixados pelos antepassados, que na caminhada pela preservação dos seus ritos em devoção ao sagrado, a anciã Dona S. A. C de 79 anos de idade, relata: “ensinei a fazer vela para procissão, cantava na igreja e era até catequista:”

Eu nasci aqui na comunidade quilombola e me criei aqui, só que aí depois dos meus quatorze anos eu não fiquei mais aqui, mas agora eu voltei, a minha infância tive muita quebradura trabalhei muito na roça né, esse tempo que eu vivi aqui eu trabalhei na roça carregava muito peso, se nós não fossemos para a roça com nossos pais nós apanhava, tinha que ir cada um tinha um machadinho pequenininha colocava lá o cabinho na altura da criança e se criavam na roça e tinha que trabalhar, eu trabalhei com meu pai tudo esse tempo carregava aqueles cestão cheio de mandioca e milho da roça, pra levar pra casa pra nós fazer farinha, pra comer senão não tinha né, os milhos era para dar pros porcos, pras galinhas, pros cavalos mesmo que comiam, então a gente levava e ajudava isso fora que nós trabalhava o dia inteiro na roça, o dia inteiro com nosso pai, eu ajudava a minha mãe a cozinhar eu ajudava, levava a comida na roça para os camaradas sempre meu pai trabalhava com oito a dez camaradas ou as vezes mais, o Joaquim Zabé todo mundo conheceu ele, então a gente trabalhava juntas não só eu mais as minhas irmãs mais velha, mais nova, mais eu era escolhida a dedo, por ser a mais espertinha (risos...). eu ia lá pro sertão, como se fosse daqui lá na Caraquente nos Arivá lá, eu aí pra ficar a semana inteira com papai trabalhando lá quebrando milho, plantando, eu já fazia com quatorze anos e nós morava Barra do Guaracuí, ali onde o Doca mora ali e lá na beira do rio nós tínhamos a nossa casa, mamãe ficava com meus irmãos mais novo e eu ia com papai, então lá eu trabalhava muito cortava a mão, sangrava, tirava espinhos do chão porque naquela época ninguém usava calçados todo mundo andava descalço a gente se vestia bem, mas não tínhamos calçados. Era muito sofrido, a gente não passava fome

tínhamos de tudo em casa nós plantava, colhia e fazia né, mais esses sobre trabalho nós sofremos muito. Minha infância fui muito pesada, pra falar bem a verdade pra você eu não tive infância, mas eu não fui boba comecei a trabalhar cedo com dezesseis anos eu fui embora, fui trabalhar na Plumbum, lá trabalhei por oito anos, voltei pra comunidade fiz curso de enfermagem cuidava das mulheres gestantes, ensinava elas a cuidarem dos nenês, naquela época não tinha fralda era enrolado em pedaços de pano, rasgava pedaço da calça velha da perna do pai para fazer cueiro pro filho, ensinei a fazer vela para procissão, cantava na igreja e era até catequista. (Entrevista realizada dia 25 de abril de 2023).

Condições memoriais abordadas pela anciã Dona S. A. C que nos momentos de roça “eu trabalhava muito cortava a mão, sangrava, tirava espinhos do chão porque naquela época ninguém usava calçados, todo mundo andava descalço,” vivências marginalizadas, que nas memórias trazidas pelo ancião B. E. de M de 62 anos de idade se constituiu da mesma maneira, que ao relatar a sua história de infância e juventude no território quilombola, relembra: “daí eu comecei com doze anos calçar um sapato de plástico:”

A minha infância eu sou nascido e me criado por aqui mesmo, nasci ali por estado de São Paulo onde meu pai e minha mãe tinham terra e moravam pra lá, e eu me criei por ali sabe?! Eu estudei até o primário até o terceiro ano nem o quarto ano eu não fiz porque a situação naquela época era difícil e eu tinha na época a escolaridade daí até os dez anos por aí, que eu estudei que era o terceiro ano e até a quarta série né, e daí nem conclui o quarto ano do primário porque naquela época os pais da gente tinham dificuldades para comprar roupas para a gente e não tinham nem dinheiro para a gente sair, e a gente vai crescendo e amadurecendo e quer ter o dinheiro da gente para comprar as coisas da gente, pra comprar roupa, sapato pra gente sair né, e toda criança é assim ele cresce e depois muda, e eu me preocupava via o pessoal sair em festa e eu não tinha dinheiro para comprar nada, porque meu pai não me dava dinheiro daí, apenas comprava roupa e dava o que de comer para nós, e criou nós e assim estar gastando, esbandindo dinheiro em festa em baile, romarias, que saiam bastante por aqui as rezas que tinham, tinham vendedor de pastel, pamonha aquelas coisas que vendiam só que eles tinham tudo e nós tínhamos tudo também em casa, e quando saía não comprava pra nós comer, daí se você tem filhos os pais compram pros filhos não esquentam a cabeça, não era que nem naquela época meu pai era rígido pra caramba, não deixava gastar com nada, Daí como eu estava falando para você quando eu era criança era desse tipo, daí eu parei de estudar não conclui o quarto ano bem direito e sai de estudar e fui trabalhar plantar na roça colhia as minhas plantaçoão daí vendia, naquela época o forte era feijão vendia bem, daí sai trabalhar para o pessoal que trabalhavam de diarista pra turma por aqui e ganhavam o dinheiro para mim gastar comprar meu sapato, meu chinelo minhas coisas que precisavam, e então daí eu me criei dessa forma e daí parei de estudar com doze anos, até esses doze anos eu não calçava nenhum sapato ainda andava no pé no chão, era roupa de calça comprada de pano feito camisa também, meu pai comprava pra nós ele não fazia comprava feito né, daí eu comecei com doze anos calçar um sapato de plástico, daí depois as coisas foi melhorando, vai mudando e a gente vai trabalhando e vai evoluindo e melhorando e a situação vai mudando

e eu fui me criando e daí eu já cresci, sonhava tanto ter os meu dezoito anos para ter a minha liberdade e ter as minhas coisas.

Em momentos de conversas com Seu B. E. de M percebe-se, que as festas e celebrações estão presentes desde as suas memórias de infância no território, e que ao lembrar os tempos de devoção ressalta “isso jamais, nunca mais volta né:”

Daí essas culturas que tem hoje não é que nem era antigamente, daqueles tempo quando eu era novo que tinha os meus 18 anos, essas culturas era direto essas culturas de romaria, cultura de baile, mutirão que tinha muito mutirão, os pessoal trabalhava só com mutirão todo sábado tinha festa aqui no João Surá, os pessoal fazia muitas festas tinha as orações nas casas, tinha a quaresma que nessa época agora que vai entrar na quarta-feira de cinzas logo já começava as recomendação era tudo quater final de semana tinha, saia para as festas acompanhavam os pessoal na igreja e daí oração para as almas a noite, faziam romarias, era uma cultura que era bem mais forte do que hoje, e hoje pode- se dizer que essa cultura se acabou hoje o pessoal faz mais só por apresentação não é na prática que nem fazia naqueles tempo, era mutirão quase todos os sábados e as romarias saiam bastante romarias dessas danças, na quaresma agora eram as orações para as almas e por aí por diante, e daí tinha a adoração da páscoa que era muito bom também e tinham mutirão lá e acabavam tudo com um bailão no sábado de aleluia, daí a gente se criou nesse ritmo hoje a gente sente falta eu sei que voltar nunca mais vai acontecer de voltar, isso jamais nunca mais volta né. (Entrevista realizada dia 20 de fevereiro de 2023).

Repressões territoriais abordados pelo ancião Seu B. E. de M, que nas constantes lutas contra as desigualdades sociais no território, se faz presente nos relatos memoriais da liderança quilombola do Sr B. F. de F. J de 43 anos de idade, que a partir desses movimentos de lutas em coletividade afirma que se tornou “uma pessoa muito forte que sobreviveu a opressão junto com a comunidade pelo amor das famílias quilombolas de João Surá e persistência dos meus antepassados:”

Sou um dos dez irmãos de uma família humilde, sendo que quatro de meus irmãos morreram ainda criança, quando tinham entre quatro a sete anos de idade. Dos dez filhos de meu pai e de minha mãe, quatro são homens e seis mulheres; desses seis, apenas chegaram à idade adulta: eu, meu irmão e mais quatro irmãs.

Minha família, assim como as outras da comunidade, sempre trabalharam para sobreviver da agricultura, criação de suínos e pesca. Meu pai trabalhava na roça e também foi professor do Ensino Fundamental de anos iniciais em escola multisseriada. Minha mãe, além de trabalhar cuidando da nossa casa e dos meus irmãos mais novos, fazia trabalhos na roça e também para a escola. Junto com meu pai, preparava merenda no fogão à lenha feito de taipa que nós usávamos.

Eu, meu irmão e minhas irmãs estudamos até a quarta série na minha comunidade, na escola em que meu pai foi professor. Depois que fiz a quarta série, ele me matriculou numa escola da cidade para estudar a quinta série do

Ensino Fundamental, no município de Iporanga, estado de São Paulo, que fica numa distância de aproximadamente vinte e cinco quilômetros da comunidade em que moramos. Anos mais tarde ele me trouxe de volta para ajudar a família nos trabalhos da roça e concluir o ensino fundamental na escola do bairro Porto Novo, que também fica distante vinte e cinco quilômetros da comunidade.

Então em 1996 fiz parte de uma turma que resolveram enfrentar a longa caminhada até o ponto de ônibus e depois seguir até a escola. Nós deixávamos a comunidade por volta das 13 horas e retornávamos à noite, chegando em casa por volta das 01:00 ou 02:00 da manhã. Depois a prefeitura colocou um carro de carroceria para nos levar até o ponto de ônibus. Muitas vezes, este carro não estava em boas condições e nós corríamos muito risco de sofrer acidente na estrada. Certo dia faltou freio na descida e a situação só não foi mais desastrosa porque o motorista jogou o automóvel no barranco.

E ao relatar a sua história de vivência podemos definir como denúncia no negligenciamento aos atendimentos dos Direitos Humanos com os povos quilombolas, direitos básicos, mas que devem ser cumpridos por lei sendo; no direito à vida, à liberdade de expressão, o direito ao trabalho, o acesso à educação de qualidade entre outros. E que ao analisar a sua trajetória no território o Sr B. F se declara: “sou vencedor!”

Depois desse fato a prefeitura alugou o carro para nos levar até ao ponto de ônibus, entretanto, nossa frequência na escola ficou baixa, porque, em tempo de chuvas, a estrada não dava condição para o carro rodar. Apesar de nossas faltas aumentarem, aquela turma conseguiu concluir a sonhada oitava série (atualmente, 9º ano).

Antes do carro transportar estudantes, as faltas eram praticamente zeradas; sem o carro, passamos a ficar semanas e até meses sem ir às aulas. Devido a isso, os colegas zombavam nos chamando de turistas – eles não conheciam as nossas dificuldades de chegar até a escola.

Anos mais tarde aos 18 anos, voltei novamente para a cidade de Iporanga para trabalhar numa chácara e permaneci lá por mais quatro anos e, com muita dificuldade, concluí o ensino médio.

No ano de 2003, retornei para a comunidade e observei que a situação das famílias estava bem complicada. Grande parte das pessoas não resistiram à falta de apoio por parte da prefeitura e acabaram vendendo suas terras e indo morar mais próximo ou até mesmo na cidade para arrumar empregos. As estradas fecharam devido ao abandono e ficaram tomadas pelo gado. Restavam alguns moradores; na comunidade só existia a escola rural multisseriada com poucas crianças e a unidade de saúde foi fechada.

Ainda era bastante jovem quando eu e minha esposa casamos, com ajuda de nossas famílias conseguimos permanecer na comunidade quilombola João Sura. (Entrevista realizada dia 09 de março de 2023).

Podemos perceber que nas histórias de vivências dos povos quilombolas, é marcado pela presença constante do movimento de luta, que em certos momentos de convivências suas histórias se entrelaçam, em diversas formas de opressões, que fica visível nas expressões deixadas pelo tempo em seus corpos e nas mãos calejadas devidos os trabalhos braçais nas roças

no enfrentamento na luta pela sobrevivência no território. Mas definir as suas histórias em apenas momentos de dores é superficializar muitas outras vivências que os constituem, como dizia o cantor Emicida (2019) em sua música “*AmarElo*” Sample: Belchior (1976) “*Sujeito de Sorte*”, “permita que eu fale não as minhas cicatrizes tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?” Pergunta difícil, mas necessária que nas oralidades da anciã Dona C. de A fez questão de responder: “mas espero que esses jovens de hoje aqui levem pra frente porque a luta nossa não foi fácil de nós lutarmos até agora, está na mão desses jovens lutar pela terra, território nosso e se é nosso direito o direito é deles também e tem que lutar.”

E que ao trazermos as oralidades dos anciões quilombolas como fonte de pesquisa, tramamos o movimento filosófico de escuta, visto que a filosofia não é algo privado, ela nasce do diálogo das partilhadas de experiências possibilitando na construção de si e do outro, que segundo o filósofo Amadou Hampâté Bâ (2010) em seu provérbio africano “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima¹²”, fazendo-se necessário o registro de escuta e reescritas das suas vivências permitindo que contém as suas histórias, mas que não se percam a sua essência, fazendo prevalecer a ênfase em suas cicatrizes “elas são coadjuvantes não, melhor, figurantes”. Escrevivências tecidas pelas oralidades, que conduz às origens e conexões aos povos africanos e as suas diásporas africanas, manifestações de potências de vozes negras, que muitas tiveram suas ancestralidades com funções demarcadas e que não podem serem ouvidas como “*Canção para ninar menino grande*” (EVARISTO, Conceição 2022), e se as vozes foram limitadas, as apropriações das escritas não, trazendo o firmamento que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p.11). Que no ato de registrar e compartilhar as histórias de vivências vamos possibilitando que as vozes negras ocupem outros meios de espaços de poder, abrindo demandas, promovendo sentidos e proporcionando a visibilidade na diversidade cultural, religiosa e ancestral no mundo.

1.6 Escuta dos anciões.

Desde a minha chegada na comunidade quilombola pude perceber que se manifestava algo muito forte, e que a conexão com o sagrado na ligação com a ancestralidade se fazia muito

¹² Disse uma vez o intelectual malinês Amadou Hampâté Bâ. Descendente da nobreza do Mali e adotado por uma terceira, o autor traz em seu livro *Amkoullel, o menino fula*, uma autobiografia de sua infância e juventude.

presente em suas vivências, e com as visitas nas casas dos anciões pude presenciar essa devoção inexplicável, devoção presente na ritualização com a terra, na roça, nos cânticos, no rezar, nas danças, no uso das plantas medicinais e até mesmo nas oferendas das comidas ofertadas e recitadas aos santos nos momentos de festa e devoção. Foi a partir da escuta dos anseios da anciã Dona Joana de Andrade Pereira que hoje descansa eternamente, que ao conduzir a linha de frente das práticas religiosas sempre trazia palavras sábias voltadas na preocupação da preservação de seus ritos na resistência e permanência no território.

Por ser os anciões que carregam os ofícios para conduzirem as práticas religiosas, e por estar no cotidiano dos quilombolas, em diálogos, pude perceber em suas oralidades nas preocupações das transmissões dos saberes ancestrais, nas quais pode se compreender em diversos fatores que vem se intensificando ao longo do tempo, que com os falecimentos dos anciões, as conversões para cristãos de alguns devotos quilombolas da linha de frente das conduções das práticas religiosas e o deslocamento dos jovens da comunidade para as grandes cidades, acabam interferindo no processo de ciclo das ritualizações que são carregados há séculos pelos devotos quilombolas.

Com as vivências e contato com os moradores quilombolas, para dar espaço nas escutas dos anseios das vozes negras que se residem no quilombo de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, proporcionou dois momentos de rodas de conversas com os anciões que carregam os ofícios ancestrais, sendo o primeiro momento com as cantadeiras e o segundo momento entre capelão, mestres, contramestres e tenor. Para dar início às rodas de conversas e vencer as demandas, trago como referência o anseio do quilombola com a idade mais avançada na comunidade, o ancião Seu S. B. de M de 97 anos de idade, abordando as preocupações nas transmissões e segmentos das práticas religiosas na territorialidade quilombola.

Na romaria não tem mais mestre de romaria como antigamente tinha, então o pessoal vão se desanimando, o pessoal não tão se aventurando mais na moda dante viu, dante o pessoal criança mesmo pegava tinha o machite um tal do machite que diz né, e a criança começava a cantar romaria, era de segunda a segunda era a semana inteira cantando romaria e o pessoal ia toda vez que saia romaria não faiva ninguém, “vai ter uma romaria lá em tal parte, onde é? Na casa de fulano e ciclano, vou lá daí, dá uma ida lá”. O pessoal ia a pé se tinha cavalo ia a cavalo e naquela época a maioria era a pé ou a cavalo, então quer dizer que o pessoal se reunia e daí dançava a noite inteira e agora ninguém vê se nada em parte nenhum, e faz falta aquilo a gente fica com as lembranças e vai indo só descaindo. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

Abrindo caminhos com a oralidade de Seu S. B, conduzo o primeiro momento da roda de conversa com as anciãs quilombolas, Dona G. P. C de 72 anos de idade, Dona C. de A. M

de 63 anos de idade, Dona M. A de P. A de 74 anos de idade e Dona M. L. de M. A de 61 anos de idade em seus ofícios de cantadeiras, trazendo falas potentes de alerta a preservação das práticas religiosas e conduções ancestrais no quilombo:

G. P - A recomendação é o seguinte porque os mais velhos, essas coisas é dos antigos, que vem de senzalas, de quilombos que eram feitos pelos antepassados com os mais idosos, mais velhos, que você sabe que agora está tudo na mão dos novo, e os novos não seguiram, não aprenderam, no caso eu só era acostumada com a Recomendação das Almas na quaresma lá no tempo que eu morava lá no João Surá lá no Guaracuí no caso né, que daí, seria meu pai, minha avó, sabe?! Os pessoal mais antigo dali, que participavam e faziam e sabiam fazer, aí eles foram acabando e também foi acabando isso né, e está acabando os mestres né, os mestres então não tem quem determine, agora a Bandeira do Divino continua, não como antigamente que a gente fazia com alvorada com todo mundo sabe?! Que passava fazia com banda tocando e tudo como antigamente, que ainda aí no João Surá eles fazem assim né, canta nas casas, aqui pra nós por exemplo nós fazemos a bandeira sim normal nas casas também, a gente vai até as casas fazem as orações, cantam bastante também só que não tem ninguém para acompanhar a gente com uma viola, com uma cuica no caso que fazem parte dos instrumentos. E o mesmo acontece com a Romaria os mestres estão acabando, e os novo não estão seguindo, por exemplo lá no João Surá agora poucos dias nós perdemos dois mestres de Romaria, a gente perdeu o Antônio de Andrade que era um dos bons mestres mais antigo e o Zé Cordeiro que era um mestre também de Romaria infelizmente perdemos e infelizmente não está tendo outro para repor, no caso lá no João Surá tem o Neco, os irmãos do Neco mas tirando esses não tem mais ninguém Renan, inclusive lá no João Surá não tem nenhum de lá que segue que toca uma viola para Romaria que diz que faz uma recomendação, e é por isso que está acabando e a tendência é acabar de vez sabe Renan?!(Entrevista realizada dia 07 de abril de 2023).

C. de A- As pessoas de idade foram morrendo tudo, quando criança meu vô, minha avó, minha mãe, meu pai, minhas tias e tios falavam que a recomendação vamos supor que agora está de tardinho né, eles iam aprontavam um café, uma hora eles jantavam ou levavam um cafezão, e daí iam fazer recomendação iam cantando em cruz em cruz né, e não podiam fazer barulho de jeito nenhum e nem falar com o outro podia falar, você chegava no pé da cruz eu lembro que chegava no pé da cruz e tocava a matraca, eles chegavam e se concentravam ali girava a matraca uma vez, duas vezes, três vezes e cantava, dai de novo cantava chegavam a rodear até nove vezes a matraca, rodeava e cantava de novo, e de novo, tinham o capelão e o tenor o capelão cantava o tenor ajudava e as cantadeiras junto é quase a mesma coisa que romaria só que não tinha a viola o instrumento deles é a matraca.(Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

M. A- É que o povo de antigamente parece que era mais religioso né, tinha a devoção deles era mais firme, hoje é poucas pessoas que tem esse interesse de fazer essas orações. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

M. L- Eu penso assim porque as pessoas antes que eram mais animados nessas coisas faleceram tudo né, e esses uns de agora não estão interessados, E eles não se interessam nessas coisas, porque daí tinha a Dita Freita, tinha o Zé Cordeiro, eles eram tudo animado, o Sr Antônio Andrade, nossas eles falavam a gente amanheciam nas beiras das estradas fazendo recomendação e hoje em

dia tudo eles já faleceram, então vai só se acabando. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

Com as preocupações nas conduções dos cânticos ancestrais trazidas pelas anciãs cantadeiras, na oralidade do ancião Seu B. E. de M de 62 anos de idade, deixa um sentido de atenção aos segmentos dos ofícios de capelão, mestre, contramestre e tenor carregados há séculos em ritualidades realizadas pelos devotos no quilombo:

B. E- Na verdade as culturas da comunidade está se acabando porque a Bandeira do Divino quando vem, é mais lá de Iporanga que os pessoal de lá são mais firme nas cantorias e tudo, eles são firmes eles vem pra fazer, agora aqui senão estiver uma pessoa quando a bandeira vem já não tem e não sai a bandeira e a parte da cultura da reza dos dia das almas é que o pessoal não aprendeu e daí chegou o celular e ninguém suporta de tá aprendendo, aprendeu com os mais velhos e os mais novos agora ninguém sabe também e ninguém tem interesse também, até que já foi tentado e não foi pra frente, parou tudo, de Romaria de São Gonçalo só tem o Marino e o Neco que toca aqui, no caso do Neco também ele canta romaria mas se ele for em um lugar que não tiver uma viola ele não toca porque não tem uma viola, já é uma falha também né, ele é mestre mais senão estiver uma viola para ele tocar lá, com o que ele vai tocar? Com Violão? Aí não dá certo né, agora o compadre Marino tem uma viola más já não é mestre ele é contramestre, é isto que está acontecendo e daí pessoa sabe e não ensina pra ninguém também né, e ninguém aprende né, e fica só naqueles um só, aqui é mais o povo da Praia Grande que está na ativa na Romaria de São Gonçalo e na Bandeira agora a recomendação também com eles lá acabou tudo também não existe mais. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

A partir da escuta e anseio do ancião Seu B. E, caminhamos para o segundo momento da roda de conversa com os anciões, Seu P. de A. F de 81 anos de idade e Seu A. A. de M de 67 anos de idade, conduzindo o ofício entre capelão de recomendação e mestre em romarias:

P. de A (Capelão)- Esse daí é uma tradição né, que nem a recomendação das almas, eu sou capelão né de recomendação mais eu deixei de fazer por causa de pinga né, iam muito beldo na estrada, as vezes em você pedir o perdão aos pecados estava inteirando mais, eu este ano que passou eu fiz a recomendação mas só em três casas foi eu, Alice e a muié, cantemos na casa da comadre Olivia. na igreja, Julia e Santina, que a obrigação mesmo é três casas e o cemitério né, mas como a gente está caindo e levantando nós chegávamos no cemitério remetemos a oração e o certo é até meia noite, passou de meia noite já está pertencendo o dia né, tudo que é devoção que for fazer para as almas você começa as seis e vai até a meia noite daí é o giro deles que nesse período está sujeito de você sai na estrada e encontrar qualquer coisa na estrada e o dia ficou para os vivos e a noite para os mortos.(Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

A. A (Mestre)- Outra coisa que pode estar envolvido é a falta da fé né Renan?! Esse povo de antigamente a fé deles eram mais firmes né, agora esses novatos aí é bem diferente, daí por exemplo era uma penitência que fazia né, andava durante a noite cantando além de uma penitência era uma diversão pra eles,

porque eles eram firmes né! E hoje esses novatos eles não se interessam né, daí tem os versos para cantar tem que ir trovando os versos né, de acordo que está a realidade do local onde cantam né, tem que ir trovando por exemplo quando chega no cemitério e na igreja dobrava os versos além dos que cantavam nas cruzeiras, nas casas já eram diferente né, eles mexiam com coisas da bíblia ali, daí lá eles saudavam a igreja, os santos da igreja, daí no caso a hóstia consagrada tudo isso era falado e aumentavam, então aí ficava uma cantiga bem extensa, daí o que acontece? Essa criançada não querem saber né, daí era uma coisa de gente mais antiga, e precisa que esses novos queiram aprender né. Da romaria já é quase o mesmo sentido, é que antigamente as pessoas faziam mais promessas né, recebiam a graça era o curandeiro que fazia os remédios para a gente pequeno ou grande, era só os curandeiros médicos eram difícil, pra gente sair longe então dependendo do estado que estava a pessoa que achava que iria morrer fazia a promessa e recebia a graça, nós mesmo recebemos a graça de São Gonçalo e realizamos a promessa. (Entrevista realizada dia 07 de maio de 2023).

Com as várias referências e menções nas falas das anciãs e anciãos nas rodas de conversas, conduzo as oralidades dos quilombolas, o Sr M. L. P de 52 anos de idade e M. de J. L. P de 38 anos de idade, sendo os únicos no quilombo de João Surá, que estão na ativa em seus ofícios conduzindo a função de mestre e contramestre de romaria trazendo as suas visualidades na continuidade do ciclo das práticas religiosas no território:

M. L/ (Mestre)- A nossa comunidade aqui está um pouco fraco, que as pessoas não está fazendo mais, não em todas as comunidades quilombolas, que em outras comunidades aqui a gente tem participado aí esses dias mesmo a gente teve uma e fomos lá no Pavão, na comunidade lá no Pavão do Estado de São Paulo, aqui pra baixo aqui sentido a Praia Grande pra baixo não faz muito tempo teve também, aqui na nossa comunidade aqui que o povo tá mais devagar né, teve uma época que teve um padre também aqui na nossa região que ele fez bastante gente, bastante pessoas a jurar né de não dançar mais a Romaria de São Gonçalo, que pra ele o São Gonçalo não é santo né, daí bastante gente jurou né, que fez o juramento de não dançar romaria, mas diminuiu muito nessa época, bastante, mas como diz ainda acontece, e o povo não estão fazendo promessa mais por causa que sempre fazia isso era uma promessa que as pessoas fazia devido a graça que recebia ele cumpria a promessa né, e mais não é em todas as comunidades quilombola só a nossa mesmo que está um pouco fraca.(Entrevista realizada dia 05 de maio de 2023).

M. de J (Contramestre)- Por causa que os jovens não quer seguir né, os jovens não quer seguir a tradição mais, e porque compromisso poucos agora que querem ter né, carregar esse fardo, então daí os jovens não estão querendo mais participar né, como era antigamente que os jovens também gostaria de participar, hoje em dia eles já estão induzidos, pôr a tecnologia que chegou e avançou, estão induzidos no celular e outras coisas e começa abandonar a parte tradicional da religião de muito tempo e vai ficando pro passado e só os mais velhos que tem e ainda pratica né e assim vai até se acabar né, porque do jeito que está indo aí provavelmente os jovens vão deixar pra trás isso aí até acabar.(Entrevista realizada dia 05 de maio de 2023).

Dentre as falas dos anciões e lideranças quilombolas é notável essa cobrança das participações dos jovens nas preservações das práticas religiosas no território, visto que se observarmos as interações da juventude nessas ritualidades, percebe-se o envolvimento nas participações de festas, danças, ritos e devoções que se constituem em suas ligações com as religiosidades no quilombo, que de acordo com a estudante A. B. dos S de 17 anos de idade, conduz:

Dentro da nossa comunidade ainda tem jovens que se interessam e participam das práticas religiosas como a bandeira do Divino e as romarias, no momento de devoção e partilha da fé todos que estão acompanhando a bandeira se prestam muito interessados em seguir firme acompanhando aos outros que ali estão, algum dos jovens cantam, outros dançam. A caminhada da bandeira é longa, mas não deixam de participar e prestigiar, a comunidade vizinha Praia Grande faz sua passagem da bandeira e nela é arrecadada as prendas e os ofertórios em prol da festa para também beneficiar a igreja e na nossa comunidade o que também será arrecadado vai para a igreja. (Entrevista realizada dia 16 de fevereiro de 2024).

Contribuições nas preservações das práticas religiosas, que de acordo com a estudante quilombola B. M. de F de 17 anos de idade, afirma:

Nas práticas religiosas, Romaria de São Gonçalo e a passagem da Bandeira do Divino, percebe-se sim a presença de jovens e até das crianças, mas limita-se às famílias que têm essas práticas como um ensinamento um costume, já a Recomendação não se vê a participação. São poucos, mas, acredito que esses jovens que já sabem, já aprenderam essas práticas vão repassá-las, para assim mantê-las preservadas. (Entrevista realizada dia 24 de fevereiro de 2024).

Foi a partir desse movimento de escutas de vivências em dar voz aos anciões, lideranças quilombolas e estudantes, em sentar, ouvir os seus anseios e fazer os registros das suas oralidades que o meu projeto de pesquisa nasceu, diante de uma necessidade de luta emergencial no território pelo fortalecimento das suas tradições, ritos e devoções, diante do cenário exposto pelos devotos quilombolas o projeto vem ao encontro como forma de preservação das suas raízes na conexão com as ritualidades no conhecimento e reconhecimento na cultura identitária de um povo, que ao trazermos a visibilidade das realizações das práticas religiosas nas diásporas africanas ao mundo, possibilitamos que ocupem outros espaços de poderes, trazendo um conhecimento pluriversal, para que possa quebrar paradigmas ao conhecimento do novo, combatendo o racismo, preconceito, associações a práticas negativas e a intolerância religiosa.

1.6.1 As práticas religiosas no Quilombo João Surá.

A caminho para as próximas sessões, conduzo os passos das africanidades constituído na Cosmovisão Africana presente no movimento de escuta das vozes dos anciões quilombolas, abordando o processo histórico das Práticas Religiosas sendo: a Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino trazendo a conexão com o sagrado e a ancestralidade seja nos modos de cantar, rezar nas realizações de ritos entre outros. Que conforme Eduardo Oliveira (2003) conduz que a Cosmovisão Africana “apesar das modificações e rupturas, seguem estruturando as concepções de vida dos africanos e seus descendentes espalhados pelo mundo depois da Diáspora Negra.” (OLIVEIRA, 2003, p.40). Práticas que se constituem há mais de dois séculos no território, que em momentos específicos de festas e devoção na comunidade, nota-se os “entrecruzamentos” de elementos ritualísticos de uma prática religiosa com a outra, conduzidos em coletividade entre os devotos quilombolas, ligado às raízes do sagrado com o profano para gerar o efeito na pagação de promessas, realizações de ritos em datas festivas de população negra no território quilombola.

1.6.2 Recomendação das Almas.

A prática religiosa das Recomendação das Almas na comunidade quilombola de João Surá PR, vem há séculos marcando a existência e re-existência no território quilombola, de acordo com os conhecimentos dos anciões da comunidade, essa religiosidade veio com a devoção dos negros africanos, refugiados e escravizados da mina de Ouro de Apiaí SP, estima-se que essa ritualidade devido ao seu processo histórico está presente no território quilombola há mais de 200 anos, herança ancestral deixado pela ancestralidade que no ato de recomendar ecoam vozes e pronúncias dos quilombolas, sabedorias transformadas em cânticos e vozes de anciões que ecoam um sincretismo de fé as almas que necessitam de uma libertação espiritual, libertação que só através das vozes, cânticos e pronúncias geram o ato e o efeito de recomendar. Manifestação religiosa que podemos enfatizar uma forte conexão elementar com a quaresma, que se inicia na Quarta-Feira de Cinzas envolvidos de ritualidades entre os devotos quilombolas, que em momentos de devoção na comunidade são realizados uma cruz de cinzas na testa dos fiéis ou colocado um pouco das cinzas no meio da cabeça como forma de arrependimento e remissão dos pecados.

O tempo de quaresma é um momento de jejum em oração na penitência realizada pelos devotos quilombolas, que nessa época em dias específicos da semana nas quartas-feiras e sextas-feiras realizam abstinência da carne, um voto de fé em devoção na ligação com o

sagrado. Devoção que durante os quarenta dias de penitência são carregados de crenças, fé e sacrifícios em respeito ao divino, na qual a quilombola, neta, tataraneta e filha de cantadeiras de Romarias e Recomendação das Almas de 40 anos de idade, C. A. de M, relata a passagem da veneração dos fiéis em tempos de quaresma no território quilombola:

Então eu cresci ouvindo né, meus avós, meus tios, pai e a mãe sempre contando essa questão do respeito né no período da quaresma dos quarenta dias da quaresma, após a quarta-feira de cinzas é um período de oração, de silêncio de penitência né, de sacrifício né, que é o mês que a gente tem que evitar de comer carne. Aos contos dos mais velhos que sempre orientavam e contavam, eles diziam que no período da quaresma a gente tem que fazer silêncio principalmente à noite né, lembro que nós gostava de brincar a noite, principalmente na noite de luar né, ai eles falavam “que a gente não podiam ficar fazendo barulhos” né, porque se a gente fizesse barulho a gente ia ouvir em outros momentos né, aí contavam algumas histórias que aconteciam com eles que se fizesse barulho outro dia ouvia, ouvia barulhos de gente correndo, falando, não podia socar no pilão a noite, nem ouvir música né, que daí ouvia-se né em outro momento a noite da pessoa via a pessoa e ficava com medo, porque imagina no lugar tudo no mato assim que não tinha movimento, muitas vezes não tinha nem vizinho ai se repetia o barulho em outros momentos e sempre eles falavam que era na quaresma, não podia assobiar né e não podia fazer essas coisas a noite principalmente. E sempre na quaresma tem as nossas devoções né os dias que a gente guarda, os dias santos, o dia de São Bom Jesus dos Passos, o dia da Nossa Senhora das Dores e principalmente a semana santa né que é um dia de muito respeito, que é o dia que eles contam que na sexta-feira santa não podia varrer a casa, não podia pentear o cabelo é um dia bem de silêncio mesmo. (Entrevista realizada dia 15 de novembro de 2022).

Ritualidades que em época específica de devoção no território quilombola podemos observar as manifestação e associações mitológicas populares em momento de quaresma, relacionadas às figuras folclóricas e seres sobrenaturais associados pelos moradores do quilombo, que na oralidade do quilombola e mestre em Recomendação das Almas de 67 anos de idade o ancião Seu A. A. de M, relata sobre essas manifestações de encantamento em dias quaresmal:

Um dia a gente estava voltando de uma romaria e na estrada a gente viu um barulho né, um barulhinho, e daí a gente ficou pensando no que que era, e daí ele deu uma assobiada né falando o nome dele, daí pô né nós ficamos pensando existe essa coisa, daí dá um medo na gente (risos...), e outra coisa na casa também várias vezes em casa as noites assim sempre nas terça e sexta-feira, não me recorde se era na quaresma mais deveria ser, faziam barulhos com cachorros, os cachorros latiam, latiam parece que tá é pegando alguma coisa e daí novamente aquele barulho, e vai lá aqueles barulho, daí sempre a gente foi católico e a gente se relembra das orações, fazer as orações e vamos lá no momento ele se retira, se retirava da casa né, porque parecia que estava perto da casa e assim no pátio, e daí ele os cachorros avançavam novamente e daí ele assobiava, dava aqueles assobiada alto, e isso a gente só não viu só uma

vez, várias vezes, eu andei muito a noite né, muito a noite mais graças a Deus eu fazia as minhas orações sempre na hora de sair e foi só nessa vez que eu vi depois não presencie mais. (Entrevista realizada dia 18 de novembro de 2022).

Representações mitológicas de seres sobrenaturais que em tempos de quaresma e as suas manifestações no território, os moradores quilombolas evitavam saírem das casas a noite, o mesmo se recolhiam mais cedo para dentro de suas moradias, em relação por serem período de lua cheia é época propícia para as realizações das recomendações devidas as noites de luar que geram o efeito e o ato para se recomendar.

A devoção das Recomendação das Almas é realizado no território quilombola na quaresma entre o mês de março e abril, geralmente acontecia em dias específicos nas sextas-feiras em período noturno, na qual o capelão saíam pela comunidade com seus fogareiros e luzes de velas em procissão a recomendação, as famílias que desejassem que o capelão, tenor e as cantadeiras recomendassem as almas dos seus entes queridos deixavam uma cruz enfeitadas com arranjos de flores em frente à sua moradia, sinalizando ao capelão nas paradas para a recomenda, com apenas o toque do barulho de iniciação com o giro de três vezes da matraca, instrumento realizado de taquara pelos próprios devotos quilombolas, anunciam a sua chegada, nesse momento a casa do devoto que pediu a recomenda deve estar com as luzes da casa apagada a família deve ficar de joelhos dentro de casa em silêncio e em sinal de respeito, não podiam olhar pelas janelas, frestas, buracos de portas e das paredes, como afirma a quilombola e cantadeira de Romaria e Recomendação das Almas, a anciã de 74 anos de idade Dona M. A. P. A, em seu rito de passagem:

Daí a pessoa que faz a recomendação não pode sondar em fresta de janela de porta, minha vó contava que uma prima dela, Maria, vinha turma cantava a recomendação quando tocaram a matraca ela pegou e olhou assim pra fresta, ela recebeu um punhado de areia nos olhos demorou tempo pra ela fazer outra recomendação. É porque não pode né vai teimar de curioso! (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2022).

Os fiéis que recebiam a recomenda, só podiam ouvir as orações e os cânticos das cantadeiras, já os moradores que não colocavam a cruz em frente a sua moradia o capelão, tenor e as cantadeiras recomendaram também, mas eram um cântico diferente dos que fizeram a sinalização com os cruzeiros, após a finalização com o giro da matraca três vezes novamente anunciando a família do ente querido que recebeu a recomenda, a família devota poderia acompanhar a procissão da recomenda nas outras moradias quilombolas que necessitavam dos cânticos de libertação.

FIGURA 5: REALIZAÇÃO DA RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS NO QUILOMBO DE JOÃO SURÁ-PR.



FONTE: Livro Paraná Negro-Ano (2008) -Recomendação das Almas nos cruzeiros localizados nas beiras das estradas.

Nas realizações das recomendações das almas eram conduzidos por vários grupos de devotos de diversas localidades no território quilombola, em que o ancião Seu P. de A. F de 81 anos de idade, conhecido como Seu Paulico, relata:

Mas é coisa dos antigos do bisavô, de primeiro vinha cada bairro tinha um grupo, vinha um grupo da Praia Grande, daqui tinha o Poço Grande e ia tudo para o cemitério e pra igreja e tinha o grupo de Joaquim Freitas e cantávamos no cemitério depois na igreja e tinha café na casa da pessoa escolhida reunia até umas 40 pessoas, a gente fazia pedido para as almas, promessa, aí marcava o dia na sexta-feira ou qualquer dia na quaresma. (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2022).

Além de recomendar nas moradias das famílias quilombolas, o capelão, tenor e cantadeiras tinham os pontos fixos para a recomendação: não podiam deixar de recomendar nos cruzeiros que ficavam nas beiras das estradas, na igreja e no cemitério da comunidade, se caso o cemitério for de recém-nascidos (anjos) era um tipo de cantoria e reza realizado naquela ocasião, há casos que a recomendação das almas levava a noite inteira recomendando e só paravam quando amanhecia o dia com o cantar do galo.

Neste rito de passagem o quilombola, ancião e devoto as Recomendação das Almas, Seu P. de A. F, nos relata que na época de “dante¹³” como de costume as recomendações eram realizadas pelo Rio Pardo, a qual afirma:

¹³ Palavra muito utilizada pelos anciãos mais velhos na comunidade quilombola de João Surá para se referir a uma data que faz muito tempo que aconteceu.

Antigamente eles vinham de canoas no rio, não tinha estrada o povo vinha por canoa. Antigamente a nossa estrada aqui era o rio, depois que fizeram essas estradas, daí quando vinha pelo rio vinha outras comunidades também, não podia nem bater a vara, cajado era só de remo não pode nem fazer buia era silêncio mesmo, molecada aqui tudo no silêncio, chegar nas casas tem que chegar andando bem devagarinho começava oito horas da noite e o galo cantou tem que parar, porque aí já está pertencendo o dia. (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2022).

As organizações para a realização dessa prática religiosa no território são conduzidas pelos próprios devotos quilombolas, que se misturam em momentos de devoção com a comunidade de Praia Grande SP¹⁴ que tem uma grande veneração nas participações e na preservação das práticas religiosas no território quilombola, na qual se faziam a promessa para as almas e após o recebimento realizariam a recomenda, uma religiosidade tipicamente da comunidade quilombola, trazendo ligações de um sincretismo próprio¹⁵ da comunidade voltado à mistura de um Catolicismo popular com as diásporas africanas, manifestações que podemos perceber nos modos do cantar, rezar, na construção da matraca instrumento principal para a recomenda e nas adaptações para gerar o efeito em momentos de devoção.

Podemos perceber uma forte ligação das Recomendação das Almas com os Pretos Velhos, que aqui peço permissão aos ancestrais para a invocação das entidades sob arquétipos de idosos africanos, que nas oralidades da anciã quilombola Dona M. A. P. A de 74 anos de idade, destaca:

Os cachorros latiram lá em baixo estava de noite nós tinha acabado de deitar, deitei fiquei quietinha daqui a pouco ouvi uns cachorros latindo lá pra baixo, pensei assim comigo, será que não era cumpade Artino, cumpadre Parecido com a cumadre Lúcia com uma luz que estava vindo cantar a recomendação, levantei a cabeça fiquei escutando daqui a pouco ouvi aquela cantiga pela boca de cumadre Joana, por causa daquela vez que era pra cantar a recomendação, foi eu ela até que a irmã ajudou a cantar um pouco lá e Cassiane e cantemos lá na porta da igreja, lá. Oia eu ouvi a voz de cumadre Joana aí no portão aí, eu sentei na cama e fiquei sentada um eito de hora e aquilo me arrepiou eu falei credo meu Deus a voz de cumadre Joana.

Renan Rodrigues - Mas você já tinha cantado?

M. A - Não eu não tinha cantado ainda.

Renan Rodrigues - Ela estava pedindo então?!

M. A - É ela gostava né!

¹⁴ O território ocupado historicamente por esta comunidade localiza-se à sudoeste da cidade de Iporanga subindo o rio Ribeira de Iguape. Esse bairro à Nordeste limita-se com Bairro do Funil, ao Norte pelo bairro Descalvado, à Noroeste o bairro Cotia, a Oeste o bairro Barra do rio Pardo, à Sudeste com o rio Pardo no estado do Paraná, ao Sul com o bairro João Surra (PR) e a Leste com o bairro Merrecas (PR). Ler mais: <https://eaacone.webnode.com.br/quilombos-vale-do-ribeira/iporanga/praiia-grande/>

¹⁵ O sincretismo entre o catolicismo e a religião africana nada passa de uma cobertura sob a qual os escravos clandestinamente se habitavam a praticar seu próprio culto religioso, reprimido de tantas formas. (Nascimento, Abdias, 1914-2011).

(Entrevista realizada dia 27 de maio de 2022).

Após o relato da anciã quilombola Dona M. A podemos enfatizar a presença dos pretos velhos na prática religiosa das Recomendação das Almas a partir da conexão com a ancestralidade, trazendo os espíritos de entidades de escravizados africanos com idade avançada a se comunicar ou se expressar através de médiuns/cavalos- pessoas que possuem a finalidade de se incorporarem a esses espíritos, a qual eles se movem, falam, gesticulam e ajam por meio de seus corpos. No Brasil essas manifestações de entidades mais velhas teria surgido a partir do século XX com as primeiras construção de terreiros de umbanda, os pretos velhos são chamados de pretos por causa da sua cor de pele retinta e velho por causa da sua idade avançada, as suas caracterizações era imprescindível a utilização de roupas brancas o que muda na vestimenta de homens para mulheres, na qual podemos consultar estas afirmações na passagem da autora Etiene Sales de Oliveira (2005) em sua obra “*Umbanda de Pretos- Velhos: a tradição popular de uma religião*”, que define:

As mulheres, em casas mais tradicionais e que têm sua raiz dentro dos cultos afro-brasileiro, como é o caso do CESJB, usam por tradição a “roupa de baiana”: saia rodada com anáguas e blusa rendada. Os homens usam uma blusa que pode ser de malha, Apolo ou uma camisa de algodão (meia manga com botões) e calça comprida.

Essas são as roupas padrões e utilizadas em todas as sessões. A exceção são as roupas de gira de Exu e Pombogira, em que alguns médiuns têm permissão para usar a roupa pedida a seu exu ou Pomba-gira. (p.121).

Elementos como estes que em momentos de ritos como a Recomendação das Almas realizado no quilombo de João Surá, também se fazia necessário na vestimenta de roupas brancas para gerar o efeito no ato de recomendar. Além de possuírem a função de proteção e aviso nas emboscadas da vida, um dos instrumentos manuseados pelos pretos velhos é o cachimbo, cajado (bengala), terços e rosários nas utilizações dos trabalhos e benzimentos que são grandes conhecedores de ervas, em que faziam usos de arrudas, ervas medicinais, chás e banhos as pessoas que iam consultá-los. Que aqui faço a menção nas palavras da devota e cantadeira de Recomendação das Almas, a quilombola e anciã de 72 anos de idade Dona G. P. C, sobre as suas práticas e uso as ervas medicinais e benzimentos que afirma: “eu não realizo curas, a cura está na sua fé que aqueles procedimentos que estou manuseando irão te curar”, ritos como esses que continuam vivo nas memórias quilombolas, gestos e realizações feita pela anciã em que compartilha uma passagem de fé e devoção com suas ligações nas práticas de ervas medicinais, benzimentos e chás caseiros para suas referidas curas:

A minha experiência com o curandeirismo, porque eu nasci e me criei em uma comunidade quilombola lá do João Surá e na época da minha infância não existiam médicos pelo menos no nosso município era muito difícil o acesso a médico, então quando a gente ficava as crianças ficavam doente os pais recorriam as curandeiras as qual faziam orações e davam remédios para a gente feito com as ervas medicinais, então porque era impossível você ter outro né outra ajuda. Ai como eu né fui acompanhando as famílias que levavam a gente nas curandeiras que ensinavam as simpatias né, que tem simpatias pra pra eles faziam simpatias até para dor de dente, faziam simpatias pra cachumba e a gente foi vendo aquilo e foi adquirindo experiências com aquilo e dava certo a gente foi crendo, porque não tinha outra coisa para a gente fazer sabe? Aí veio as realizações dos chás caseiros de ervas medicinais, então aí já diz né que as ervas medicinais é natural e a gente acreditava que jamais iria fazer mal né, pelo contrário só fazia bem, eu adquiri muita experiências com as ervas medicinais porque como eu aprendi hoje eu faço a prática das ervas conforme minha situação, minha saúde eu faço a prática sim das ervas medicinais, chás caseiros não só para mim como pra quem vem procurar, tem muitas mães que vem procurar para a gente fazer um chá para uma criança que está por exemplo com bicha que está assustado, que está desconfiada, ai a gente orienta ou faz o chazinho para elas, então essa é minha experiência e creio que dá certo porque até hoje deu certo. Como eu tenho né e deu certo para mim aí com o tempo com a continuação, a gente foi aprendendo mais e mais sobre as ervas medicinais, eu no caso até que eu fiz cursos né sobre ervas medicinais, eu trabalhei muito com a Pastoral da Criança e a Pastoral da Criança orientou muito a natureza né produtos naturais pra nois, e inclusive os chás caseiros, pra quem tem dor de estômago você toma um chá caseiro, você tem dor de barriga você faz um chá caseiro, enfim até mesmo para uma anemia a gente aprendeu a fazer os xaropes caseiros é tudo com ervas medicinais que para fazer o xarope pra anemia a gente usa muitas ervas medicinais e então essas são algumas das minhas experiências com as práticas do curandeirismo.(Entrevista realizada dia 12 de abril de 2021).

Práticas conduzidas pela anciã Dona G. P. C que podemos observar elementos presentes nas experiências e realizações das práticas de benzimentos e ervas medicinais nas escritas da autora Livia Lima Rezende (2017) em sua obra “*Pretos Velhos: Sagrado e o Mágico na Encruzilhada da Religiões*”, sobre as referências do autor Roger Chartier (2010) em sua obra “*Escutar os mortos com os olhos*”, nas realizações das práticas de benzimentos e ervas medicinais que conduz:

Dita impossibilidade também estaria expressa na figura dos benzedores: aquelas pessoas que são reconhecidas por sua capacidade de realizar curas de males do corpo e da alma através de rezas e dos mais variados instrumentos (ervas, banhos, chás...) sem qualquer cobrança financeira. A prática do benzimento associada a uma mescla dos saberes populares de povos de distintas origens, desde costumes indígenas até elementos católicos e kardecistas, passando pelos saberes africanos. Cabe ressaltar que “a postura de ajuda adotado pelos benzedores cria um universo de abnegação e simplicidade que os tornam legítimos em seu ofício perante a sociedade, que lhes depositam confiança, fé e confidências”. (p.187).

Prática religiosa que na comunidade quilombola está ficando muito rara, devido aos falecimentos dos anciões e muitos que já não estão em condições de recomendar, por ser os anciões mais velhos que dominam essa religiosidade, poderá demorar mais tempo para se aprender, os mais novos ainda não tem o domínio nesse ofício, que para se tornar um capelão, tenor ou cantadeira, você nasce com o dom e voz potente para recomendar, religiosidade que só acontece na quaresma uma vez ao ano e em dias específicos, o que resulta na dificuldade e no tempo para a sua execução e domínio no ofício das recomendações.

1.6.3 Romarias: Dança de São Gonçalo.

São Gonçalo nasceu em Tagilde, Portugal por volta de 1187, por pertencer a família nobre logo foi encaminhado para realizar os seus estudos de Teologia, e em seguida se consagra sacerdote, e com o passar do tempo por ordenação do arcebispo Braga foi nomeado padre na paróquia de São Paulo de Vizela. Nos vários relatos e até em momentos mitológicos São Gonçalo teria passado quatorze anos em terra santa, após uma viagem para conhecer Roma em Jerusalém, com seu retorno o mesmo teria sido traído pelo seu sobrinho, que consistia muita inveja em seus trabalhos afirmando com documentos falsos que ele tinha sofrido um acidente em sua viagem e alegando a sua morte, após uma visão da Virgem Maria, Gonçalo passou a ter uma vida de penitência na qual construiu uma ermida às margens do rio Tâmega, que hoje é reconhecida como uma pequena igreja de São Gonçalo do Amarante.

A festa de São Gonçalo ou São Gonçalo do Amarante como é reconhecido no Brasil é comemorado segundo a liturgia no dia 10 de janeiro o mesmo dia da sua morte, vale lembrar que São Gonçalo para a Igreja Católica Apostólica Romana, não é santo mais sim um beato, sua santificação é obra da cultura popular do povo e não os oficiais da igreja para canonização.

Na cultura popular, São Gonçalo é considerado um santo casamenteiro, por sua vocação de celebrar os matrimônios que a igreja condenava e também o protetor dos violeiros em relação às cantorias e rodas de violas, que Gonçalo encontrou para pregar os versos e propagar a palavra de Deus. Reza a tradição popular que São Gonçalo era um homem muito alegre, festeiro, que gostava de organizar bailes, tocar viola e cavaquinho enfeitados de fitas, com o ofício aos ensinamentos da religião através das cantigas dos versos para as moças namoradeiras ou em prostíbulo, na qual podemos elencar uma passagem de São Gonçalo em seu ofício nos registros de (CÂMARA CASCUDO, 2001, VOLPATO, s/d) que define:

Diz-se que o santo dançarino usava sapatos com pregos para dançar a noite inteira, com apontamentos de vários motivos para tal: livrar prostitutas do ofício (enquanto dançavam não “pecavam”), ocupar pecadores com seu canto e música ou se redimir porque em suas missas se cantava e dançava. (p.288).

Os autores ainda destacam outro elemento imprescindível que está na caracterização da imagem do santo popular, a qual enfatizam:

Na versão católica, sua imagem não traz viola. A viola aparece em São Gonçalo do Amará (com calção, bota braguesa, viola e chapéu) ou como São Gonçalo Padre. A dança de São Gonçalo é conhecida por outros nomes e segue alguns padrões. Por exemplo, é obrigatório dançar na frente do santo e jamais lhe virar as costas, cumprimentá-lo na despedida com sapateado, beijando a imagem, o altar ou adornos que o enfeitam. Homens e mulheres organizam-se em filas, cada uma correspondente a um gênero. (p.288).

FIGURA 6: CARACTERIZAÇÃO DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ-PR.



FONTE: Arquivo pessoal do autor- contemplação e devoção ao São Gonçalo na comunidade quilombola de João Surá-PR.

Na comunidade quilombola de João Surá a devoção a São Gonçalo é muito forte desde a realização do pedido como a pagação da promessa, devido ao seu processo histórico há mais de 200 anos no território quilombola, prática religiosa trazida pelos negros africanos, refugiados e escravizados da mina de Ouro de Apiaí SP, herança ancestral deixado pelos antepassados que até hoje na comunidade se faz presente com muita fé, respeito e devoção.

Com referências aos anciões da comunidade essa devoção a São Gonçalo surgiu no momento em que estava acontecendo muitas coisas feias e ruins na comunidade como:

enfermidades, pestes e era muito difícil para se resolver, o povo muito devoto fizeram o pedido a São Gonçalo, se caso o santo atendesse o pedido eles realizariam a dança para ele, costume como esse de fazer o pedido ao santo, que ainda se manifesta de uma geração para geração seguinte na comunidade.

FIGURA 7: ROMARIA DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO POÇO GRANDE- QUILOMBO DE JOÃO SURÁ-PR.



FONTE: Arquivo pessoal do autor- Romaria: Dança de São Gonçalo na Comunidade Quilombola do Poço Grande localizado no Quilombo de João Surá-PR. Ano (2022).

A romaria de São Gonçalo ou Dança de São Gonçalo como é de costume não existe uma data específica para acontecer, mas a época mais forte que a comunidade costuma a realizar a dança de São Gonçalo é na época da passagem da Bandeira do Divino no território quilombola, que acontece após a quaresma época em tempos de preparação para o pentecoste, novena do espírito santo ou de pentecoste que é comemorado em cinquenta dias após a páscoa no mês de junho.

Para a realização da romaria é necessário de muita preparação, como explica a quilombola, cantadeira e devota ao São Gonçalo de 63 anos de idade, a anciã Dona C. de A. M:

De acordo com os mais velhos é feito o pedido ao São Gonçalo e em troca realizaria a dança conforme o tanto de voltas prometidas ao santo, se prometer uma volta faz uma e se caso prometer duas voltas faz três com uma volta de agradecimento e convidava as cantadeiras, mestres e contramestres de romaria, para a realização da dança deve estar montado o pano com os enfeites que cobre o altar junto com a Bandeira do Divino para o santo dentro da sala da casa da pessoa que está realizando a romaria são servidos comidas e café

para os devotos até de madrugada. Homens e mulheres realizam a dança, as mulheres dançam com suas saias enquanto os homens nas salvas de palmas ao toque da viola dos mestres, contramestres e aos cânticos das cantadeiras realizam o pagamento da promessa, a pessoa que prometeu a romaria a São Gonçalo geralmente dança segurando o santo pelo pedido feito e a bênção recebida. (Entrevista realizada dia 19 de outubro de 2022).

FIGURA 8: ALTAR DA ROMARIA DE SÃO GONÇALO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO POÇO GRANDE- QUILOMBO DE JOÃO SURÁ- PR.



FONTE: Arquivo pessoal do autor- Altar da Romaria: Dança de São Gonçalo na Comunidade Quilombola do Poço Grande- Quilombo de João Surá-PR. Ano (2022).

Podemos observar que ainda que o pedido é feito no individual, mas é pago no coletivo trazendo um aspecto característico do grupo, voltado aos povos Bantus do Ubuntu nos modos organizacionais da comunidade, quando um morador da comunidade promete ao santo que irão realizar uma romaria as únicas pessoas que geralmente são convidadas são os mestres, contramestres e as cantadeiras já a comunidade não precisa todos sabem que para ser promessa paga precisa que todos ajudem na realização da dança ao São Gonçalo. Dança que traz um elemento típico da mistura do catolicismo popular com a diáspora africana trazendo manifestações de um sincretismo próprio da comunidade presente nos cânticos, na reza, benzimentos, no gingar do corpo, na montagem do altar ao santo e nas comedorias realizadas nas casas dos fiéis aos redores onde está sendo realizada a pagação da promessa para santo. O tempo de duração para a realização na dança de romaria varia de acordo com a quantidade de pares que entram na roda para dançar, geralmente, cada volta tem que ter pelo menos uma certa

quantidade de pares, a qual explica o quilombola e contramestre de Romaria de 38 anos de idade, M. de J. L. P em seu ofício:

Comecei aos 12 anos de idade, cheguei a realizar umas cinquenta romarias no mínimo que para realizar a dança é necessário no mínimo seis pares, que é composto de homens e mulheres, cada volta realizada ao santo dura cerca de 40 minutos a 1 hora que a regra é seguir os passos: votação, passo-certo, parafuso e casamento. (Entrevista realizada dia 19 de outubro de 2022).

O contramestre de romaria está em formação para se tornar mestre em romeiros, em que trazemos como referência o quilombola e mestre em romarias de 52 anos de idade o Sr M. L. P que relata esse processo da passagem de contramestre para mestre em devoção ao santo protetor dos violeiros:

Comecei como contramestre aos 14 anos realizei umas noventa para cima de romarias, primeiramente quando é uma devoção, antigamente era por promessa aqui na comunidade é por apresentação quando é realizado a romaria precisa de seis pares para começar sendo homens e mulheres, para morto é realizado sempre de dia. Quem vai cumprir a promessa vai engordar um porco produzir um arroz, para nós que dançam como romeiro na romaria só sai se estiver os dois o mestre que conduz os versos, ele já tem que saber tocar os versos para acompanhar a romaria ele não deixa os devotos errar na dança, para se tornar um mestre de romaria o contramestre tem que ser capacitado de conduzir uma volta de romaria se conseguir se torna mestre, a música a gente sabe todos os versos, os versos vem da cabeça na hora ai o contramestre e cantadeiras acompanham o mestre na devoção. (Entrevista realizada dia 26 de outubro de 2022).

Há casos de que uma romaria pela quantidade de voltas prometida pelo devoto, para ser cumprida é necessário o dia e a noite inteira dançando a mesma música por horas para todas as voltas, enquanto uma equipe de fiéis está dançando, temos a outra equipe de fiéis na espera para realizar a volta seguinte, enquanto a primeira equipe que dançou descansa a outra entra em cena com apenas um toque do estouro de um foguete anunciando que a volta foi cumprida e recebida pelo santo.

Essa prática religiosa na comunidade é a única prática que gera herdeiros, se caso o devoto que fez o pedido chegar a falecer, ele vem através dos sonhos para os parentes ou amigos próximos pedindo para que realize a romaria, é uma das características marcantes do grupo, é que para realizar a romaria a uma pessoa já falecida precisa ser realizado de dia senão nem o santo e a pessoa que prometeu a recebe, e se não recebeu não é promessa paga, há relatos que se no caso a promessa for feita e não paga, uma alma penada vem buscar a pessoa devota que a fez o pedido e não o cumpriu. As perseguições a essa prática religiosa também foram muito

constantes com as passagens de vários padres no território, opressões religiosas que na oralidade do quilombola de 62 anos de idade, o ancião Seu B. E. de M que enfatiza ter enfrentado no decorrer do tempo no território quilombola:

Quando você vai comprar, vai comprar São Gonçalo você encontra naquelas casas que vende, casa de umbanda aquelas coisadas de velas, porque oh na igreja para você comprar você não acha, porque esse São Gonçalo não é um santo pela Igreja Católica Apostólica Romana ele é um santo que foi santificado e que desviaram ele da igreja Católica ele é lá da Umbanda, daí ele não é registrado nos registro dos santos da igreja, ele é um santo de outra ceita daí ele não está no livro da Igreja Católica Apostólica Romana, esse é um padre que veio uma época aqui, o padre fez nós fazer confissão segurar crucifixo e dizer que nós não íamos mais em romarias, que não íamos mais casas de umbandas, e que não íamos mais acreditar em cura de curador, que não íamos mais participar daquilo, esse padre foi pro bispo até no papa assim ele contava para nós né, eu conversava muito com ele, entrava em contato com ele e não achava, e ele falou que esse São Gonçalo não está na lista de santos da Igreja Católica Apostólica Romana, é difícil encontrar, você vai encontrar ele lá na Aparecida do Norte naquelas lojas que vendem lá na rua tem, se você for do tipo encomendar para o padre ele não vai trazer para você, você nem vê os padres participando dessa prática religiosa é muito difícil, é uma coisa dos escravos uma dança dos escravos. (Entrevista realizada dia 21 de maio de 2022).

A visita do padre na comunidade quilombola acontecia duas vezes ao ano, no mês de junho e novembro em que vinham para a comunidade a cavalo, e nessas vindas dos padres ao território podemos perceber o “*Poder Pastoral*” realizado sobre os devotos quilombolas, que deveriam renunciar suas práticas religiosas para ter céu e seguir as condutas da igreja, condutas compostas de confissões em “*Vigiar e Punir*” que traz as punições em forma de retiro do distanciamento dos pensamentos e realizações de práticas consideradas negativas, exercício de poder defendido por Foucault (2003) como o “*Segundo Domínio SER-PODER:*”

Em termos dos “tipos” de poder em ação, o poder disciplinar veio “substituir” o poder pastoral e o poder de soberania. Para avaliar melhor o alcance desse fenômeno é preciso compreender o poder pastoral na forma pela qual ele se institucionalizou nas práticas cristãs medievais. O poder pastoral se exerce segundo um conjunto de princípios. Ele é *vertical*: emana de um pastor de quem depende o rebanho. Ele é *sacrificial e salvacionista*: o pastor tem de estar pronto para se sacrificar pelo seu rebanho, se for preciso salvá-lo; e *salvação* significa, aqui, a garantia de uma vida eterna não-terrena. Ele é *individualizante e detalhista*: o pastor tem de conhecer cada ovelha, o mais detalhadamente possível, para que possa melhor orientar e governar cada uma. (p.81).

Podemos perceber que a resistência dos padres nessa prática religiosa possa estar ligada, na adoração entre o sagrado com o profano ao santo popular por sua relação de ser festeiro e

arruaceiro, na caracterização do santo por trazer a viola, na ligação das músicas cantadas em momentos de realização da romaria, que geralmente acabam utilizando bebidas e saindo palavrões no meio das cantorias, desta forma todo o processo de organização ocorre através dos moradores da comunidade quilombola que se juntam na dança em devoção ao ofício, para a realização dos ritos e a pagação das promessas pelo seu pedido feito e atendido pelo protetor dos violeiros. Neste contexto há muitas simpatias e mandingas relacionadas a ligação do santo popular com a sua fama de protetor dos violeiros, em que podemos observar uma passagem nas escritas de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2018) em sua obra “*Fogo no Mato. A ciência encantada das macumbas*”, que para se tornar um mestre de romaria é necessário:

O violeiro Paulo Freire (músico e historiador do instrumento) conta que um dos ritos da mandinga era enfiar a mão no buraco de uma parede de taipa de uma igreja deserta, localizada em uma encruzilhada, á meia noite. Bastava então invocar o Sete Peles e sentir se uma mão agarrar e quebrar todos os seus dedos. Após a recuperação das fraturas, o dom para o instrumento iria aflorar. Para quebrar o pacto, o violeiro deveria virar devoto de São Gonçalo do Amarante, enfeitar o instrumento com fitas coloridas e mandar o Coisa Ruim de volta às profundezas. (p.18).

Nesta conexão elementar de São Gonçalo com Sete Peles para se tornar um mestre, contramestre, violeiro de romaria, pedimos a licença e permissão aos ancestrais que ao invocarmos o Sete Peles trazemos como referência São Bartolomeu, o santo que venceu o diabo, após prendê-lo, o santo fez um acordo de soltá-lo durante um único dia do ano, o dia 24 de agosto neste dia os antigos evitavam sair de casa, viajar, trabalhar e era muito frequente como rito de passagem acender uma vela para o santo e outra para o Coisa Ruim na convicção para acalmá-lo, as várias imagens que representa o santo dominando um cão que supostamente possa ser o diabo transformado em “cachorro louco”. Após essa passagem podemos perceber uma forte ligação de elementos ritualistas com o dia 25 de março, que na comunidade quilombola de João Surá é considerado Dia Pesado, como relata em uma entrevista, a anciã Dona C. de A. M de 63 anos de idade, em seu rito de passagem:

A importância de resguardar o dia 25 de Março, que na comunidade quilombola é considerado um dia pesado, esse dia religioso veio com os antepassados e desde que era criança sempre guardavam esse dia, tinham que fazer silêncio, era o dia da Nossa Senhora das Dores na primeira sexta-feira da semana santa, é considerado dia pesado porque é o dia que o diabo na qual ficava preso nas correntes está solto, e solto fazia muitas rasuras, e por resultar do diabo estar à solta muitas coisas feias poderiam acontecer, então não podia caçar, pescar, tratar de negócios, viajar e até mesmo fazer barulhos, a única prática religiosa que acontecia era a Recomendação das almas umas das práticas religiosas muito importante para a comunidade, e por ser considerado

um dia pesado, essa data no Calendário Oficial Escolar do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos é titulado como feriado na comunidade e guardado até os dias de hoje pelos moradores do quilombo com muita fé, respeito e devoção. (Entrevista realizada dia 21 de setembro de 2022).

A celebração em devoção a dança de São Gonçalo varia de uma localidade para a outra, desde os adornos que enfeitam o santo como as coreografias realizadas e conduzidas pelos mestres e contramestres durante a pagação da promessa e nas músicas cantadas pelas cantadeiras, trazendo elementos que vinculam a ligação de fé e devoção ao sagrado, que podemos enfatizar na existência dessa prática religiosa em outras localidades nas escritas do capítulo do livro do autor Luiz Antônio Simas (2022) em sua obra “*Santos de Casa. Fé, crenças e festas de cada dia*”, que afirma:

A Celebração ao santo é muito forte no povoado de Mussuca, na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Lá se dança São Gonçalo com raro vigor. Segundo a tradição, é a dança que o padre inventara, pulando em virtude dos pregos nos sapatos para falar de um Cristo de alegrias para os deserdados. Os tocadores enfeitam suas violas, tambores e cavaquinhos, e os dançadores, todos homens, bailam com suas saias- como o padre fazia- para pagar promessas. Uma mulher exerce o papel de Mariposa, que dança e canta segurando a imagem de São Gonçalo em um barco, certamente evocando a ligação dele com o rio Tâmega e com alguns mitos que o vinculam ao mar. (p.70).

Estima-se que o Santo popular dançarino, casamenteiro e protetor dos violeiros morreu por volta do dia 10 de janeiro de 1259 em Amarante, no Douro, de acordo com os vários relatos dos devotos além de protetor dos violeiros, também tinha a função de proteger os órgãos sexuais masculinos, como referência a cultura Portuguesa de oferecer os famosos “colchões” ou “caralinhos de São Gonçalo”, em forma de pagamento ou pedido ao santo dançarino, outro ofício aos cuidados de Gonçalo é conhecido como protetor de enchente, referente ao mutirão realizado para construir a ponte aos trabalhadores do rio Tâmega, a qual podemos consultar nas escritas de Luiz Antônio Simas (2022) em sua obra aqui já mencionada uma passagem da operação do milagre realizado pelo santo popular em sua construção da ponte:

Consta que, durante a construção da ponte, para matar a sede dos trabalhadores, Gonçalo operou um milagre: tocou com um bastão em uma pedra e dela fez jorrar água. Admitindo, porém, que água mata a sede, mas não traz alegria, tocou em outra pedra com o mesmo bastão, e dela jorrou um excelente vinho. (p.69).

Mitologias populares que continuam vivas nas memórias dos quilombolas, herança ancestral deixado como forma de fortalecimento das raízes do povo no território, trazendo elementos imprescindíveis de amor, festa e devoção, que em momentos específicos para a

celebração do santo dançarino no território quilombola, toda a comunidade se transforma em momento de festa para a realização de ritos e a pagação de promessa pelo pedido feito e realizado ao santo protetor dos violeiros.

1.6.4 Bandeira do Divino Espírito Santo.

A devoção na passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo, chegou no território quilombola por influência dos negros africanos, refugiados da mina de Ouro de Apiaí SP, devido ao seu processo histórico há mais de 200 anos de fé, ritos e devoção pelos moradores na comunidade quilombola de João Surá, a passagem da Bandeira ocorre no mês de maio época em que os foliões religiosos vinham a cavalo de charrete para a comunidade festejar e acompanhar a devoção na passagem da Bandeira, trazendo festas, cantorias e comidórias em celebração no Espírito Santo aos devotos na comunidade.

Com a saída da bandeira do Divino Espírito Santo do município de Paranaguá PR¹⁶, em destino da sua chegada no município de Adrianópolis PR¹⁷, a bandeira repousa na Paróquia da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro localizado na sede do município, para a sua distribuição aos devotos da região no município do Paraná. Após a chegada da Bandeira no território quilombola, os fiéis se organizam para a sua passagem nas moradias da comunidade, que acontece durante os dias da semana a sua visita nas comunidades quilombolas de João Surá e Poço Grande, já na comunidade quilombola de Guaracuí sua passagem ocorre nos finais de semana geralmente nos sábados de acordo com o grupo de fiéis que a conduz para abençoar os devotos e os cômodos da sua casa, a caracterização da bandeira é composta pela cor vermelha com uma pomba branca no centro e um mastro para a sua sustentação na passagem da bandeira cobertos de fitas coloridas com a representação de uma outra pomba branca na ponta simbolizando o Espírito Santo.

¹⁶ Paranaguá é uma cidade de Estado do Paraná. Os habitantes se chamam parnanguaras. O município se estende por 826,7 km² e contava com 154 936 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 187,4 habitantes por km² no território do município. Ler mais: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-paranagua.html>.

¹⁷ O município foi criado em 25 de julho de 1960, pela Lei n.º 4.245, sancionada pelo governador Moysés Lupion. Com a emancipação a localidade passou a denominar-se Adrianópolis, em homenagem a Adriano Seabra da Fonseca, empresário de origem portuguesa e que a partir de 1937, muito lutou em favor da comunidade, sendo proprietário da empresa Companhia Plumbum S.A. A instalação oficial deu-se em 15 de novembro de 1961.

Para a realização da visita da Bandeira do Divino nas casas dos devotos é preciso de muita preparação, a qual o grupo de fiéis que a conduz é composto por violeiros e cantadeiras, manuseando instrumentos imprescindíveis na ritualização como: o violão, o tambor e o triângulo que são elementos fundamentais para a realização dessa prática religiosa, que na passagem da Bandeira do Divino na comunidade é recitado diversos cânticos nas procissões das moradias quilombolas, em que a quilombola e cantadeira de 41 anos de idade, E. M. O. de A, explica essa ritualidade das cantorias realizadas em momento de devoção:

Então tem várias músicas sabe?! Assim para a entrada, pra chegada, pra oferta mais aqui a gente canta sempre o mesmo é tem a música que a gente canta né, “está chegando à bandeira nesta hora tão sagrada” é que a gente canta quando está chegando né, e aí depois dentro da casa aí a gente canta uma música para pedir a oferta e depois a gente canta agradecendo a oferta e canta um na hora de ir embora. Então pra você vê que na chegada você canta né uma música na chegada e entra cantando e continua cantando pedindo a oferta né, e aí depois quando o dono não percebe você canta de novo depois da oração, pedindo aí você dá um tempo ali aí depois que fazer a oração na hora de sair você agradece a oferta e já vai se despedindo para sair para outra casa, então tem um monte de músicas sabe?! Quando morava no Ribeirão eles cantavam um monte, porque tem uma que a gente fala: “oh de casa oh de casa o divino aqui está!” Que essa também é de chegada né, e tem uma que eu gosto muito uma bem cumprida que fala do divino né, aí fala assim: “vem beijar a pombinha branca vem! Vem é beijar a fita azul”, que fala das fitas né, e fala também que o divino vai embora e vai voltar no outro ano. Sabe?! E são músicas que eu gosto muito delas. (Entrevista realizada dia 02 de novembro de 2022).

Músicas conduzida pelo o grupo de devotos que saiam pelas ruas da comunidade em devoção carregando a Bandeira com muita cantoria e rodas de violas, a bandeira é conduzida na frente e atrás vem os violeiros, cantadeiras e os devotos na procissão, quando chegava a bandeira em frente da casa do devoto, não podia entrar, deveria esperar o dono da moradia vim buscar a bandeira beijar os seus adornos e assim conduzi-la para dentro da sua casa juntos com os fiéis que o acompanhavam. Nesse momento é realizado uma oração cantando versos de músicas para abençoar a família, enquanto as músicas são realizadas na sala da casa da pessoa devota, a mesma que a conduz a bandeira para abençoar todos os cômodos da sua moradia, deixando um pouco em repouso na cama do devoto que a recebeu, com isto é recolhido a contribuição do devoto para a Bandeira do Divino e tocado viola como gesto de agradecimentos, com a despedida da bandeira da casa do devoto ela é entregue ao grupo de fiéis que continuará a sua visita nas outras moradias quilombolas, o devoto que já recebeu a visita da bandeira poderá acompanhar o grupo que conduz a bandeira para visitar as casas vizinhas, há casos que se for a última casa do dia que recebeu a visita da bandeira, a mesma posa na

moradia do devoto, que oferece para os foliões o jantar, o café da manhã e o almoço na saída da casa.

Como relata a quilombola e devota da Bandeira do Divino a anciã de 95 anos de idade Dona A. F. de C, em seu rito de passagem:

Agora este ano chegou a bandeira veio de lá do Porto, chegou aqui, engraçado eu achei engraçado até e muito bonito a chegada da bandeira, veio de cá de Iporanga eles chegam batendo caixa e gritando “olha a bandeira do divino está chegando, a bandeira do divino está vindo”, quando passava aquele dia nós íamos ver a batidinha de caixa, “olha a bandeira do divino está vindo”, a gente tem que ficar esperando não pode sair, tem que estar esperando então ela vem batendo caixa cá de Iporanga e de cá do Porto nós temos que ficar bem quietinho só esperando porque quando você vê eles já estão trazendo, e vem com tocadores e cantadeiras é muito bonito, a gente que tem os parentes da gente tudo morto e vê a bandeira a gente não aguenta sem chorar, ela passa em todos os cômodos da casa, ela vem chegando em casa em casa se tiver uma capova que ela saiba que tenha gente, ela vai lá, é tão bonita, agora tem a outra para vim a de lá de Iporanga vai demorar um pouco só, a de Iporanga vem tocando caixa, então já uma vez e tinha um vizinho um homem muito trabalhador assim fazendeiro, era boi, porco, porcada, galinhada, cabrito, ai ele assim: “a bandeira do divino, olha muié bamos para a roça que os pedidores de dinheiro estão chegando, pedidores de dinheiro, vamos fechar! Feche a casa! Vamos embora pra roça!”. Fecharam a casa e se mandaram para a roça para modo que não pegar o santo, ai a bandeira chegou e olhou para trás as portas fechadas, e eles lá na roça, quando eles chegaram, quando foi o outro dia foi uma mortança de criação, porco, galinha, boi, limpou a casa olha para você vê foi um castigo que eles tomaram, então tinha outro tinha tar de Dito Morte, tinha na época São Cristo que ele falou para a muié dele bem assim: “da minha parte você de uma leitoa você dá para o santo e vou aparta uma mão de milho ali também para você dar para o santo, a leitoa e a mão de milho que a hora que o santo chegar ai você dá para ele e deu a leitoa e mão de milho para o santo, e eu vou para a minha viagem” e deixou tudo as coisas para a mulher dele dar ao santo e foi a viagem dele e esses outros que correram, diz que correram ficaram sem nada. (Entrevista realizada dia 28 de maio de 2022).

FIGURA 9: PASSAGEM DA BANDEIRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO QUILOMBO DE JOÃO SURÁ-PR.

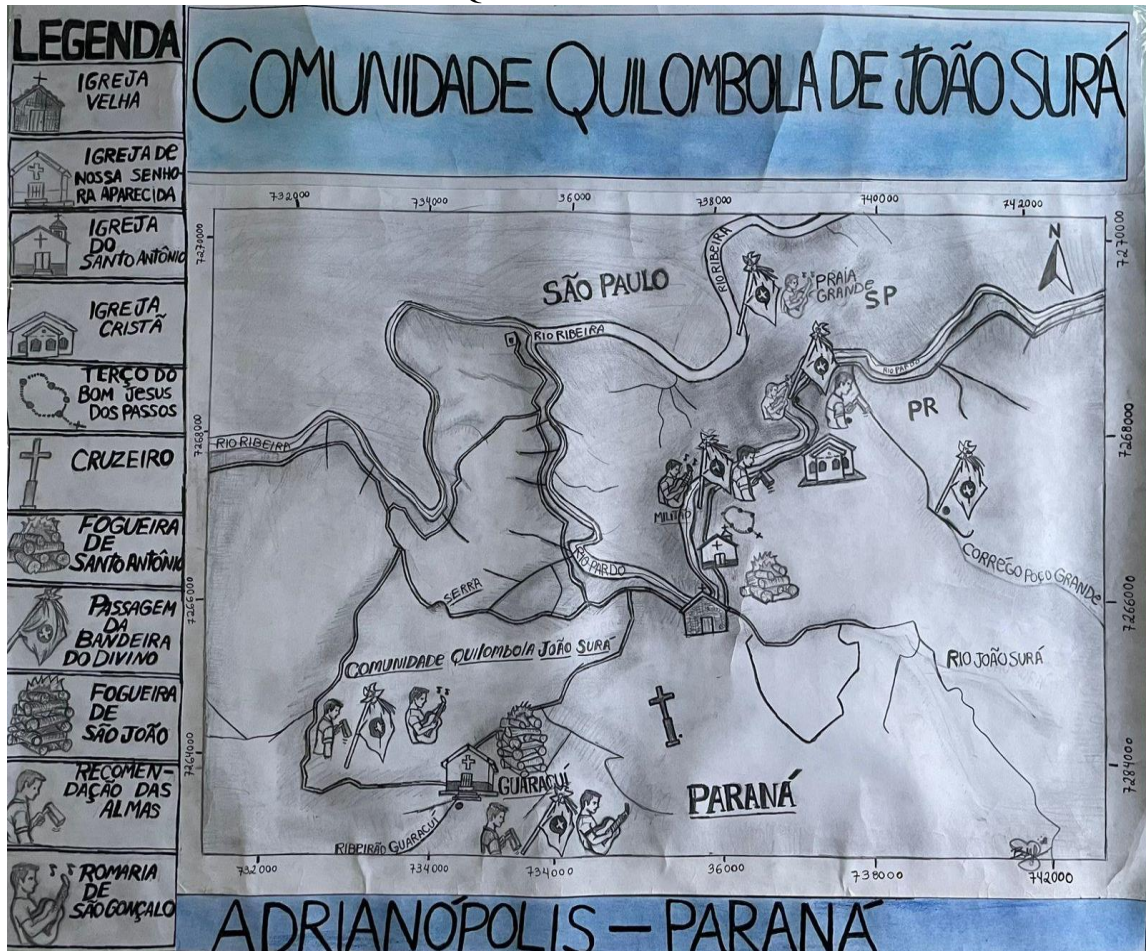


FONTE: Arquivo pessoal do autor- Passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo na Sede da Comunidade Quilombola de João Surá- PR. (2022).

E com a visita da bandeira do Divino em todas as moradias quilombolas a pessoa devota que recebeu a bandeira, entrega no final do mês de maio na missa de pentecoste ou novena do Espírito Santo que ocorre após a quaresma em cinquenta dias após a páscoa na Igreja da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro localizada na sede em Adrianópolis PR. Com a entrega da bandeira realizada, inicia-se no mês de junho a troca de bandeira com a comunidade da Praia Grande SP que volta a visitar todas as moradias e abençoar as famílias quilombolas. Ofício que na comunidade quilombola de João Surá se transmite de uma geração para outra como forma de resistência no território quilombola, na qual é muito frequente em época da passagem da bandeira do Divino ver os jovens conduzindo essa prática religiosa na função de cantadeiras e violeiros sob as orientações dos anciões. Prática religiosa que traz uma mistura do Catolicismo Popular com as diásporas africanas, elementos que podemos perceber nas manifestações das adaptações do cantar, rezar, na produção do tambor pelos quilombolas que aos toques dos instrumentos vem trazendo um sincretismo próprio da comunidade quilombola presente nas ligações de uma prática religiosa com a outra para gerar o efeito, como podemos enfatizar: que nas Recomendação das Almas para recomendar, precisa dos capelões, tenor e cantadeiras, que o mesmo está presente na passagem da Bandeira do Divino mas com outra função, a qual recebe o ofício de violeiros e cantadeiras, e para cumprir a promessa em romarias ao Santo popular, percebe-se a relação das fitas coloridas que está presente no mastro da Bandeira como as mesmas nas violas usadas pelos mestres, contramestres, no que é necessário para a dança de

romaria a Bandeira do Divino no altar com os adornos que o enfeitam o santo dançarino para cumprir a promessa ao pedido feito e realizado pelos devotos quilombolas.

MAPA 2: CARTOGRAFIA DAS LOCALIZAÇÕES DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ.



FONTE: Coletivo de estudantes. (2022).

O mapa convida a viagem pela territorialidade quilombola que de primeira instância podemos perceber que a comunidade está dividida por três núcleos sendo: João Surá (sede), Guaracuí e Poço Grande, com o intuito as investigações da religiosidade, a elaboração do mapa pelo coletivo de estudantes conduz o mapeamento das Práticas Religiosas da Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino. Percebe-se que as práticas religiosas estão presentes em todo o território quilombola, que em momentos específicos de devoção se manifesta de duas até três práticas religiosas na mesma localidade. Na qual podemos observar no mapa outras representações de elementos religiosos nas mesmas localidades, que em épocas de celebrações são acompanhados de ritos e devoções pelos moradores quilombolas. Outro elemento imprescindível que durante o estudo do mapeamento foi a observação da participação por vias fluviais dos devotos da Comunidade Remanescente

de Quilombo de Praia Grande SP voltada às práticas religiosas realizadas no quilombo de João Surá PR, trazendo a interação social, a ligação entre as comunidades quilombolas e o fortalecimento de suas culturas, memórias de vivências na conexão a suas raízes com a ancestralidade negra no solo quilombola.

1.6.5 Cânticos de Libertação.

Com as conduções das religiosidades trazidas pelo povo negro no território, há um elemento ritualístico nas musicalidades negras que ecoam entre os devotos quilombolas, trazendo cânticos e pronúncias de libertação nas conduções das Práticas Religiosas da Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino. Que de acordo com a obra “Paraná Negro” (2008) dos organizadores: Jackson Gomes Júnior, Geraldo Luiz da Silva e Paulo Afonso Bracarense Costa, relatam que:

As vozes registram uma musicalidade negra, o modo de cantar e de rezar é adaptado à linguagem e à pronúncia dos quilombolas que imprimiram elementos culturais próprios, de acordo com a sua percepção de religiosidade e sua forma de levá-la a efeito. (p.75).

Conexão ancestral, que em referências as escutas nas oralidades dos anciões, conduz os cânticos presentes nas manifestações religiosas carregados há séculos na territorialidade quilombola. Em diálogo com a liderança quilombola G. de A. M de 40 anos de idade, conduz que a “Recomendação das Almas é uma oração cantada em tempos de quaresma,” se lembrando dos ensinamentos e modos de cantar em tempos de devoção na recomendação:

Dona Joana Andrade com todo seu carinho, no ano de 2017 nos ensinou a cantar está linda devoção. Uma delas, São Roque Bendito:

São Roque Bendito.
Que sua casa cheira.
Cheira cravo cheira rosa,
cheira flor de laranjeira.
Abram-se as portas,
pela porta vou entrar,
ora vamos lá no céu,
ver os anjos cantar.

(Entrevista realizada em 17 de maio de 2023).

Com os ensinamentos valiosos deixados aqui na terra pela anciã Dona Joana Andrade, conduzo a referência de grande valia da quilombola, anciã e cantadeira de recomendação, Dona G. P. C, trazendo as conexões dos versos aos cânticos de libertação:

A recomendação das almas já não tem instrumento assim sabe?! Os instrumentos da Recomendação das Almas eram feitos de um pedaço de taquara e eles cortavam no meio e faziam uma rodinha de madeira e ponhavam um cabinho para rodear, é coisa de senzala mesmo, na época todo mundo tinha uma cruz no terreiro de casa, aí a gente chegava no caso meu pai e cantava assim:

Ao chegar nos pés da cruz
Os anjos resplandeceram
As almas bateram palmas
Ao chegar nesse terreiro

São tudo coisa de quando fala de terreiro, são coisa de umbanda, a recomendação veio da umbanda, que pode ver oh!

Ao chegar nos pés da cruz
Os anjos resplandeceram
As almas bateram palmas
Ao chegar nesse terreiro

Então chegou no terreiro pra orar, pra fazer a oração né, do senhor Deus Misericórdia! Misericórdia! Quer dizer que está pedindo misericórdia né, pedindo a Deus misericórdia as almas, que está penada, que está sofrendo, que está vagando né.

(Entrevista Realizada dia 20 de maio de 2023).

E ao mencionar a oralidade da anciã Dona G. P. C o termo “misericórdia pelas almas”, podemos destacar três trechos do Diário de Santa Maria Faustina Kowalska conhecida mundialmente como Santa Faustina, em suas concepções a realização da “*Novena a Divina Misericórdia*”:

O Senhor me disse para rezar o Terço da Misericórdia por nove dias antes da Festa da Misericórdia. Devo começar na Sexta-feira santa. Através desta novena concederei às almas toda espécie de graças. (DIÁRIO n. 796).

Jesus me manda fazer uma novena antes da Festa da Misericórdia, e hoje devo começá-la pedindo a conversão do mundo inteiro e o conhecimento da misericórdia de Deus. (DIÁRIO n. 1059).

Novena à Misericórdia Divina que Jesus me mandou escrever e rezar antes da Festa da Misericórdia. Começa na sexta-feira santa. Desejo que, durante estes nove dias, conduzas as almas à fonte da Minha misericórdia, a fim de que recebam força, alívio e todas as graças de que necessitam nas dificuldades da vida e, especialmente na hora da morte. Cada dia conduzirás ao Meu Coração um grupo diferente de almas e as mergulharás nesse oceano da Minha misericórdia. Eu conduzirei todas essas almas à Casa de Meu Pai. Procederás assim nesta vida e na futura. Por Minha parte, nada negarei àquelas almas que tu conduzirás à fonte da Minha misericórdia. Cada dia pedirás a Meu Pai, pela Minha amarga Paixão, graças para essas almas. (DIÁRIO n. 1209).
(DIÁRIO DE SANTA FAUSTINA)

Com referência às escritas no Diário da Apóstola da misericórdia, conduzo as passagens do Sétimo, Oitavo e Nono dias de orações da “*Novena a Divina Misericórdia*” às almas que se mergulham a pedido da remissão dos pecados:

SÉTIMO DIA- Hoje traze-Me as almas que veneram e glorificam de maneira especial a minha Misericórdia e mergulha-as na minha Misericórdia. Estas almas foram as que mais sofreram por causa da minha Paixão e penetraram mais profundamente no meu espírito. Elas são a imagem viva do meu Coração compassivo. Estas almas brilharão com especial fulgor na vida futura. Nenhuma delas irá ao fogo do Inferno; defenderei cada uma delas de maneira especial na hora da morte. Misericordiosíssimo Jesus, cujo Coração é o próprio amor, aceitai na mansão do vosso compassivo Coração as almas que honram a glorificam de maneira especial a grandeza da vossa Misericórdia. Estas almas tornadas poderosas pela força do próprio Deus, avançam entre penas e adversidades, confiando na vossa Misericórdia. Estas almas estão unidas com Jesus e carregam sobre os seus ombros a humanidade toda. Elas não serão julgadas severamente, mas a vossa Misericórdia as envolverá no momento da morte. Eterno Pai, olhai com Misericórdia para as almas que glorificam e honram o vosso maior atributo, isto é, a vossa inescrutável Misericórdia; elas estão encerradas no Coração compassivo de Jesus. Estas almas são o Evangelho vivo e as suas mãos estão cheias de obras de misericórdia; suas almas repletas de alegria cantam um hino de misericórdia ao Altíssimo. Suplico-Vos, ó Deus, mostrai-lhes a vossa Misericórdia segundo a esperança e confiança que em Vós colocaram. Que se cumpra nelas a promessa de Jesus, que disse: “As almas que veneram a minha insondável Misericórdia, Eu mesmo as defenderei durante a vida, especialmente na hora da morte, como minha glória.” Amém. (Trecho da *Novena a Divina Misericórdia*).

Os pedidos de misericórdia são realizados em coletividade pelos devotos quilombolas na libertação das almas, necessitando dos cânticos de libertação, a qual vejamos na oração da “*Novena a Divina Misericórdia*”, o dia específico que se trata da luta em oração as almas pela libertação da “Prisão do Purgatório”:

OITAVO DIA- Hoje traze-Me as almas que se encontram na prisão do Purgatório e mergulha-as no abismo da minha Misericórdia; que as torrentes do meu Sangue refresquem o seu ardor. Todas estas almas são muito amadas por Mim, pagam as dívidas à minha Justiça. Está em teu alcance trazer-lhes alívio. Tira do tesouro da minha Igreja todas as indulgências e oferece-as por elas. Oh, se conhecesses o seu tormento, incessantemente oferecerias por elas a esmolas do espírito e pagarias as suas dívidas à minha Justiça. Misericordiosíssimo Jesus, que dissestes que quereis misericórdia, eis que estou trazendo à mansão do vosso compassivo Coração as almas do Purgatório, almas que Vos são muito queridas e que, no entanto, devem dar reparação à vossa Justiça; que as torrentes de Sangue e Água que brotaram do vosso Coração apaguem as chamas do fogo do Purgatório, para que também ali seja glorificado o poder da vossa Misericórdia. Eterno Pai, olhai com Misericórdia para as almas que sofrem no Purgatório e que estão encerradas no Coração compassivo de Jesus. Suplico-Vos que, pela dolorosa Paixão de

Jesus, vosso Filho, e por toda a amargura de que estava inundada a sua Alma santíssima, mostreis vossa Misericórdia às almas que se encontram sob o olhar da vossa Justiça; não olheis para elas de outra forma senão através das Chagas de Jesus, vosso Filho muito amado, porque nós cremos que a vossa bondade e Misericórdia são incomensuráveis. Amém. (Terço da Novena a Divina Misericórdia).

E para a finalização da “*Novena a Divina Misericórdia*”, abordo a luta do último dia em oração dedicado as almas túbias pela libertação dos pecados:

NONO DIA- Hoje traze-Me as almas túbias e mergulha-as no abismo da minha Misericórdia. Estas almas ferem mais dolorosamente o meu Coração. Foi da alma túbia que a minha Alma sentiu repugnância no Horto. Elas levaram-Me a dizer: Pai afasta de mim este cálice, se assim for a vossa vontade. Para elas, a última tábua de salvação é recorrer a minha Misericórdia. Ó compassivo Jesus, que sois a própria Compaixão, trago à mansão do vosso compassivo Coração as almas túbias; que se aqueçam no fogo do vosso amor puro estas almas geladas, que, semelhantes a cadáveres, vos enchem de tanta repugnância. Ó Jesus, muito compassivo, usai a onipotência da vossa Misericórdia e atraí-as até ao fogo do vosso amor e concedei-lhes o amor santo, porque Vós tudo podeis. Eterno Pai, olhai com Misericórdia para as almas túbias e que estão encerradas no Coração compassivo de Jesus. Pai de Misericórdia, suplico-Vos pela amargura da Paixão do vosso Filho e por sua agonia de três horas na Cruz, permiti que também elas glorifiquem o abismo da vossa Misericórdia... Amém. (Trecho da Novena a Divina Misericórdia).

Com as realizações das orações em nove dias consecutivos, conduzo o “*Terço da Misericórdia*” de “*Jesus Misericordioso*”, que a cada oração feita no final reza-se o terço, pedindo a libertação das almas, abrindo os caminhos e encontrando a glória eterna:

O terço da Divina Misericórdia reza-se, preferencialmente, às 15h (a chamada *Hora da Misericórdia*), meditando na Paixão de Jesus e apelando a Misericórdia de Deus para toda a Humanidade.

Orações iniciais:

Pai Nosso...

Ave Maria...

Credo dos Apóstolos...

Nas cotas grandes:

Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de Vosso Muito amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados de todo o mundo.

Nas contas pequenas:

Pela Sua dolorosa paixão, tende Misericórdia de nós e de todo o Mundo.

No final de cada dezena:

Ó Sangue e Água que jorraste do coração de Jesus como fonte de misericórdia para nós: eu confio em Vós!

Oração Final (reza-se três vezes e na terceira diz-se Amém)

Deus Santo, Deus Forte, Deus imortal, tende piedade de nós e de todo o mundo. (TERÇO DA MISERICÓRDIA).

Com as realizações dos cânticos acompanhados de orações a pedido de misericórdia, conforme Câmara Cascudo (1988) “Certas procissões conduziam instrumentos de música, e as orações eram cantadas. Revestiam-se do maior mistério, e era expressamente proibido alguém ver a encomendação das almas, não fazendo parte do préstito.” (CASCUDO, 1988, p.307). Percebe-se que essa ritualidade presente nas vozes dos quilombolas, tem como finalidade na “libertação das almas” que estão presas no Purgatório à espera da luz Divina e remissão dos pecados, que de acordo com a autora Gabriela Segarra Martins Paes (2007) em sua obra “*A Recomendação das Almas na Comunidade Remanescente de Quilombo de Pedro Cubas*”, afirma:

Esta tradição está relacionada com a crença no Purgatório, segundo a qual nenhum ser humano está livre de pecado, devendo passar após a morte por um período de mortificações e arrependimentos, para se lavar de todas as nódoas que cometeu durante a sua vida e, assim purificado, ascender às alegrias infinitas do reino da Glória. (p.41).

Com as recitações dos versos nas cantorias, para a remissão dos pecados e conduções da passagem na vida eterna, nas escritas dos autores Margot Dias e Jorge Dias (1951), as almas “precisam das preces fervorosas e das penitências dos seus parentes, amigos e conterrâneos para então obter o perdão de Deus e atingir o Céu” (DIAS, Margot; DIAS, Jorge, 1951). Só a partir dessas ritualidades de fé e devoção praticados pelos devotos quilombolas, que as almas necessitadas passarão a conduzir a tranquilidade espiritual e dando continuidade à finalização do ciclo da vida após a morte.

Nas Romarias de São Gonçalo os cânticos entoados pelo mestre, contramestre e cantadeiras nas realizações das danças ecoam longe, acompanhados de umas séries de salvas de palmas aos ritmos das violas tocadas pelos violeiros, que em conversa com o capelão de Recomendação e mestre em Romaria no município de Itaóca do Bairro Caçadinha do Estado de São Paulo, o Sr A. dos S de 63 anos de idade, antes de conduzir os versos cantados em romaria menciona: “eu não realizo romaria por apresentação, mas sim por devoção”, por essas conduções de respeito do devoto ao santo, apresento alguns versos cantados e entoados pelo mestre de romaria em devoção ao protetor dos violeiros:

Da licença São Gonçalo oooh
Da licença São Gonçalo oooh
Pra Romaria começar aaah
Pra Romaria aaah começar aaah
Abençoi vossos devotos oooh

Abençoi vossos devotos oooh
 Nessa promessa vamos pagar aaah
 Essa promessa vamos pagar aaah...
 (Entrevista Realizada dia 25 de maio de 2023).

Nas realizações das cantorias variam de mestre para mestre, as quais são criadas as melodias e recitadas seus refrões lentamente com muita fé e devoção, no pagamento da promessa e no agradecimento ao santo pela benção recebida. Que, ao invocar a proteção divina recebida pelo devoto, conduzo as cantorias nos versos da Passagem da Bandeira do Divino, abordada pela cantadeira E. M. O. de A, no território quilombola:

Chegada da Bandeira na Casa

Está chegando à bandeira, nesta casa tão sagrada. Deus salve o senhor Divino, que visita essa morada (bis). A bandeira veio chegando, trazendo felicidade, louvando uma pessoa, da Santíssima trindade (bis). Louvemos com devoção, ao Pai e ao Santo Filho, igual louvemos o Divino, que de ambos é o brilho (bis). Entrai nesta nossa casa, que se sente enriquecida, de vós Divino esperando, toda benção desta vida (bis). Ele pede uma oferta, precedida do cristão, recebe qualquer quantia, que é dada de coração (bis).

Saida da casa e agradecimento da oferta

Ele agradece a oferta, que de vós é recebida, e prepara lá no céu um lugar pra sua vida (bis). Aqui dentro desta casa, abençoi a todos nós, pai e mãe e todos os filhos, o Divino ergueu a voz (bis). Abençoi a nossa sala, a cozinha e a dispensa, ó livrai Divino, a maldade e a descrença (bis). Abençoi também os quartos, livrai-nos por caridade, da doença e da miséria, nos cubra vossa bondade (bis). De repente vou subindo, que demonstra devoção, você vem irmão da casa, pra sempre e eterna mansão (bis). Agora vamos saindo, o divino vai a frente, atrás vão os seguidores de Deus que se faz presente (bis). (Entrevista realizada dia 18 de maio de 2023).

Com as realizações dos cânticos e em conversa com a cantadeira, percebe-se nas variedades de existência das melodias utilizadas na Passagem da Bandeira do Divino em tempo de devoção, que no quilombo de João Surá o mesmo cântico são recitados há séculos pelos devotos na visita do divino nas moradias quilombolas, criando uma espécie de música tradicional na comunidade e específica a essa prática religiosa, que de acordo com a localidade, costume e tradição de determinado povo, os cânticos podem sofrer alterações, originar mudanças, mas com a mesma finalidade, envolvidos de ritos e devoção nas celebrações aos santos a pedidos de libertação e cura na conexão com o sagrado no território quilombola.

1.6.6 Festas e Celebração de Santos no quilombo de João Surá.

O culto em celebração aos santos populares no território quilombola é um momento de fé e devoção pelos devotos que em épocas específicas, organizam-se em momentos de festas

para adoração e agradecimentos aos pedidos atendidos e as bênçãos recebidas pelos santos no quilombo. A festa em celebração ao Santo Antônio é tradicionalmente popular na comunidade, por ser o santo padroeiro dos devotos quilombolas, todo ano no dia 31 do mês de maio até o dia 12 do mês de junho como é de costume são realizado a trezena de Santo Antônio, com “treze Pai Nosso” e “treze Ave Maria” todos cantados que dura cerca de 13 dias em oração, com as organizações das famílias quilombolas a cada dia na realização da trezena na devoção ao santo padroeiro, fica sob a responsabilidade de uma família que são chamados de mordomos em servir as comedorias aos fiéis que estavam em momento de oração. Já no dia 12 do mês de junho no último dia da trezena é realizado a festa em devoção ao Santo Antônio, a qual os moradores na comunidade junto ao Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, se organizam nas elaborações dos enfeites das bandeirinhas de festa junina, em apresentações de quadrilhas pelos estudantes e nas arrecadações de prendas para os famosos leilões acompanhados por binguinhos e Bingão que chamam a atenção de toda a comunidade e também das comunidades vizinhas que vem festejar e prestigiar esse dia tão especial de adoração que ao toque da sanfona e rodas de violas pelos tocadores locais da comunidade, os quilombolas realizam um grande baile, com muitas comedorias típicas feita pelos fiéis e doado ao Santo Antônio em forma de agradecimento ao pedido feito e atendido pelo santo padroeiro dos quilombolas.

As práticas dos mutirões são muito realizadas nos momentos de celebrações, em construções das fogueiras para o santo, nas preparações das comidas para a venda ao povo e nas arrumações do barracão para os momentos de festa e devoção, na qual o quilombola, devoto ao Santo Padroeiro de 97 anos de idade o ancião Seu S. B. de M, relata:

A pessoa combinava em fazer o pixirão reuni umas 12 pessoas, na época de dante era para fazer roça de milho. arroz e feijão aprontavam a comida, o baile, era feito o acordo, convidava o povo e o povo se reunia, o baile era por conta, anoitecia e amanhecia tocando violão, pandeiro e era cobrado a cada moda, desde o mais velhos a comunidade tem o costume de rezar todo o dia de domingo. (Entrevista realizada dia 20 de outubro de 2022).

Práticas que ainda se fazem muito presentes nos modos organizacionais pelos moradores devotos e quilombolas, trazendo elementos de solidariedade, coletividade e igualdade entre os grupos. Após a meia noite na virada para o dia 13 de junho com muita festa, celebração e devoção ao Santo Antônio é levantado o mastro de madeira com a foto do santo na sua ponta pelos devotos quilombolas, existem muitas simpatias por trás da arguição do mastro que uma delas é referente ao casamento, se quiser casar é só ajudar a erguer o mastro e fazer o pedido ao santo casamenteiro, já com o mastro erguido é feito a queima da fogueira como é conhecido

pela comunidade em sua homenagem, antigamente como rito de passagem a direção da casa que a bandeira inserida no mastro parasse, aquela família iria ajudar nas organizações e preparações para a festa ao santo padroeiro para o ano seguinte. Com as ritualizações feitas, no dia 13 de junho, mês que é considerado o dia de Santo Antônio é realizado na comunidade a missa do Santo padroeiro e a sua saída carregado pelos devotos e conduzidos com os andores pelo território quilombola.

De acordo com as referências dos anciões mais velhos e devoto ao santo padroeiro a devoção pelo Santo Antônio no território quilombola surgiu a partir do pacto que João Luiz Cardoso tinha feito com o Diabo em troca de ser bem sucedido e ter uma roça farta de milhos, mais com uma condição: teria que deixar a metade da sua roça para o Coisa Ruim, e assim aconteceu, mas Luiz estava com uma criação de porcos e ficando sem alimentos para trata-los, resolveu pegar um pouco de milho da roça ao lado que era do Diabo, porém o mesmo apareceu cobrando o acordo que teriam realizado, percebendo o problema Luiz corre a sua mãe Ana Cardoso, uma mulher muito devota a qual fez uma penitência para desconjurar esse pacto pedindo ao Santo Antônio que salvasse a vida de seu filho, a partir dessa promessa Luiz, Ana Cardoso e família construíram na comunidade a igreja de Santo Antônio, a primeira igreja era de sapê de barro onde foi realizado as primeiras novenas de Santo Antônio, com o passar do tempo construíram outra igreja de tábua perto do Ribeirão, já na sede da comunidade foi construído uma de madeira e assim oficializando a igreja atual conhecida como a capela de Santo Antônio que devido ao seu processo histórico está há mais de 200 anos no território quilombola, que em momentos específicos de devoção na comunidade é representado em forma de teatro a construção da capela de Santo Antônio pelos estudantes do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, uma tradição que se mantém viva na fé e devoção dos moradores quilombolas através de um pedido e voto de penitência feito e atendido pelo Santo padroeiro.

Outras celebrações de santos que também são muito forte no território quilombola na comunidade de Guaracuí são as realizações e devoção a São João no dia da festa Litúrgica 24 de junho e São Pedro que é comemorado no dia Litúrgico em 29 de junho, devoção que são carregadas de fé nas ritualidades desde o mastro erguido ao santo tanto a fogueira acesa em sua veneração, a qual podemos perceber várias manifestações de mandingas realizadas nas espigas de milhos colocadas no mastro ao santo para ter uma boa colheita e não ser afetadas com chuvas, peste e na ligação dos ritos envolvendo o fogo, em que era de costume tirar um pouco do tição da fogueira para fazer simpatias contra tempestades e enchentes que aconteciam na comunidade.

Podemos perceber nas escritas de Luiz Antonio Simas (2022) uma forte relação da fogueira de Santo Antônio com a de São João realizadas em momentos de festa na comunidade quilombola de João Surá, na qual explica:

Certa tradição do cristianismo popular conta que Isabel, mãe de João Batista, e Maria, mãe de Jesus, estavam grávidas na mesma época. Com dificuldades de locomoção, combinaram que aquela que tivesse o filho primeiro mandaria acender uma fogueira para avisar da boa nova. Isabel mandou, então, que se acendesse uma grande fogueira no dia 24 de junho, quando nasceu João. (p.143).

Ritualidades como estas que nas queimas de foguetes e aos gritos de “Viva Santo Antônio” e “Viva São João” com muitas salvas de palmas, são carregados de fé e devoção envolvendo o fogo que continuam acesas em momentos de festa e celebração de santos no território quilombola. Celebrações que podemos destacar o Domingo de Ramos, a qual os devotos quilombolas conduzem os seus ramos para serem abençoados e guardados para a utilização de mandingas, que nos momentos de chuvas e tempestades são queimados em forma de proteção, com o início dos ritos da semana santa, composta pela sagrada quarta-feira de prego como mencionada pelos moradores quilombolas, é realizado a cerimônia na quinta-feira chamado de a celebração do Lava- pés, que são representados na lavagem dos pés de doze fiéis quilombolas em representação aos doze discípulos de Jesus, que após a celebração do Lava-pés vamos nos conduzindo ao dia da semana muito pesado entre os devotos no quilombo a sexta-feira da paixão.

Que através da letra da música “*Santas Almas Benditas*” da cantora Leci Brandão (2020), nos traz uma passagem de fé em adoração ao sagrado que ao invocar “toda segunda-feira vá ao cruzeiro e acenda uma vela”, afirma uma ligação de ritualidade que estão presentes no território quilombola, ritos em que subir ao morro em períodos de sexta- feira da paixão no último dia da quaresma e no dia 14 de setembro na celebração de Santa Cruz para acender uma vela, é realizado pelos devotos quilombolas duas vezes ao ano desde 1982, a partir de uma promessa e voto de penitência feita pela devota quilombola e anciã Dona Clarinda de Andrade Matos em decorrência aos acontecimentos das chuvas fortes e feias resultando nos deslizamentos e rolamentos de pedras pelos morros no território, ao pedido da devota dona Clarinda de Andrade ao Sr Cândido Pedroso de Matos conhecido como Sr Candinho, para que construísse o cruzeiro na comunidade em forma de pagamento da promessa, a qual foi construída a primeira cruz de madeira e era bem pequena, com o passar do tempo foi reformada e construíram a segunda cruz de tábua, já a terceira cruz foi construída de cimento em forma de

mutirões pelos devotos quilombolas, momento muito sofrido para a sua construção por não terem estrada para andarem, eram em forma de caminhos e também para baldear os materiais para a sua construção, com a construção do cruzeiro realizado as duas cruzeiras feitas antigamente de madeira e a de tábuas foram separadas pelos caminhos, a cruz de madeira ficou no início, a cruz de tábuas ficou no meio do caminho indo em encontro com a cruz atual de cimento que fica localizado em cima do morro no território, que são chamados pelos devotos quilombolas como estações momentos de orações e deposições de fé pelos fiéis que em épocas específicas do mês abril e setembro realizam as suas procissões, envolvendo ritos de velas, terços, orações e partilhas de alimentos, uma tradição que se mantém viva nas memórias quilombolas, voto de penitência feito e realizado a partir de uma promessa aos santos protetores que estima-se estar presente há 40 anos em momentos de devoções na territorialidade quilombola.

Devoção presentes no Sábado Santo ou Sábado de Aleluia como é conhecido pelos moradores quilombolas, vésperas de celebração Pascal, que na comunidade representa o domingo da ressurreição de Jesus, uma das datas muito importante que simboliza um momento de reflexão e renovação ao sagrado, devoção que podemos observar nas manifestações das realizações da missa afro pelos devotos quilombolas um momento de festa e ligação com o divino, que geralmente ocorre no dia Litúrgico 4 de abril dia de São Benedito, essas manifestações religiosas são muitas realizadas na comunidade de Iporanga SP¹⁸ com a participação da comunidade de Praia Grande SP no dia 02 de janeiro, há uma grande influência de elementos dessas localidades na missa afro realizada pelos devotos na comunidade quilombola de João Surá, que é celebrado no dia 20 de novembro dia da Consciência Negra, na celebração da missa afro os devotos se vestem com as roupas coloridas, com muitas comedorias, cânticos de animações e nas venerações dos santos na entrada da missa, em que cada devoto entra com seu santo protetor para abençoar esse momento de devoção, a qual a devota quilombola e praticante da missa afro de 29 anos de idade, J. A. M. da S. R, explica sobre essas manifestações de festa no território quilombola:

A missa afro é uma missa diferente aonde vão com trajes diferentes com estampa africana. A missa afro é diferente da missa comum. Aonde todos os cânticos são animado e dançante onde os fiéis dançam, cantam e batem

¹⁸ Iporanga é uma cidade de Estado do São Paulo. Os habitantes se chamam iporanguenses. O município se estende por 1 152,1 km² e contava com 4 218 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 3,7 habitantes por km² no território do município. Vizinha dos municípios de Barra do Turvo, Apiaí e Itaóca, Iporanga se situa a 26 km a Sul-Leste de Apiaí a maior cidade nos arredores. Situado a 76 metros de altitude, de Iporanga tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 24° 35' 14" Sul, Longitude: 48° 35' 41" Oeste. Ler mais: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-iporanga.html>.

palmas. A momento da entrada dos santos padroeiro sempre com cânticos animados e dançante. Na hora da oferta a oferta do material e a também a oferta de alimentos aonde no final tem a partilha de alimentos e na missa afro tocam instrumentos como batuques, tambor, pandeiro e violão. (Entrevista realizada dia 22 de outubro de 2022).

FIGURA 10: MISSA AFRO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JOÃO SURÁ-PR.



FONTE: Arquivo pessoal do autor- Oferta e Partilha de alimentos- Missa Afro na Comunidade Quilombola de João Surá-PR. (2022).

Devoções carregadas de fé e amor ao sagrado desde ao pedido como nas danças e veneração dos santos, que podemos elencar uma mistura de celebrações de santos populares e seus dias litúrgicos no território quilombola, sendo: São Gonçalo-10/01, São Sebastião-20/01, Santo Antônio-13/06, São João-24/06, São Pedro-29/06, Bom Jesus dos Passos-06/08, Nossa Senhora da Guia- 15/08, Nossa senhora das Dores-15/09, São Miguel Arcanjo-29/09, Nossa Senhora Aparecida-12/10, Santa Bárbara- 04/12, Santa Luzia-13/12, dentre outras manifestações de santidades que são faladas e recitadas em orações e rezas de terços em momento de devoção.

Na agricultura também tem as suas relações com as santidades um dos ritos de proteção realizado com muita frequência no território quilombola é que em momentos de plantações nas roças realizam promessas aos santos para protegerem as suas plantações de peste, chuvas fortes que em troca deixariam uma boa parte da colheita ao santo padroeiro, promessas entre essas que podemos destacar a ritualidade da quilombola, anciã e agricultora de 55 anos de idade Dona S. A. G. da R. P, que explica a sua relação de fé na plantação e o pedido de promessa feito ao santo protetor:

Olha eu quando eu vou assim oh plantar alguma coisa uma plantação sempre a gente tem que pedir a Deus para Deus abençoar a gente, que nos de sorte e saúde e tem que estar com o coração bem limpo, nada assim de raiva rancor, tem que estar bem assim com o coração manso, para a gente plantar alguma coisa assim, não pode estar nada com raiva, tem essa ciência também e a gente sempre vê o mês de plantar que é julho, agosto, setembro que é o tempo de plantar plantação assim aquelas roças de milho de feijão quando o tempo está corando bem, e aí a gente pede para Deus licença para Deus, para ele nos dar bastante força para limpar a terra e assim plantar, e daí a gente pede assim, eu sempre faço assim: se eu colher bastante daí eu pego e dou para alguém, assim para aquela pessoa que não pode plantar nada, as vezes plantavam bastante assim como hoje a pessoa as vezes não pode ou as vezes está proibido de trabalhar né, está lá só sentado daí eu penso assim muito naquela pessoa ou mãe que tem criança pequeno as vezes está tendo dificuldade para comprar alguma coisa aí eu peço para Deus abençoar que de bem a minha planta que daí eu dou um pouquinho para aquela pessoa para criança daquela pessoa, ou para aquela pessoa que está lá de idade e não pode trabalhar mais, então dou para a pessoa assim, mais os meus mais velhos eles deixavam uns capãozinhos assim de roça eles colhiam toda a planta e daí deixavam um pouquinho assim, minha mãe mesmo contou para mim que o pai dela deixava assim, plantava uma roça de arroz assim por exemplo e pedia para Deus que abençoasse ele e que desse daí depois tirava bastante assim né e daí deixava um pouquinho só para aquela e oferecia assim né para Deus e deixava para os passarinhos aquele capãozinho de roça lá um pouquinho assim né, mais com certeza os passarinhos comem e deixavam naquele lugarzinho no capãozinho e não mexiam, toda vida ele fazia isso e tirava uma boa planta e daí servia para a pessoa que precisava tinha vez que colhíamos bastante aí vende para alguém assim para alguém que precisa mais não pode esquecer do pedido que a gente fez antes de plantar né, se tem que lembrar do pedido que você fez e isso vem desde os meus antigos avôs. (Entrevista realizada dia 27 de outubro de 2022).

Pedidos envolvidos de ritualidades que nas mandingas realizadas pela quilombola e agricultora Dona S. A em suas promessas e oferendas aos santos em forma de proteção às suas roças e plantações, são muito comum nas promessas pelos devotos em deixar uma boa parte da plantação para o santo ou após a colheita distribuir uma parte da plantação para os moradores da comunidade que se fazem muito presente no convívio entre os trabalhadores quilombolas, desde a época de João Luíz Cardoso a qual consistiu no pacto com o Coisa Ruim em sua roça de milharal que ainda se manifesta no rito de passagem na ligação da agricultura com os santos protetores, envolvendo a fé nas promessas ao pedido clamado no sertão e atendido pelo santo padroeiro.

As trocas de alimentos produzidos nas roças pelos produtores quilombolas são muito frequente na comunidade, que nos momentos de festa são realizados as trocas e partilhas de alimentos entre os moradores do quilombo, a primeira Feira de Troca Solidária ocorreu no ano de 2016 em conjunto com o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a qual estudantes e moradores trazia seus alimentos produzido na roça para feira, alimentos que muitas vezes foram produzidos através de promessas aos santos protetores que também se faziam presentes, para a

realização da feira de troca solidária, cada morador da comunidade montava a sua barraca em forma de circularidade contendo os seus produtos tradicionais e os artesanatos para a base de troca, para realizar a troca de alimentos entre os moradores quilombolas era necessário a utilização da moeda simbólica típica da comunidade, chamado de “Pilões” moeda sem fins lucrativos com o finalidade ao distanciamento do capitalismo exacerbado que acabaram dominando a sociedade, em relação da feira por ser a base de troca só participava quem trazia alimentos, a venda nessa ocasião não era permitido, trazendo como ritualidade para que cada produtor quilombola estivesse a oportunidade de adquirir os alimentos que estavam precisando como também experimentar um pouco da produção do vizinho da roça ao lado.

Em que nas escritas da quilombola, agricultora e participante da feira de troca solidária de 40 anos de idade, G. de A. M relata a importância da ligação na partilha de alimentos entre os moradores no território quilombola:

Então essa troca é muito importante e sempre aconteceu dentro da comunidade, eu quando criança me lembro que o pai matava porco ele tirava ali um pedaço grande do porco e levava lá no vizinho, daí depois o vizinho matava o porco dele e aquele pedaço que o pai tinha levado o vizinho devolvia para o pai sabe?! Sem interesse nenhum sabe Renan?! O arroz, o feijão era a mesma coisa, peixe que caçava e o que tinha de comida na época, que verdura não era muito a realidade naquela época, que é mais hoje, era mais isso assim: o peixe, o arroz, o feijão a carne de porco, então o povo fazia essa troca, os vizinhos, os parentes e as pessoas próximas elas faziam essa troca, é algo próprio da comunidade né, não era só comida, desde os serviços né, faziam mutirão, fazia os serviços longe não era feito sozinho era trocado, trocava dia ia lá ajudava e depois voltava e ajudava sabe?! Então já era uma troca, era uma troca solidária, porém a gente não tinha essa definição. (Entrevista realizada dia 18 de novembro de 2022).

Momentos de troca que na oralidade da quilombola G. de M, “são as riquezas ancestrais deixado pelos anciãos mais velhos, que há muito tempo vem fazendo história na comunidade entre os moradores do quilombo”, que ao se questionar “porém a gente não tinha essa definição” a agricultora se refere ao nome conduzido as suas realizações a base de troca entre os quilombolas, passando a ser conhecido e nomeado no ano de 2016 em a feira de troca solidária, envolvidos de saberes ancestrais, partilhas de alimentos e ritos elementares na conexão com as santidades. Movimento de trabalho presente entre os quilombolas que não se prevalece o trabalho como forma de produção disposto na sociedade de classe, que para ARRUDA (2005), há anos esse movimento de Economia Solidária vem fazendo parte do convívio social entre os povos quilombolas, práticas educativas que geram um ato de solidariedade entre ambos, como também a sobrevivência e a resistência de comunidades quilombolas no território, a qual afirma:

A Economia Solidária reconstrói as relações sociais de consumo, produção e trocas a partir da noção de economia como gestão, cuidado da casa. Essa definição etimológica do termo insita à reflexão. A casa é um lugar de vida, e vida em comunidade. Deve ser lugar de acolhimento, em que primeiro contam os habitantes e só depois o prédio da casa, suas decorações e objetos que temos dentro dela. O prédio, os adereços e objetos são meios para gerar bem estar. Se os colocamos em demasia, eles atrapalham e enfeiam o ambiente, em vez de facilitar o bem-viver de quem habita a casa. Se existe carência de objetos essenciais, o bem-viver também fica prejudicado. Se existem desigualdades nos direitos ao usufruto do espaço e dos bens coletivos, alguns se dão bem às custas do mal estar dos outros. Isso gera disputa, conflito, injustiça e pode até resultar em violência. A harmonia entre os que habitam a casa resulta de um ambiente de acolhimento, cooperação, confiança mútua, solidariedade e sociabilidade entre os habitantes da casa. O método do diálogo, do entendimento, da escuta de uns pelos outros, da atenção ao bem estar uns dos outros e da reciprocidade é indispensável. Quanto mais cada um cuidar do bem estar dos outros, mais aumenta o bem estar de todos. Os conflitos certamente existirão, mas serão superados pelo diálogo e da busca de entendimento em torno de uma solução em que todos possam sair ganhando. Num lar assim, a paz será sustentável e o amor prevalecerá sobre os sentimentos negativos e a desconfiança. (ARRUDA, 2005. p. 35).

Dentre os conceitos abordados pelo autor fica nítido que nesse processo de casa e comunidade, ambos se complementam e são nesses espaços que habitam os saberes e as estratégias de luta para a vida em comunidade. Que conforme ARRUDA (2005), podemos perceber que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes quilombolas, deve pensar e repensar nas suas propostas pedagógicas, metodologias, currículos e ações pedagógicas coletivamente que amparem “as singularidades históricas, culturais e socioeconômicas mantidas e reproduzidas por esses/as sujeitos em diferentes épocas geográficas. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2009, p. 44).

Que durante os movimentos de troca de alimentos entre os quilombolas, podemos perceber elementos ritualísticos não só presentes na ligação da roça com os santos, mas também se manifestam entre os trabalhadores quilombolas na conexão com a terra, que no ato de plantar é necessário fazer a sua escuta, ouvir os seus anseios e as suas necessidades para que retribua em uma roça farta e uma boa colheita dos alimentos na plantação. Nessa conexão elementar da terra com os quilombolas trazemos como referência o autor Eduardo Oliveira (2005) em sua tese “*Filosofia da Ancestralidade*” que define:

A filosofia nasce do solo. Da terra germina, como uma planta que irrompe a crosta e invade o espaço na direção do céu ao mesmo tempo que deita as suas raízes nas profundezas do mistério da terra. Movimento de ancestralidade por excelência. No mistério encontrei Emmanuel Levinás (1980; 1982) e sua Ética

do infinito. Na filosofia da libertação meus anseios encontravam solo. Mas faltava corpo. (p.14).

Força vital que na conexão com o chão germina a herança dos saberes ancestrais que através das ritualidades são carregadas de histórias populares contendo promessas aos santos, mandingas, simpatias e sabedorias locais envolvidas de fé ao sagrado em forma de re-existência da identidade negra no território quilombola, que ao contato com o chão traz o fortalecimento das suas raízes e a preservação dos saberes e das oralidades ancestrais, em que o quilombola e agricultor de 43 anos de idade o Sr B. F. de F. J, relata a sua conexão com a terra em momentos de roças para plantações:

Então no meu caso o jeito de plantar na roça é o jeito que o pai plantava, o pai a mãe , que eu vi os mais velhos aqui plantando como que se relacionava no caso do plantio com a terra e com a fé deles em produzir os alimentos, em primeiro lugar agradecer a Deus por ter a terra para poder plantar, o alimento ali, e fazer a roçada ou senão carpir para preparar aquele pedaço de terra para você plantar um arroz, um milho né, um ramo de mandioca, a batata doce então é um momento muito gratificante assim para a gente que mora na roça, sabe? É por a gente estar em vida ter saúde para lidar com aquilo, eu sempre lembro assim: que o pai falava também “que tem muitas pessoas que precisa plantar e não tem lugar para plantar” né, ou ainda quando tem lugar para plantar as vezes não tem saúde né, que ajude a trabalhar na roça, então eu sou assim: quando preparo a terra que eu planto ali eu entrego na mão de Deus né, entrego na mão dele e tudo que acontecer ali é por conta dele, porque o trabalho da gente é preparar a terra e colocar a semente na terra, e depois de estar na terra eu creio que é por conta de Deus, porque vai precisar do sol, vai precisar da chuva né, para produzir, vai precisar que eu esteja bem de saúde para mim poder limpar a planta, se ela produzir eu tenho que estar em condições de saúde para mim aproveitar né, pra levar para casa porque só fica garantido mesmo quando ele está dentro de casa né, eu particularmente peço a Deus que cuide da roça que faça todos esse processo acontecer para mim poder estar colhendo meu sustento depois.(Entrevista realizada dia 21 de novembro de 2022).

Nessa conexão elementar com a terra envolvida de fé e partilhas de experiências em roças no território, que ao perguntar para o quilombola B. F sobre as manifestações de santos em momentos de plantação, o agricultor me conduz a uma passagem de devoção e ligação muito forte aos santos em tempos de preparação das roças e plantio entre os produtores quilombolas:

Meu pedido era só que Deus abençoasse a roça, me abençoasse também que eu tivesse saúde, condições para aproveitar o alimento que ele ia dar ali naquela roça. Mais a mãe o pai faziam promessas aos anjos da guarda né, fazia promessas pro Santo Antônio, São João né, e com as mesadas dos anjos, fazia promessas para a mesada dos anjo, pros anjos do céu ajudar na colheita daquela roça para produzir bem e colher e daí a promessa ela fazia a mesada dos anjos, fazia promessa para o Divino Espírito Santo também, como por aqui todo ano de maio até julho passa a Bandeira do Divino que é da Paróquia

de Iporanga, então as famílias faziam promessas para a Bandeira do Divino, então tinha eles colhiam a roça e tinha a pia de arroz do divino onde ali eles malhavam o arroz e mandavam ali a pessoa que estava correndo a bandeira levava o arroz para a festa de Iporanga do Divino que acontece no final do mês de julho, então não era eu que fazia mais via os mais velhos fazendo isso né, os vizinhos aqui, meus tios, o vô, e outros vizinhos mais perto aqui eles faziam isso né que era para o Divino abençoar e para produzir bem as roças. (Entrevista realizada dia 21 de novembro de 2022).

Manifestação de santos e a sua conexão com a terra que na preparação da roça para o plantio, em momentos de colheitas pelos trabalhadores quilombolas no campo, é realizado em forma de pagamento da promessa tirar a primeira parte da colheita de suas plantações, reservar e oferecer as crianças da comunidade como gesto de oferenda em agradecimento aos santos protetores pela abundância em suas roças de plantações, oferendas que são representada na Mesada dos Anjos, a qual os devotos quilombolas combinam o dia com os moradores da comunidade e realizam a comedoria com aquela parte do alimento separado no momento da colheita no sertão, para a realização da Mesada dos Anjos é necessário para que conduza a mesa apenas crianças de zero até sete anos de idade ou mães que estejam grávidas que também passam a compor a mesa, geralmente as crianças são colocadas em círculos e servidos os alimentos de bom grado, após as crianças se alimentarem é conduzido pelo devoto uma bacia com água, lavado as mãos das crianças e secado em uma toalha, com a ritualização feita os adultos podem fazer as suas refeições e experimentar a partilha de alimentos produzido na roça e oferecido por aquele devoto e trabalhador do campo, há casos que para a realização da Mesada dos Anjos dependendo do devoto e do costume para pagar a promessa, a mesada é feita no chão com um pano estendido e as crianças sentadas em volta para a partilha de alimentos, ritos que se fazem presentes desde os anciões mais velhos como de costume em realizar o pedido ao santo, escutar os anseios da terra, fazer o plantio e com paciência e permissão de Deus preparar para a sua colheita e nas partilhas dos alimentos nos momentos sagrados de festa em devoção no território.

Partilhas de alimentos que são realizadas há três anos nos encontros dos produtores quilombolas para a elaboração da Feira de Troca de Sementes e Saberes Quilombola. -Território um espaço de Luta e resistências. Com as reivindicações e rodas de debates com as lideranças e moradores quilombolas para o município aderir o decreto do dia 20 de novembro como feriado municipal em Adrianópolis, só foi possível no ano de 2018 com a aprovação pela Câmara Municipal de Adrianópolis do Estado do Paraná, a qual sancionou a Lei nº 927/2018 de 17 de abril de 2018 em que podemos consultar nos Art. 1º e Art. 2º da referida lei:

Art. 1º- Fica intitulado como feriado Municipal o “Dia da Consciência Negra”, a ser comemorado anualmente em todo o dia 20 de novembro no município de Adrianópolis.

Art. 2º - A data será incluída ainda no calendário de eventos do município de Adrianópolis, que definira as atividades das comemorações junto com as comunidades Remanescentes Quilombolas e Comunidades Negras Tradicionais do Município. (ADRIANÓPOLIS, 2018).

Com a Lei municipal sancionada a I Feira de Troca de Sementes aconteceu no ano de 2019 no município de Adrianópolis, um movimento de luta e re-existência das comunidades quilombolas do território do Paraná, sendo: João Surá, Praia do Peixe, Sete Barras, Porto Velho PR, Córrego das Moças e das comunidades negras tradicionais de Tatupeva, Mamonas e Bairro dos Roque, entre outras comunidades quilombolas do Estado de São Paulo que também se fazem presentes na luta pelos seus direitos e saberes ancestrais em que podemos afirmar: Praia Grande, Cangume, Porto Velho SP e o Caraças, encontros entre as comunidades muito importante para reforçar a luta e a identidade negra nas trocas dos saberes carregados de fé e devoção ao sagrado, nas partilhas de experiências composta de ritos envolvidos de mandingas e simpatias para as referidas curas, em que o quilombola, agricultor e professor de 39 anos de idade G. R. S, relata sobre a importância da visibilidade e da Feira de Troca de Sementes entre os produtores quilombolas:

A 1ª Feira de Troca de Sementes e Saberes Quilombolas, nesse evento conseguimos ocupar a praça de central de Adrianópolis com o Grito de Guerra “Nós Somos a Resistência” porque nesse evento além de reunirmos com as demais comunidades conseguimos apresentar as atividades desenvolvidas pelo colégio Diogo Ramos, e por outros colégios que tinha trabalhado a semana da consciência negra. Para nós a feira é importante porque conseguimos resgatar alguns tipos de sementes e mudas de ervas medicinais, além de trocarmos experiências com as demais comunidades, principalmente com as curandeiras e benzedadeiras que vem para o evento com ramos e raízes para ser trocadas com as demais colegas um exemplo era os chás utilizados para tratar as crianças contra bichas, olheiras e coera virada. (Entrevista realizada dia 10 de novembro de 2022).

Com a realização da I Feira de Troca de Sementes no fortalecimento das ancestralidade negra, os trabalhadores quilombolas começaram as suas organizações e produções para o segundo encontro que aconteceu no ano de 2020 a II Feira de Trocas de Sementes, que foi realizada no município de Adrianópolis PR no bairro Porto Novo, que pode contar com as apresentações locais, místicas, falas de lideranças das comunidades, trocas de sementes e saberes quilombolas além das amostras de materiais pelos Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e Colégio Estadual do Campo Porto Novo, a qual é um Colégio do Campo mas atende estudantes remanescentes de quilombos e de comunidades negras tradicionais.

FIGURA 11: FEIRA DE TROCA DE SEMENTES E SABERES QUILOMBOLAS- BAIRRO PORTO NOVO- PR.



FONTE: Gedielson Ramos Santos – Apresentação da Romaria de São Gonçalo no “Agradecimento pela produção e pedindo novas bênçãos” - 3º Feira de Troca de Sementes e Saberes Quilombolas- Bairro Porto Novo-Adrianópolis- PR. Ano (2022). Disponível em: www.instagram.com/p/Cz6839bLORI/?igsh=MXh6bWNxanI1NGpnag==

Já no ano de 2021 devido a pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 não foi possível a realização da feira precisando ser adiado os encontros das comunidades quilombolas, que no ano de 2022 com as normalidades a prevenção do vírus as comunidades e trabalhadores do território quilombola se preparam para a organização de um grande evento que podemos destacar na oralidade do quilombola e agricultor G. R. S: “a 3ª Feira, com o tema: Território, um espaço de luta e resistência, nela traremos a apresentação da romaria, roda de conversa com as benzedeadas e com as lideranças quilombolas”. Que podemos observar as manifestações da religiosidade tanto em momentos de realização das Feiras de Trocas Solidária quanto às Feiras de Trocas de Sementes a ligação com a celebração de santos no território quilombola, que também se fazem presentes, seja no pedido da promessa feita na roça ou no sertão, nas ligações da terra com o santo, do trabalhador do campo com a terra, na realização da pagação da promessa na dança ao santo protetor dos violeiros que nos momentos de trocas de sementes realizados nas feiras entre os agricultores, podemos enfatizar os ensinamentos e partilhas de experiências a base da fé ao santo padroeiro da quilombola e anciã Dona S. A. G. da R. P que se fazem presentes nesses espaços e movimentos de luta na resistência da oralidade pelos saberes ancestral do povo negro.

As quais podemos enfatizar nos consumos de alimentos produzidos em roça a partir de promessas aos santos, na celebração da Novena de Natal envolvendo as últimas manifestações em veneração aos santos no território quilombola, que se inicia entre os meses de novembro e de dezembro, que varia de acordo com o devoto que irão conduzi-la, totalizando nove dias em oração, com as organizações dos devotos para a realização da Novena, são divididos em grupos

para cada núcleo da comunidade, sendo: um grupo de devotos na comunidade quilombola de Guaracuí, dois grupos de devotos na Sede de João Surá e um grupo de devotos na comunidade quilombola do Poço Grande, nas quais tem a função de visitar as casas dos moradores quilombolas para abençoar as famílias e prepará-las para o dia do Natal, com as visitas nas casas e as realizações das preces feitas pelos devotos quilombolas, no dia 23 de dezembro no último dia da Novena é celebrado com a santa missa na igreja, com os preparativos para a grande noite entre o dia 24 para o dia 25 de dezembro conduzido com muitos enfeites natalinos, representações do nascimento do menino Jesus através de presépios e luzes de velas oferecidas aos santos, trazendo muitas comedorias simbolizando a fartura na mesada da ceia do natal em comemoração à chegada do menino Jesus, chamado pelos devotos quilombolas como “Nosso Salvador” que no dia 25 de dezembro é realizado a celebração em sua homenagem, um momento de fé e reflexão entre os moradores quilombolas, conduzidas com as participações dos devotos das comunidades vizinhas que vem ao território para prestigiar e festejar esse dia tão especial de crenças e devoções nas deposições de fé ao sagrado.

PARTE II: FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA.

2.1 Memórias: minha chegada na comunidade Quilombola João Surá.

Trilhando os caminhos e os passos dos meus ancestrais, no ano de 2014 tive a oportunidade de conhecer o Quilombo de João Surá, por trabalhar como professor de Filosofia no Colégio Estadual do Campo Porto Novo, em época de Consciência Negra em 20 de novembro era realizado a visita dos estudantes do Colégio de campo aos estudantes quilombolas do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a partir dessas interações e socializações sociais, eram apresentados danças, teatros, oficinas, falas de lideranças do território e o famoso almoço com as comidas típicas produzidas na comunidade que até hoje ficam na memória.

A partir desse movimento me inscrevi no Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS), concurso de seleção realizado pela Secretaria do Estado da Educação (SEED), para tentar uma vaga no cargo de professor, após o resultado da lista de classificação me direcionei até a comunidade quilombola para a apresentação do meu Plano de Ação da disciplina pretendida de Filosofia e Sociologia para Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombos e lideranças quilombolas para a contemplação da Carta de Anuência, que para se trabalhar no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos é necessário o aval da comunidade

com a Carta de Anuência, assinada pela Presidenta, Vice Presidenta e Associados da associação, te concebendo a pretendida vaga no cargo a ser ocupado, com a carta em mãos sou acolhido na equipe de docentes da Instituição Ensino. No mês de fevereiro no início das aulas houve a apresentação da equipe Diogo Ramos aos estudantes e demais moradores do quilombo, lembro-me como se fosse hoje, fomos até um gramado ao lado da escola fizemos um círculo e começamos as apresentações, pude perceber na curiosidade de alguns estudantes em saber quem era o mais novo professor de Filosofia e Sociologia do Colégio, pôr a comunidade ficar muito longe de onde eu morava aproximadamente uns 50 km, resolvi morar na comunidade de quarta a sexta-feira nos dias que lecionava as minhas aulas.

Com esse deslocamento para a comunidade quilombola, comecei a ter contato com os anciões da comunidade, em fazer visitas nas casas, nas participações de festas era tantas histórias de lutas e resistências extraordinária, com isto fui me familiarizando com o povo e me inteirando nas suas vivências, ao convite dos moradores da comunidade comecei a participar das práticas religiosas no território, a primeira prática religiosa que participei foi a Passagem da Bandeira do Divino, que até hoje ainda relembro da fé e devoção dos quilombolas com a chegada da bandeira em suas casas, Romaria de São Gonçalo já cheguei a participar de duas inclusive a segunda foram dezessete voltas a serem cumpridas, foi iniciado a realização da dança na promessa no sábado de manhã e terminado no domingo à tarde com muita fé e emoção em ter ajudado a cumprir o pedido no coletivo, infelizmente ainda não tive a oportunidade de participar da Recomendação das Almas, nas opressões territoriais também estava presente, seja por meios dos movimentos sociais, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), movimentos de lutas na “delimitação, demarcação e titulação das terra”, foram em contato nesses espaços de vivências e lutas do povo negro que foi me auto constituindo, na autodeclaração de uma pessoa negra, que ao observar os fenótipos do negro também eram parecidos com o meu, que até então me autodeclarava uma pessoa parda, a partir disso pôr a comunidade me receber de braços abertos e me acolhido entre eles, com o passar dos tempos foi me ocorrendo o “aquilombamento”, que por estar como docente no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e nas vivências dos moradores quilombolas pude perceber que as práticas religiosas realizadas por eles faziam parte das minhas ancestralidades, e que as opressões territoriais causada pelo colonialismo me afetavam também, e que os caminhos que agora andamos não trilhamos sozinho, mas sim em coletividade, e por essas percepções de vivências na desconstrução para a construção de um novo eu pude perceber e me reconhecer como um “professor aquilombado.”

2.2 Currículo de Filosofia no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

O Ensino de Filosofia no Currículo Brasileiro desde a sua implementação passou por muitas instabilidades, houve momentos de presença e tempos de lutas contra as censuras para suprir as necessidades e os interesses de cada período. Conforme a época do Brasil Colônia com a finalidade de impedir a Reforma Protestante, o Currículo de Filosofia era voltado ao caráter enciclopédico as bases das diretrizes da Companhia de Jesus, que com a Reforma Pombalina, seu ensino passou a compor uma nova postura liberal-positivista na contribuição da formação utilitarista do indivíduo ligado aos conjuntos e conceitos morais para a formação do cidadão.

Na década 1971 a Filosofia sofre um impacto devastador, sendo retirada dos currículos das escolas públicas brasileiras, que com a publicação da Lei nº 5.692 deu-se a sua substituição pela disciplina Educação Moral e Cívica nos âmbitos escolares, que com as articulações, estratégias e movimentos contrários a Ditadura Militar possibilitou discussões sobre a importância e contribuição efetiva da Filosofia e seu ensino nos currículos escolares.

A partir da década de 1980, processo de abertura e redemocratização do país, com as discussões e articulações para a retomada da disciplina de Filosofia nos currículos do Ensino Médio se desencadeou em diversos estados do Brasil, na qual cabe aqui destacar as diversas lutas constituídas pela Universidade Federal do Paraná e seus docentes ligados à área de Filosofia nas organizações de defesas e mesas de debates para a retomada e reconquista do espaço da Filosofia nos parâmetros escolares, contestando ativamente a Lei nº 5.672/11 voltada à educação tecnicista disposto no ato Oficial da Legislação.

Como podemos observar nas árduas lutas em prol da redemocratização e o ensino da Filosofia nas redes públicas de ensino, com base na LDB a Lei nº 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional possibilitou a retomada da disciplina de Filosofia nos parâmetros dos currículos escolares do Ensino Médio brasileiro, na qual podemos consultar estas articulações na passagem disposto no PPP-Projeto Político Pedagógico (2022) da Instituição de Ensino do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos:

Porém, no ano de 2001, a proposta de retorno da disciplina de Filosofia ao currículo escolar foi vetada pelo então presidente Fernando Henrique, mesmo com o art. 36 da LDB n. 9.394/96, afirmando que, ao final do Ensino Médio, o estudante deveria dominar os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania. Isso fez com que a Filosofia fosse trabalhada como um tema transversal frente às demais disciplinas. Da mesma forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também não assumiram

o Ensino de Filosofia como disciplina curricular e a relegaram a um papel secundário no currículo.

Foi somente a partir do ano de 2006 que a proposta de mudança da Resolução CNE/CEB n. 03/98, no seu artigo 10, § 2º, enviada ao CNE, que a disciplina de Filosofia foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Nacional de Educação. Ainda em 2006, foi homologado pelo Ministério da Educação, por meio da Resolução n. 04 de 16 de agosto, o parecer CNE/CEB n. 38/2006, que tornou a Filosofia e a Sociologia disciplinas obrigatórias no Ensino Médio. Como parte dessas ações para a implementação do Ensino de Filosofia, no Estado do Paraná foi aprovada, pelo Conselho Estadual de Educação, a Lei n. 15.228, de julho de 2006, que oficializa a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia e Sociologia na matriz curricular do Ensino Médio. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2022, p.290).

Com a promulgação da Lei n.º. 15.228, de 07 julho de 2006 e o amparo legal a obrigatoriedade ao Ensino de Filosofia e Sociologia nos Currículos Escolares, destaco os Art. 2º e Art. 4º compostos pelos incisos I, II e III da referida lei promulgada a vigor nos parâmetros da rede de ensino:

Art. 2º A disciplina de "Filosofia" tem por objetivo consolidar a base humanista da formação do educando, propiciando-lhe capacidade para pensar e repensar de modo crítico o conhecimento produzido pela humanidade na sua relação com o mundo e a constituição de valores culturais, históricos e sociais, sendo, portanto, fundamental na construção e aprimoramento da cidadania.

Art. 4º A Secretaria de Estado da Educação, nas formas estabelecidas pelo Conselho Estadual de Educação observando o disposto no art. 2º e as Diretrizes Curriculares nacionais para o Ensino Médio, fixado pelo Conselho Nacional de Educação, estabelecerá:

I - O programa curricular e a proposta pedagógica;

II - Estabelecer a carga horária na grade disciplinar;

III - Promover a qualificação docente dos professores habilitados às disciplinas de Filosofia e Sociologia.

São nesses espaços de tempo que ao abordarmos o processo histórico do Ensino de Filosofia nos Currículos escolares brasileiros, deparamos que estamos em constante movimento de luta, e que a cada dia estamos sujeitos a uma nova opressão ou até mesmo um descaso com nossa carreira de docente nas instituições de ensino. Mesmo com a promulgação da Lei n.º. 15.228, de 07 julho de 2006 e a obrigatoriedade de seu ensino nas redes públicas, parece não intimidar a SEED- PR Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná, que com a implementação da Lei n.º 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 resultou na alteração da lei LDB- Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo mudança na estrutura da Grade Curricular do Ensino Médio, que hoje denominamos como a Nova Reforma do Ensino Médio ou Novo Ensino Médio. Com a lei em vigor no ano de 2022 a proposta veio ao encontro de uma

nova organização curricular, flexível e que contemple os parâmetros da BNCC- Base Nacional Comum Curricular.

Com a implementação da Nova Reforma do Ensino Médio nas instituições de ensino da rede pública, como Professor de Filosofia no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos Ensino Fundamental e Médio localizado no Quilombo João Surá, posso afirmar que causou um impacto gigantesco no Currículo de Filosofia da instituição de ensino, visto que fomos surpreendidos pela SEED-PR com dois modelos de Organização Curricular Estruturada composta por Formação Geral Básica, Itinerário Formativo de Linguagens e Ciências Humanas, constituindo na possibilidade de escolha entre as duas Grades Curriculares apresentadas, sendo a: “Possibilidade de Estruturação Curricular 1 e Possibilidade de Estruturação Curricular 2” todos compostos por Formação Geral Básica, Itinerário Formativo de Matemática e Ciências da Natureza. Com articulações e diálogos do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e o Colégio Estadual Quilombola Maria Joana Ferreira localizado no município de Palmas Paraná, através da SEED-PR, Educação das Relações Étnicos- Raciais e Escolar Quilombola, em análise com a comunidade obtemos a convicção que as Grades Curriculares e disciplinas ofertadas, vai ao lado oposto desde a Construção da Proposta Pedagógica do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a qual se fundiu a partir das escutas da comunidade quilombola e moldado uma estrutura que contemple as suas necessidades, desenvolvimento que ocorreu completamente ao contrário, chegou pronta só a partir da escolha e sua implementação na rede de ensino.

Foi através dessa não aceitação da Proposta Curricular explanada pela SEED-PR, que a comunidade travava uma luta pelos seus direitos e reivindicavam as consultas no território quilombola, para serem ouvidos e contemplados os seus saberes na Organização da Proposta Curricular. E para adentrarmos mais a fundo nesse contexto conduzo a fala potente da quilombola, Professora e Diretora Escolar C. A. de M de 40 anos de idade, sobre as articulações e tramitações com a SEED-PR, Secretaria da Educação e o Setor da Educação das Relações Étnicos- Raciais e Escolar Quilombola:

Então foi em 2021 quando a gente estava naquele processo de pandemia né, a gente sempre tinha o coletivo de educadores também né, então a gente sempre estavam se reunindo e quando estava para trocar a gestão do Cassius ele me apresentou em uma dessas reuniões com a SEED-PR. Aí eles começaram a apresentar os trabalhos das ementas, das propostas que tinha o protocolo das consultas, que também estavam sendo divulgado recentemente em 2021, aí veio a proposta que eles nos apresentaram dos itinerários, de como ia funcionar o novo ensino médio, aquela questão da carga horária né que teria uma mudança na carga horária, da questão da formação geral básica, os

itinerários e dos componentes curriculares, que eu lembro eles apresentaram as propostas da matriz curricular pro novo ensino médio, que teria essa mudança nos componentes, que os componentes disciplinares ocuparam o nome das disciplinas, que a gente tinha aquela matriz com as disciplinas, a partir do novo ensino médio chamou-se componentes curriculares, daí para o itinerário formativo a gente teria que indicar os nomes.

Aí que veio a consulta para a comunidade, eles colocaram essa missão para nós como a gente já estava articulado com o grupo do coletivo de educadores, os dois colégios né, acho que essa construção do novo itinerário do novo ensino médio, integrou os dois colégios também, acho que foi uma oportunidade da gente estar construindo juntos, aí entrou a FECOQUI junto também, aí nós temos os representantes nosso do colégio e eles o representantes deles lá, que até o Alcione é o atual presidente, então vejo que foi uma oportunidade da gente se unir né os dois colégios e ter essa participação conjunta de certa forma. (Entrevista realizada dia 23 de agosto de 2023).

Com as articulações por parte administrativa e gestão escolar dos Colégios Estaduais Quilombola Diogo Ramos e Maria Joana Ferreira, foi realizado várias reuniões nas quais se fizeram presentes os membros Clemilda Santiago Neto, Galindo Pedro Ramos e Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues dos Santos representantes ao departamento da Equipe da Educação Escolar Quilombola- SEED-PR, juntamente com lideranças quilombolas, presidentas e vice-presidentes das Associações de moradores e docentes da instituição de ensino, momento que foi explanado a importância das disciplinas das áreas de Linguagens, Ciências Humanas e Sociais na Matriz Curricular e nas aprendizagens dos estudantes no território quilombola, demonstrando as atrocidades e prejuízos que poderiam causar na Matriz Curricular Quilombola com a implementação da Reforma do Novo Ensino Médio.

A partir dessa discussão, conduzo a Matriz Curricular Quilombola do ano de 2017 antes da Reforma do Novo Ensino Médio e a Matriz Curricular Quilombola do ano de 2022, com a implementação do Novo Ensino Médio.

QUADRO 1: MATRIZ CURRICULAR DO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS- ANO 2017.

ESTADO DO PARANA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

NUCLEO: 02 - AREA METROP.NORTE MUNICIPIO: 0020 - ADRIANOPOLIS
ESTAB.: 00431 - DIOGO RAMOS, C E QUILOMBOLA-EF M ENT MANTEN.: GOVERNO DO ESTADO DO PARANA
CURSO: 0009 - ENSINO MEDIO TURNO: MANHA ANO IMPLANT.: 2017 - SIMULTANEA

DISCIPLINAS		/ SERIE	1	2	3								
BNC	ARTE		2	2	2								
	BIOLOGIA		2	2	2								
	EDUCACAO FISICA		3	2	2								
	FILOSOFIA		2	2	2								
	FISICA		2	2	2								
	GEOGRAFIA		2	2	2								
	HISTORIA		2	2	2								
	LINGUA PORTUGUESA		3	2	2								
	MATEMATICA		3	3	3								
	QUIMICA		2	2	2								
	SOCIOLOGIA		2	2	2								
BNC	SUB-TOTAL		23	23	23								
PD	L E M-ESPAÑHOL *		4	4	4								
PD	L E M-INGLES		2	2	2								
PD	SUB-TOTAL		6	6	6								
TOTAL GERAL			29	29	29								


NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB N. 9394/96
* DISCIPLINA DE MATRICULA FACULTATIVA OFERTADA NO TURNO CONTRARIO, NO CEJEM.

DATA DE EMISSAO: 02 DE Marco DE 2021

ASSINATURA DO CHEFE DO NRE
Alexandra de Fátima Gefe
CHEFE/NRE AMN
Dec. nº 6363/20

FONTE: Arquivo do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

QUADRO 2: MATRIZ CURRICULAR DO COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS- ANO 2022.



ESTADO DO PARANA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

NUCLEO: 02 - AREA METROP.NORTE MUNICIPIO: 0020 - ADRIANOPOLIS
ESTAB.: 00431 - DIOGO RAMOS, C E QUILOMBOLA-EF M ENT MANTEN.: GOVERNO DO ESTADO DO PARANA
CURSO: 0015 - NOV ENS MEDIO TURNO: MANHA ANO IMPLANT.: 2022 - GRADATIVA

DISCIPLINAS		/ SERIE	1	2	3								
FGB	ARTE		2										
	BIOLOGIA		2	2									
	EDUCACAO FISICA		2		2								
	FILOSOFIA		2										
	FISICA		2		2								
	GEOGRAFIA		2	2									
	HISTORIA		2	2									
	LINGUA INGLES		2	2									
	LINGUA PORTUGUESA		3	3	4								
	MATEMATICA		3	3	4								
	QUIMICA		2	2									
	SOCIOLOGIA		2	2									
FGB	SUB-TOTAL		24	18	12								
PFO	ANCESTRAL NEGRA E LUT DIREITOS		2										
	ECONOMIA COMUNITARIA		2	2	2								
	PROJETO DE VIDA		2	1	1								
PFO	SUB-TOTAL		6	3	3								
TOTAL GERAL			30	21	15								

NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB N. 9394/96

DATA DE EMISSAO: 13 DE Janeiro DE 2022

ASSINATURA DO CHEFE DO NRE
Claus Giovanni A. Marchiori
CHEFE/NRE AMN
Dec. nº 7801/2021

FONTE: Arquivo do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Com as comparações das duas Matrizes Curriculares detalhados acima, fica visível nas reduções das aulas nas disciplinas de Arte, Filosofia e Sociologia na rede de ensino, foi nesse ponto delicado que nossas conversas aos setores representantes da SEED-PR se estenderam, na qual em momentos de debates percebe-se que estávamos voltando à década de 1971 com o desmonte da Grade Curricular das áreas de Ciências Humanas e Sociais nas redes de ensino. Atendendo aos anseios da comunidade quilombola João Surá e Palmas, ficou acordado entre os membros representantes da Equipe da Educação Escolar Quilombola- SEED-PR e os Colégios Estaduais Quilombolas Diogo Ramos e Maria Joana Ferreira nas mudanças das disciplinas dos Itinerários Formativos e nas construções das suas próprias ementas que atendam às suas especificidades e contemplem a Educação Escolar Quilombola nos currículos de ensino.

De acordo com a Diretora C. A. de M, relata o processo da construção dos itinerários formativos e o desenvolvimento de articulação com a comunidade quilombola:

Daí a gente começou a construir os itinerários, passando pra comunidade que quando a gente estava voltando da pandemia a gente chamou a comunidade presencial a gente também apresentou essa proposta onde a gente definiu quais eram os nomes dos componentes que a gente achou mais atrativo para a nossa realidade do nosso colégio. Aí em 2021 a gente tinha um esquema que a cada quinze dias a gente se reunia, construía durante a semana e no dia da reunião a gente apresentava, a gente fez em 2021 que foi construída com vocês professores o Projeto de Vida que é a Identidade Quilombola, Ancestralidade que entrou no lugar de Pensamento computacional e a Economia Comunitária que entrou no lugar da Educação Financeira. E no ano passado em 2022 a gente construiu mais oito ementas quatro para o itinerário integrador que era para integrar as áreas de Humanas e Linguagens, e a área de Exatas a Ciências da Natureza. (Entrevista realizada dia 23 de agosto de 2023).

Nas construções das ementas foi realizado em pontos estratégicos, focados nas disciplinas que estavam sendo prejudicadas na Matriz Curricular, como pode perceber as disciplinas das áreas de Ciências Humanas e Sociais sendo Arte, Filosofia e Sociologia tiveram uma redução na carga horária passando de 02 aulas para 01 aula por série no ensino médio, além disso se voltarmos os nossos olhares a Matriz Curricular do ano de 2022, certas disciplinas aqui citadas nem aparecem na Grade Curricular de algumas séries com o Novo Ensino Médio. É visível que nas substituições das disciplinas de Filosofia e Sociologia das áreas de Ciências Humanas e Sociais sejam atribuídas pelas ofertas das disciplinas dos Itinerários Formativos compondo a Formação Geral Básica e se constituindo na formação da Grade Curricular de acordo com a série ofertada. E para atender essas demandas contra as opressões na Matriz Curricular Quilombola, os docentes dos Colégios Estaduais Quilombolas Diogo Ramos e Maria Joana Ferreira em conjunto ao “Coletivo de Educação Escolar Quilombola do Paraná”, no ano

de 2021 passam a elaborar as ementas do Novo Ensino Médio “sob os princípios da Educação Escolar Quilombola (Resolução CNE 04/2012)” começando pela 1ª Série, na qual a área de Ciências Humanas e Sociais elaborou a ementa do Componente Curricular “*Ancestralidade Negra e Luta Por Direitos*,” visando a trajetória de luta do povo negro em diversos espaços e tempos e no fortalecimento da ancestralidade negra na memória coletiva no território quilombola, durante a construção da ementa houve os acompanhamentos pelos membros da Equipe de Educação Escolar Quilombola, Secretaria da Educação e do Esporte e do Departamento de Diversidade e Direitos Humanos, para as exposições de ideias e debates nas sugestões de temas em conformidade a Deliberação CEE- Conselho Estadual de Educação do Paraná -04/2021.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (2022) do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, conduzo a finalidade do Componente Curricular “*Ancestralidade Negra e Luta Por Direitos*” na modalidade de ensino do Novo Ensino Médio:

No componente curricular **Ancestralidade negra e luta por direitos** as mediações pedagógicas têm como princípio garantir que a modalidade da Educação Escolar Quilombola partilhe o conhecimento, compreensão, prática, respeito e atualização da Ancestralidade africana (CEQ. DIOGO RAMOS). (p.132).

Que de acordo com BRASIL (2012), afirma:

De modo a propiciar o entendimento, reconhecimento e reverência à trajetória quilombola fundamentada no princípio da territorialidade, bem como, “da memória coletiva, marcos civilizatórios, línguas reminiscentes, práticas culturais, tecnologias e formas de produção de trabalho, acervos e repertórios orais, festejo, usos, tradições e demais elementos que formam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas e de todo o país (BRASIL, 2012, p.3).

A partir disto, o Quadro Organizador do Componente Curricular “*Ancestralidade Negra e Luta Por Direitos*,” ficou dividido em três Unidades Temáticas sendo: Unidade Temática I “*Reconhecimento das Raízes da História e Cultura da População Negra Desde África*”, Unidade Temática II “*A População Negra no Brasil: Luta Pela Liberdade e o Pós-Abolição*” e a Unidade Temática III “*Nossa História em Movimento: Lutas Contemporâneas da População Negra e Quilombola*”, com as distribuições dos conteúdos a cada Unidade Temática ficou decidido entre os pares que será trabalhado com os estudantes no decorrer dos três semestres durante o ano letivo, exercício de construção da ementa do Componente Curricular que garantiu a obrigatoriedade da oferta da disciplina e sua complementação com a carga horária de 02 aulas semanais. Com base as atribuições ficaram sob a responsabilidade dos professores das áreas de Ciências Humanas e Sociais nas articulações aos conteúdos ministrados

aos estudantes na rede de ensino, conforme o trecho retirado do Projeto Político Pedagógico (2022):

Para a efetividade salutar da mediação pedagógica do componente **Ancestralidade negra e luta por direitos**, faz-se necessário que a formação acadêmica da/do docente que irá assumir as aulas oportunize o conhecimento científico de âmbito **sociológico** do povo negro africano e afro-brasileiro e suas respectivas comunidades tradicionais, reflita e debata sobre o saber **historiográfico** das pessoas pretas desde África até este território diaspórico chamado Brasil. Por fim, para que este componente curricular seja mobilizado sob a ótica da **educação filosófica** exige-se que as vivências permitam ao sujeito admirar o cotidiano da vida pulsante em todo acontecimento da comunidade. Para que a partir da experiência, se problematize a situação vivenciada na singularidade de ser e tornar-se quilombola e/ou de aquilombar-se, ou seja, na condição de resistência e luta contra os ideais colonizadores do passado, mas sob nova roupagem. Assim, caberá às/aos docentes de **Sociologia, História, Filosofia** ou **Geografia** desempenharem sua função nas aulas do presente componente curricular. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2022, p.133).

Com a finalização do Componente Curricular no ano de 2021, para a contemplação na Grade Curricular no ano seguinte, no ano de 2022 tramamos a construção do Componente Curricular da 2º Série do Ensino Médio, na qual foi realizado a construção por área de conhecimento em que cada professor habilitado na disciplina que lecionava na rede de ensino ficou responsável em sua construção, como no ano de 2023 não teria a disciplina de Filosofia contemplada na 2º Série, foi a partir desse momento que a SEED-PR exclui, nós quanto comunidade incluímos e a minha estratégia como professor de Filosofia foi na construção do Componente Curricular Filosofia Decolonial que amparasse a lacuna causada pela Reforma do Novo Ensino Médio, na sua elaboração ocorreu com reuniões mensais via Google-Meet com as presenças dos Colégios Estaduais Quilombolas Diogo Ramos e Maria Joana Ferreira, houve momentos individuais via Google-Meet com os membros Galindo Pedro Ramos e Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues dos Santos representantes ao departamento da Equipe da Educação Escolar Quilombola-SEED-PR, para a explanação do Componente Curricular realizado pelo professor e possíveis ajustes no material.

A ementa do Itinerário Formativo Integrado de Ciências Humanas e Linguagens, da Unidade Curricular Filosofia Decolonial em seu Quadro Organizador é composta por três Seções Temáticas sendo: Seção I “*Filosofia Popular Brasileira*”, Seção II “*Memórias e Territorialidade: Filosofia do Pertencimento*” e Seção III “*Saberes Ancestrais na Filosofia*”, a proposta deste Itinerário Formativo na Matriz Curricular Quilombola, conduz a preservação dos conhecimentos nas rodas de conversas e no fortalecimento da identidade negra nas partilhas

de experiências das memórias de vivências a partir dos exercícios de escutas dos saberes feitos, seja na tecnologia, ciência e religião no território quilombola, desmistificando o único modelo de ser-saber da filosofia, que há décadas vem sendo internalizados nos materiais didáticos e disponibilizados pela SEED-PR nas redes públicas de ensino, mostrando que a Filosofia Decolonial é constituída na base pluriversal em diálogo no coletivo na construção de si e do outro, abordando elementos imprescindíveis da Filosofia do Ubuntu ligado a solidariedade, igualdade e coletividade, se fazendo necessário a presença da Ética Ubuntu ao combate das discriminações raciais, intolerância religiosa e na valorização do processo de luta do povo negro quilombola no solo brasileiro. Componente Curricular que com a finalização ficou em análise e sugestão para a sua implementação no ano de 2023 na Grade Curricular da 2º Série do Novo Ensino Médio, tendo em vista na sua contemplação, a possibilidade de assegurar e garantir a carga horária de 03 aulas semanais da disciplina Filosofia Decolonial na rede de ensino, possibilitando aos estudantes o processo de ensino-aprendizagem, na conexão com a ancestralidade e na formação/construção identitária de povos de comunidades quilombolas e negras tradicionais.

Que conforme a Diretora C. A. de M e a Professora- Pedagoga K. da S. P de 33 anos de idade, relata as articulações e os processos de lutas do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos ao setor de departamento da Equipe da Educação Escolar Quilombola- SEED-PR para a implementação das Ementas-Componente Curricular das áreas de Ciências Humanas e Linguagens na Matriz Curricular da Educação Escolar Quilombola:

C. A- Até então a gente estava todos animados que ia aumentar e ter essa oferta, até que veio a consulta com os estudantes optarem qual itinerário se sentiam mais atraídos e com cinquenta por cento, mas em determinado momento com a construção da nossa ementa durante as reuniões entre colégios e SEED-PR teve uma dúvida se seria garantido esse direito de escolha e foi comentado que teríamos que ter um plano B que não teria certeza, aí a gente se mobilizou quanto comunidade e escola junto a FECOQUI que a gente não queria né esse plano B, que a gente queria a garantia dos itinerários. Aí ficou acordado que nós teríamos esse direito mesmo com o número reduzidos de estudantes, mas chegou janeiro com o processo de matrícula quando a gente foi acessar o sistema para fazer a matrícula dos estudantes, na primeira semana a gente conseguiu acessar de repente o sistema bloqueou que a gente só podia abrir uma turma só, que o próprio sistema bloqueou e não deixou a gente garantir e abrir as duas turmas, um 2º Ano na área de Exatas e outro 2º Ano na área de Linguagens e Humanas, mas no próprio sistema já estava bloqueado que só poderia abrir uma turma só não conseguiria abrir as duas, daí entrei em contato com a SEED- PR aí eles falaram “ que realmente não vai ser possível garantir as duas turmas, não vai ter os dois itinerários só vai ter um” e foram aprovados há princípios os dois, mas que teríamos que escolher só um. Aí apresentaram para nós o integrador que é o curso 15/33, integrador com uma

matriz diferenciada que integrou né Ciências, Exatas, Linguagens e Humanas. (Entrevista realizada dia 23 de agosto de 2023).

K. da S- Os professores construíram as ementas para o 2º Ano do Ensino Médio, nas disciplinas pelas áreas de Ciências da Natureza e Exatas as disciplinas de Afro-Matemática, Jogos e Etnomatemática, Física e a Cosmologia Quilombola, Biotecnologia e a Etnobotânica Quilombola nas disciplinas das áreas de Linguagens e Humanas, foi construída as disciplinas de Filosofia Decolonial, Oralidade, Poema e Prosa, Arte em África e Educação Física Afrocentrada essas eram as disciplinas que foram construídas.

E foi uma frustração muito grande por você ver que algo foi imposto, nós tínhamos várias disciplinas que não foram contempladas entrou algumas só, e os professores tinham se dedicado tanto para as escritas das ementas, então foi muito frustrante quando a gente se depara com o outro itinerário formativo ali no caso o integrador e não o que a gente tinha proposto. (Entrevista realizada dia 23 de agosto de 2023).

Como podemos enfatizar fica nítido na falta de respeito e opressão na Matriz Curricular quilombola quanto aos estudantes, que desde o momento que foi realizado a consulta do itinerário formativo e não garantido a sua escolha, por negligência do sistema e até dos setores da SEED-PR, ocasionou no chamado de privatização do conhecimento e dos saberes ancestrais no território. Que no ano de 2023 está previsto para ser realizado a elaboração das novas Ementas- Componentes Curriculares das áreas de Ciências da Natureza e Matemática e das áreas de Ciências Humanas e Linguagens para a sua contemplação no ano de 2024 no Itinerário Formativo da Grade Curricular da 3º Série do Novo Ensino Médio. Como pode perceber as elaborações das ementas foram elaboradas gradualmente de acordo com as especificidades de cada série, na qual cada ano era construído os Componentes Curriculares para a sua inserção no ano seguinte, assim garantindo as aprendizagens dos estudantes e possibilitando a oferta da Grade Curricular sem rachaduras com a implementação da Reforma do Novo Ensino Médio.

Quando desenvolvemos o exercício do ensino de filosofia no território quilombola conduzimos o artigo da Lei 26 A, que conforme o filósofo Renato Nogueira (2014), em sua obra *“Ensino de Filosofia e a Lei 10.639”*, afirma que: “um dos nossos desafios está na articulação de uma dupla obrigatoriedade: (1º) ensinar Filosofia; (2º) ensinar e promover relações étnico-raciais equânimes através do estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” (p.19).

E que ao realizar o movimento filosófico pautado com suas raízes a base das escutas nas rodas de conversas”, desenvolvemos o chamado pelo Filósofo aqui já mencionado como “Roda de Filosofia” que é definido como:

A filosofia Afro Perspectivista usa a roda como método de exercício filosófico, um “modelo” inspirado em rodas de samba, candomblé, umbanda, jongo de capoeiras, que serve para colocar as mais variadas perspectivas na roda antes de uma alternativa ser alcançada. (p.50).

Para se desenvolver a filosofia Afro Perspectivista é necessário passar pelas três referências imprescindíveis que de acordo com os Filósofos Abdias do Nascimento (1980), Asante (1987) e Eduardo Viveiros de Castro (2009), conduz falas potentes pautadas na educação e descolonização pela luta contra o racismo antinegro. Nas quais cabe aqui destacar as suas valiosas contribuições para o fortalecimento das três referências imprescindíveis, que podemos denominar como os pilares para a formação da Filosofia Afro Perspectivista sendo: O quilombismo por Abdias do Nascimento (1980):

O autor responsável pela defesa argumentativa do quilombismo como posição intelectual e política, a grande questão é a descolonização mental. Nascimento pretende criticar o mentecídio – assassinato no arcabouço cognitivo e intelectual que emerge ao lado do racismo antinegro. O que o quilombismo pretende é introduzir uma lógica política pan-africana que se oriente politicamente além do modelo capitalista. (p.46).

A afrocentricidade por Asante (1987):

O entendimento da afrocentricidade passa pelo conceito de “centricidade”. Para Asante, a centricidade diz respeito à capacidade de estar dentro do seu próprio contexto cultural e histórico. Afrocentricidade significa que africanas e africanos devem se localizar dentro de uma perspectiva africana. Em outras palavras, a afrocentricidade é uma teoria e um método que surge como resistência antirracista, procurando recolocar os povos negros dentro de seus contextos históricos e culturais depois de um deslocamento provocado pelo racismo antinegro. (p.48).

E o perspectivismo ameríndio pelas referências do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2009): “A chave para a leitura do perspectivismo ameríndio está na definição da perspectividade como capacidade ou potência para ocupar outro ponto de vista, isto é, o multinaturalismo¹⁹ remete a práticas corporais.” (p.49). Com bases nessas referências conduzimos o exercício do ensino de Filosofia pautado na “Pluriversalidade,” movimento de escuta que é necessário romper os muros das instituições de ensino e conduzir o famoso termo “Conhecer o Chão da Escola”, como afirma o filósofo Luiz Rufino (2021).

"O termo "chão da escola"- comumente usado pelos praticantes da educação para se referir às textualidades cotidianas inscritas nas inúmeras relações e às várias formas de fazer nesse ambiente - pode nos dizer algo a mais, como a

¹⁹ Para VIVEIROS DE CASTRO (2009) Uma fisiologia distinta ou uma anatomia característica; é um conjunto de maneiras e modo de ser que constituem um *habitus*, um *ethos* (p.40).

emergência de uma escuta sensível em relação aos dizeres dos nossos solos. Dessa maneira, o chão da escola nos convida a nos reconhecermos como seres em relação e responsabilidade com o todo. Se as escolas, sejam quais forem, estão erguidas nos chãos daqui sendo praticadas das mais diversas maneiras, elas também devem ser lugar de luta pela descolonização. Entendê-las meramente como parte integrante do projeto colonial é simplificar as forças das práticas que cruzam, dos chãos que a sustentam e que reverberam as tensões e os conflitos de um mundo imposto sob a dimensão do cárcere existencial a que grande parte dos viventes aqui estão submetidos". (p.61 e 62).

Que de acordo com Ailton Krenak (2022) o âmbito escolar é visto como:

Infelizmente, a política educacional no Brasil pensa que a escola é um prédio, e por isso desvaloriza tanto o trabalho dos educadores. Enchem a sala de meninos e trancam a porta: pronto, estão na escola. Esse lugar pode ser inclusive, de renúncia da família à educação de suas crianças. Muitas estão a tal ponto privadas de serem orientadas em seu núcleo coletivo familiar, que, em dado momento, não conseguem mais conversar com seus pais. São sequestradas pelo sistema educacional e não há mais linguagem comum entre eles. (p.113).

Quando traçamos estratégias da instituição de ensino como processo de descolonização, temos que ter a convicção que a escola não significa só aprendizagem, mas também lazer, ela é antes de tudo um lugar de acolhida, refúgio e sementeira de esperança para as futuras gerações. Sementeira constituída no “ato de esperar” de acordo com o Filósofo aqui já mencionado, afirma:

A escola deve ser habilitada pelo conflito produtor da invenção, ser o lugar de questionamentos, responsável com o diálogo favorável ao reconhecimento ao nosso caráter inconcluso e, por isso, emergir como um terreno propício para tramar esperanças. Porém, isso passa muito longe do que temos atualmente. A escola reflete e retrata a lógica de um mundo que nos conformamos a ter, mas que não é o ideal, pois não é justo com a vida em sua plenitude. Dessa forma, se a nossa tarefa é a transformação, nos cabe batalhar pelas escolas que queremos. (p.60).

Mas para isso é necessária uma mudança da mentalidade do mundo, que conforme o filósofo Ailton Krenak (2022) conduz a passagem de alerta desde a tenra idade na conexão com a terra, a qual afirma:

A verdade é que uma criança com sete, oito anos de idade já começa a ser treinada para ignorar o meio ambiente. É isolada em uma sala de aula para ser alfabetizada e vai sendo incutida nela, desde cedo, a ideia de uma vida sanitária. (O que é muito contraditório, porque muitas crianças de comunidades urbanas não têm sequer acesso a saneamento básico, mas vão logo sendo ensinadas a ter nojo da terra). O que eu chamo de educação

sanitária é muito anterior às normas impostas pela pandemia de covid-19. É a formação, ao longo de décadas, de uma mentalidade em que uma criança não deve mexer na terra para não sujar as mãos. Que se você arranca uma batata do chão, não deve levar para dentro de casa, pois está suja. (O ideal é pegar uma batata lavada e empacotada no supermercado). Quando foi que terra virou sujeira? Faz tempo que eu assisto a esse bombardeio sanitário na cabeça das crianças e não vejo nenhum educador questionar isso. Pois para mim isso está diretamente ligado com essa forma de ver o mundo como um almoxarifado e está no cerne da crise ambiental que estamos enfrentando hoje. (p.109 e 110).

Movimento de transformação que não se constitui no individual, mas sim no coletivo, com o todo, sendo essencial realizar o exercício da escuta sensível aos anseios da terra e conhecer o chão que tocamos os nossos pés, estes "chãos que sustentam aldeias, que se inventaram terreiros, nos quais se enterraram os mortos e os cordões umbilicais, onde se escavaram as histórias antepassadas e se cultiva a esperança da sementeira de um novo tempo". (RUFINO,2021, p.61). Conexão ancestral que só se faz presente a partir do momento que aprendemos a nos "Desaprendemos do cânone", conduzindo espaços e lugares de fala para que pessoas pertencentes daquele determinado povo possa falar de suas memórias, sentidos e vivências no território a qual está inserido, o mesmo acontece nas instituições de ensino que ao levarmos para dentro das salas de aulas obras de autores africanos, africanas, brasileiros, anciões ou lideranças da comunidade automaticamente estamos demonstrando e afirmando que pessoas como eles/as são capazes de fazer filosofia, trazendo o firmamento do movimento de luta conduzida pela Filósofa Djamila Ribeiro (2023) "*Lugar de Fala*", a qual afirma:

É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*²⁰: não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilidade que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso a internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (p.63 e 64).

Movimento de descolonização que ao trazermos as abordagens carregadas de histórias de lutas e vivências do povo negro no território, conduzimos o exercício filosófico da Filosofia do Pertencimento a base das heranças deixadas em formas de conhecimentos passados de geração para geração, proporcionando o ato de se reconhecer a sua identidade a partir do lugar

²⁰ Significa na tradução literal "ponto de vista feminista" - diversidade, teoria racional crítica e pensamento decolonial. (RIBEIRO, 2023, p.57).

onde está se falando e se conectar com as ancestralidades nas manifestações de ginga presentes em cada traços do movimento do corpo no caminhar para o futuro. Futuro que podemos denominar ancestral a partir que todos/as aprendam “desde cedo colocar o coração no ritmo da terra.” (KRENAK, 2022, p. 118).

2.3 Filosofia Interdisciplinar: Diálogo entre as disciplinas.

Quando exercitamos o desenvolvimento do currículo que contemple os princípios pedagógicos e que se estruturam as áreas de conhecimentos voltado a interdisciplinaridade, a princípio precisamos que a base curricular seja diferenciada, que contemple as especificidades da comunidade na rede de ensino na qual se aplica, movimento que há décadas vem sendo dialogado na Proposta Pedagógica do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, abordando as Diretrizes Curriculares de ensino na Educação Escolar Quilombola e Educação Quilombola. É a partir do trabalho entre essas duas vertentes que a interdisciplinaridade se manifesta, trazendo conceitos e metodologias que possam estruturar e fortalecer as ligações entre as disciplinas e ampliar o campo de conhecimento. Que conforme BRASIL (1999), conduz orientações em vigor as PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio:

Orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade como algo que vá além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evite a diluição das mesmas de modo a se perder em generalidades. O trabalho interdisciplinar precisa “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários”. (p.88 e 89).

Mas para que essa articulação se desenvolva precisa compreender que no campo da interdisciplinaridade tramamos um elo de diálogos entre as disciplinas das mais diversificadas áreas, nas quais vamos deixando de lado a individualização disciplinar em sala de aula e passamos a trabalhar os conteúdos como um todo em coletividade, como afirma BOCHNIAK (1998) no conceito interdisciplinar:

De modo geral, a interdisciplinaridade, esforça os professores em integrar os conteúdos da história com os da geografia, os de química com os de biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino, constatando, porém, que, nessa perspectiva não conseguem avançar muito mais. (p.21).

Ao articularmos a interdisciplinaridade seja em quais chãos de escolas forem, não tratamos em eliminar disciplinas, muito pelo contrário proporcionamos em torná-las comunicativas, transformando o diálogo entre ambas como peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem, que segundo Fazenda (2022) conduz:

O pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliado através do diálogo com conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, a uma dimensão ainda que utópica capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo. (p.22).

Concepção que de acordo aos dizeres de Fazenda (2022) há uma grande ligação entre diálogo e interdisciplinaridade, que ambos contribuem no espaço de vivência do sujeito transformando a sua conexão com o mundo, na qual percebe-se a partir desta ligação de diálogo e interdisciplinaridade nos trabalhos realizados pelos Projetos de Aprendizagens da instituição de ensino do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e desenvolvidos no território da comunidade quilombola.

São nas execuções desses Projetos de Aprendizagens em referências ao filósofo Paulo Freire que a interdisciplinaridade se apresenta, nas quais são definidos pelos Coordenadores de turmas de acordo com o tema do projeto, quais conteúdos serão trabalhados com os estudantes dentro e fora da sala de aula, com as seleções dos conteúdos pertinentes para serem abordados tramamos o chamado de interdisciplinaridade, na qual é selecionado o conteúdo e esse conteúdo será dialogado entre todas as disciplinas, nesse momento é disponibilizado pelos Coordenadores de turma, um documento pelo Google Drive para que os professores por área de conhecimento possa colocar a sua contribuição de acordo a disciplina lecionada na rede de ensino. Com as contribuições de todas as disciplinas o material é organizado pelos Coordenadores e denominado como “Tempo Comunidade” e dado sequência em sua aplicação aos estudantes.

É nesses espaços de tempo da aplicação do Projeto de Aprendizagem “Tempo Comunidade” no território quilombola, que a interdisciplinaridade dialoga com as Diretrizes Curriculares de Ensino da Educação Escolar Quilombola e Educação Quilombola, seja nos momentos da integração entre comunidade e escola, nas quais os anciões, lideranças e moradores da comunidade, se desloca até a instituição de ensino para aplicar através de oficinas, rodas de conversas e partilhas de experiências nas conduções de seus saberes feitos no território,

ligação entre escola e comunidade, que também se fazem presentes nas saídas de campo em ir até as casas dos anciões e fazer o movimento de escuta, transformando o território como sala de aula, mostrando que o terreiro também educa, é nesse momento de realização da inserção de comunidade na instituição de ensino e instituição de ensino na comunidade, que ao darmos vozes aos moradores quilombolas nas partilhas de experiências ao tema proposto, em que cada professor/a conduz por área de conhecimento a sua inserção e articulação da disciplina lecionada voltada aos estudantes nas transmissões das narrativas quilombolas, que ao analisarmos essa dialogicidade entre as disciplinas podemos denominar como movimento interdisciplinar.

Movimento de dialogicidade que destaco no quadro a seguir, um exemplo da interdisciplinaridade entre as disciplinas por áreas de conhecimento realizado pelos professores do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos sobre as Práticas Religiosas no Quilombo de João Surá, sendo: Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino.

QUADRO 1: INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE AS DISCIPLINAS POR ÁREAS DE CONHECIMENTO.

LINGUAGENS, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS		
DISCIPLINAS	ABORDAGENS	TEMÁTICAS FILOSÓFICAS
Arte	A riqueza das cores que estão presentes nos enfeites do altar e pela casa. Nas danças que tem toda uma sincronia para ser dançada e as palmas que dá um encanto para dança. E no som das violas e as vozes das cantadeiras que é algo muito importante e que os estudantes tenham conhecimento sobre algo assim tão divino que temos que cuidar.	Arte como expressão criativa e a sensibilidade religiosa.
Ancestralidade Negra e Luta Por Direitos.	A preservação e reflexão sobre as rezas que estão presentes no território e na valorização dos estudantes para que eles possam entender o quanto era importante para nossos ancestrais esses costumes e que vem se perdendo ao longo do tempo.	Ritualidades: as tradições ancestrais e dos antepassados.
Educação Física	Manifestações culturais das danças locais, da cultura afro-brasileira e dos povos originários do Brasil (povos indígenas).	Movimento de ginga: danças e expressões corporais nas práticas religiosas.
Educação Física Afrocentrada	Dança de São Gonçalo	O processo histórico da coreografia na pagação de promessa na Romaria de São Gonçalo.
Filosofia	Saber Mítico.	Oralização: Movimento de escuta e partilhas de experiências nas transmissões

		de conhecimentos e saberes no território quilombola.
Geografia	Cultura e Territorialidade Quilombola.	Tempo, lugar e espaço geográfico: levantamentos de censos e inventários sobre a religiosidade no território quilombola.
História	O trabalho com as fontes históricas enriquece a aula, com a Romaria de São Gonçalo posso trabalhar a fonte visual quem é o dono da promessa, desde a arrumação do altar para colocar o santo com muitas cores e principalmente com as flores feitas pelos devotos quilombolas. Fonte escrita por terem vários relatos sobre a romaria. E fonte oral pois através da fala as pessoas trazem a magia da romaria quando é falada sobre. Imaterial porque as promessas feitas sempre são de pessoas que já faleceram e a família cumpre a promessa.	Fontes de Conhecimento. O processo histórico das práticas religiosas trazidas pelos negros escravizados no território quilombola João Surá PR.
Identidade Quilombola-Vida e Territorialidade.	Memória, Identidade e Território.	Saberes e fazeres das práticas religiosas no quilombo João Sura.
Inglês	Vozes sociais quilombolas.	Oralização como processo de re-existência do povo quilombola.
Língua Portuguesa	Efeitos de sentido, promovidos pelos elementos da linguagem oral no momento da escuta: entonação; respeito aos turnos de fala; expressões corporais, faciais, gestuais, pausas etc.	Vozes quilombolas: Movimento de escuta e escrita nas conduções das práticas religiosas.
Oralidade, Poema e Prosa.	Registro de falas e transcrição da oralidade para a escrita.	Rodas de conversas e diálogos com os anciões, lideranças quilombolas e moradores da comunidade sobre os saberes ancestrais no território.
Sociologia	Instituição Social e Religiosa.	O processo de transformação e socialização dos grupos sociais no território quilombola, a partir do vínculo do ser humano com o sagrado.
CIÊNCIAS DA NATUREZA E EXATAS		
DISCIPLINAS	ABORDAGENS	TEMÁTICAS FILOSÓFICAS
Biologia	Ervas Medicinais.	Saberes Medicinais: Conhecimentos tradicionais das ervaes quilombolas.
Bioteecnologia e Etnobotânica Quilombola: Agroecologia nos Quilombos do Paraná.	Classificação das plantas.	Ritualidades: a utilização das plantas medicinais pelas benzedeadas quilombolas.
Economia Solidária	Moeda Social local: Moeda Pilão.	A ligação entre religiosidade e a agricultura nas feiras de trocas solidárias.

Física	Posições dos Astros.	Investigações das datas e épocas para as realizações das Práticas Religiosas no território quilombola.
Matemática	Gráficos e Tabelas.	Números: representações simbólicas nas pagações de promessas nas práticas religiosas.
Química	Medicina Tradicional.	Ciência e Religiosidade: Métodos e Propriedades de curas e suas contribuições das crenças na formação do sujeito.

Como podemos observar no quadro²¹ acima a dialogicidade entre as disciplinas nas diversas áreas de conhecimentos, que por mais que algumas das áreas sejam distintas não deixam de dialogar entre si fazendo se prevalecer a interdisciplinaridade, em relação ao campo “Temáticas Filosóficas” conduzimos a disciplina de Filosofia quanto de Sociologia na transversalidade em seus atravessamentos nos campos de saberes, que ao executar o movimento de atravessar o seu ensino também deixa-se em ser atravessada nas diversas disciplinas dos Componentes Curriculares que compõem o ensino médio.

Quando pensamos em filosofia e seu ensino devemos trazer as abordagens filosóficas constituídas em dois métodos, sendo: a interdisciplinaridade e a transversalidade, a filosofia como disciplina, que segundo Sílvia Gallo (2006) afirma: “não se fecha a si mesma, ensimesmada, mas abre-se sempre a outrem, busca a relação.” Conceitos de transversalidade que também foram apontados por Deleuze e Guattari (1992):

“O conceito não é paradigmático, mas sintagmático; não é projetivo, mas conectivo; não é hierárquico, mas vicinal; não é referente, mas consistente. É forçoso, daí, que a filosofia, a ciência e a arte não se organizem mais como os níveis de uma mesma projeção e, mesmo, que não se diferenciem a partir de uma matriz comum, mas se coloquem ou se reconstituam imediatamente numa independência respectiva, uma divisão do trabalho que suscita entre elas relações de conexão.” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 119-120).

Devemos ter em mente que não podemos só apresentar a filosofia como método de transversalidade, que antes de uma constituição de um método a filosofia deve ser vista como disciplina, na qual cumpre um papel de grande valia na Matriz Curricular, que só se trabalhar a filosofia em transversalidade está apenas camuflando os saberes, que de acordo com Sílvia Gallo (2006), conduz:

²¹ Alguns conteúdos aqui mencionados encontram-se no Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná (2021) e no Caderno de Itinerários Formativos (Ementas das Unidades Curriculares Ofertadas- Novo Ensino Médio-2023) da Educação Escolar Quilombola.

Sabemos que na política educacional brasileira contemporânea, um dos apelos que se coloca para a filosofia é o da transversalidade. O discurso é o de que a importância da filosofia é tamanha, que ela não pode ser apenas mais uma disciplina, não pode ficar confinada a um espaço disciplinar no currículo, mas deve atravessar todas as disciplinas, deve ser um “tema transversal”, tornando-se presente em todos os momentos. (p.31).

Transversalidade, que de acordo com o Currículo Disciplinar o mesmo autor afirma:

A filosofia não pode aparecer apenas “transversalizada”; sem a demarcação daquilo que lhe é específico, não há transversalidade possível; sem a singularidade, perde-se a própria multiplicidade. Isso em termos conceituais. Em termos práticos, sabemos que dizer que a filosofia transversalizada estaria presente em todos os momentos do currículo não passa de uma falácia; nossos professores das diversas disciplinas não são formados para atuar com conhecimentos de filosofia e não teriam condições de fazê-lo. (p.31).

Que conforme as contribuições de Gallo (2006) em referências na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) fica visível a importância da inserção da filosofia e Sociologia como disciplinas nos Parâmetros Curriculares de Ensino, são a partir dessa base disciplinar que conduzirão os estudantes ao desenvolvimento do pensamento crítico levando ao questionamento na formação da criticidade e nas conduções de diálogos entre as diversas áreas das disciplinas que integram a Matriz Curricular do Ensino Médio e que contribuem no processo de formação dos discentes.

2.4 Aplicação do Projeto na escola.

O presente projeto sucedeu no Vale do Ribeira, no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos localizado no quilombo de João Surá no município de Adrianópolis PR, para a aplicação do projeto de pesquisa foi escolhido todas as séries do período matutino da Instituição de Ensino, por lecionar nas respectivas turmas: 1º A, 2º A e 3º A do Ensino Médio, a escolha partiu pela quantidade de estudantes composta em cada série, que na 1º Série são 5 estudantes, a 2º Série são 7 estudantes e na 3ª Série são 4 estudantes somando um total de 16 estudantes participantes do projeto, a ideia de juntar todas as séries para a aplicação do projeto estaria voltado na coletividade num todo, e que ao envolver todas as séries alcançaríamos um desenvolvimento ainda mais satisfatório na pesquisa. Com as ameaças na reforma e a implementação do Novo Ensino Médio pela SEED-PR, trouxe um descaso na Matriz Curricular das áreas de conhecimento de Linguagens, Ciências Humanas e Sociais, levando na alteração de 02 aulas para 01 aula de Filosofia por série no Ensino Médio, com a implementação em vigor, a proposta para vencermos as lacunas trazidas pela Base Nacional Comum Curricular

(BNCC), foi montar um coletivo em contraturno para conseguirmos dar conta das demandas trazidas pelo projeto de pesquisa, a aplicação da pesquisa foi realizada nas aulas de Filosofia e Sociologia em interdisciplinaridade, na qual pude contar com a cooperação da Gestão Escolar tanto na organização de um horário específico quanto com a disponibilidade das conduções das vans escolares para levar os estudantes para a casa em dia do encontro do coletivo, por lecionar essas disciplinas no colégio facilita a organização para juntar todos os estudantes na hora de explicar as comandas da referida pesquisa. Com a proposta de montar o coletivo ficou decidido entre os estudantes que faríamos os estudos teóricos interdisciplinar nas aulas de Filosofia e Sociologia com o espaço de tempo de 02 aulas de 50 minutos cada no período matutino e a mão na massa na elaboração do material nos encontros do coletivo com início das 13h20 minutos e término das 17h50 minutos no período vespertino.

Tendo como base em abordar a religiosidade no quilombo de João Surá, desde o início a finalidade da pesquisa está voltada no estudo fundamentado nas Práticas Religiosas que transitam na parte externa da Instituição Religiosa na territorialidade quilombola de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, sendo a Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino. Com o tema da pesquisa definido, foi iniciado a aplicação da pesquisa no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, na qual foram apresentados aos estudantes um apanhado de materiais contendo entrevistas, fotos e vídeos sobre as práticas religiosas que são realizados no território quilombola, pôr os estudantes já participarem dessas práticas religiosas resultou nas contribuições de saberes, partilhas de experiências e relatos memoriais envolvendo os antepassados na conexão com o sagrado.

Com as abordagens das práticas religiosas em sala de aula foi utilizado como uma das ferramentas de estudo teórico o Capítulo “Religiosidade” das páginas 71 a 80 do livro “Paraná Negro” (2008) que traz uma vasta e potente fundamentação de análises das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, trazendo as diásporas africanas ligada as manifestações de ritos e devoções. Após a leitura, análise e debate em sala de aula, partimos para as pesquisas de campo em irmos até as casas dos anciões e fazer o movimento filosófico de escutas, partilhas de experiências, em conhecer os cânticos e instrumentos feitos e utilizados para as realizações de ritos no território. A partir das saídas de campo nas entrevistas com os anciões quilombolas foram realizados as colheitas de materiais sendo relatórios, gravações de áudios de memórias de vivências, vídeos em momentos de religiosidade e análise em arquivos pessoais de fotos, com as saídas de campo realizadas e materiais coletados para dar início a confecção do material disposto pelo projeto, foi proposto para os estudantes em coletivo na elaboração de um livro das práticas religiosas voltada em histórias em quadrinhos a partir dos movimentos de escuta

dos anciões no fortalecimento da Educação Quilombola e na visibilidade das vozes negras, para que possam ocupar e transmitir suas sabedorias nos espaços de lutas que por muito tempo foram silenciadas.

Com as realizações de alguns materiais adquiridos nas entrevistas com os anciões foi realizado a sistematização e usado como suporte nos encontros do coletivo e dado procedimento na confecção das histórias em quadrinhos, em todo momento nos encontros do coletivo tivemos o suporte e orientações dos anciões na preparação do material.

PARTE III: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ.

3.1 O estado da arte das pesquisas acadêmicas sobre as comunidades quilombolas do Vale da Ribeira.

“Nossos passos vêm de longe”
Conceição Evaristo (2020)

Trazendo como referência a frase da escritora ao estado da arte, vamos realizar o detalhamento de quatro categorias entre elas Tese, Dissertações e TCC- Trabalho de Conclusão de Curso, pesquisas acadêmicas que abriram caminhos como/com referenciais teóricos potentes, para a contribuição na elaboração da minha dissertação, pesquisas que foram desenvolvidas sobre a Comunidade Quilombola de João Surá PR, abordando elementos como o território, religiosidade e o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, análises constituídas por eles/elas, que me possibilitou reforçar aquilo que já vinha sendo discutido no discorrer da minha escrita como uma escuta sensível e emergencial. Dentre os referenciais que denominamos como categorias gostaria de destacar que as análises aqui descritas constituem num contexto de um todo, que de certa forma a comunidade como território, não se distancia das práticas pedagógicas do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Com base nos referenciais acadêmicos, apresento o quadro com as principais pesquisas que farão parte desse processo de discussão.

QUADRO 1: PESQUISA ACADÊMICAS

QUADRO DE PESQUISA ACADÊMICAS

NOME DO AUTOR/A	TEMA	GRAU ACADÊMICO	ANO DE DEFESA	PALAVRA CHAVE	UNIVERSIDADE
Cassius Marcelus Cruz	Entre Giros e Capovas: Política do Movimento e Território no Quilombo de João Surá.	Doutorado	2019	Quilombo; Mobilidade; Política do Movimento; Território; Giro.	Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Vanessa Gonçalves da Rocha	A Constituição da Docência para a Educação Escolar Quilombola no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na Comunidade de João Surá-PR	Mestrado	2020	Docência Quilombola; Quilombo João Surá; Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos; Educação Escolar Quilombola; Educação	Universidade Federal do Paraná
Benedito Florindo de Freitas Junior	Escola Quilombola e Escola do Campo: A Luta por uma Educação Decolonial no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e na Escola Municipal do Campo Augusto Pires de Paula.	Mestrado	2021	Currículo; Identidade; Quilombo; Participação.	Universidade Federal do Paraná
Lucilene da Rosa Pereira	Alimentação, Saúde e Educação: Território e Resistência nos Quilombos de João Surá, Praia do Peixe e Mamonas (PR).	TCC-Trabalho de Conclusão de Curso.	2022	Quilombos; Saúde da População Negra; Hábitos Alimentares.	Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral. Curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza.

Para a realização da seleção das categorias mencionadas acima, foi realizado um corte temporal no período do ano de 2019 a 2023 entre um espaço de tempo delimitado em cinco anos nas pesquisas acadêmicas referente a temas relacionados ao Quilombo de João Surá e do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a pesquisa foi realizada pelo Google Acadêmico de acordo com as palavras-chave: Ensino. Filosofia. Religiosidade. Quilombo, palavras que são referências encontradas no resumo da minha dissertação. Com as pesquisas acadêmicas relacionados com as minhas palavras-chave obtemos o resultado de pesquisa entre 04 a 06 versões de artigos científicos associados ao tema da minha linha de pesquisa, mas como a pesquisa acadêmica foi realizado o corte temporal de cinco anos e tendo como principal foco pesquisas realizadas sobre as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, apenas 04 trabalhos acadêmicos entraram no critério, sendo as obras: *“Entre Giros e Capovas: Política do Movimento e Território no Quilombo de João Surá”* do autor Cassius Marcelus Cruz (2019), *“A Constituição da Docência para a Educação Escolar Quilombola no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na Comunidade de João Surá-PR”* da autora Vanessa Gonçalves da Rocha (2020), *“Escola Quilombola e Escola do Campo: A Luta por uma Educação Decolonial no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e na Escola Municipal do Campo Augusto Pires de Paula”* do autor Benedito Florindo de Freitas Junior (2021) e por último a obra *“Alimentação, Saúde e Educação: Território e Resistência nos Quilombos de João Surá, Praia do Peixe e Mamonas (PR)”* da autora Lucilene da Rosa Pereira (2022).

Dentre as quatro versões mencionadas entre Tese, Dissertações e TCC, todas foram realizadas em Universidades públicas, das quais 02 foram elaboradas por pesquisadores quilombolas, sendo do autor Benedito Florindo de Freitas Junior e da autora Lucilene da Rosa Pereira, que diante do cenário de discussão é um grande privilégio poder ler e se aprofundar nos estudos das pesquisas acadêmicas produzidos por moradores vindo do seu próprio território, nas quais possam falar por si mesmo e explicitar as diversas formas de opressões coloniais vivenciadas por eles e por outros moradores quilombolas no território. Diante das diversas leituras realizadas sobre as pesquisas acadêmicas selecionadas, fica explícitos as opressões, nos territórios, na Educação Escolar Quilombola e Religiosa na comunidade, que ao trazermos o território como primeiro processo de discussão nos deparamos com diversas opressões e violências constituídas sobre os quilombolas, desde as distribuições de posse pelo funcionários do INCRA e o ITC, remanejamentos de suas áreas de habitação para a construção do Parque Estadual das Lauráceas, grilagem de terras possibilitando nas entradas de fazendeiros, na pecuária extensiva, desmatamentos de áreas nativas e na implantação de empresas como a madeireira na plantação de pinus e eucalipto que se constituiu em diversos conflitos entre os

quilombolas, desde a poluição do ambiente como na restrição às respectivas áreas de transição, nas quais é visível a falta de políticas públicas tanto do Estado quanto da Prefeitura sobre o território nas manutenções das estradas e benfeitorias para o Bem-Viver Quilombola.

Que segundo a autora Lucilene da Rosa Pereira (2022), explica:

Ao buscar reconhecer a realidade da população quilombola e as condições de vida atualmente, constatamos que as mudanças dos hábitos alimentares têm relação com os conflitos territoriais existentes na região do Vale do Ribeira, mediante a concentração de terras, o desenvolvimento de monoculturas, a mineração e a implantação de barragens na região. (p.140).

Na área educacional não se constituiu diferente, nas quais podemos analisar na contribuição fenomenal dos integrantes que faziam parte do Grupo de trabalho Clóvis Moura (2005/2010) nas articulações pelos reconhecimentos das comunidades quilombolas e o marco histórico nas estratégias de luta por uma educação emancipadora em ações públicas realizados no Quilombo de João Surá, que fica explícito na passagem de Cassius Marcelus Cruz (2019), que de certa forma fazia parte como um dos integrantes do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, ao receber o convite no ano 2015 do quilombola Antônio Carlos Pereira Andrade Presidente da Associação Remanescentes de Quilombo para assumir a direção do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos:

Ao contactá-lo por telefone ele me fez o convite para assumir a direção do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, localizado em João Surá. Era a segunda vez que ele me fazia esse convite. A primeira foi em 2013, ocasião em que recusei de imediato pois estava indo residir em Campinas para fazer as disciplinas do curso de doutorado. Nesse segundo momento, entretanto, o convite foi bastante enfático, pois a liderança estava bastante apreensiva com os caminhos que a sucessão da direção estava tomando. (CRUZ,2019, p.16).

É visível que perante esse convite da comunidade ao Cassius Cruz já vinham trazendo preocupações com o ensino que se articulam com seus saberes feitos no território quilombola ao Colégio Diogo Ramos, abordando as suas vivências nas práticas comunitárias, religiosas, partilhas de experiências, movimentos de escutas, saídas de campo, assim desenvolvendo a interação entre comunidade e escola e escola e comunidade, que no conceito pedagógico tanto a Educação Quilombola quanto a Educação Escolar Quilombola devem fazer parte de um todo, que de acordo com Vanessa Gonçalves da Rocha (2020) “ É compreender que sem o conhecimento advindo da Educação Quilombola não há Educação Escolar Quilombola.”(p.126). E que na territorialidade quilombola também se constitui e se produz o processo de ensinagem.

Que conforme o autor Benedito Florindo de Freitas Junior (2021), afirma:

Na pesquisa realizada na comunidade quilombola João Surá, Cruz (2019) encontrou informações importantes sobre o dedicado professor que usava a casca da Palmeira Juçara como material didático para ensinar a ler e escrever. Usando recursos da natureza para alfabetizar, a escola se tornou símbolo de resistência na história da comunidade, que resistiu ao forçado trabalho escravo e à opressão da colonização na região no século XX. (p.72).

Perante essa passagem trazido pelo quilombola Benedito Florindo (2021) é visível os anseios da comunidade nas articulações em suas práticas ancestrais no território que se trabalhe no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, práticas que não são contempladas e baseadas em livros didáticos e muito menos distribuída pela SEED-PR é necessário a presença dos anciões na instituição de ensino para que ocorra o diálogo e o movimento de escuta, que de acordo com o mesmo autor, conduz: “Os livros não explicitam as especificidades do quilombo, o que contribui para continuar com a invisibilidade das comunidades quilombolas, pois limita a escrita da resistência à escravidão.” (JUNIOR, 2021, p.31). Que pensando nessa opressão de ocultamento de saberes no ano de 2009 foi realizado a construção da Proposta Pedagógica para as Escolas Quilombolas, realizando a escuta dos moradores da comunidade para resguardar os seus anseios em uma educação, que quanto a comunidade tanto o território estivesse representado.

Diante das leituras das pesquisas acadêmicas fica visível na contribuição da Proposta Pedagógica ao Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, que além da urgência na construção da Proposta, a disponibilização de cursos profissional específicos e a formação continuada aos docentes quilombolas se fazem necessários, que conforme a autora Vanessa Gonçalves da Rocha (2020) afirma:

No entanto, o que a prática investigativa que conduziu essa pesquisa nos revela é que existe uma prática efetiva de formação continuada para estas docentes, e que não ocorre especificamente por meio de cronogramas ou programas de formação oficiais. É uma formação continuada que acontece cotidianamente no chão da escola e na constante interação que se realiza no território quilombola, e mais que isso, uma formação continuada no sentido de valorização e de continuação da comunidade. (p.125).

A autora ainda enfatiza que além da necessidade de cursos específicos as professoras que atuam em colégio quilombola é necessário fazer a escuta das mulheres quilombolas e traçar estratégias de lutas sobre a visibilidade da mulher negra no campo acadêmico, deixando um sentido de alerta nas relações e produções das futuras pesquisas que envolvam o Vale do Ribeira especialmente o quilombo de João Surá, na qual “devem ouvir as vozes femininas do quilombo

de João Surá, pois certamente, há muito para ser dito, ouvido e registrado, na composição deste mosaico das lutas. (ROCHA, 2020, p.124).

Outro ponto muito visível entre as quatro produções acadêmicas está na abordagem pedagógicas pelos autores no atravessamento da religiosidade entre o território e escola, que de acordo com CRUZ (2019) a inserção das práticas religiosas nas devoção aos santos e ritos no território levada a instituição de ensino possibilita que “essa história dos Cardoso e da capela, contada e recontada na comunidade, é também conteúdo no processo de ensino e aprendizagem de algumas disciplinas do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos – localizado no território do quilombo João Surá – onde já foi tema de representação teatral.” (p.99).

Culturas que são representadas em momentos festivos na comunidade, que segundo Benedito Florindo (2021) explica:

O colégio organiza momentos previstos no calendário escolar com participação das pessoas mais velhas em eventos pedagógicos, e ao mesmo tempo, interação promovendo contação de histórias onde anciãos e anciãs contam histórias da comunidade. O colégio traz as rezas, como a devoção à romaria de São Gonçalo, acompanhada da bandeira do Divino, e a Trezenas de Santo António, com ladainha cantada em Latim. As falas também têm espaço na escola. Esses são momentos para contar como as famílias se organizavam antigamente para trocas de dias de trabalhos para cultivos de alimentos. Além da promoção de feiras e oficinas de artesanatos. (p.91).

Saberes ancestrais abordados por Benedito Florindo (2021), que brotam do chão, do solo da territorialidade quilombola que precisam estar integrados no currículo para a efetivação da Educação Escolar Quilombola, que segundo ROCHA (2020), explica:

Porque estar no Colégio é estar no território, é pisar no chão lavrado pelas mãos de muitas vidas, é andar pelas terras de muitos contos guardados pelas mais velhas, é percorrer espaços sagrados em que muitos já estiveram fisicamente, e agora continuam por meio de seus saberes e de sua presença espiritual. (p.126).

Chãos que pisamos que carregam com sigo diversas formas de ensinagem através dos saberes feitos no território, cosmovisão africana, que de acordo com a autora Lucilene da Rosa Pereira (2022), afirma:

Segundo duas mulheres do Quilombo João Surá, a partir de entrevista realizada em 05 de fevereiro de 2022, elas relatam que conheceram aproximadamente 10 curandeiros (as); 10 benzedeiros (as); e 04 “fazedôs (as)” de remédio; 08 parteiras no quilombo João Surá; 02 parteiras que vinham atender do Quilombo de Praia Grande; e 02 ajudantes de parteiras. Informam também que haviam feiticeiros (as), mas não sabem a quantidade, e que eles

atendiam todas as famílias que procurassem o local de acolhida – suas casas, onde a maioria das vezes eram praticados os rituais de curas, orientações e recomendações sobre os cuidados. Dependendo dos casos, se deslocavam até a residência das pessoas que precisassem de auxílio. Atualmente, as entrevistas informam que existe apenas um benzedeiro e curandeiro em João Surá, e uma “fazedera” de remédio (garrafada para curar réstia) no Quilombo Praia do Peixe. Esses ofícios diminuíram drasticamente devido aos falecimentos e a evasão do campo que ocorreu na região. (p. 55 e 56).

Diante de todos os casos aqui apresentados em suas pesquisas acadêmicas, pelos autores CRUZ (2019), ROCHA (2020), JUNIOR (2021) e PEREIRA (2022), seja no território, na educação e na religiosidade, traz as abordagens como forma explícita das opressões enfrentadas pelos quilombolas na re-existência pelos seus saberes feitos no território e a visibilidade emergencial de suas obras aqui mencionadas, que conforme o autor Itamar Viera Junior em sua obra *“Torto Arado”* (2019) trazemos como referência a sua frase, em que *“O livro só ganha vida no corpo de quem a ler”*, obras que constituem um potente olhar e discussão sobre os territórios quilombolas na qual estamos internalizados e que deveriam por necessidade na disponibilização de um exemplar em cada instituição de ensino no Vale do Ribeira, localizado no município de Adrianópolis Paraná, sendo o Colégio Estadual Santa Bárbara na sede, nos bairros os Colégios Estaduais do Campo Selbmann e Porto Novo e o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos no quilombo de João Surá, visto que são trabalhos acadêmicos produzidos sobre as comunidades quilombolas instaladas no Vale do Ribeira que vem trazendo pontos importantíssimos do currículo escolar que deveriam e devem ser trabalhados tanto em formações com os professores quanto aos estudantes em sala de aula, que ao pensarmos e constituirmos uma educação partida do chão da escola possibilitamos reconstruir as nossas práticas pedagógicas e caminhar rumo a uma educação libertadora.

3.2 É possível ensinar filosofia numa escola quilombola? Que filosofia se ensina? Como se ensina?

Desde a articulação do ensino de filosofia seja em quais chãos de escolas forem deparamos com diversos dilemas e significados que os constituem, na qual estamos internalizados pelos referenciais trazidos pelos livros didáticos e disponibilizados nas redes públicas de ensino, abordando a sua origem grega e dando ênfase ao seu significado a “Philosophia – amor pela sabedoria”, mas se permitirmos descolonizarmos os nossos olhares, possibilitamos buscar conhecimentos além, que segundo Obenga (2004) explica:

Que no Egito antigo existiu um termo que circunscrevia filosofia, sabedoria e ciência: *rekhet*. No caso filosofia, o termo remete à ideia de *mdt nfr*, que podemos traduzir como palavra bem-feita ou palavra bonita, fala bem esculpida e cuidadosamente talhada. (p.57).

O mesmo acontece no embate ao símbolo que representa a filosofia trazendo a coruja elegida por Hegel como “mascote” no referencial à deusa Minerva, um pensamento completamente excludente e eurocêntrico por princípio, movimento de aniquilação das amarras colonial e na privatização do conhecimento de um único modelo de “ser e saber”, que conduzo as referências filosóficas africanas e afro diaspóricas trazidos pelos filósofos na caracterização do símbolo que representa a filosofia. Que segundo Renato Nogueira (2020), “A galinha d’angola é o animal que retrata bem o espírito da filosofia, pois cisca de um lado para outro procurando sementes, comidas “ideias”. (p.45):

O animal símbolo é a galinha-d'angola. Na mitologia iorubá, a galinha-d'angola é responsável pela manutenção do equilíbrio porque mantém o axé (energia vital) em circulação. Ao invés da coruja de Minerva, baseada na mitologia greco-romana, o animal- símbolo da filosofia (afro perspectivista) é a galinha-d'angola, que integra o universo mítico iorubá. Ela representa, em certa medida, a iniciação ao conhecimento de si, a capacidade de escolher e se comprometer com um caminho diante de inúmeras possibilidades. Ou ainda, a condição indispensável para materialização da capacidade de se manter em equilíbrio e harmonizar o ori (cabeça num sentido mais amplo do que usado comumente). (p.81).

Força Vital constituído no símbolo da galinha d 'angola trazido pelo Filósofo Renato Nogueira, que nas considerações do Filósofo Eduardo Oliveira (2005) também se faz presente, afirmando que: “A filosofia nasce com o raiar dos acontecimentos. Ela vem com a aurora, anunciando a manhã. Como o Colibri, ela habita o alvorecer e compõe a paisagem de um novo dia!” (p.280). Narrativas trazidas pelo filósofo que conduz uma interpretação potente na conexão da filosofia com o Colibri:

Ao amanhecer, cumprimenta o sol. Cai a noite e ainda trabalha. Anda zumbindo de galho em galho, de flor em flor, veloz e necessário como a luz. Às vezes dúvida, e fica imóvel no ar, suspenso; às vezes anda meio tonto, de tanto beber os méis das corolas. Ao voar, lança relâmpagos de cores. Ele traz as mensagens dos deuses, se transforma em raio para executar suas vinganças, e sopra as profecias nos ouvidos dos profetas. Quando morre um menino guarani, resgata-lhe a alma, que jaz no cálice de uma flor, e a leva, em seu longo bico de agulha, até a Terra sem Mal. Conhece esse caminho desde o princípio dos tempos. Antes que nascesse o mundo, ele já existia: refrescava a boca do Pai Primeiro com gotas de orvalho e acalmava sua fome com o néctar das flores. (p.280).

A partir dessas premissas entre significados e símbolos da filosofia, caminhamos ao encontro do que o filósofo Silvio Gallo (2006) vem defendendo, que ao analisar as suas considerações podemos mencionar as quatro premissas constituída pelo filósofo espanhol Fernando Savater (2001) destinado ao professor de filosofia:

“– primeira, que não existe ‘a’ filosofia, mas ‘as’ filosofias e, sobretudo, o filosofar (...) Há uma perspectiva filosófica (em face da perspectiva científica ou artística), mas felizmente ela é multifacetada (...)

“– segunda, que o estudo da filosofia não é interessante porque a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles ou Kant, mas esses talentos nos interessam porque se ocuparam dessas questões de amplo alcance que são tão importantes para nossa própria vida humana, racional e civilizada (...)

“– terceira, que até os melhores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros graves. Quem mais se arrisca a pensar fora dos caminhos intelectualmente trilhados corre mais riscos de se equivocar, e digo isso como elogio e não como censura (...)

“– quarta, que em determinadas questões extremamente gerais aprender a perguntar bem também é aprender a desconfiar das respostas demasiado taxativas (...)” (Savater, 2001, p. 209-210).

Com as explanações das quatro premissas de Savater (2001), constituímos uma diversidade de Filosofias, nas quais podemos mencionar: A filosofia popular brasileira abordados pelos filósofos Luiz Antônio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo, Filosofia Afro Perspectivista pelo filósofo Renato Nogueira, a Filosofia do Colibri, da Terra e da Ancestralidade trazida pelo filósofo Eduardo Oliveira dentre tantas outras temáticas riquíssimas que auxiliam no desenvolvimento a descolonização mental aos estudantes na instituição de ensino.

Que ao analisar como professor de filosofia “Que filosofia se ensina? Como se ensina?” No Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, gostaria de abordar a mitologia de Iku nas considerações do filósofo Luiz Antônio Simas (2020) a passagem “Morte e Vida”, na ligação entre a terra e santidades na constituição da existência do ser humano:

O mito da morte como propiciadora da vida é fundamental para os iorubás. Ele ensina que Olodumare, o deus maior, um dia deu a Obatalá a tarefa da criação dos seres humanos, para que eles povoassem a terra. Obatalá moldou os seres a partir do barro. Para isso, pediu a autorização de Nanã, a senhora que tomava conta da lama. Os seres humanos, depois de moldados, recebiam o emi- sopro da vida- e vinham para a terra. Aqui viviam, amavam, tinham filhos, plantavam, se divertiam e cultuavam as divindades.

Um dia, o barro com o qual Obatalá moldava os seres foi acabando. Olodumare convocou os orixás para que eles apresentassem uma alternativa para o caso. Como ninguém encontrou solução, e diante do risco da interrupção do processo de criação, Oloduramé determinou que se

estabelecesse um ciclo. Depois de certo tempo vivendo, os seres deveriam ser desfeitos, retornando à matéria original, para que novas pessoas pudessem, com parte da matéria restituída, ser moldadas.

Resolvido o dilema, restava saber de quem seria a função de tirar o sopro da vida e conduzir as pessoas de volta ao todo primordial. Foi então que Iku, até ali calado, ofereceu-se para cumprir a tarefa. Olodumare abençoou Iku. A partir daquele momento, ele tornava-se imprescindível para que se mantivesse o ciclo da criação.

Desde então, Iku vem todos os dias ao mundo para recolher os homens e mulheres que devem ser reconduzidos. Seus corpos devem ser desfeitos e o sopro vital retirado para que, com aquela matéria, outros seres possam ser feitos, dando assim continuidade à renovação da existência. Ao ver a restituição das mulheres e dos homens ao barro, Nanã chora. Suas lágrimas amolecem a matéria-prima e facilitam a tarefa da moldagem de outras pessoas. (p. 43 e 44).

Mitologia que celebra o mistério da morte e a restituição dos seres dando origens a outras vidas, formação primordial que se estabelece a conexão com as ancestralidades e a sua constituição a Filosofia do Pertencimento, na autodeclaração e construção da identidade negra, para que possamos conhecer e se conectar com a terra que enterra os mortos e que ao mesmo tempo molda os corpos dando a continuidade ao ciclo e a existência do ser, movimento filosófico que se desenvolve uma filosofia que brota do chão do solo do território quilombola. Que conforme o filósofo Eduardo Oliveira (2005) afirma:

A filosofia, então, é o discurso da cultura, que no caso afro e ameríndio, brota do chão – território de onde nascem os símbolos e valores que ao mesmo tempo nos permitem entender nossa cultura e agir conforme nossa ancestralidade. A ancestralidade é uma categoria feita de chão. Ela é seminal e telúrica. Ela é território. (p.282).

E quando abordamos o território como princípio filosófico, partimos da lógica que em uma comunidade quilombola não há filosofia sem a conexão com o território, pois a filosofia é como uma semente que germina do solo, e arrasta as suas raízes nas oralidades de memórias e vivências, nos movimentos sociais de lutas, nos saberes ancestrais negro manifestados nas práticas religiosas, nas mandingas, nos artesanatos, nas culinárias e nas ervas medicinais e chás caseiros conduzidos há décadas pelas mãos das anciãs e anciãos que com muita luta e re-existência se fazem presente no território quilombola.

3.3 O atravessamento dessa experiência na formação do professor.

Desde a minha trajetória como professor de filosofia cheguei a lecionar em diversos colégios localizados no município de Adrianópolis Paraná, sendo: o Colégio Estadual Santa

Bárbara na sede, o Colégio Estadual do Campo Selbmann no bairro Vila Mota e o Colégio Estadual do Campo Porto Novo no bairro Porto Novo. Durante a minha construção de professor, cada colégio aqui mencionado faz parte do meu processo de formação, que em cada instituição trabalhado era conduzido uma metodologia diferenciada para atender as demandas na rede de ensino. Bagagens que me acompanhou na minha caminhada ao Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, que ao estar presente no Colégio e na sua potente conexão com a comunidade quilombola, foi me ocorrendo aos poucos uma reconstrução em minhas práticas pedagógicas, nas quais pude perceber que não estava sozinho e que na comunidade quilombola se trabalhava em coletividade, modelo de abordagens diferente de outros colégios trabalhados, a partir desse olhar de coletividade, comecei dialogar os conteúdos de Filosofia em sala de aula com as narrativas dos anciões quilombolas, nesse momento de dialogicidade com os moradores quilombolas comecei a perceber o impacto gigantesco na contribuição da disciplina de Filosofia, vindo das oralidades quilombolas, seja elas de memórias de vivências, partilhas de experiências e saberes ancestrais no território.

Conduções que me fizeram enxergar o chão da escola, e que uma educação descolonizadora, deve ser conduzida na coletividade dando espaço às vozes ancestrais negras que por muito tempo foram silenciadas e oprimidas pela reivindicação do seu espaço na sociedade brasileira. Movimento de escuta que possibilitou a construção do Projeto de Pesquisa no ano de 2017 no curso preparatório de projeto de mestrado e doutorado PRÉ-PÓS pela UFPR (Universidade Federal do Paraná), oferecido e incentivado pelas professoras Dra. Carolina dos Anjos e Dra. Lucimar Rosa Dias sob a orientação do professor M. Wagner Barbosa que conduziu com suas valiosas observações ao projeto de pesquisa. Após três anos com o projeto de pesquisa pronto no ano de 2020 em tempos de pandemia da Covid-19, a convite do Diretor Dr. Cássius Marcelus Cruz para a professora Dra. Giselle Moura Schnorr ministrar a formação “Currículo Decolonial” aos professores e gestores do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, tive a oportunidade de conhecer a professora via Google Meet, que durante a formação do curso a mesma apresentou o Programa de Pós-Graduação- Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) localizado no município de União da Vitória no Estado do Paraná. No ano seguinte, em 2021 comecei a fazer parte do programa como aluno-especial, à espera da abertura do Edital e do Processo Seletivo, na qual ocorreu a seleção no mesmo ano e tive a oportunidade de aluno-especial me tornar aluno- regular.

Posso aqui dizer por experiência própria que o Programa PROF-FILO da UNESPAR é um divisor de águas, que desde as disciplinas cursadas no programa agregou conhecimentos

valiosos, abriu horizontes nas práticas pedagógicas em sala de aula e com o desenvolvimento do projeto de pesquisa na comunidade quilombola contribuiu no fortalecimento das minhas práticas docentes na instituição de ensino possibilitando nas conexões de raízes entre escola e comunidade, comunidade e escola. Que como professor de filosofia a partir das oralidades de experiência e vivências do povo negro no território quilombola, possibilitou nas contribuições e ligações com as ancestralidades no firmamento da Filosofia do Pertencimento, as quais posso dialogar com essas experiências e tramar a interdisciplinaridade entre os professores e comunidade na rede de ensino, trazendo a dialogicidade como princípio nas Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola, que sou eternamente grato ao Programa PROF-FILO e o meu orientador professor Dr. Samon Noyama pela confiança no projeto de pesquisa e na possibilidade para que se tornasse realidade, contribuindo nas valorizações das vozes negras, nas preservações dos ritos e nas transmissões dos saberes ancestrais dos anciões quilombolas.

3.4 Ancestralidades: Anseios, Lutas Territoriais e Re-existência no Território.

Ao abordarmos o Quilombo de João Surá como processo de luta não podemos deixar de mencionar as suas re-existências pelos seus direitos e sobrevivência no território, povo negro que desde a formação do quilombo carregam com sigilo as amargas explorações colonial minerária desde o século XVII no Vale do Ribeira nas minas de ouro em Apiaí no estado de São Paulo, que com a formação do quilombo, os moradores quilombolas vem enfrentando diversas opressões territoriais devido a iniciação aos projetos do governo militar com sua implementação na região do Vale. Desde a implementação do projeto do Estado vai ao lado oposto do que se entende como Bem Viver ²²dos quilombolas, ocasionando na falta de comunicação e desrespeito as diversas formas de vidas que ali estão presentes no território. Que com base no ambientalista e filósofo Ailton Krenak (2020) em os “*Caminhos para a Cultura do Bem Viver*”, define:

²²A origem do Bem Viver tem uma importância tão grande, pois ela chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, que temos uma língua, que é o Português, mediada por uma outra língua, que é o Espanhol ou Castelhana, fazendo referência a uma prática ancestral dos povos que viviam nessa cordilheira dos Andes. Eles são os nossos parentes Quechua, Aymara, uma constelação de povos que viveram séculos nessa cordilheira e que tinham, em comum, uma cosmovisão, em que essa cordilheira viva, cheia de montanhas e vulcões, todos aparentados uns dos outros, tem um significativo nome de Pachamama, Mãe Terra, coração da Terra. (KRENAK, 2020, p.6).

O Bem Viver são corpos em uma terra viva. A gente não pode incidir sobre a Terra como se a gente fosse uma máquina retroescavadeira. Nós não temos que formar técnicos. A gente tem que ajudar a formar seres humanos. A ideia de que o ser humano é alguma coisa dada, um evento que já está programado, é um erro. Seres humanos são constituídos. Na história do nosso povo, o corpo, a pessoa é uma realização social, desde quando a gente é sonhado. Viemos para o mundo pela nossa família, da nossa mãe. Nós somos sonhados e depois somos acompanhados, espiritualmente, para a gente ser humano. Então o ser humano não é um evento, não é uma coisa que pipoca ali, pipoca aqui. Ele é uma construção. Na maioria de nossas histórias, a pessoa humana é uma construção. (p.20).

Com o desenvolvimento do projeto podemos caracterizar a larga escala na cobiça pelo crescimento do capitalismo no campo e o ocultamento dos movimentos de lutas das comunidades caboclas, quilombolas, indígenas, caiçaras e ribeirinhas constituídas no Vale do Ribeira.

Desde a década de 1970 no Quilombo de João Surá o que se chama de desenvolvimento ²³tem sido imposto pelos projetos e empreendimento públicos, que com sua execução ocasionou em diversas formas de impactos cumulativos e ambientais, que ao decorrer dos anos estão explícitos sobre a comunidade, culminando nos conflitos entre o desapossamento de posse de terras quilombolas e dos recursos naturais para a sobrevivência do povo negro no território. Conflitos territorial ocasionados em ameaças pelas entradas da pecuária extensiva, conservação ambiental e a indústria madeireira, que dentre esses opressores outros empreendimentos como o desenvolvimento repentino da mineração e o projeto de construção de barragens no ano de 1987 devido a solicitação de autorização pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) ao Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE), visando a implementação do projeto na construção de Tijuco Alto, usina que seria implementado sobre o rio que transitam o Vale do Ribeira se faziam presentes.

Com os projetos imposto de maneira exploratória e opressora no Vale do Ribeira pelo governo militar se configurou com uma oportunidade de entrada ao empreendimento que mais tarde foram implementados na região, movimento que contribuiu para “uma política de modernização conservadora do campo e uma intenção de ocupação e controle territorial, que se justificavam no discurso do desenvolvimento.” (CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, 2018, p.224). Entre a ocupação e o controle territorial, no final da década de 1960 podemos destacar a (VPR) Vanguarda Popular Revolucionária no poder de Carlos Lamarca, nas estratégias de lutas e organizações políticas contra a ditadura que assolavam na região, que por meio desse

²³ No que se “define como fase do desenvolvimento o período em que projetos do governo militar começaram a ser implantados na região.” (CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, 2018, p.219).

contexto os projetos de desenvolvimento se alastraram entre o Vale do Ribeira configurando como uma tática de defesa do Estado sobre a região.

Mediante desta política tomada pela Vanguarda Popular Revolucionária, de acordo com SILVEIRA, 2003 apud FERNANDES, 2007, destaca que:

Após o fim da guerrilha de Lamarca, começa a implantação de projetos de desenvolvimento no Vale do Ribeira, por meio da SUDELPA – Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista. Assim, em todo o Vale, terras começam a ser vendidas e/ou griladas, e populações rurais começam a abandonar as áreas florestais. O regime de propriedade privada começa a imperar sobre os regimes costumeiros de uso comum da terra, e os conflitos são generalizados. A entrada de grandes empreendedores significou também o início do processo de remoção da floresta. (p.97).

De acordo com a fala de SILVEIRA (2003) e FERNANDES (2007), podemos analisar que na década de 1973 o governador do Estado do Paraná, intensificou na proposta do projeto Ribeira, que pretendia como forma mediante de solucionar os problemas apresentados ao desenvolvimento das regiões que se encontravam em condições subalternas do Estado do Paraná, mostrando que de acordo com a “parte Paulista do Vale o governo daquele Estado já [...] [estaria] tomando medidas neste sentido” (DIÁRIO DO PARANÁ, 04 de abril de 1973, p. 3). Que na década de 1976, o governador iniciou o Programa Integrado de Desenvolvimento do Litoral e Alto Ribeira (Prodelar), “que dizia ter como objetivo incentivar o desenvolvimento industrial e agropecuário, este último atrelado ao projeto de regularização fundiária na região” (DIÁRIO DO PARANÁ, 07 de fevereiro de 1976, p.6).

As propostas de ações tomadas pelos governos Estadual e Federal tem se refletido negativamente em várias localidades do Vale do Ribeira principalmente no quilombo de João Surá, que conforme o INCRA na década de 1970 estabeleceu três ações que previa a regularização fundiária, fiscalizadora e as demandas de ordenamento fundiário realizado pelo (ITC) Instituto de Terras e Cartografia do Paraná, que dentre os limites do Núcleo Colonial Marquês de Abrantes o território quilombola de João Surá conta com uma área de 33 mil hectares de terras devolutas sobre posse e domínio do Estado, conforme o Decreto nº 17.277, de 14 de abril de 1926, que mediante ao INCRA as terras de João Surá foram estabelecidas entre essas áreas por intermédio da (PIC) Projeto Integrado de Colonização que se estendeu por volta de 1973 a 1980 na região do Vale. Como aqui mencionado as ações do projeto e a concepção jurídica do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -INCRA, não podemos deixar de explicitar as opressões territoriais constituídas em formas de violências por parte do Estado e as descon siderações do INCRA nas distribuições de posse ocasionando nas

interferências da organização territorial, que há anos eram constituídos pelos moradores quilombolas.

Que conforme CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, (2018), contribuem em uma passagem explícita das violências ocasionadas entre os quilombolas no território do quilombo de João Surá, nas distribuições de posse, nas quais afirmam:

M., 70 anos: Eles mediram, eles vieram medindo. Pra mim ninguém perguntou nada. Eles que mediram e entregaram. Sem perguntar. Daí que eu pedi que me dessem um lote. Os outros morador saiu, outros morreu. E daí a terra ficou vazio. Os que saiu não ganharem terra. Foi só meu irmão ficô com 10 alqueire, aqui na Praia do Peixe. E o outro irmão meu ficô sem nada. Que avisassem a comunidade [de reunião para explicar o processo] não... Eu nunca fui numa reunião deles. Nunca convidaram. Depois eu casei e tentei voltar pra lá. Daí já tinha entrado o INCRA ali e medido. E o [...] o fiscal [do INCRA], não queria que eu fosse mais lá, porque lá tinha ficado fora da área da medição. E nós não podia voltar lá mais. Daí eu disse: “Mas bão, desde que se nós não podemos voltar prá lá, nas posse que era nossa, eu quero que você de um lote pra mim, mais perto, pra cá”. Daí ele disse “Não, mas vocês não tava lá mais”. E eu disse “Sim. Nós não tava. Mas a só que gente não vendeu e não deu as posse que era da gente. Então nós temo o direito a trabalhar lá ainda”. Não foi vendido e não foi dado, e a turma não queria que a gente voltasse lá. (ITCG, 2010). (p.226).

Desde as interferências nos modos organizacionais da comunidade Quilombola de João Surá nas distribuições de posse pelo INCRA, ocasionou em posseiros com titulação de terras que não se residiam na comunidade e muito menos executavam atividades nas áreas em processo de titulação, sendo assim os lotes eram distribuídos e “acabaram entrando em uma dinâmica de especulação imobiliária” (CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, 2018, p.227) na qual “pegavam terra vaga hoje para vender amanhã” (ITCG, 2010). Privações e violências territoriais nas distribuições de posse, que resultaram na interferência das vivências quilombolas e nos modos organizacionais do “Bem Viver”, dinâmica territorial constituído pelos quilombolas do quilombo de João Surá que também estavam vivível e eram realizados pelas comunidades quilombolas da Picada, Coxilha Negra e Serra do Cristal, que conforme MÉGUI (2014) em “*Comunidades Remanescentes de Quilombos, Bem Viver e a Política de Desenvolvimento Territorial Rural na Zona Sul do Rio Grande do Sul*”, esses métodos tradicionais adotados pelos moradores quilombolas, possibilitavam:

Vislumbrar traços de uma noção de bem viver própria a estes grupos, ancorada na sua historicidade e processos e configurações sociais atuais. Caracterizaremos o que foi apreendido através de quatro eixos norteadores:

o acesso à terra, o acesso à recursos naturais, a vivência das relações com parentes, amigos e a autonomia. (p.63).

Segundo os autores Cassius Cruz, Antônio Carlos Pereira e Rosilene Komarcheski (2018) em “*Que desenvolvimento é esse? Conflitos territoriais e racismo no quilombo de João Surá /PR*”, ressalta o processo de mercantilização de terra, método que se fizeram muito presente nos modos de distribuição de posse realizados pelo INCRA, nas quais explicam:

O processo de mercantilização da terra que origina-se nesse período contou com a participação direta ou indireta de agentes do Estado, visto que alguns funcionários do INCRA também fizeram proveito individual do processo registrando grandes parcelas de terra em seus próprios nomes e/ou de familiares, que pouco tempo depois foram vendidas a terceiros, o que pode ser observado em relatos da comunidade e é corroborado pelo levantamento da cadeia dominial da área (INCRA, 2009). Além disso, conforme explicitado em relatório do ITCG (2010 apud CGE, 2011), há indícios de que “funcionários do quadro próprio, contratados temporariamente para atuar no trabalho de ordenamento fundiário” intermediaram negociações de terras posteriormente à titulação. (p. 227).

Com as implementações constituídas pelo INCRA resultando no impacto gigantesco territorial na comunidade quilombola, outros fatores se intensificaram com as ações da ITC, que na década de 1977 propuseram o projeto para a criação do Parque Estadual das Lauráceas, ações transmitidas pelo Instituto de Terras e Cartografia do Paraná (ITC), momento em que os moradores do quilombo de João Surá travavam uma luta por seus direitos e re-existência pelas propriedades de posse, visto que durante a construção do Parque Estadual das Lauráceas os quilombolas ao menos foram consultados e ouvidos os seus anseios, ações que foram criadas e impostas sobre o território quilombola, ocasionando em diversas violências entre elas, as expulsões de moradores das suas respectivas áreas de habitações, eliminações de documentos, queima de casas e ameaças de morte, que para CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI (2018), deixam nítido as opressões e violações de lares descrito pelos moradores quilombolas:

N., 43 anos: [...] na época veio um pistoleiro do Estado que ganhava pra desativar os posseiros. Quando eles conseguia pegar o documento dos posseiros diziam que já tavam formando o parque, já não queriam mais os posseiros ali dentro, e queria o documento daquele povo que pagava tudo ano. Recolhia os documento e já proibia, se teimasse ele vinha e queimava o rancho, e muitas vezes até a ameaçar com armamento a pessoal pra sair da área. Esse ai era o tal de Orair [funcionário do antigo ITC] o pistoleiro da época. (ITCG, 2010). (p.228).

É visível que a construção do parque nas terras de João Surá não foi muito bem aceita entre os quilombolas, nas quais podemos perceber nitidamente em seu processo de construção,

que foi completamente imposto e reduzidos as suas áreas de transição, que na mesma década o ITC estabeleceu uma base sobre o território quilombola, para as fiscalizações de terra, extração ilegal de recursos naturais, transição e invasões de posseiros, que dentre a década de 1977 com a construção da base no território quilombola possibilitou como alojamento para seus funcionários, que em 1979 o presidente da ITC em nota publicada no Diário do Paraná em 17 de maio do mesmo ano, afirmou que viveram naquele período 48 posseiros que se configuravam na localidade que estava pretendida para a construção do parque. O intuito das ações planejadas pela ITC sobre os posseiros estava voltado na ação de “Operação de Remanejamento” que visava os remanejamentos dos quilombolas das suas áreas de habitação, nas quais eram obrigados a deixar as suas casas, tecnologias como “monjolo, casa de farinha, plantas de frutas que tinham plantado”. (PROJETO...2009, p.4).

Com os procedimentos tomados pela ITC e o INCRA possibilitaram nas transformação das terras que hoje são denominadas como quilombo de João Surá em pequenos lotes distribuídos aos quilombolas, que dentre esse processo de distribuição muitos títulos de terras passaram em mãos e nomes de terceiros, possibilitando a entrada do empreendimento externo dentro do território entre as décadas de 1970 a 1980, podemos denominar a indústria madeireira, pecuária extensiva nas criações de gados e a unidade de conservação que até os dias de hoje no território os quilombolas sofrem drasticamente pelas irresponsabilidades das ações tomadas pela ITC e INCRA que possibilitou a desestruturação das práticas ancestrais do povo quilombola. É notório que todas as conservações de propriedades de terras que passaram por mãos de terceiros principalmente por funcionários do ITC e INCRA, entre as décadas de 1970 a 1980, passaram a ser vendidas e revendidas para fazendeiros, no que culminou às invasões dos fazendeiros na territorialidade quilombola de João Surá, muitas das terras vendidas foram parar nas mãos do fazendeiro Nino que tempo depois revendiam a posse de terra para a empresa Florestal Vale do Corisco do setor madeireiro, possibilitando nas cobiças e encharcamento das empresas nessas localidades, com as posses de terras em mãos muitas instalações de fazendas no quilombo se fizeram presente que com sua entrada no território contribuiu em uma grande parcela de desmatamento de floresta nativa para abastecer as carvoarias da região, dando espaço ao plantio de pasto que ao longo dos anos passaram a investir na criação de gado e búfalo possibilitando nas contaminações das nascentes, gados soltos pelas estradas, danos ambientais, isolamentos de áreas transitórias por cercas devido as criações de animais entre outros.

As opressões territoriais causada pela entrada dos fazendeiros aos quilombolas eram gigantescas, que segundo CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI (2018), relatam na passagem a seguir:

Segundo o relatório do ITCG (2010), Nino aproveitava-se da fragilidade econômica e emocional das famílias para tentar adquirir as terras, principalmente aquelas já tituladas pelo INCRA. Em um caso emblemático, chegou a invadir a casa de uma senhora viúva para tentar tomar o documento de sua terra. Outra estratégia utilizada pelo fazendeiro, conforme mencionado na comunidade, foi a coleta de digitais de pessoas analfabetas sem o consentimento destas para o registro das terras em seu nome, fato que caracteriza a prática de grilagem de terras. (p.231).

Com as grandes invasões e impactos ambientais por parte dos fazendeiros aos poucos vai dando espaço a monocultura, que por sequência eram incentivados pelo governo militar e funcionários da ITC, que não demorou muito tempo para que as fazendas fossem ocupadas pelos plantios de eucaliptos, que a partir do ano de 2005 o plantio de pinus começava a tomar conta da territorialidade na região. Entre as empresas com maior segmento de plantação de pinus se destaca a empresa chilena Arauco Florest Brasil, que com a presença dessa empresa implantado nas terras quilombolas agrava em uma série de embates que desde a degradação do solo, perda da biodiversidade, contaminação da água, utilização de produtos com agrotóxicos como também a ocupação de uma vasta área pela monocultura tem se intensificado ao longo dos anos.

Além dos danos graves e prejudicial à saúde e ao meio ambiente pelas monoculturas nos plantios de eucalipto e pinus, o Parque Estadual das Lauráceas junto ao (IAP) Instituto Ambiental do Paraná tem contribuído efetivamente com os conflitos entre os moradores quilombolas, nas restrições e proibições de cortes de madeiras para as produções de canoas, monjolos e engenhos de farinhas, como também nos consumos de determinadas espécies de animais que faziam parte da alimentação dos quilombolas na comunidade, que em determinados momentos chegavam a vistoriar os quilombolas que “tiveram seus instrumentos de trabalho apreendidos pela polícia ambiental quando retornavam de mutirões, como uma forma explícita de desconsiderar, desrespeitar e tentar desarticular as formas ancestrais de trabalho coletivo que compunham e estruturam as relações comunitárias.” (CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, 2018, p.233). Conflitos que se intensificaram com a construção da casa pelo antigo ITCF, acordo realizado entre as partes de Associação com a IAP, que com a presença dos funcionários do IAP alocado dentro do território quilombola possibilitaria ser “porta-vozes e ouvidos do IAP dentro do quilombo” (CRUZ; PEREIRA; KOMARCHESKI, 2018, p.234) acordo que durou até ano de 2022, devido aos desrespeitos da gestão do parque com os quilombolas.

Diante desses vários atos de violências contra os quilombolas para desestruturar as suas vivências e Bem Viver em comunidade, um projeto instalado pelo parque denominado como Ecoturismo tem gerados várias tensões, que com as ligações entre o Ecoturismo e Trilha Longa que percorrerá 77 parques dentre a região sul e sudeste, tendo como financiadora a WWF, que de certa forma afetará a comunidade quilombola, visto que o projeto já se encontra em processo de funcionamento e em nenhum momento da parte do parque foi realizado uma consulta prévia aos moradores quilombolas e reunido à comunidade para debate.

Perante aos retrocessos dos direitos de posse dos quilombolas, o número elevado de processos minerários no município de Adrianópolis chama atenção que de acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM, 2006) estima-se 124 processos ativos no município, que a grande maioria deles está voltado na extração e exploração de calcário, chumbo, zinco e ouro. É visível entre os quilombolas nas preocupações desse grande índice nos olhares de ambição pelas exploradoras nas cobiças das riquezas do Vale do Ribeira, que no decorrer dos anos vem se aproximando do território quilombola, empresas que surge das localidades dos estados de São Paulo e Paraná, como a exploradora de cimento do grupo Camargo Corrêa em 1967 no município de Apiaí SP, atualmente conhecida como empresa Mover, que em Adrianópolis PR se localiza duas potentes exploradoras, a empresa Supremo Secil Cimentos fundada no ano de 2015 aos comandos de portugueses com a capacidade de produção de 1,7 milhão de tonelada por ano e a recente mineradora Nb Minerais, implementada no Bairro Vila Mota no ano de 2022 a comando de uma rede de sócios na extração de calcário e dolomita na região. Empresas que tem causado diversas formas de opressões territoriais, devido as extrações de milhares de recursos naturais do Vale, impactos ambientais que com as explorações dos recursos naturais, não são só percebidos em Adrianópolis PR como também nos bairros e comunidades, ocasionando em diversas formas de conflitos entre os habitantes da região, que com as suas explorações compulsórias no território, vem deixando a população do município de Adrianópolis exposto a diversas formas de poluição e os moradores herdeiros de diversos problemas de saúde, que há anos têm sido denunciados e cobrados em audiência pública posicionamento tanto da fábrica quanto da prefeitura para que escutem os anseios da comunidade e tomem providências pelos efeitos do seus impactos ambientais negativamente sobre o território e população que estão inseridos no Vale do Ribeira.

CONCLUSÃO

A investigação da pesquisa teve como intuito na realização dos movimentos filosóficos nas escutas das anciãs, anciãos e lideranças da comunidade, que com as saídas de campo em ir até as casas dos moradores quilombolas do quilombo de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, possibilitou na escuta sensível de seus relatos memoriais das histórias de vivências e saberes feitos no território, vivências constituídas de saberes ancestrais que germinam do chão do solo da comunidade quilombola na construção do conhecimento e re-existência no território.

No decorrer da pesquisa foi de suma importância em sentar, ouvir e registrar as oralidades quilombolas, pois muitos dos conhecimentos que aqui estão presentes ainda não possuíam registros e estavam na base da oralidade, que ao realizar o movimento filosófico de escuta nos diálogos e rodas de conversas com os anciões e lideranças quilombolas, permitimos que a vozes negras ocupem outros espaços de poderes, que até o momento não possuem condições de ir, pelo fato da idade avançada, mas as suas oralidades e escritas não, elas rompem as barreiras e os grandes muros da instituição de ensino e se manifestam nas salas de aula, ao tramar uma educação constituída do chão do território quilombola. Visto que a pesquisa foi aplicada no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, e que para tramarmos desde o que está previsto na Proposta Pedagógica para as Escolas Quilombolas da Rede Estadual do Paraná (2009), é impossível não abordarmos o território como movimento de luta, sendo que a escola quilombola Diogo Ramos se encontra dentro da territorialidade do quilombo de João Surá, que surgiu a partir de audiências públicas dos movimento de luta dos moradores quilombolas e do Grupo de Trabalho Clóvis Moura nas reivindicações por uma escola que se trabalha-se os seus saberes produzidos na comunidade, que para tecermos a Educação Quilombola e a Educação Escolar Quilombola temos que ter a convicção de não dicotomizarmos o território da instituição de ensino, que o território quanto um espaço de luta e re-existência é impossível tramar o ensino de filosofia sem abordar as suas lutas territoriais, nas opressões coloniais, educacionais e religiosas enfrentadas pelos moradores quilombolas e que precisamos da descolonização mental para termos em mente, que não é só a instituição de ensino que é portadora do processo de aprendizagem, o território como um todo também faz parte desse processo, pois é no território que tramamos a ensinagem e germinamos as sementes para um novo mundo.

E que os saberes feitos advindos do território são abordados no Projeto Político Pedagógico e trabalhados no currículo do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, currículo diferenciado que são conduzidos pelas oralidades das anciãs, anciãos e lideranças da comunidade, fazendo prevalecer a coletividade, união e solidariedade entre ambas as partes

sendo, a instituição de ensino e comunidade e a comunidade e instituição de ensino nesse processo de educação descolonizadora.

Durante as realizações das entrevistas e saídas de campo para as escutas dos moradores quilombolas, era nítido que em cada casa que realizaria a entrevista que ao sistematizar as suas falas abordaria uma pensadora ou pensador filosófico para o debate de discussão, nas quais podemos mencionar: Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Chimamanda Adichie, Abdias Nascimento, Ailton Krenak, Eduardo Oliveira, Luiz Antônio Simas, Luis Rufino, Renato Nogueira, Paulo Freire entre outras tantas potências de vozes que fizeram/fazem parte desse processo de descolonização.

É notório que os saberes advindos e trazidos pela comunidade sobre as práticas religiosas e seus saberes feitos no território voltados às culturas afro-brasileiras, não são temáticas abordadas em livro didáticos e disponibilizados pela SEED-PR, sendo necessário a comunidade e instituição de ensino se unir em prol de um único objetivo de se inventar e reinventar estratégias para que seus anseios e culturas sejam abordados, transmitidos e preservados, saberes ancestrais que se constituem na autodeclaração da identidade negra possibilitando que os estudantes conheçam a suas ancestralidades e possam se auto afirmar como pessoa negra e quilombola, no firmamento de suas raízes no território.

Dentre as falas nos diálogos das escutas e rodas de conversas entre as anciãs, anciãos e lideranças da comunidade, é visível as percepções dos quilombolas nas preocupações com os rumos que podem estar tomando as práticas religiosas, sendo a Recomendação das Almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo, falas emergenciais sobre as suas práticas ancestrais no território, que com os falecimentos dos anciões e as conversões dos devotos da linha de frente que coordenava os préstitos a se converterem cristão, influências das instituições religiosas pentecostais e neopentecostais sobre os quilombolas que pude perceber nos momentos das entrevistas nas comunidades quilombolas de João Surá, Guaracuí e Poço Grande.

É visível que com os falecimentos dos anciões e as conversões de alguns devotos para cristão tenham influenciado nos modos organizacional e nos ritmos das celebrações das práticas religiosas no quilombo, nas quais podemos perceber que em época da Recomendação das Almas na comunidade quilombola, ainda continua atuante, não com muita frequência como era antes, por ser conduzida por pessoas já idosas, a prática religiosa ainda é atuante por uma família de casal na comunidade quilombola de Guaracuí, em outras comunidades vizinhas como o quilombo de João Surá e Poço Grande a celebração religiosa há anos não é realizada.

Já as Romarias: Dança de São Gonçalo desde o ano de 2017 percebe-se uma diminuição dessa prática religiosa nas comunidades quilombolas, manifestações religiosas que são percebidas em suas realizações no ano de 2022 nas comunidades quilombolas de João Surá e Poço Grande, durante a realização da dança pude presenciar além dos anciões nas conduções, as participações de crianças e adolescentes carregando a prática ancestral no território, que no quilombo de Guaracuí a dança nos últimos anos não tem sido realizado.

Em relação a Passagem da Bandeira do Divino Espírito Santo, a bandeira percorre as três comunidades quilombolas sendo o quilombo de João Surá, Guaracuí e Poço Grande, durante a realização dos ritos em sua passagem nota-se a participação de crianças e adolescentes na procissão, nas funções de tocadores dos instrumentos nos préstitos e na devoção carregada pelo grupo de fiéis em levar a bandeira para visitar as moradias quilombolas.

Que em análise as falas emergenciais dos anciões e lideranças da comunidade em relação as práticas ancestrais, foi proposto entre os estudantes do Ensino Médio na interdisciplinaridade das disciplinas de Filosofia e Sociologia no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, a Criação do Coletivo de Estudantes para a elaboração do livro histórias em quadrinhos sobre as Práticas Religiosas no Quilombo de João-PR, com a confecção do material realizado servirá como materiais de estudos as futuras gerações na instituição de ensino na importância da visibilidade e preservação das práticas religiosas na comunidade quilombola, manifestações que carregam com sigo os saberes ancestrais do povo negro conduzidas pelas mãos e oralidades das anciãs e anciãos, que com muita fé, respeito e devoção se fazem presentes no território, que com a visibilidade desse material e a escrita dessa dissertação, espera-se na contribuição ao combate do racismo, do preconceito, das associações as práticas negativas e da intolerância religiosa as práticas ancestrais que há décadas são cultuadas no quilombo de João Surá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única**. Trad. Erika Barbosa. Conferência Anual - TED Global 2009- de 21 A 24 de Julho OXFORD, REINO UNIDO.

ADRIANÓPOLIS-PR. **Lei nº 927, de 17 de abril de 2018**. Institui o Feriado Municipal da Consciência Negra. Gestão 2017/2020. Disponível em: <<http://adrianopolis.pr.gov.br/uploads/legislacao/LEI-927.2018---CONSCIENCIA-NEGRA.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

ALFREDO, Veiga Neto. “**O segundo domínio**”: O SER- PODER” VEIGA-NETO, Alfredo. O segundo domínio: O ser- poder. In: Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 65-94

ANDRADE, Anna Maria; TATTO, Nilto. **Inventário Cultural de quilombos do Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz, HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. - 1º. Ed.- Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 200p.

ARRUDA, Marcos. Tornar o real possível: **a formação do ser humano integral, economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2006.

BRASIL. **Coleção de Leis da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Nacional, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 1999.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 08/2012** – Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. MEC: Brasília - DF, 2012.

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. 2 Edição. Editora Loyola. Soa Paulo, 1998.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002. v.1.

CÂMARA MUNICIPAL DE APIAÍ. **História do Município**. s/d. Disponível em: <https://www.cmapiai.sp.gov.br/pagina/20176_Historia-do-Municipio.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

CALDAS, Andressa; GARCIA, Luciana. **Direito à terra das comunidades remanescentes de quilombos: O longo e tortuoso caminho da titulação**. In. JUSTIÇA GLOBAL. Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais: Terra e Território. Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/direito-a-terra-das-comunidades-remanescentes-de-quilombos-o-longo-e-tortuoso-caminho-da-titulacao/#_ftn1>. Acesso em: 06 abr. 2023.

CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. Estudos Avançados, São Paulo, vol. 24, nº. 69, p. 7-30, mai.-ago. 2010.

COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS. **Projeto Político Pedagógico**. Adrianópolis, 2022.

CRUZ, Cassius Marcelus. **Entre giros e capovas: política do movimento e território no quilombo João Surá**. Campinas/SP: [s.n.], 2019.

CRUZ, Cassius Marcelus. **Trajetórias, lugares e encruzilhadas na construção da Política de Educação Escolar Quilombola no Paraná no início do III milênio**. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do

- Paraná, Curitiba (PR), 2012. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34685/R%20-%20D%20-%20CASSIUS%20MARCELUS%20CRUZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- CRUZ, C., ANDRADE, A. KOMARCHESKI, R. “**Que desenvolvimento é esse?**” **Conflitos territoriais e racismo no quilombo João Surá/PR** In RAGGIO, A.Z., BLEY, R.B e TRAUZYNSKI, S. C. (Orgs.). População Negra no Estado do Paraná: Coletânea de Artigos – Abordagem Sociológica – V 1, Curitiba: SEJU, 2018, p. 219-247. Disponível em <http://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Publicacoes-2>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DEL RÉ Mégui Fernanda. **Comunidades Remanescente de Quilombos, Bem Viver e a Política de Desenvolvimento Territorial Rural na Zona Sul do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2014. Disponível: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116708>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- DIAS, Margot; DIAS, Jorge. **A Encomendação das Almas**. Sep. Douro-Litoral, III-IV da 4º série, Porto, 1951.
- DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FAZENDA, Ivani. **A Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREITAS JUNIOR, Benedito Florindo de. **Escola quilombola e escola do campo: a luta por uma educação decolonial no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e na Escola Municipal do Campo Augusto Pires de Paula**. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/73442/R%20-%20D%20-%20BENEDITO%20FLORINDO%20DE%20FREITAS%20JUNIOR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- FRISON, Marli Dallagnol; *et al.* **Interdisciplinaridade no ambiente escolar**. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.
- GALLO, Sílvio. **A Filosofia e seu ensino: Conceito e Transversalidade**. ETHICA. Rio de Janeiro, v.13, n.1 p. 17-35, 2006.
- GIUMBELLI, E. **A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidade no Brasil**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.
 Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Relatório do Grupo de Trabalho Clóvis Moura: 2005-2010. – Curitiba, PR: GTCM, 2010. 269 p.; 21 cm.
- GIUMBELLI, E. **O “Baixo Espiritismo” e a História dos Cultos Mediúnicos**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247 - 281, 2003.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223- 244.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Lei nº 15.228 de 25 de julho de 2006**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pr/lei-ordinaria-n-15228-2006-parana-institui-as-disciplinas-de-filosofia-e-de-sociologia-como-disciplinas-obrigatorias-na-grade-curricular-do-ensino-medio-do-estado-do-parana-conforme-especifica#>. Acesso em: 26 set. 2023.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Microrregião de Cerro Azul- Adrianópolis- CRQ João Surá**. Disponível em: <mailto:www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico/Pagina/Microrregiao-de-Cerro-Azul-Adrianopolis-CRQ-Joao-Sura>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ITCG. Instituto de Terras, Cartografia e Geociências. **Terra e Cidadania**: terras e territórios quilombolas, Grupo de trabalho Clovis Moura, relatório 2005-2008. Curitiba, 2008.

KOMARCHESKI, R. **Redes de Re-Existências desde o Quilombo João Surá** – Pr. Tese (Doutora em Sociologia, UFPR), 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Caminhos Para a Cultura do Bem Viver**. Org. Bruno Maia, 1ª ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral** – 1º ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRONE, R. **Informações ethnográficas do valle do Rio Ribeira de Iguape**. Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo. São Paulo, Typographia Brazil de Rothschild & Co. 1914 p. 23-34.

JÚNIOR, Jackson Gomes, SILVA, Geraldo Luiz da, COSTA, Paulo Afonso Bracarense. **Paraná Negro**: fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008. 104p.: il. color., retrs.

MAGGIE, Y. **Medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **História do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares-MinC, 2004. v. 1.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP. São Paulo, nº 28, 1996, p. 56-63.

NASCIMENTO, Abdias, 1914-2011. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista/ Abdias Nascimento; com prefácio de kabengele Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. —3.ed.rev. —São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**, Rio De Janeiro: Pallas 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, E. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 353.2005.

OLIVEIRA, E. **Umbanda de Pretos -Velhos: A tradição popular de uma religião**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Instituto Superior de Educação La Salle. Niterói, 139.2005

PEREIRA Lucilene Rosa. **Alimentação, Saúde e educação: território e resistência nos quilombos de João Surá, Praia do Peixe e Mamonas (PR)**. Matinhos, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/84658>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PISINATO, Raquel (Coord.). **Dossiê: Sistema Agrícola Tradicional Quilombola Do Vale Do Ribeira – Sp**. IPHAN – Instituto Sócio Ambiental... Vol. 1. out. 2017. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê_relato_1\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê_relato_1(1).pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2023.

PLENS, C. R. **Sítio Moraes, uma biografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial**. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. 2007.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. Publicado, 21 de nov.2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 01 de jan. 2023.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2007. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111635.htm#:~:text=Art.,para%20efeitos%20de%20comemora%C3%A7%C3%A3o%20oficial._ Acesso em: 01 de jan. 2023.

_____. **Redes, educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a Educação de Jovens e Adultos.** In: Economia Solidária e educação de jovens e adultos. Org. Kruppa. -Brasília: INEP, 2005.

RAGGIO, Ana Zaiczuk, BLEY, Regina Bergamaschi, TRAUZYNSKI, Silvia Cristina. **População Negra no Estado do Paraná: Coletânea de Artigos - Abordagem Sociológica - v. 1.** Curitiba: SEJU, 2018.

REZENDE, Livia lima. **Pretos- Velhos: O sagrado e o Mágico na Encruzilhada das Religiões.** Faces de Clio. Juiz de Fora, vol. 03, nº 6, p 174- 197 jul./dez. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

ROCHA, Vanessa Gonçalves da. **A Constituição da Docência para a Educação Escolar Quilombola no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na Comunidade de João Surá-PR.** Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/70474>. Acesso em: 01 de jan. 2023.

RUFINO, Luiz. **Vence Demanda, educação para descolonização,** Rio Janeiro: Mórula 2021.

SANCHO CAMBUY, Andréia Oliveira. **Comidoria em João Surá: o sistema alimentar como um fato social total.** Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26636>. Acesso em: 01 de jan. 2023.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Festas Quilombolas: Entre a tradição e o sagrado, matizes da ancestralidade africana.** In: *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, nº 50 (especial), p. 286-300, mai. 2013 – ISSN: 1676-258.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. **Terço de Misericórdia.** Fátima/Portugal, s/d. Disponível em: <https://www.fatima.org.br/terco-da-misericordia/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SAVATER, F. **As perguntas da vida.** SP: Martins Fontes, 2001.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Programas e Projetos- Paraná Alfabetizado.** Disponível em: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62. Acesso em: 01 de jan. 2023.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Proposta pedagógica para escolas quilombolas da rede estadual do estado do Paraná: educação quilombola e etnodesenvolvimento: Experimental.** Curitiba, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_quilombola/proposta_quilombola.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

SILVA, Priscila Elisabete da. **Professor Negro e Universitário:** notas sobre a construção e manipulação da identidade étnico-racial em espaços socialmente valorizados. (Dissertação) Mestrado em Sociologia. UNESP/Araraquara. 2008.

SIMAS, Luiz Antonio, 1967. **Fogo no mato: a Ciência encantada das macumbas/** Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino-1. ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **Santos de casa: Fé, crenças de cada dia.** 1. ed- Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

VOCAÇÃO DE JESUS. **Orações.** s/d. Disponível em: <https://vocacaodejesus.com/oracoes/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

XAVIER FILHO José Luiz. **Do Kilombo ao Quilombo: uma breve análise historiográfica quilombola da África ao Brasil e a valorização das memórias, oralidades e história oral nas comunidades remanescentes atuais.** Rio de Janeiro, 2020.

YAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. **Professoras Negras: Gênero, Raça, Religiões de Matriz Africana e Neopentecostais na Educação Pública.** Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/86926>. Acesso em: 01 de jan. 2023.

ANEXOS

PLANO DE AÇÃO			
<p>Professor: Renan Rodrigues Rosa</p> <p>Colégio: Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos Ensino Fundamental e Médio</p> <p>Disciplina: Filosofia e Sociologia</p> <p>Séries: 1º A, 2ºA e 3ºA</p> <p>Município: Adrianópolis- Paraná</p> <p>Ano: 2022</p>			
INTEGRANTES	PROBLEMA DE PESQUISA	AÇÃO	ENCAMINHAMENTOS
Para a realização do projeto de pesquisa, será constituído por 16 estudantes entre as séries 1ªA, 2ªA e 3ªA do Ensino Médio.	<p>Como se deu a entrada do catolicismo na comunidade quilombola?</p> <p>Como se dá a relação dos estudantes do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos com as práticas religiosas na comunidade quilombola de João Surá?</p>	<p>Será desenvolvido o estudo teórico com os estudantes no período matutino, em interdisciplinar na disciplina de Filosofia e Sociologia abordando as ritualidades das Práticas Religiosas no quilombo de João Surá, sendo a Recomendação das almas, Romarias: Dança de São Gonçalo e a Bandeira do Divino, para realização do estudo teórico trago como base o Capítulo</p>	<p>Durante a aplicação do projeto de pesquisa será realizado em coletividade, a criação do grupo do coletivo de estudantes em contra turno no período vespertino, a qual proporcionará momentos de entrevista, saídas de campo em ir até as casas dos anciões para fazer a realização do movimento filosófico de escuta, diálogo e partilhas de experiências. Após esse movimento de escuta será realizado como forma de preservação dos seus saberes ancestrais, as gravações de áudios das suas</p>

		<p>“Religiosidade” disponíveis nas páginas 71 a 80 do livro “Paraná Negro” (2008) dos organizadores Jackson Gomes Júnior, Geraldo Luiz da Silva e Paulo Afonso Bracarense Costa, trazendo a história de luta e presença dos negros do Paraná. E para trazer uma sistematização mais sólida, conduzo um diálogo do livro com as minhas referências ancestrais nas oralidades dos anciões quilombolas do Vale do Ribeira. Apresentando vídeos das práticas religiosas no quilombo e entrevistas realizadas com os devotos quilombolas, que através das suas narrativas de memórias de vivências, possamos fortalecer as raízes, conectar com</p>	<p>memórias de vivências, as gravações de vídeos e fotografias contendo os seus ritos e devoções. Com as realizações dos materiais coletados sobre as Práticas Religiosas no Quilombo de João Surá, foi realizada a sistematização dos dados e proposto a elaboração do livro em histórias em quadrinhos contendo as práticas religiosas no território.</p>
--	--	--	---

		o solo e se preparar para o futuro ancestral.	
<p>INÍCIO: Após o diálogo em sala de aula, o projeto iniciou-se no dia 17 do mês de fevereiro no ano de 2022 com a criação do grupo no aplicativo WhatsApp, sendo realizado o primeiro encontro do coletivo de estudantes no dia 01 de abril de 2022.</p>			
<p>TÉRMINO: O projeto está previsto na realização de oito encontros do coletivo, sendo realizado um encontro por mês, na realização dos encontros será realizado de acordo com as demandas vindas pelos estudantes, que após ter uma remessa consideravelmente boas de materiais coletados, marcamos o encontro do coletivo de estudantes para a sistematização e prosseguimento na elaboração dos materiais. De acordo com a quantidade de encontros poderá ser flexível podendo chegar a oito encontros como previsto, como também poderá ser realizado um reajuste de acordo com a necessidade dos estudantes na aplicação do projeto.</p>			
<p>ACOMPANHAMENTO: Na criação do grupo do coletivo de estudantes contribuirá com um espaço de tempo das 13h20 minutos às 17h50 minutos, com o objetivo em toda forma de acompanhamentos seja em confecções de roteiros, entrevistas, gravações de vídeos das práticas religiosas, sistematizações das entrevistas realizadas e compartilhadas entre o grupo, como o mesmo no acompanhamento da elaboração do livro em histórias em quadrinhos, o encontro do coletivo será realizado uma vez por mês, para a socialização do estudante com o material que está confeccionando e para sistematização de dados para dar prosseguimento ao material que está sendo elaborado. E durante a semana na aula de Filosofia com o espaço de tempo de 50 minutos será realizado os esclarecimentos de dúvidas e o alinhamento na confecção do material.</p>			
<p>RECURSO: Com a utilização do livro “Paraná Negro” (2008) para o estudo teórico, foi utilizado como referências principais na pesquisa as oralidades dos anciões, na valorização da Educação Quilombola, que com as saídas de campo nas gravações de áudios das memórias de vivências, anotações de entrevistas e vídeos das práticas religiosas obtemos os recursos que após a sistematização para a obtenção de dados conduzimos os segmentos nas confecções dos materiais proposto pelo projeto de pesquisa.</p>			
<p>RESULTADO: Com os materiais coletados e sistematizados daremos o início a proposta do projeto de pesquisa na elaboração do livro das Práticas Religiosas em Histórias em Quadrinhos, tendo como finalidade na valorização das oralidades negra e a conexão com o sagrado, que ao</p>			

trazermos as narrativas quilombolas, na preservação de seus ritos no território possibilitamos que ocupem outros meios de espaços de poderes, proporcionando o conhecimento pluriversal, combatendo o racismo, as associações as práticas negativas e a intolerância religiosa.

OBSERVAÇÃO: Com a redução da carga horária de Filosofia no Ensino Médio de 02 aulas para 01 aula de 50 minutos, para que fosse possível atender as demandas na execução da elaboração do livro das Práticas Religiosas em Histórias em Quadrinhos, foi proposto a criação do coletivo de estudantes, na qual faríamos o estudo teórico interdisciplinar na aula de Filosofia e Sociologia no período matutino e a confecção dos materiais no encontro do coletivo em contra turno no período vespertino.

Cabe aqui destacar que no mês de julho do ano de 2022 não será realizado o encontro do coletivo de estudantes por motivo das férias escolares.

RESUMO DO LIVRO: De acordo com autor Jackson Gomes (2008) ao compilar em uma publicação a história da presença dos negros no Paraná não é uma tarefa fácil, por conta da escassa bibliografia existente sobre o tema. O Estado que se considera terra de todas as etnias sempre relegou a segundo plano a existência e importância dos seus filhos negros na sua formação sociocultural. Este livro é uma tentativa de lançar luz sobre o obscurantismo que lhes foi imposto pela história oficial e apresentar a vida e a face dos remanescentes de quilombos.

A FUNPAR (Fundação da Universidade Federal do Paraná) sintetizou as pesquisas realizadas pelo Grupo de Trabalho Intersecretarial – do Governo do Paraná – Clóvis Moura, que desde 2004 tem mapeado as comunidades negras tradicionais no Estado. Até 2008, foram encontrados 90 agrupamentos. No entanto, esta publicação retrata somente os 36 quilombos já certificados pela Fundação Palmares, instituição vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pela identificação desses grupos no Brasil.

Com este livro, FUNPAR e UFPR fazem um reconhecimento público da importância da etnia negra, que, por meio do conhecimento tecnológico e trabalho, contribuiu para estabelecer os pilares de nossa sociedade. Agradecemos a todos os envolvidos no projeto, em especial ao Grupo de Trabalho Clóvis Moura, à Secretaria Estadual da Educação do Paraná, à Secretaria Estadual da Ciência e Tecnologia do Paraná, à Fundação Araucária e à Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, que nos apoiaram e compartilharam do nosso sonho: registrar estes fatos. (p.07).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

Paraná Negro / Jackson Gomes Júnior, Geraldo Luiz da Silva, Paulo Afonso Bracarense Costa (orgs.); fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008. 104p.: il. color., retrs.

LISTA DE FIGURAS DOS ENCONTROS DO COLETIVO DE ESTUDANTES**ANEXO-A**

ANEXO-B



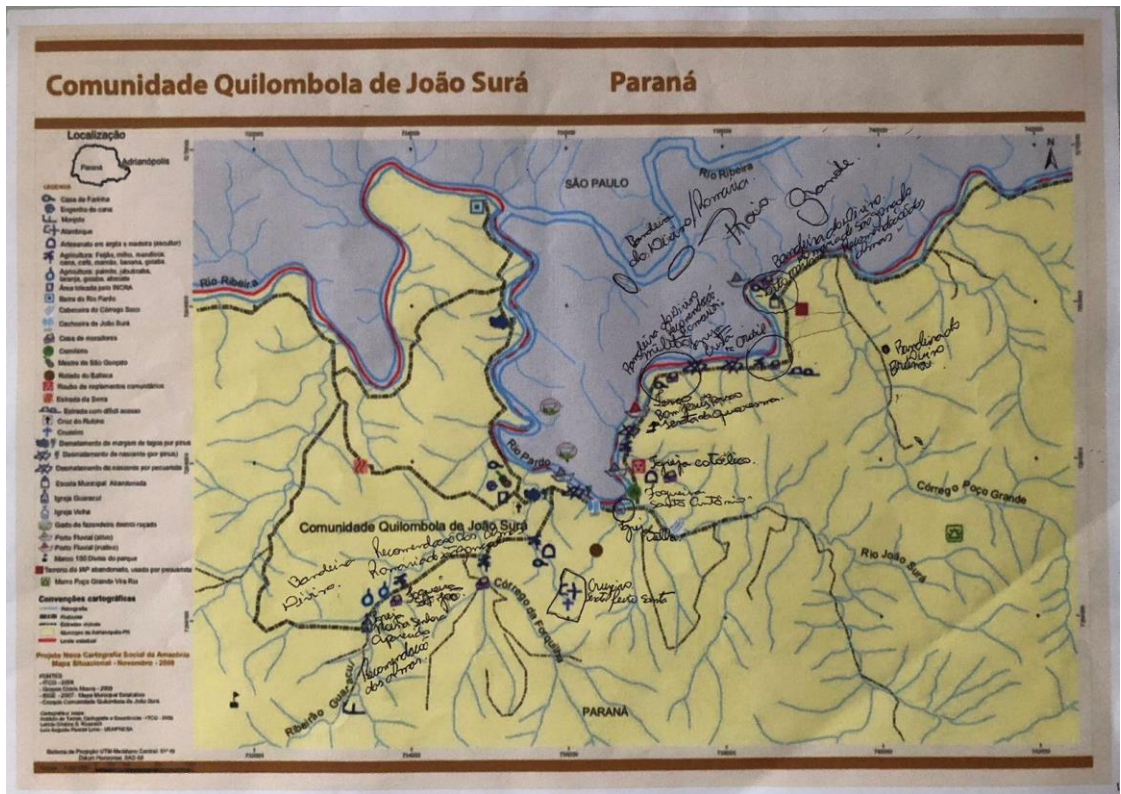
ANEXO- C



ANEXO-D



ANEXO- E



ANEXO-F



ANEXO-G

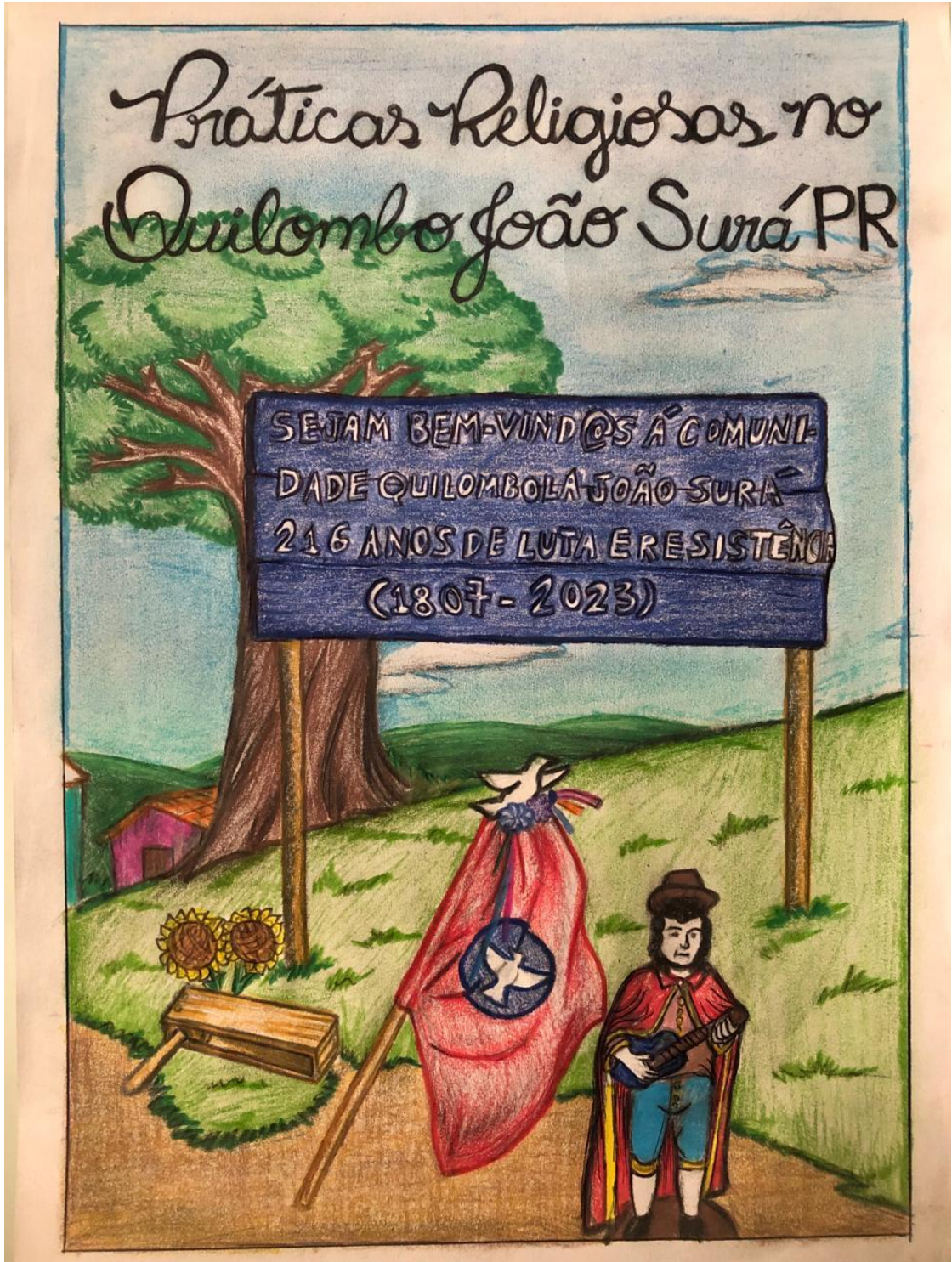


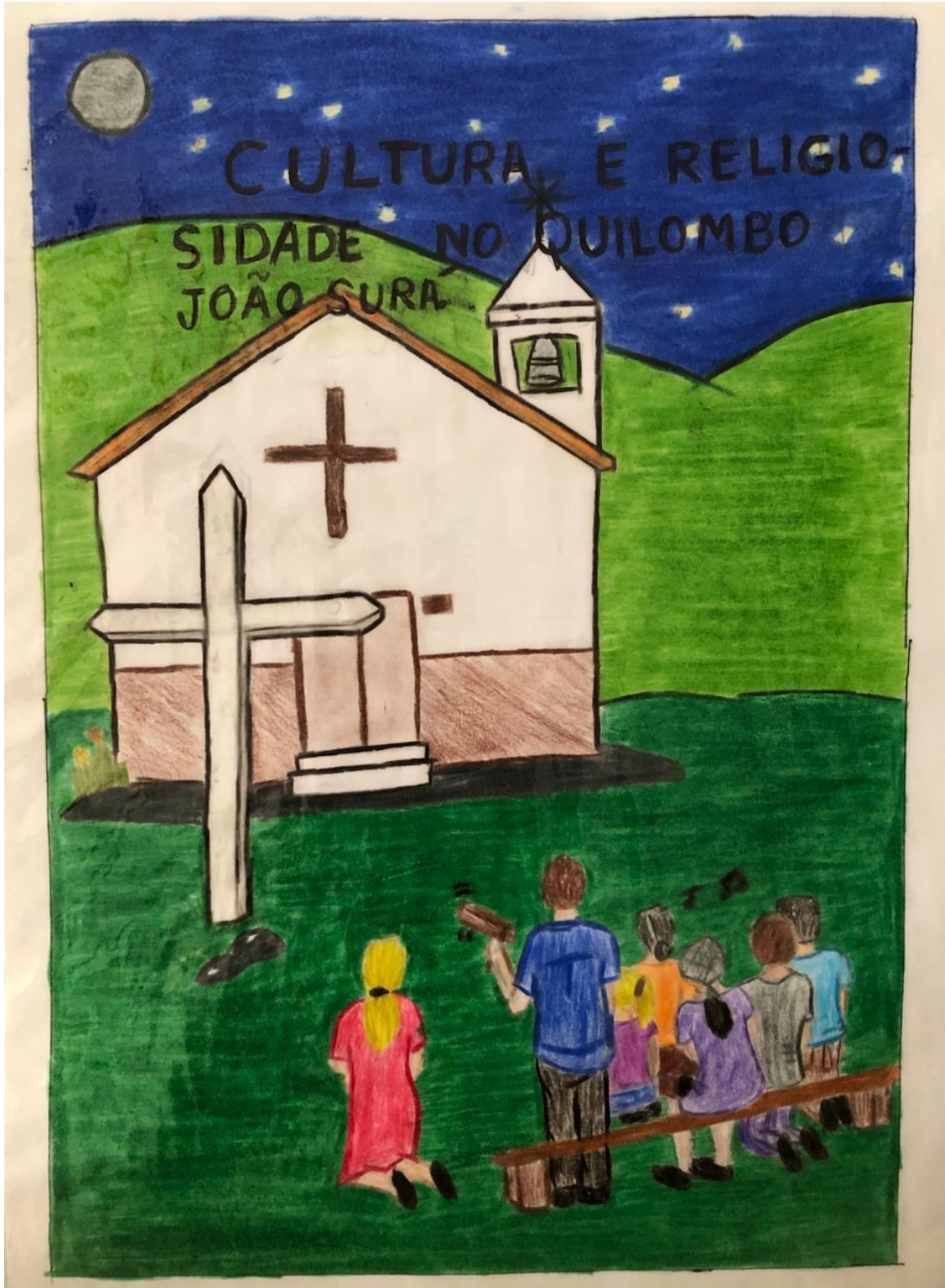
PRODUTO FINAL: LIVRO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



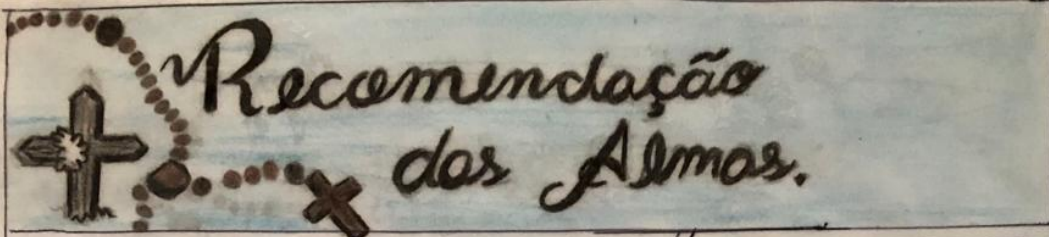
FRETE

VERSO





Recomendação das Almas.



Tradição de muitos anos, da comunidade de João Luíz, a recomendação das almas é um exemplo de fé e devoção.

Uma tradição muito antiga, que nos ensina sobre os mortos, quem trouxe a comunidade.



Realizada durante a quaresma, em que são feitas orações para os almas.

Onde no período noturno a comunidade sai em procissão, com paradas para oração em todos os pontos.

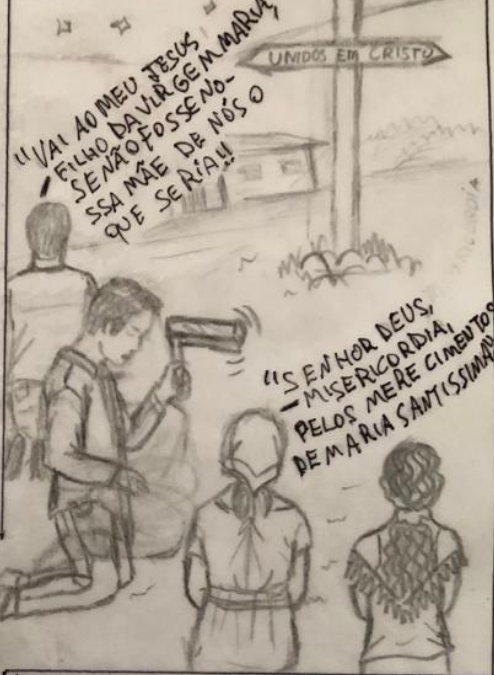


Quaresma, na tradição católica tempo de oração e penitência.

Com fogareiro e luz de vela
fazendo orações e cantigos.
Em frente dos casas.



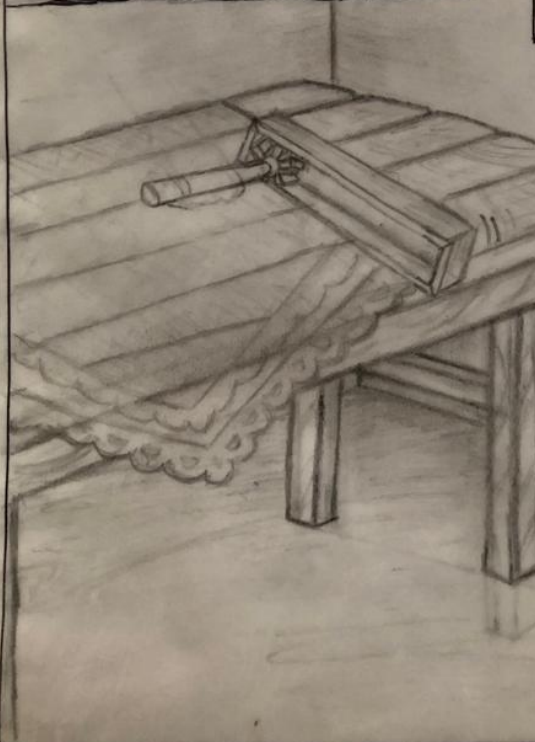
Os capelões e cantadeiras
que trazem a Recomen-
da.



"VAI AO MEU JESUS
- FILHO DA VIRGEN M. MARIA
- SENÃO FOSSO NÓ
- SSA MÃE DE NÓS O
- QUE SE RIA!"

"SENHOR DEUS,
- MISERICORDIA,
- PELOS MERE CIMENTOS
- DE MARIA SANTISSIMA"

Sob o som de um único
instrumento, a matraca, ins-
trumento feito de madeira.



As pessoas que derijam
a recomenca, deitaram
uma cruz em frente de
casa



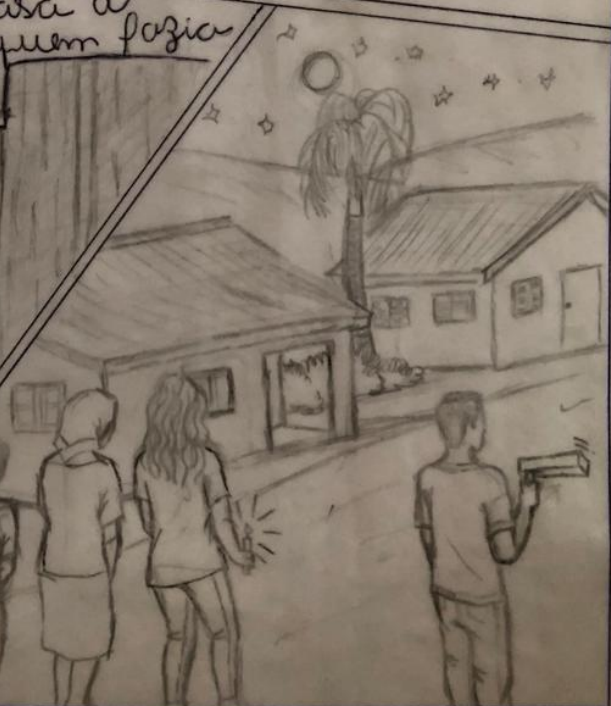
Todos tinham que ficar em silêncio dentro de suas casas em sinal de respeito.



É só depois da oração podiam sair e acompanhar o grupo se quisessem.



Não podia vigiar pelas frestas da casa a recomendação, pois quem fazia isso via ribagem.



As orações eram feitas em pontos fixos da comunidade.

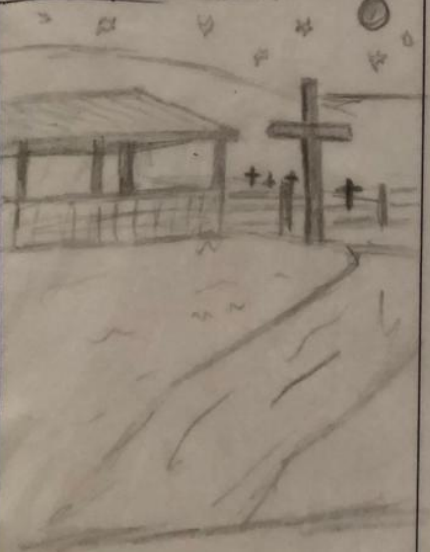
Nos cruzeiros



→ NAS CASAS

em frente ao cemitério

na Igreja!



isso durava até o amanhecer.

Atualmente a recreação da não está sendo realizada.

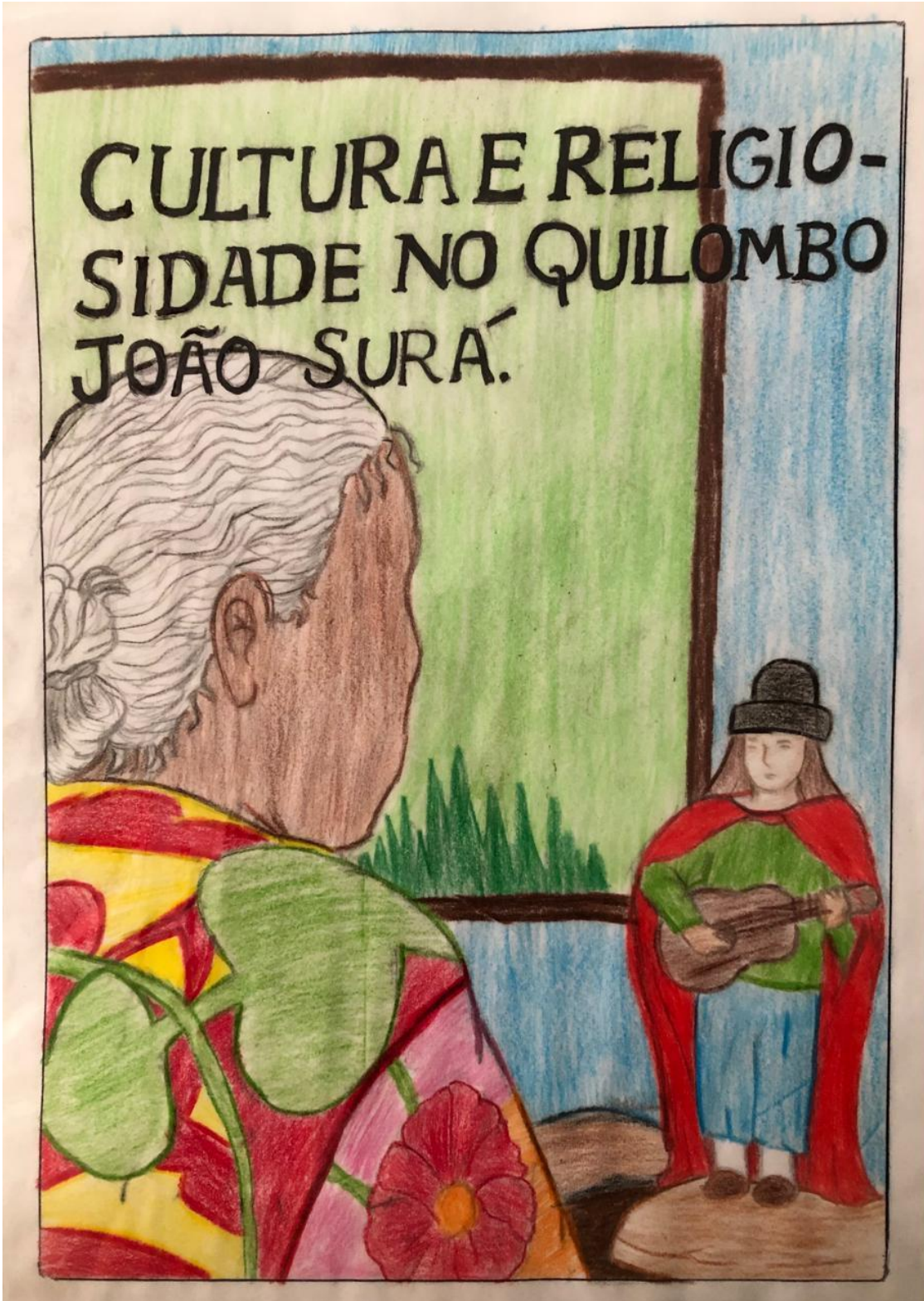
Porque os capelões e as cantadeiras já não estão com condições ou outros já faleceram



E como são muitas rezas e orações as últimas gerações não conseguiram aprender. Já que os velhos não podiam ser cantados na Quaresma.

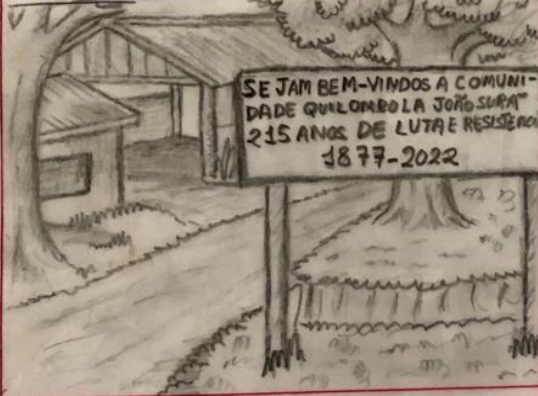
Então ela não está sendo mais realizada, considerada umas das tradições religiosas da comunidade.





Romaria de São Gonçalo.

A Romaria de São Gonçalo tem origem de muito tempo na comunidade, vai se passando de geração, a geração.



É um exemplo de tradição cultural e religiosa do quilombo: João Sura, a dança de São Gonçalo.



É praticada com preferência na época da chegada do lendário do divino entre os meses de junho até agosto, ou em outra época, conforme a condição.



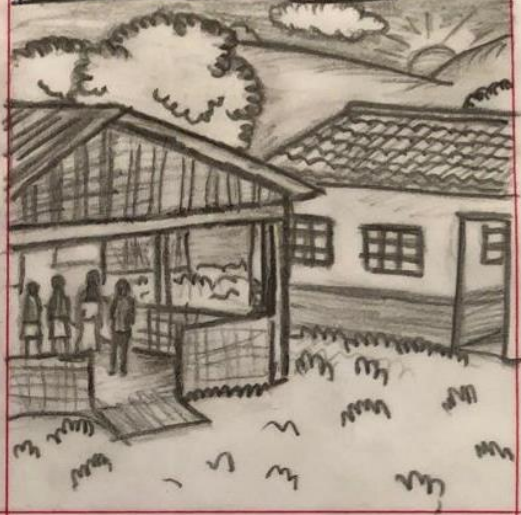
É realizada com o objetivo principal de se pagar por uma graça recebida por São Gonçalo.



O pedido é feito no individual mas pago no coletivo, quando um morador faz a promessa, todos já sabem.



Geralmente a promessa é paga pelo número de voltas realizadas na romaria, há cases em que a romaria pode virar a noite inteira.



O pedido gera herdeiros, se caso a pessoa que fez o pedido chegar a falecer, a pessoa falecida vem através dos sonhos e pede para um parente ou pessoa próxima realizar a promessa.



Se caso a promessa for feita e não paga, uma alma penada vem buscar a pessoa que fez o pedido.



O devoto faz um pedido
qualquer para São Genésio
prometendo fazer uma ro-
maria em honor ao santo
onde é paga a promessa.



Com muito comida e
bebida, para os cenri-
dados, enquanto todos
dancam com muita fé
em São Genésio.



No local a um altar com
a imagem do Santo, no
centro.



Onde mulheres, homens
e crianças dançam uma
dança específica em uma
grande roda.



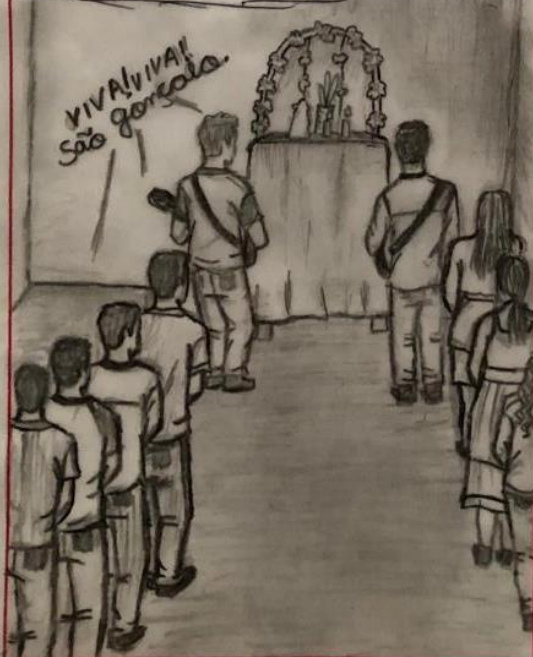
Ao som do toque de
viola e batidas de palmas



Com cantadeiras, vio-
leiros, e mestres.



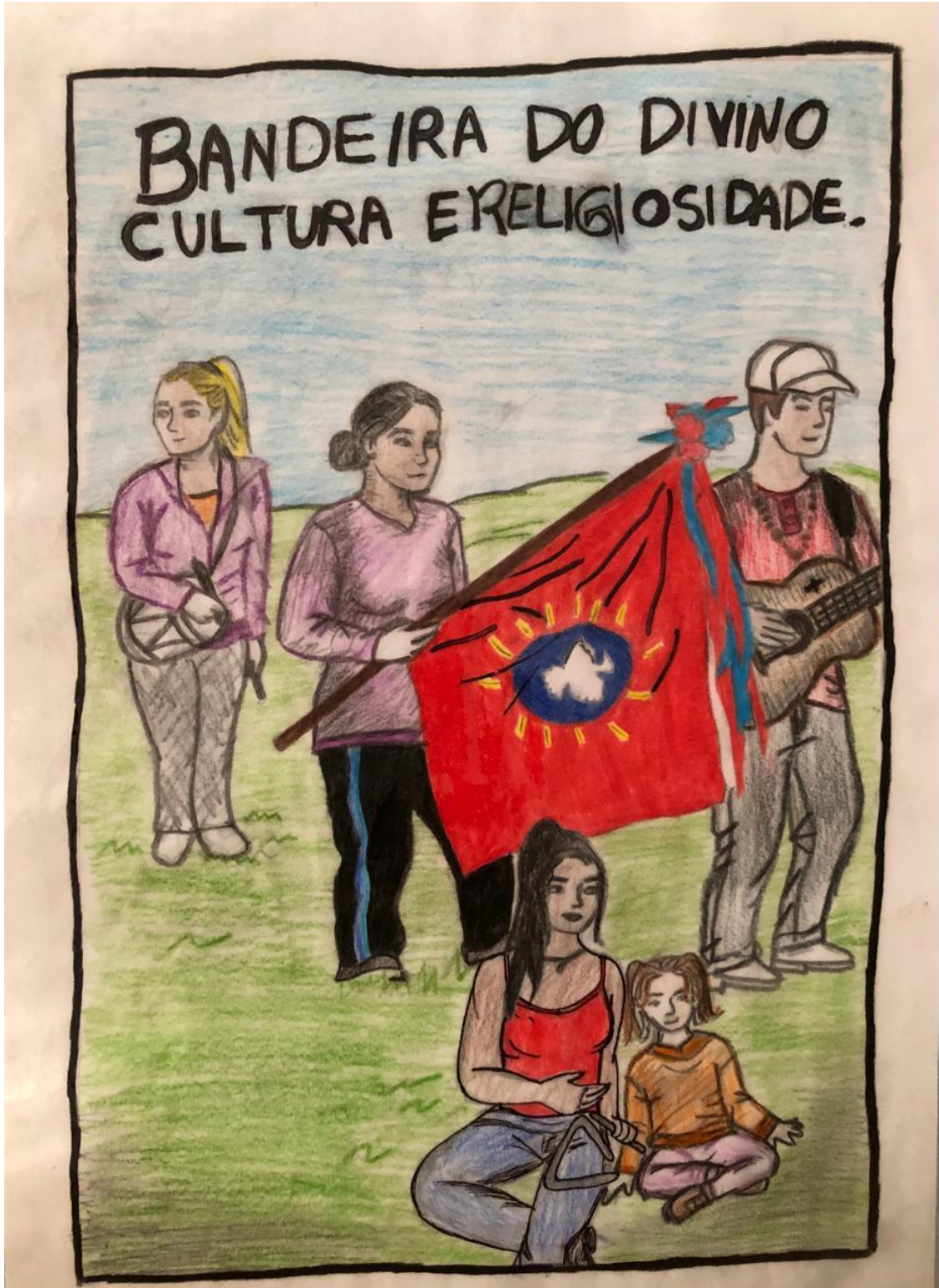
Homens de um lado mu-
lheres de outro.



Quem queria pagar
uma promessa dançará
algumas voltas seguindo
o São gonçalo na cabeça.



Uma tradição que perma-
nece até os dias de hoje.



Bandeira do Divino



Por meio de religiosas foliões que com grande fé no espírito santo, vêm para as casas na comunidade cantar e louvar e alegrar o santo nome de Jesus representando a nação brasileira do divino fazem cantorias e grandes comemorações como fogos e comidas nesta data.



Ela é feita após a quaresma em tempos de preparação para Pentecoste ou de Pentecoste, que é comemorado 50 dias após a páscoa.



A bandeira chega nas casas em uma cantoria esperando o dono da casa, entra na casa ainda cantando depois que termina tem um café ou almoço, enquanto isso a bandeira passa por todos os cômodos da casa e fica no coma do dono da casa.



Com a passagem da bandeira do espírito santo que visita as casas uma a uma, que recebem as foliões que cantam e louvam o divino com suas vozes e instrumentos, velas acesas e muita devoção.



